

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Fabício Romani Gomes

SOB A PROTEÇÃO DA PRINCESA E DE SÃO BENEDITO:
Identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)

São Leopoldo, RS

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Fabício Romani Gomes

SOB A PROTEÇÃO DA PRINCESA E DE SÃO BENEDITO:

Identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt
Moreira

São Leopoldo, RS

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633s Gomes, Fabrício Romani
 Sob a proteção da princesa e de São Benedito : identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988) / Fabrício Romani Gomes -- 2008.
 219 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2008.
 “Orientação: Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira”

1. Negros – Identidade étnica – Caxias do Sul. 2. Negros - História – Caxias do Sul. 3. Identidade étnica. 4. História – Caxias do Sul. I. Título.

CDU: 323.12(816.5)(=414)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Negros – Identidade étnica – Caxias do Sul	323.12(816.5)(=414)
2. Negros – História – Caxias do Sul	94(816.5)(=414)
3. Identidade étnica	39
4. História – Caxias do Sul	94(816.5CAXIAS DO SUL)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
 Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabício Romani Gomes

SOB A PROTEÇÃO DA PRINCESA E DE SÃO BENEDITO:

Identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em 11, de Abril de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Petrônio Domingues – (UFS)

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck (UNISINOS)

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira – Orientador (UNISINOS)

São Leopoldo, RS

2008

*À mais bela do meu clube, madrinha da minha
bateria, rainha da minha escola de samba e musa
inspiradora da minha história: Yanís.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com colaborações diversas. Aqui está o espaço reservado para lembrar de alguns desses colaboradores, pois, sempre existem esquecimentos. Então, antes que esqueça, faço o devido agradecimento:

- ✓ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de uma bolsa de estudos que cobriu todas as minhas taxas escolares com a Unisinos;
- ✓ Aos meus pais, por terem financiado as minhas despesas de locomoção e tantas outras. Sem esse auxílio não teria sido possível concretizar a pós-graduação;
- ✓ Aos meus irmãos, agradeço por terem compartilhado comigo suas tecnologias, como: máquina fotográfica digital, MP4 (que possibilitou uma ótima qualidade de som nas entrevistas), computadores e impressoras;
- ✓ A minha prima Roberta, por ter me recebido em sua casa, sempre que necessário, especialmente durante a realização dos créditos e, ainda, por ser amiga, companheira, conselheira, carinhosa, atenciosa, sensível e, principalmente, por ser uma pessoa tranquilizadora e sorridente;
- ✓ Ao professor Paulo Roberto Staudt Moreira, por ter aceitado o meu pedido de orientação, pelo apoio e por todas as sugestões e críticas realizadas;
- ✓ Aos professores da UNISINOS, em especial, Ana Sílvia Volp Scott, Maria Cristina Bohn Martins e Eliane Cristina Deckmann Fleck;
- ✓ As professoras da UCS: Luiza Horn Iotti, Rejane Barreto Jardim, Katani Monteiro e Isabel Aparecida Bilhão;
- ✓ Aos amigos do PPG: Lilian Beatriz Carlos, Magna Magalhães, Jovani Scherer e Débora Clasen de Paula;
- ✓ Aos “velhos” e queridos amigos: Araceli Consoli, Aline Karen Matté, Caren Daiane da Silva;
- ✓ Aos depoentes: Maria Aparecida Costa Pontes, Juçara de Quadro, Maria Izabel Torkati, Solange Ribas, Neusa e Dilson Moraes, pela confiança.

*Pode chegar que a festa vai é começar agora
E é pra chegar quem quiser
Deixe a tristeza pra lá
E traga o seu coração
Sua presença de irmão
Nós precisamos de você nesse cordão
Pode chegar que a casa é grande é toda nossa
Vamos limpar o salão
Para um desfile melhor
Vamos cuidar da harmonia
Da nossa evolução
Da unidade vai nascer a nova idade
Da unidade vai nascer a novidade...
(Gonzaguinha)*

RESUMO

A cidade de Caxias do Sul tem suas origens na política de colonização adotada pelo governo imperial brasileiro no final do século XIX. A partir de 1875 a então Colônia Caxias passou a receber, oficialmente, seus primeiros povoadores que eram, em grande parte, originários da península itálica. Porém, esta dissertação dedica-se ao estudo da população negra, que começou a chegar à cidade ainda no século XIX. Devido ao desenvolvimento econômico de Caxias do Sul, há um conseqüente aumento de sua população negra que, em junho de 1934, funda o Sport Club Gaúcho. Assim, neste trabalho investigo as construções de uma identidade étnica negra na cidade, analisando, também, aspectos do associativismo negro e a elaboração de projetos por parte do grupo em questão.

PALAVRAS-CHAVE: identidade étnica, associativismo, projetos.

ABSTRACT

The *Caxias do Sul* city originates in the politics of colonization adopted by the imperial brazilian government in the end of XIX century. From 1875 then *Colônia Caxias* started to receive, officially, his first colonists who were, in great part original from the italic peninsula. However, this dissertation is dedicated to the study of the black population, which began to reach the city still in the XIX century. Due to the economical development of *Caxias do Sul*, there is a consequent increase of this black population that, in June of 1934, establishes the Sport Club Gaúcho. So, in this work I investigate the constructions of an ethnic black identity in the city, analyzing, also, aspects of the black capacity of association and the projects preparation by part of the group open to question.

KEY WORDS: ethnic identity, practice of association, projects.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Mapa da Colônia Caxias.....	29
ILUSTRAÇÃO 2 – Baile de coroação da rainha do Clube das Margaridas (Década de 1930).....	67
ILUSTRAÇÃO 3 – Sede do Clube Gaúcho inaugurada em 1950.....	82
ILUSTRAÇÃO 4 – Sede do Clube Gaúcho em construção (Década de 1970).....	127

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – População negra em São Francisco de Paula de Cima da Serra, Sant’Anna do Rio dos Sinos e N. S. de Oliveira da Vaccaria (1872).....	43
TABELA 2 – População negra em Caxias, São Francisco de Paula de Cima da Serra, São Sebastião do Cahy e Vaccaria (1890).....	44
TABELA 3 – População urbana – Caxias do Sul 1930/40/50.....	45
TABELA 4 – População negra em Caxias do Sul e região (1940).....	55
TABELA 5 – Cidade de origem dos trabalhadores negros da Metalúrgica Abramo Eberle.....	58
TABELA 6 – População negra em Caxias do Sul e região (1980).....	59
TABELA 7 – Diretoria do Clube Gaúcho (1934-1940).....	74
TABELA 8 – Diretorias femininas do Clube Gaúcho.....	79
TABELA 9 – Contatos do Clube Gaúcho fora da cidade de Caxias do Sul.....	139

LISTA DE ABREVIATURAS

9º BC – Nono Batalhão de Caçadores

AHMJSA – Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami/Caxias do Sul

AHMNH – Arquivo Histórico Municipal de Novo Hamburgo

AJP – Arquivo Jornal Pioneiro

APC/CXS – Arquivo da Polícia Civil de Caxias do Sul

CMRJ/UCS – Centro de Memória Regional do Judiciário/Universidade de Caxias do Sul

f. – folha

n. – número

p. – página

SRCG – Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SER NEGRO EM CAXIAS	25
2.1 OS PRIMEIROS A CHEGAR	25
2.2 OS PASSAGEIROS DO TREM	33
2.3 EU SOU NEGRO E NÃO FALO ITALIANO	41
2.4 PRESENTES MAS INVISÍVEIS	54
3 “A UNIÃO FAZ A FORÇA”	61
3.1 AS MARGARIDAS	65
3.2 DANÇANDO E JOGANDO FUTEBOL: SURGE O CLUBE GAÚCHO	69
3.3 SOB A PROTEÇÃO DA PRINCESA E DE SÃO BENEDITO	83
4 ELEVANDO A PUJANÇA DE NOSSOS HOMENS DE COR	103
4.1 CAXIAS DO SUL MARCADA COM A PECHA DE RACISTA	105
4.2 SELECIONANDO: QUEM PODE SER SÓCIO DO GAÚCHO	112
4.3 PELA MORALIZAÇÃO DE NOSSAS MULATAS	117
4.4 “SOCIETY COLORED” EM FESTA : MUITA ELEGÂNCIA E DISTINÇÃO	124
4.5 FAZENDO ALIANÇAS	134
4.6 JOGAR FUTEBOL OU BRINCAR O CARNAVAL NAS RUAS	143
5 CONCLUSÃO	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
ANEXO A – PLANTA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL (DÉCADA 1940)	162
ANEXO B – ESTATUTOS SPORT CLUB GAÚCHO (1935)	164
ANEXO C – EXTRATO DOS ESTATUTOS DO SPORT CLUB GAÚCHO (1938)	169
ANEXO D – ESTATUTOS DO ESPORTE CLUBE GAÚCHO (1955)	172
ANEXO E – ESTATUTO ESPORTE CLUBE GAÚCHO (1966)	181
ANEXO F – ESTATUTO DA SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO (1973)	192
ANEXO G – ESTATUTO DA SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO (1985)	197

1 INTRODUÇÃO

Era verão. Faltava uma semana para o carnaval. E naquela noite de fevereiro de 2005, eu conheci o *Clube Gaúcho*.¹ Nosso primeiro encontro foi festivo. Convidado por um amigo, fui prestigiar o ensaio da *Escola de Samba Os Protegidos da Princesa*. Essa escola é um dos departamentos do clube que, naquele ano, levaria às ruas da cidade de Caxias do Sul² o enredo *Os sete pecados capitais em dia de folia*, conquistando o campeonato. Além de conhecer o clube, conheci uma *outra* Caxias. As novidades geraram questionamentos. Pensava: Quando teria sido fundada aquela escola de samba? Quando teria sido fundado aquele clube? Eu não tinha como responder essas questões. Então, passei a questionar Juçara de Quadro, que estava presente. Dessa forma, fiquei sabendo que o clube tinha sido fundado em 1934, o que, de certa forma, me surpreendeu. Mas, essa não foi a única informação colhida durante aquele ensaio. Juçara ainda informou que o Clube Gaúcho era um clube de negros.³ Essa informação motivou a investigação, já que, geralmente, Caxias do Sul é vista como uma cidade branca, inclusive pela própria historiografia, que, até aquele momento, não havia dedicado nenhum estudo sobre o negro na cidade. Assim, o presente trabalho tem como um de seus objetivos, contribuir para tirar da invisibilidade⁴ a população negra da cidade de

¹ Quando fundado o clube se chamava *Sport Club Gaúcho*. Posteriormente, houve uma mudança na grafia, e o nome do clube passou a ser *Esporte Clube Gaúcho*. Por fim, em meados de 1970, com a alteração do estatuto, sua nomenclatura foi alterada. A partir daí, oficialmente, passou a chamar-se *Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho*. No decorrer deste texto, para me referir ao clube, utilizarei essas três denominações e, também, somente *Clube Gaúcho*, forma como é popularmente conhecido.

² O município de Caxias passou a ser chamado de Caxias do Sul a partir de 1944, conforme Decreto-lei 720, de 29 de dezembro de 1944. Aqui, para me referir à cidade utilizarei tanto Caxias, como Caxias do Sul.

³ Para Figueiredo “a categoria negro, fruto da reivindicação dos militantes negros de São Paulo, passou a ser utilizada nas ciências sociais a partir dos trabalhos de Fernandes em detrimento do uso do termo preto. Contemporaneamente, tem sido utilizado por alguns pesquisadores para designar a soma das categorias pretos e pardos” (FIGUEIREDO, Angela. **Novas elites de cor**: estudo sobre os profissionais liberais negros em Salvador. São Paulo: Annablume/Sociedade Brasileira de Instrução/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002, p. 22). Já Andrews, utiliza o termo negro “para se referir tanto às pessoas de raça negra pura quanto aos mestiços de ancestralidade negra, chamados no Brasil de pretos (negros) e pardos (mulatos)”. Ainda segundo o autor, “isto corresponde ao uso brasileiro atual, que tende a agrupar os pardos e os negros sob o título de negros” (ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo**, (1888-1988). Bauru, SP: EDUSC, 1998, p. 21). Aqui o termo será utilizado no mesmo sentido exposto por esses autores, pois, como diz Santos, os mulatos “sofreram praticamente os mesmos problemas que os negros na concorrência pela sobrevivência dentro de uma *democracia* dirigida por brancos e para brancos” (SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas, RS: Ed. Universitária, 2003, p. 49-50).

⁴ Segundo Leite, “a invisibilidade do negro é um dos suportes da ideologia do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas e representações”. Segundo a autora, a noção de invisibilidade foi utilizada pela primeira vez por Ellison (1990), que procurou demonstrar “que o mecanismo da invisibilidade se processa pela produção de um certo olhar que nega sua existência como forma de resolver a impossibilidade de bani-lo totalmente da sociedade. Ou seja, não é que o negro não seja visto, mas sim que *ele é visto como não existente*”. Dessa forma, “a invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas ações institucionais, oficiais e nos textos científicos” (LEITE, Ilka Boaventura. *Descendentes de africanos em Santa Catarina*:

Caxias do Sul e, conseqüentemente, da região Sul do Brasil.

Devido a grande quantidade de imigrantes europeus que se fixaram nos estados sulinos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, esses, geralmente, são pensados e imaginados como brancos. Contribuiu para a construção desse imaginário a idéia de que nessa região a mão-de-obra escrava foi pouco utilizada, não havendo a presença de uma população negra significativa. Assim, supõe-se que essa região seja habitada por uma população predominantemente branca, formada, principalmente, pelos descendentes dos imigrantes europeus. Imagina-se que, caso exista, a população negra seja muito reduzida, insignificante. Pensando somente o caso do Rio Grande do Sul, pode-se dizer que o nordeste gaúcho representa para esse estado o que a região sul representa para o Brasil. Ou seja, o nordeste gaúcho é uma das regiões do estado considerada branca. Isso se explica, em parte, por ali se situar a chamada *Região de Colonização Italiana*.

Caxias do Sul, localizada nessa região, tem sua origem na *Colônia Caxias*⁵ (uma das colônias “oficiais”⁶ criadas pelo governo imperial), núcleo populacional onde os imigrantes se estabeleceram e adquiriram “as terras devolutas do Império”, que visava “aumentar tanto a população como a produção agrícola” (GIRON; BERGAMASCHI, 1996, p. 39). Caxias foi uma das várias colônias criadas na região e, ambas, foram formadas com objetivos que vão além dos mencionados acima. Buscava-se a defesa do território; a criação de classes intermediárias entre o senhor das terras e o escravo; a implantação da mão-de-obra livre e assalariada; entre outros.⁷ Dessa forma, o processo imigratório gaúcho, segundo Giron (1977, p. 17), se diferencia do paulista, que teria buscado, basicamente, através da imigração suprir a “falta de mão-de-obra” nas fazendas de café após a abolição.⁸

invisibilidade histórica e segregação. IN: LEITE, Ilka Boaventura (organizadora). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 41).

⁵ Segundo Giron e Bergamaschi, “a primeira colônia oficial a ser demarcada é a de Caxias, então chamada a *dos fundos de Nova Palmira*, que tem seu início ao Norte da Picada Feliz, alongando-se até o rio das Antas, e ocupando uma área de 144.000 braças quadradas – cada braça de 4,48m² – o que corresponde a 16 léguas quadradas”. Ainda segundo as autoras, somente em 11 de abril de 1877, a colônia recebe o nome oficial de Caxias (GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. *Magna Itália: colônias e colonos italianos no Brasil. Cadernos de pesquisa/Universidade de Caxias do Sul*, Caxias do Sul/RS, v. 6, n. 7, ago. 1998, p. 295-296).

⁶ Outras colônias oficiais foram criadas na região, como: Conde D’Eu (1875); Dona Isabel (1875); Alfredo Chaves (1885); Antônio Prado (1886), entre outras. Ver: GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Terra e homens: colônias e colonos no Brasil**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

⁷ Sobre os objetivos da imigração, ver, por exemplo: GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Porto Alegre; Caxias do Sul: EST; UCS/Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 1977, p. 20-21; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da Zona Italiana: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997, p. 31-32; MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul, RS: Maneco Livraria e Editora, 2001, p. 55.

⁸ Sobre a suposta “falta de mão-de-obra” em São Paulo, Domingues, apresenta dados que permitem ao autor “sustentar que não havia escassez de mão-de-obra e que o número de imigrantes entrados até o final do século

Cabe salientar, porém, que existia pelo menos um interesse comum na imigração branca e europeia para o Brasil: buscava-se o branqueamento da população. Em um momento onde as teorias racialistas⁹ estavam sendo amplamente usadas e discutidas, a elite política e econômica brasileira passou a responsabilizar os negros pelo atraso industrial, econômico e moral do Brasil. Durante o século XIX, os brancos “bem-nascidos e bem-pensantes”, “realmente temeram acabar sendo tragados pelos negros mal-nascidos e mal-pensantes” (AZEVEDO, 2004, p. 17). Segundo Azevedo (2004, p. 134), era o negro “elemento considerado de raça inferior porque descende de africanos, viciado, imoral, incapaz para o trabalho livre, criminoso em potencial, inimigo da civilização e do progresso, que os discursos imigrantistas repudiavam abertamente”. Esse temor aumentava com os sinais de desestruturação do sistema escravista. No Rio Grande do Sul, por exemplo, Iotti (2003, p. 179), constatou que “libertar os escravos era um assunto preocupante para as autoridades provinciais”, pois, acreditavam “que a libertação dos escravos [...], tornava, ainda mais, precária a situação de segurança individual e de propriedade na província”.

Dessa forma, o desejo brasileiro de civilizar-se encontrou na população o obstáculo, o problema que impedia o Brasil de tornar-se um país *moderno*, tendo como modelo a Europa. Composto por uma população considerável de negros, índios e mestiços, o Brasil era uma nação a qual, segundo as teorias da época, estava reservado o fracasso. O discurso evolucionista e determinista, largamente utilizado pela política imperialista europeia, em companhia de teorias como evolucionismo social, positivismo, naturalismo e social-darwinismo, penetram no Brasil a partir dos anos 1870, servindo de argumentação para explicar as diferenças internas.¹⁰ Mais preocupante para os *sonhos tupiniquins* de civilização eram as teorias darwinistas sociais, que diziam que o progresso “estaria restrito às sociedades 'puras', livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória” (SCHWARCZ, 1993, p. 61). Mas, as teorias raciais tiveram apropriações diferentes e usos variados de acordo com o local de inserção.¹¹ A chegada dessas teorias

XIX correspondia a pouco mais da metade do número de ‘nacionais’ inativos”. Haveria portanto uma rejeição do trabalhador nacional e não uma falta de mão-de-obra (DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004a, p. 86).

⁹ O termo *racionalismo* é utilizado aqui da forma como sugere Todorov, fazendo referência as doutrinas ou teorias raciais. Já o *racismo*, para esse mesmo autor e também aqui, se refere a um tipo de comportamento (TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 107). Sobre a utilização do termo *racionalismo*, ver também Guimarães, que utiliza o termo a partir da definição de Kwame Anthony Appiah (GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. rev. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005, p. 21-38).

¹⁰ Sobre isso, ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 28.

¹¹ SCHWARCZ, Ibid., p. 243.

formaram novas conjugações, que conseguiram “renovar’, ou seja, adaptar o ideário do branqueamento aos discursos modernos” (HOFBAUER, 2006, p. 191).¹²

A adaptação dessas idéias no Brasil, modificou, à sua maneira, o que se dizia a respeito dos miscigenados. A princípio, as teorias raciais viam o miscigenado, como por exemplo o *mulato*, de forma pessimista, acreditando inclusive que eles eram estéreis.¹³ Essa questão é repensada pelos intelectuais brasileiros, que acabam adequando-a aos desejos nacionais. Assim, no Brasil, a miscigenação passa a ser vista de uma forma positiva. Passa-se a acreditar que da mistura de negros, índios e mestiços com brancos resultariam humanos mais claros, sendo suavizadas as características físicas das “raças inferiores”. Isso fez alguns intelectuais da época se dedicarem aos cálculos, estipulando prazos para a concretização do ideal de uma nação branca. Segundo Skidmore (1976, p. 81):

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso dos eufemismos raças “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntaram-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças, e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o *gene* branco era mais forte e em parte porque as pessoas procura[vam] parceiros mais claros que elas. (A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca).

Dessa forma, a política de imigração adotada era influenciada pelas teorias racialistas da época, sendo expressa, inclusive, na legislação que lhe regulamenta. O Decreto 528, de 28 de junho de 1890, em seu primeiro capítulo, *Da introdução de imigrantes*, determina que é livre a entrada dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, exceto para “indígenas da Ásia ou da África” (IOTTI, 2001, p. 452). Dessa forma, asiáticos e africanos eram vistos como “inferiores”, se comparados aos europeus ocupavam “estágios anteriores” de humanidade. Assim, se dava total preferência ao branco europeu, que trazia a “civilização” e, ainda, ao misturar-se com negros, indígenas e mestiços, ajudava, como vimos, a branquear o fenótipo da população nacional.

No Rio Grande do Sul, de acordo com esse pensamento, se observa um significativo aumento no “ingresso de imigrantes europeus no território gaúcho, no período imediatamente anterior e posterior a Abolição” (IOTTI, 2003, p. 181). Esse aumento da entrada de população

¹² Para Hofbauer, a idéia de *braqueamento* não surgiu no final do século XIX, ela é mais antiga, sendo que as teorias da época acabaram reformulando esse ideal (HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006).

¹³ Hofbauer, aponta para o livro *History of Jamaica*, do médico inglês Edward Long (1774) que defende “a hipótese de que os mulatos seriam estéreis como os mulos” (HOFBAUER, Ibid., p. 106).

branca no estado, pode ser visto como um sinal da preocupação, por parte dos seus governantes,¹⁴ com a melhora da “qualidade da raça”. Silveira (2005, p. 123), analisando a obra de Oliveira Vianna,¹⁵ constata que para esse autor “era no sul que o processo de arianização, que ele percebia como crucial para o desenvolvimento da nação, mostrava os melhores avanços, em razão do elevado índice de entradas de estrangeiros nessa região”. Assim, segundo Iotti (2003, p. 182), “percebe-se que os imigrantes europeus se apresentaram como a solução para o problema da substituição da mão-de-obra escrava, e também para a melhoria da 'qualidade' da raça, não apenas em São Paulo, mas também no Rio Grande do Sul”.

Grande parte desses imigrantes se dirigiram para a Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul e, alguns deles, se fixaram na Colônia Caxias, que começou a receber seus primeiros moradores por volta de 1875.¹⁶ A maior parte desses povoadores era originária da península itálica e, se nem todos eram peninsulares, deveriam, a princípio, ter a pele branca. A legislação e o pensamento da elite política e econômica brasileira, deixava claro que o interesse do Brasil era povoar suas terras devolutas com homens e mulheres de pele branca, europeus, promotores da civilização. Além disso, a legislação também proibia a presença de escravos nas colônias.¹⁷ Porém, alguns trabalhos já comprovaram a presença de escravos nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul.¹⁸ No caso das colônias italianas, a princípio, a legislação foi cumprida.

¹⁴ Analisando os relatórios dos presidentes da província, Silveira, constata que essas fontes indicam a recepção, “por parte dos homens de estado, das teorizações sobre a necessidade de uma ação higienizadora sobre o espaço urbano, sobre a criminologia, ou sobre a questão racial no estado” (SILVEIRA, Éder. **A cura da raça: eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX**. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 125).

¹⁵ Silveira analisa diversas obras de Vianna, entre elas: VIANNA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

¹⁶ Segundo Giron (1977), “os imigrantes chegaram em Caxias no período que vai de 1872 a 1913”. Cabe salientar a presença indígena na região. Porém, aqui, me refiro ao início do povoamento do núcleo colonial, especificamente (GIRON, 1977, op. cit., p. 30).

¹⁷ A Lei provincial n. 183, de 18/10/1850, proíbe a introdução de escravos no território das colônias: “Art. 1º. É proibida a introdução de escravos no território marcado para as colônias existentes, e para as que para o futuro se formarem na Província [de São Pedro do RS]”. Pelo Decreto imperial n. 3.784, de 19/01/1867, que regula as Colônias do Estado, fica estabelecido que: “Art. 40. Nas colônias, que de agora e adiante se fundarem, é expressamente proibido, sob qualquer pretexto, a residência de escravos. Igualmente não poderão nas existentes estabelecer-se pessoas que levem escravos em sua companhia” (IOTTI, Luiza Horn (org.). **Imigração e colonização: legislação de 1747 a 1915**. Porto Alegre/Caxias do Sul: Assembléia Legislativa do Estado do RS/EDUCS, 2001).

¹⁸ Sobre a exploração da mão-de-obra escrava em colônias alemãs do Rio Grande do Sul, ver por exemplo: OLIVEIRA, Vinícius Pereira de. **De Manoel Congo a Manoel de Paula: a trajetória de um africano ladino em terras meridionais**. Porto Alegre: EST, 2006; CHARÃO, Ricardo Brasil. **Religiosidade negra em terra estranha: a Irmandade do Rosário da colônia alemã de São Leopoldo**. **Anais eletrônicos do II Encontro de escravidão e liberdade no Brasil Meridional**, 2005. cd-rom; ALVES, Eliege Moura. **Presentes e invisíveis: escravos em terras de alemães – São Leopoldo 1850-1870**. 241 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

Dessa forma, a Colônia Caxias, se observadas as exigências, seria um núcleo colonial branco. A fixação de negros durante a fase colonial¹⁹ caxiense (1875-1884), era dificultada, pois, a legislação e o poder aquisitivo dos imigrantes, impediam a aquisição de escravos. Além disso, ainda eram poucas as ofertas de emprego que poderiam contribuir para a fixação de populações negras libertas. Mas, é possível que houvesse essa possibilidade, principalmente, na realização de trabalhos que objetivassem melhorias estruturais, como a abertura de estradas. Essa situação, porém, logo muda. Em 1890, a Colônia Caxias, devido ao seu desenvolvimento é elevada a categoria de distrito. A partir daí abrem-se novas possibilidades de trabalho, gerando o aumento da população local. Entre essa população, atraída pelo desenvolvimento comercial e industrial ocorrido durante o final do século XIX e início do XX, estão os negros, que na década de 1930 tornariam-se um grupo identificável na cidade, através de suas práticas associativas.

Com este trabalho, portanto, não tenho como objetivo realizar um estudo sobre toda a população negra caxiense. O estudo, aqui, está limitado ao grupo negro que se associou e fundou, em 1934, o Clube Gaúcho. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória dessa associação negra, em uma cidade onde a maioria da população é branca. Busco analisar o processo de (re)construção de identidade, as práticas associativas e os projetos desse grupo, desde a fundação do clube, em 1934, até 1988. Essa delimitação temporal é motivada pela falta de documentação produzida pelo clube após o ano do Centenário da Abolição. O problema com as fontes para a realização de pesquisas sobre a população negra é, geralmente, comentado pelos historiadores, pois, com o desaparecimento da referência a cor dos indivíduos, ficou mais difícil localizar a população negra após meados do século XIX. Para Müller (1999, p. 10), esse foi um dos fatores que contribuiu para a restrita produção historiográfica sobre “a presença do negro livre, habitante, nos primeiros anos deste século, dos centros urbanos e personagem ativo de sua vida social”. Já para Mattos (1998, p. 97),

o sumiço da cor consiste num dos processos mais intrigantes e irritantes, ocorridos no século XIX, do ponto de vista do pesquisador. Todos que tentaram trabalhar com a história do negro, após o fim do cativo, já se decepcionaram com a quase impossibilidade de alcançá-los, seja trabalhando com processos criminais e até mesmo com registros civis.

¹⁹ De acordo com Giron, que constatou três fases distintas na história administrativa de Caxias do Sul: “1. Fase colonial, 1875 a 1884, dirigida pela Comissão de Terras; 2. Fase distrital, 1884 a 1890, onde a administração ficava em parte a cargo de São Sebastião do Caí e em parte a cargo da Comissão; 3. Fase municipal, 1890 até hoje, com a administração repartida até 1894, entre intendência e Comissão, e após esta data apenas pela municipalidade” (GIRON, 1977, op. cit., p. 69).

Possivelmente, devido a falta de documentação referente a população negra em Caxias do Sul, até o momento, não existem pesquisas específicas sobre este contingente na cidade. Algumas obras fazem referência a chegada dessa população nos anos finais da década de 1940 e início de 1950.²⁰ Outras, identificam a presença de alguns indivíduos negros desde os primeiros anos da formação do núcleo colonial. Porém, a única obra que trata, mais especificamente, dessa população, é a de autoria de Valentim Lazzarotto.²¹ Em *Pobres construtores de riqueza*, o autor dedica um sub-capítulo a população negra, analisando a incorporação de sua mão-de-obra na *Metalúrgica Abramo Eberle*. Percebe-se assim, um *vazio* historiográfico, que foi identificado também na historiografia gaúcha, cujo objetivo “foi substanciar uma história sul-rio-grandense desde o início vinculada a Portugal e ao restante do Brasil, excluindo o papel do negro em sua formação” (Gutfreind, 1990, p. 181). Para Oliven (1996, p. 22), a historiografia tradicional “subestima a presença do negro”, afirmando que no Rio Grande do Sul a imagem do negro “é relegada a um segundo plano”, insistindo “na sua pouca importância no processo de trabalho” (p. 26). Para Silveira (2005, p. 155),

insistir no caráter “europeizado” do sul, graças ao influxo de imigrantes alemães e italianos ao Estado, foi, em parte da produção historiográfica e romanesca sulina, um uso hábil da construção de uma narrativa identitária homogeneizadora do caráter gaúcho. Nessa perspectiva, às fabulações sobre a identidade gaúcha alia-se um ideal de pureza racial, expresso tanto pelo panegírico da colonização quanto pelo invisibilidade simbólica reservada, por exemplo, ao negro na historiografia e na literatura sul-rio-grandense.

Porém, em pesquisa recente, Xavier (2007),²² constata um aumento no número de produções historiográficas sobre o negro no Rio Grande do Sul. Esse aumento seria consequência da consolidação da pesquisa nas universidades brasileiras e da expansão dos cursos de pós-graduação. Houve, dessa forma, um considerável aumento da produção acadêmica gaúcha sobre a escravidão e o pós-abolição. Mas, como vimos, essa produção ainda não contemplou algumas cidades e regiões, como o caso de Caxias do Sul. Além disso, como diz Germano (1999, p. 11), os

²⁰ Me refiro as seguintes pesquisas: GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Casas de negócio**: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2001; MACHADO, 2001, op. cit.

²¹ Lazzarotto trata, especificamente, da incorporação da mão-de-obra negra na metalúrgica em um subcapítulo pertencente ao quarto capítulo, *A mão-de-obra economicamente disponível*, onde o autor também trata da mão-de-obra *estrangeira*, feminina e *jovem* (LAZZAROTTO, Valentim Ângelo. **Pobres construtores de riqueza**: absorção da mão-de-obra e expansão industrial na Metalúrgica Abramo Eberle (1905-1970). Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/EST, 1981).

²² Me refiro a seguinte obra: XAVIER, Regina Célia Lima (org.). **História da escravidão e da liberdade no Brasil Meridional**: guia bibliográfico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

estudos publicados pela historiografia local sobre o negro, em sua maioria, tratam do período escravista ou pós-abolicionista, havendo uma escassez de pesquisas (...) sobre a história do negro, os mecanismos de exclusão, as formas de organização e de inserção na sociedade local a partir dos anos [19]20 (...).

Buscando essa contemplação, reduzi a escala de observação para localizar em Caxias do Sul um clube negro que, até então, não havia sido percebido pela historiografia. A partir da análise das experiências desse grupo, acredito ser possível perceber, como diz Revel (1998, p. 27-28) “a modulação particular da história global”. Ou seja, trata-se de perceber as relações entre o micro e o macro, alternando a escala de análise buscando compreender as ações dos atores históricos. Para perceber essa “modulação particular”, são necessários indícios do passado vivido por esses agentes. Esses estão presentes nas mais variadas fontes, o que, de certa forma, me surpreendeu, pois, como vimos, existe certa dificuldade para se encontrar referências a população negra, principalmente, em fontes “oficiais”, ou “tradicionais”. Porém, como diz Barros (2004, p. 134), “se a historiografia do século XX ampliou o seu conceito de fonte histórica para um mundo não-textual de possibilidades, também ampliou extraordinariamente os tipos de documentação escrita com as quais irá lidar”. E foi a quantidade desse último tipo de documentação que me surpreendeu.

Quando decidi, naquele mesmo dia, ainda durante o ensaio dos Protegidos da Princesa, que faria uma pesquisa sobre o Clube Gaúcho, pensei que teria dificuldades em encontrar as fontes que possibilitassem o trabalho. Com isso, decidi que teria que “produzir” essas fontes. Dessa forma, comecei a relacionar algumas pessoas que, através de suas memórias, pudessem abrir o caminho para o passado. Por indicação de um amigo, aquele mesmo que me levou ao ensaio, procurei Ondina Costa e sua filha Maria Aparecida Costa Pontes. Marcamos um encontro que foi especial. Além de ter sido muito bem recebido na casa dessa família, fui surpreendido com livros de registro de atas, fotos, correspondências e vários outros tipos de documentos do clube que estavam sob a proteção dessa família. Essa proteção se justificava. Naquela tarde, em que fui tomado pela surpresa ao encontrar documentação tão significativa, também fui informado de que outra parte daqueles preciosos vestígios teriam sido queimados por administrações passadas do clube. A documentação existente me foi confiada e obtive pistas importantes para a localização de outras fontes. O resultado da busca foi satisfatório. Dessa forma, segue abaixo a relação das fontes que serão utilizadas no decorrer desta dissertação:

a) **Fontes orais**: serão utilizadas as entrevistas que realizei durante a pesquisa. Foram entrevistadas pessoas ligadas ao clube, como: 1) Maria Aparecida Costa Pontes, que foi

Rainha do Clube Gaúcho, participando também de algumas gestões administrativas e atuando nos últimos anos na confecção de fantasias, elaboração de enredos e outras atividades ligadas ao carnaval e demais promoções do clube. É filha de Godofredo Costa, que foi presidente do clube durante muitos anos, entre as décadas de 1970 e 1980, ocupando também outros cargos diretivos. Ondina Costa, sua mãe, também ocupou cargos diretivos, principalmente, no Departamento Feminino do clube; 2) Dilson e Neusa Moraes, são casados. Neusa é sobrinha de Ondina Costa, participou do clube desde a infância. Já Dilson, iniciou sua participação no clube a partir da década de 1960, após o casamento. Antes teve experiências em outros clubes negros da cidade e região; 3) Maria Izabel Torkati e Juçara de Quadro, mãe e filha, respectivamente, ambas participantes do clube. Juçara foi uma das debutantes do clube, participando também da diretoria do mesmo; 4) Solange Maria Ribas Ribeiro, desempenhou funções na diretoria do clube. É filha de Eunice Ribas e neta de João Ribas. Seu avô foi um dos fundadores do clube atuando no mesmo até a década de 1980. Sua mãe também teve destacada atuação, ocupando o cargo de secretária em diversas gestões. Serão utilizadas também, algumas entrevistas realizadas pelo *Arquivo Municipal João Spadari Adami*, disponíveis em seu *Banco de Memória*.

b) **Atas**: Elas foram produzidas durante as reuniões da diretoria do clube. São registros das falas daqueles que eram membros da diretoria do clube, elaborados por um terceiro, geralmente, o secretário geral. Dessa forma, essas falas passam por uma espécie de “filtro”. As idéias, opiniões, sugestões, divergências, são registradas de uma forma resumida. Isso impede, muitas vezes, que se consiga identificar, de uma forma mais clara, em que ponto os integrantes divergem. Além disso, existem “silêncios”. A discussão referente a determinados assuntos, como expulsões, não são registradas, existindo, ainda, situações em que somente são indicados os assuntos tratados, não havendo o registro da discussão em torno desses assuntos. Mesmo assim, essa documentação é importantíssima, pois através dela se torna possível uma maior aproximação com os integrantes do clube. Localizei, durante a pesquisa, sete livros contendo as atas das reuniões realizadas nos seguintes períodos: • Livro 1: contendo atas do ano de 1944; • Livro 2: contendo atas de 1950 a 1964, sendo que, entre 1957 e 1960 não existem registros; • Livro 3: contendo atas de 1965 a 1968; • Livro 4: contendo atas de 1971 e 1972; • Livro 5: contendo atas de 1973 a 1977; • Livro 6: contendo atas de 1979 a 1985; e • Livro 7: contendo atas de 1985 a 1989.

c) **Correspondências**: O acervo do clube dispõe de cópias das correspondências enviadas pela associação. São, principalmente, cartas de agradecimento e convites. Foram

preservadas, também, as correspondências recebidas. Através dessa documentação é possível identificar, entre outras coisas, as pessoas e outras associações com as quais o clube manteve relações. Essa documentação está concentrada entre os anos 1970 e 1980.

d) **Estatutos**: É onde encontram-se os objetivos do clube, os direitos e deveres dos sócios, as funções dos departamentos e demais informações relacionadas a organização da associação. Localizei o que seria o primeiro estatuto e outros que o alteravam.²³

e) **Jornais**: Muitas das associações negras criadas no pós-abolição, possuíam seus próprios jornais. No caso do Clube Gaúcho, não houve a criação de um jornal específico. Mas, muitos de seus eventos foram registrados pelos jornais locais. Foram pesquisadas diversas dessas publicações, mas devido a sua periodicidade foram privilegiados os seguintes jornais: *O Momento* e *A Época* durante as décadas de 1930 e 1940; *Pioneiro* durante as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980; e, *Jornal de Caxias* durante os anos 1970 e 1980.²⁴

f) **Cadernos de Pesquisa do Thales de Azevedo**: Esses cadernos foram produzidos pelo antropólogo Thales de Azevedo²⁵ durante suas visitas a cidade de Caxias do Sul, entre 1955 e 1973. Eles foram utilizados, pelo pesquisador, para a produção da obra *Italianos e Gaúchos*. Nos cadernos, publicados em 1994, encontram-se anotações referentes a prostituição, ao namoro, entre tantos outros assuntos, muitas delas realizadas após conversas de Thales com moradores da cidade. Aqui, serão utilizadas as informações referentes a população negra da cidade.

g) **Processos e Relatórios Policiais**: Foram pesquisados no *Centro de Memória Regional do Judiciário* e no *Arquivo da Polícia Civil* de Caxias do Sul alguns processos e relatórios onde os envolvidos foram caracterizados como “negros”, “pretos” ou “mixtos”. No caso dos processos, foram localizados alguns que envolviam pessoas ligadas ao Clube Gaúcho, sendo possível levantar maiores informações sobre esses indivíduos, como: onde residiam, nomes dos familiares, local e data de nascimento etc.

Percebe-se que os “rastros” deixados pelo clube e seus participantes podem ser encontrados nas mais variadas fontes. Esses “rastros” serão entendidos aqui como “índícios”,

²³ Os estatutos relacionados encontram-se em anexo.

²⁴ Sobre a linha político-ideológica e período de publicação desses jornais, consultar: POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

²⁵ Natural da Bahia, Thales de Azevedo (28/08/1904-05/08/1995) foi titular de antropologia e etnologia da Faculdade de Filosofia e diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia. Pertenceu à Associação Brasileira de Antropologia, ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História, ao Comitê de Antropologia do México, ao Instituto Histórico da Bahia, entre outras instituições. Publicou: **Gaúchos**: notas de Antropologia Social, em 1943; **Civilização e mestiçagem**, em 1951; **As elites de côr**, em 1953 (para realização dessa obra contou com o apoio da UNESCO); **Catolicismo no Brasil**, em 1955; **Cultura e situação racial no Brasil**, em 1966; **Namoro à antiga**, em 1975; **Italianos e gaúchos**, em 1975, entre outras publicações.

que permitem uma aproximação com a realidade vivida no passado.²⁶ Para essa aproximação, busco inspiração no *paradigma indiciário*, proposto por Ginzburg, que consiste em um tratamento intensivo das fontes, onde se deve prestar atenção nos sinais aparentemente insignificantes. Esse tratamento, permite “lançar luz, indiciariamente, sobre aspectos escassamente documentados do passado” (LIMA, 2006, p. 358). Lima (2006, p. 358), destaca da proposta de micro-história elaborada por Ginzburg, “a combinação entre dados seguros e conjecturas – entre ‘provas’ e ‘possibilidades’ – mediada e autorizada pelo contexto”. Essa combinação, faz com que abundem expressões como: “talvez”, “muito provavelmente”, “possivelmente”.

Assim, no primeiro capítulo trato do início do povoamento de Caxias buscando evidenciar a presença de diversas etnias neste núcleo populacional, o que possibilitou a percepção de quem somos *nós* e quem são os *outros*. A partir disso, analiso o processo de construção e reconstrução de identidades étnicas. Dou atenção especial para o desenvolvimento econômico da cidade, acreditando que o aumento da população negra se deve, principalmente, ao aumento da oferta de emprego. Depois de dar visibilidade a população negra caxiense, procuro demonstrar como se deu o processo de construção de uma identidade étnica negra. Como esse grupo negro se definiu e como definiram os *outros*. Ou seja, busco identificar o que era “ser negro” na cidade de Caxias do Sul, acreditando que a partir dessa percepção, de quem éramos *nós* e de quem eram os *outros*, foi possível esse grupo se associar e fundar o Clube Gaúcho.

No segundo capítulo, analiso questões referentes ao associativismo negro. Busco através da produção acadêmica sobre o assunto e das fontes consultadas, entender os motivos que levaram os negros de Caxias do Sul a criarem uma associação. Abordo a participação significativa das mulheres nessas associações que, em Caxias, além de dirigirem uma associação feminina, tinham uma diretoria própria dentro do Clube Gaúcho. Depois disso, passo a tratar especificamente do clube: quem eram seus fundadores, quais suas finalidades, como estava estruturado etc. Analiso as principais opções de lazer oferecidas pelo clube, que além de realizar bailes, mantinha um time de futebol e, posteriormente, uma escola de samba. Além disso, evidencio as divergências internas, as dissidências e as dificuldades financeiras, que acompanharam o clube durante grande parte de sua trajetória.

Para encerrar, no terceiro e último capítulo, analiso os projetos desenvolvidos pelo clube. Esses projetos estão relacionados ao modo como os negros caxienses *eram vistos e se*

²⁶ Ver: GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 177.

viam. Eles, possivelmente, foram os grandes responsáveis pelas divergências internas e pelas dissidências. Através dos projetos identificados, percebe-se a preocupação do clube em oferecer, além de um espaço de diversão e lazer, um espaço educativo, onde eleva-se a auto-estima dos associados.

2 SER NEGRO EM CAXIAS

A Colônia Caxias começou a ser povoada, oficialmente, a partir de 1875. A população que chegava a partir desse ano era, em sua grande maioria, originária da península itálica. Dessa forma, Caxias tornou-se uma colônia onde a população branca (de origem européia) era predominante. Porém, neste capítulo, busco analisar a construção e/ou reconstrução de uma identidade étnica negra na cidade, entendendo que, as identidades étnicas são (re)construídas em situações de contato e de relação com os *outros*. Ou seja, as identidades surgem em oposição: “quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam” (OLIVEIRA, 1976, p. 5). As características utilizadas pelos atores para demarcação das fronteiras entre os grupos não estão dadas. Elas são construídas e evidenciadas em um processo onde, dependendo dos contextos, certas marcas diferenciadoras ganham maior destaque, podendo outras, anteriormente utilizadas, serem esquecidas e/ou abandonadas por terem perdido o sentido de sinal diferenciador. Assim, “a etnicidade é um processo contínuo de dicotomização entre membros e *outsiders*, requerendo ser expressa e validada na interação social” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 111). Aqui, pretendo analisar como se deu esse processo de estabelecimento de fronteiras entre os grupos em Caxias, buscando as marcas que eles utilizaram para se diferenciar, em especial, ao grupo negro. Para isso, é necessário que se aponte para a diversidade étnica da região.

2.1 OS PRIMEIROS A CHEGAR

O povoamento da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul se deu a partir da criação das colônias oficiais, no final do século XIX. Essa região, “por sua posição geográfica e aspecto físico, constituiu-se numa zona de difícil acesso para que houvesse uma ocupação espontânea” (MACHADO, 2001, p. 38). Por isso, diversos são os relatos dos imigrantes informando sobre as dificuldades de se chegar até a “terra prometida”. Devido a sua localização e a falta de estradas²⁷ em “boas condições”, alguns autores²⁸ apontam para o

²⁷ Machado fala da precariedade das estradas e da distância dos centros comerciais (MACHADO, 2001, op. cit., p. 58).

isolamento das colônias e, em especial, da Colônia Caxias. Esse isolamento, para alguns, fortaleceria a consciência entre os imigrantes de sua comum nacionalidade *italiana*.²⁹ Mas, aqui, entendemos que a consciência de si ou do grupo se dá em relação com aquele que lhe é diferente. É preciso, dessa forma, recompor o cenário da colônia, buscando evidenciar como e onde ocorreram as relações interétnicas que possibilitaram reconstruções de identidade em Caxias. Antes, porém, é necessário que se esclareça a questão do isolamento e se essa situação influenciou nos contatos entre os atores.

O isolamento da Colônia Caxias foi pensado de diversas formas, dependendo dos temas das pesquisas para as quais ele serviu de argumento. O consenso existe. Todos concordam que para se chegar a Caxias existiam dificuldades, decorrentes da falta de estradas e da situação precária daquelas que existiam. Problema compreensível se considerarmos que a região, até a formação da colônia, não despertava interesses. Para Giron (1977, p. 75), o isolamento “fez com que os colonos passassem a produzir tudo aquilo que necessitassem para consumir. O que não podia ser comprado passou a ser produzido”. Para Machado (2001, p. 80) o conhecimento artesanal e fabril de alguns imigrantes, aliados ao isolamento, “possibilitaram que surgissem estabelecimentos destinados às mais variadas atividades, como funilarias, carpintarias, olarias, ourivesarias, fábricas de cadeiras, de cerveja, de tecidos, moinhos, etc.” Dessa forma, Giron (1977) e Machado (2001), pensam a situação de isolamento como um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento econômico da região, pois, teria influenciado no surgimento de atividades agrícolas e industriais diversas. Mas, existem outras interpretações.

Thales de Azevedo (1975) utiliza o argumento do isolamento de forma diferenciada. Segundo o autor, os *italianos*³⁰ habitavam uma região “longe das populações de origem lusa e em área distinta da que os colonizadores alemães e outros ocupavam” (p. 82). Ainda diz, que “reproduzia-se na Colônia, devido a concentração de compatriotas e ao isolamento da área em

²⁸ Me refiro aos seguintes autores: AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975; GIRON, 1977, op. cit.; MACHADO, 2001, op. cit.

²⁹ AZEVEDO, 1975, op. cit., p. 82.

³⁰ Os *italianos* que colonizaram Caxias eram originários de diferentes regiões da Itália. Entre eles haviam vênnetos, lombardos, trentinos, friulanos... Acredita-se então, que em determinados momentos ou situações, alguns imigrantes reivindicassem uma identidade étnica vêneta ou lombarda, por exemplo. Porém, aqui, não tratarei das diferenças entre esses grupos, pois, como diz Carboni “em relação às demais nacionalidades presentes no Brasil, os colonos peninsulares foram identificados, de maneira generalizadora, como *italianos*, [...]” (CARBONI, Florence. A origem italiana dos falares da serra gaúcha. IN: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (org.). **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p. 293). Ver também: POSSAMAI, Paulo César. “**Dall'Italia siamo partiti**”: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005, p. 74.

relação à sociedade brasileira circundante, bastante da cultura italiana: [...]” (p. 138). Para o pesquisador, a população estava isolada. Esse isolamento era percebido, inclusive, dentro da Colônia. Ou seja, além dos *italianos* estarem distantes de *lusos* e *alemães*, eles estariam distantes uns dos outros, pois, o traçado geométrico dos travessões “era um dos condicionadores do sistema disperso de vizinhanças estabelecido [...]” (1975, p. 170). Machado (2001, p. 58), concorda com a idéia do isolamento no interior da colônia, pois, acredita que o período inicial de povoamento foi de “privações e dificuldades”, causadas, em parte, “pelo isolamento das famílias”. Assim, Thales de Azevedo considera que o isolamento dos *italianos* preservaria a sua *cultura* e dificultaria a *assimilação*³¹ dos mesmos à sociedade nacional. Pensa a questão do *isolamento* de forma cultural, acreditando que essa situação de “não-contato” contribuiu para que se mantivesse uma *cultura italiana* em Caxias. Mas, como e onde, então, ocorriam as relações com os *outros*? É com o auxílio do próprio Thales de Azevedo e de outros pesquisadores que se tentará responder a questão.

A Colônia Caxias, geralmente, é pensada como um núcleo populacional homogêneo. Pois, a partir de 1875, a colônia começa a receber, de uma forma mais intensa, seus habitantes, que em grande parte são *italianos*. Porém, não eram a totalidade. Como diz Klein (1984, p. 122), “embora as origens étnicas da população tivessem sido predominantemente italianas, não o foram totalmente”. Entre os primeiros habitantes estavam os *brasileiros*, *boêmios*, *alemães*, *franceses*, *espanhóis*, entre outros.³² Giron (1977, p. 31), informa sobre a chegada de imigrantes *não-italianos* antes de 1875 “por vários anos consecutivos, sendo que até 1874 apenas eles habitavam a colônia estudada”. Na 17ª Léguas³³ da Colônia, por exemplo, havia a chamada *Linha dos Boêmios*.³⁴ Ou seja, os outros não estavam tão distantes. Ainda mais, se pensarmos que ocorriam contatos com os membros das comissões de terra, formadas por cerca de quinze pessoas, que oportunizavam aos imigrantes as primeiras relações com os

³¹ Segundo Potignat e Streiff-Fenart, a assimilação “é concebida como uma interpenetração e uma fusão que permitem a integração de diferentes grupos em uma vida cultural comum. Ela será completada quando os imigrantes e os nativos compartilharem os mesmos sentimentos, as mesmas lembranças e as mesmas tradições” (POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 65). Para Thales de Azevedo, o contato dos imigrantes italianos com outros grupos acabaria integrando os italianos a sociedade nacional, fazendo com que esses perdessem suas especificidades, ou melhor, suas marcas diferenciadoras, deixando de existir enquanto grupo distinto.

³² Ver: *Origem dos Imigrantes Colônia Caxias - 1872/1886* (GIRON, 1977, op. cit., p. 29).

³³ Segundo Machado, “a Colônia Caxias tinha 17 léguas quadradas. As léguas eram divididas em travessões e estes em linhas. [...] A partir dos travessões foram demarcados os lotes cujas dimensões eram variadas” (MACHADO, 2001, op. cit., p. 47).

³⁴ Segundo Giron, “em 1872 a região já possuía 22 habitantes, provenientes todos eles da Boêmia”, vindos de Nova Petrópolis. Em 1874, “nos limites da Colônia Caxias já estavam radicados 54 colonos de origem alemã” (GIRON, 1977, op. cit., p. 31-32). Ver também: MACHADO, 2001, op. cit., p. 42.

brasileiros e com o seu modo de falar.³⁵

Os *italianos*, dessa forma, não eram os únicos povoadores da colônia. Mas, as famílias, estariam isoladas em seus lotes? Existem informações sobre algumas providências tomadas pelos responsáveis dos traçados dos lotes para que fosse evitado o isolamento completo das famílias, que era indesejado.³⁶ Além disso, logo foram se formando, no espaço colonial, locais que favoreciam os contatos entre os moradores. Um desses locais era a *capela*. As “igrejinhas de madeira” são construídas nos *travessões* e em pouco tempo “surtem 32 [trinta e duas] daquelas casas de culto num conjunto de 50 [cinquenta] linhas” (AZEVEDO, 1975, p. 181). As *capelas* representam “a primeira organização comunitária dos imigrantes na área rural” (POSSAMAI, 2005, p. 125) e logo se transformam em espaços de sociabilidade dos colonos, onde o contato com as outras etnias aconteceu: “são o núcleo de condensação da vizinhança rural” (AZEVEDO, 1975, p. 185). Cada *travessão* tinha em média 32 [trinta e dois] lotes.³⁷ Para ocupação desses lotes o Ministério da Agricultura, através de ofício ao Diretor da Colônia, recomenda que colonos nacionais fossem fixados entre os imigrantes: “sempre que tiver de distribuir lotes a imigrantes, deixe alguns intercalados, para serem de preferência concedidos a famílias de colonos nacionais ou de diferentes procedências, [...]” (AZEVEDO, 1975, p. 238). Sendo assim, as festas e missas promovidas na capela de cada travessão são freqüentadas por imigrantes de diferentes origens, sendo possível também, a presença de nacionais, o que oportunizaria, enfim, o contato do *nós* com os *outros*.

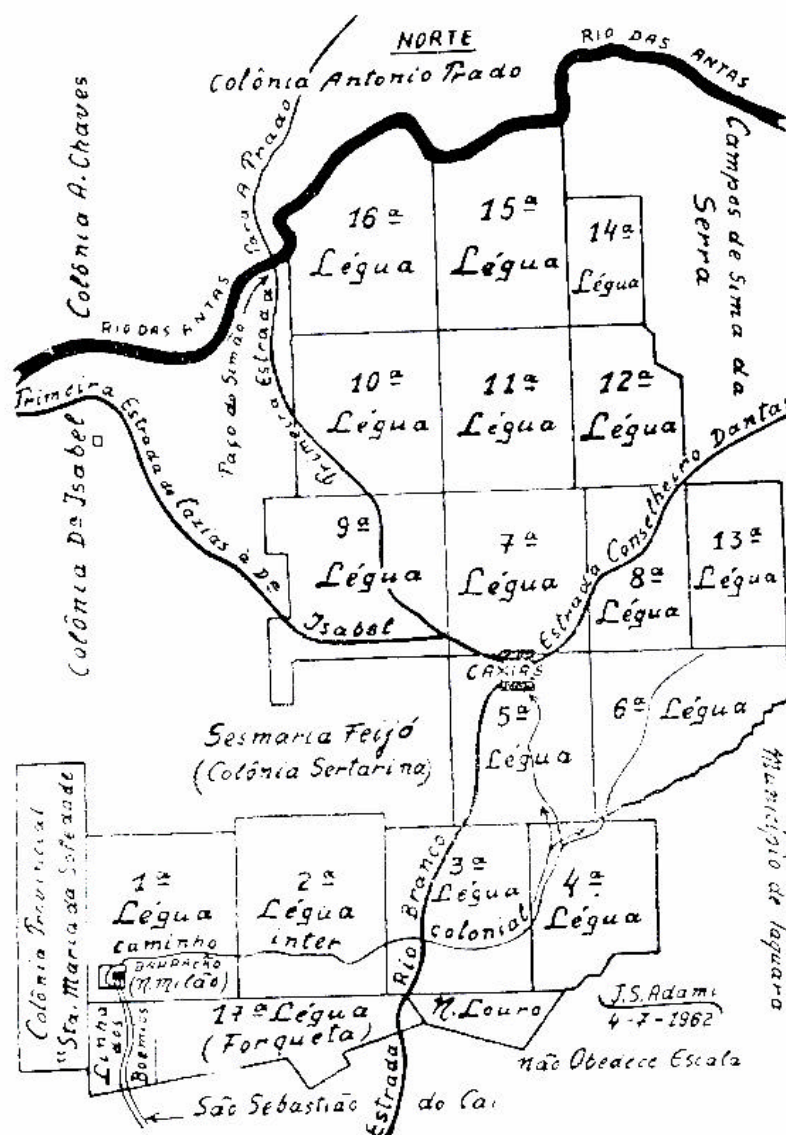
Os encontros entre as diversas etnias ocorriam, ainda, em outros espaços, como na sede da colônia. É nela que acontecem os contatos mais rotineiros. Lá estão as igrejas, as casas comerciais, a administração, “de maneira que nos domingos atraem grandes números de colonos das circunvizinhanças”, sendo ali que ocorria “a ostentação dos símbolos étnicos indumentários e dos sinais de prosperidade” (AZEVEDO, 1975, p. 181). Era o local escolhido pelos imigrantes para mostrarem seus símbolos étnicos diferenciadores, ou ainda, para informar a respeito da melhora na situação econômica. A sede da Colônia Caxias foi instalada na primeira légua sendo, posteriormente, transferida para uma área mais central na quinta légua, onde passou a se chamar *Sede Dante*. Ali “foram instaladas a residência do diretor da Colônia e todas as repartições necessárias à sua administração” (MACHADO, 2001, p. 45).

³⁵ Ver: GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Rovílio Costa**: homem, obra e acervo. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2005, p. 22-23.

³⁶ Ver: AZEVEDO, 1975, op. cit., p. 119.

³⁷ Ver: MACHADO, 2001, op. cit., p. 47.

ILUSTRAÇÃO 1
MAPA DA COLÔNIA CAXIAS



Fonte: ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**: 1864/1962. Caxias do Sul, RS: São Miguel, 1963, p. 61.

A Sede Dante é o local onde os imigrantes resolvem seus problemas. Nela os colonos encontram os serviços da administração e os produtos que não produzem e necessitam.³⁸ Ali os colonos encontram sapateiros, professores, ferreiros, farmacêuticos, carpinteiros, pedreiros, seleiros, carroceiros, produtos da funilaria Eberle,³⁹ entre outros, que de acordo com as suas

³⁸ Ver: AZEVEDO, 1975, op. cit., p. 187.

³⁹ Segundo Lazzarotto, “a ampliação do volume de vendas que ocorreu nas feiras livres da cidade, onde os colonos feirantes vinham suprir-se dos artigos de que necessitavam no ramo da latoaria, na funilaria Eberle” (LAZZAROTTO, 1981, op. cit., p. 31).

especialidades, auxiliavam os moradores das áreas rurais.⁴⁰ Na sede, a diversidade pode ser constatada entre as 800 famílias que a habitavam em 1878. Eram “compostas de 3.880 pessoas, de diversas nacionalidades: alemã, boêmia, polaca e francesa, e 2.315 eram italianas” (GIRON; BERGAMASCHI, 2001, p. 58). Com o tempo e o conseqüente aumento da produção colonial, as atividades na sede se dinamizam e ela passa a ser um importante centro comercial, “sendo o entreposto entre os Campos de Cima da Serra, as colônias do Nordeste do Estado e a capital” (HERÉDIA, 1993, p. 44).⁴¹

A intensificação do comércio na sede, se deve, em parte, ao aumento da produção na colônia, que colheu as primeiras safras em 1878.⁴² A princípio, a produção era consumida pelos próprios produtores. Mas, não demora para que haja um excedente, pois, vale lembrar que, “a atividade agrícola do núcleo colonial destinava-se não apenas ao abastecimento da própria unidade produtora familiar, mas também ao mercado regional num primeiro momento, para depois atingir o nacional” (PESAVENTO, 1983, p. 22). Entre as conseqüências do aumento da importância comercial da região, está o remodelamento do espaço urbano da colônia, onde começam a se instalar casas comerciais, casas de pasto, botequins, oficinas...⁴³ Além desses estabelecimentos, outros surgem, como por exemplo, os hotéis que, muito provavelmente, acolheriam os consumidores e/ou fornecedores que vinham negociar com os colonos, entre eles, os moradores dos povoados mais próximos de São Sebastião do Caí, Vacaria e dos Campos de Cima da Serra.⁴⁴ Muitos desses últimos vinham até a colônia para comercializar gado.⁴⁵

Com isso, a colônia cresce em importância e a população da sede começa a aumentar. Alguns dos interessados em se fixar ali, são originários dos Campos de Cima da Serra. Em 1884, o *Mapa Estatístico da Colônia Caxias*, informa sobre a presença de 44 (quarenta e quatro) fazendeiros, “brasileiros de origem”. Esses eram possuidores de lotes na Sede Dante e

⁴⁰ Ver: “Relação de Ofícios e Profissões – Colônia Caxias – 1884” elaborado a partir do *Mapa Estatístico da Colônia Caxias – Sede Dante (1884)* (GIRON, 1977, op. cit. p. 33).

⁴¹ Segundo Stormowski, “a proximidade de Caxias das ex-colônias alemãs, principalmente do município de São Sebastião do Caí, desmembrado de São Leopoldo, lhe permitiu inserir-se em um mercado regional já anteriormente conformado. Em poucos anos, sua localização se caracteriza por ficar a meio caminho entre as ex-colônias alemãs e as colônias italianas novas, criadas à margem direita do Rio das Antas durante as décadas de 1890 e 1900” (STORMOWSKI, Marcia Sanocki. **Crescimento econômico e desigualdade social**: o caso da ex-colônia Caxias (1875-1910). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 26).

⁴² GIRON, 1977, op. cit., p. 74.

⁴³ GIRON; BERGAMASCHI, 2001, op. cit., p. 59.

⁴⁴ MACHADO, 2001, op. cit., p. 58.

⁴⁵ GIRON; BERGAMASCHI, 2001, op. cit., p. 54.

representavam, na época, um percentual de 15% a 20% da população urbana.⁴⁶ Azevedo (1975, p. 235), percebe a presença dos “fazendeiros dos campos de Cima da Serra” em 1886, informando que das 400 (quatrocentas) casas, algumas pertenciam a eles. Vai além, diz que a sede “é freqüentada por famílias de veraneantes⁴⁷ de Vacaria e São Francisco de Paula, como de Montenegro e Porto Alegre” e, que um jornal informa sobre a existência de “uma colônia brasileira” em Caxias.

Dessa forma, os problemas iniciais motivados pelas dificuldades de locomoção, aos poucos, vão sendo resolvidos. A importância comercial da região acaba influenciando para que ocorram melhorias nas vias de comunicação entre as principais localidades da região. A primeira estrada a passar por Caxias, aberta na década de 1870, partia de Vacaria indo até São Sebastião do Caí.⁴⁸ Na década de 1890, com Caxias já emancipada,⁴⁹ “a estrada recebeu melhoramentos [...], podendo em 1899 por ela passar qualquer tipo de veículo” (GIRON; BERGAMASCHI, 2001, p. 51). A melhoria das estradas era fundamental para o desenvolvimento da região colonial, que dependia dos comerciantes para o escoamento da produção. Os produtos saíam do interior da área colonial “até a sede do núcleo (Caxias), descendo até o porto fluvial de São João de Montenegro, para daí seguir pelo rio Caí até a capital da província” (PESAVENTO, 1983, p. 26). Vale lembrar que devido a essas dificuldades iniciais, alguns produtores de vinho e grapa⁵⁰ caxienses buscaram novos mercados, como o paulista, para os seus produtos, fazendo eles mesmos a negociação e o transporte de mercadorias.⁵¹

Assim, percebe-se que os contatos entre grupos e pessoas de origens diversas ocorreram na Colônia Caxias desde os seus primeiros anos. Nas capelas, que se tornaram espaços de sociabilidade, e na sede, que com o desenvolvimento comercial da região passa a ser local de passagem obrigatória para muitos negociantes da época, ficaram evidenciadas essas relações. Esses contatos foram importantes para a definição e redefinição das fronteiras étnicas entre os grupos. A percepção da diferença uniu aqueles que, supostamente, possuíam a

⁴⁶ Ver: GIRON, 1977, op. cit., p. 34; GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. **Colônia Caxias: origens**. Porto Alegre: EST, 1993, p. 99-100.

⁴⁷ Thales de Azevedo não dá maiores explicações sobre quem são esses “veraneantes”. É possível que esse termo se refira a pessoas ou famílias que passam algum tempo na localidade sem se fixar ali.

⁴⁸ A estrada permitia também a ligação ao município de São Francisco de Paula dos Campos de Cima da Serra. Ver: GIRON; BERGAMASCHI, 2001, op. cit., p. 51; MACHADO, 2001, op. cit., p. 73.

⁴⁹ Em 1884 Caxias deixa a condição de colônia tornando-se 5º Distrito do Município de São Sebastião do Caí. Já em 1890, pelo Ato estadual 257, de 20 de junho foi criado o Município de Caxias. Ver: MACHADO, *Ibid.*, p. 84.

⁵⁰ Grapa é uma bebida destilada obtida do bagaço da uva, sendo assim, um subproduto da vinificação.

⁵¹ HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Apontamentos para uma história econômica de Caxias do Sul: de colônia a município. **Cadernos de pesquisa/Universidade de Caxias do Sul**, Caxias do Sul/RS, v. 2, n. 2, dez. 1993, p. 41.

mesma origem/costumes e excluiu, conseqüentemente, os *outros*. Diversos aspectos foram identificados como sinais diferenciadores, sendo que, um deles foi a religião, ou melhor, como ela era encarada e praticada pelos grupos.

Para Possamai (2005, p. 107), não parece “correto afirmar que o catolicismo tenha sido o principal componente da identidade coletiva entre os imigrantes italianos, o certo é que desde logo a religiosidade dos luso-brasileiros foi vista com estranheza pelos imigrantes”. Aqui, vale lembrar, não tenho a intenção de elencar quais foram os principais sinais diferenciadores entre os grupos, mas sim apontar para alguns desses sinais, que dependendo dos contextos são (re)inventados ou (re)significados. Azevedo (1975, p. 193-194) também aponta para as diferenças percebidas nas práticas religiosas, dizendo que: “no contato com a sociedade nacional, o colono verifica que o catolicismo costumeiro e tradicional dos lusos não impõe” a mesma moral a qual estavam acostumados. “A religiosidade dos brasileiros é vista como superficial, meramente exterior e teatral” (AZEVEDO, 1975, p. 216).

A participação das mulheres no trabalho, também é vista como marca diferenciadora entre os grupos. Segundo Azevedo (1975, p. 271), “os colonos distinguem as mulheres 'lusas' das 'italianas', atribuindo às primeiras o hábito de se fazerem sustentar passivamente pelos esposos e as últimas a disposição e a experiência do labor braçal na roça, lado a lado com o esposo e os filhos”. Já para os *brasileiros* os *italianos* tratam suas esposas como “criadas” exigindo o trabalho delas nas roças e em casa. Para Azevedo essas percepções teriam dificultado os casamentos interétnicos.⁵² Em relação ao trabalho, são produzidas outras diferenças, como por exemplo, a idéia de que o *italiano* seria “mais trabalhador” e “mais astuto e interesseiro nos negócios” em comparação aos *brasileiros*.⁵³

Na política, também é possível detectar que a origem foi utilizada como fronteira entre os grupos. Na década de 1890, com a emancipação do município, os imigrantes começam a participar da vida política, às vezes, de forma violenta.⁵⁴ Os primeiros intendentess eram de origem *lusa* e indicados pelo governo estadual. Em uma reunião da *Associação dos Comerciantes*⁵⁵ com o intendente José Campos de Cândido Júnior, onde o objetivo era resolver um impasse a respeito da cobrança de impostos, esse se negou a reconhecer o caráter jurídico da *Associação*. Para Machado (2000, p. 9), isso ocorreu pois, “na realidade, havia um

⁵² AZEVEDO, 1975, op. cit., p. 258.

⁵³ AZEVEDO, *Ibid.*, p. 210-211.

⁵⁴ GIRON, 1977, op. cit., p. 72; MACHADO, Maria Abel. *Empresários na busca do poder político: acordos e conflitos. Caxias do Sul, 1894-1935. Primeiras jornadas de história regional comparada*. Porto Alegre 23, 24 e 25 de Agosto de 2000. cd-rom, p. 10.

⁵⁵ A Associação Comercial, criada em 1901, “servirá como órgão de intermediação entre patrões e operários e entre a região e o governo estadual” (GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlandia, 1994, p. 35). Ver também: MACHADO, 2001, op. cit., p. 162-179.

preconceito declarado contra o imigrante italiano que era visto pelos luso-brasileiros como 'gente pobre e ignorante', [...]". Os problemas entre os imigrantes *italianos* e os intendentess de origem *lusa* fazem com que, em 1895, Alorino Machado de Lucena deixe o cargo "evidenciando o racismo existente entre os dois grupos",⁵⁶ pois, ele percebe que a qualidade de ser "brasileiro nato" despertava antipatia entre os de "outra origem" (MACHADO, 2000, p. 11).⁵⁷

Nesse período inicial, fica evidenciado que foram criados os sinais diacríticos entre os grupos que habitavam Caxias. As referências as diferenças nas práticas religiosas, nos modos de encarar o trabalho e nas atribuições pejorativas de *italianos* e *lusos*, são exemplos de características acionadas em determinado contexto para o estabelecimento das fronteiras, que ajudam a construir a idéia de quem somos *nós* e quem são os *outros*. Assim, o suposto isolamento inicial,⁵⁸ não impediu que houvesse o contato entre os grupos de diferentes origens. Isso se intensifica com a chegada da estrada de ferro em 1910, que acaba com o problema do isolamento (se é que esse problema existiu) e contribui para o desenvolvimento industrial da cidade, que em 1890, já possuía "várias pequenas industrias que abasteciam o mercado local, [...]" (GIRON, 1977, p. 75).⁵⁹ É preciso saber, então, quem chega a Caxias com o trem...

2.2 OS PASSAGEIROS DO TREM

A estrada de ferro foi prometida em 1895 pelo governador do Estado Júlio de Castilhos. Somente quinze anos após a promessa, ela é inaugurada. Os caxienses festejam essa inauguração que facilita o escoamento da produção e, aliada a outros fatores, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), contribui para o crescimento industrial e econômico da cidade. Com isso, Caxias atrai as populações que buscam emprego, com a esperança de uma melhora na economia familiar ou pessoal, que possibilitaria uma melhor qualidade de

⁵⁶ Ver também: MACHADO, *Ibid.*, p. 172.

⁵⁷ Sobre o pedido de demissão do intendente, ver também: AZEVEDO, 1975, *op. cit.*, p. 249; GIRON; BERGAMASCHI, 2001, *op. cit.*, p. 19; MACHADO, *Ibid.*, p. 177.

⁵⁸ O *isolamento* da Colônia Caxias é questionado por Stormowski. Segundo ela, "as colônias não estavam 'isoladas', já que, mesmo em ritmo mais lento do que o esperado e com algumas interrupções, os trabalhos de abertura e melhoramento das estradas perduraram durante o período da colonização e permitiram certa integração da região da serra a outras regiões do estado e país" (STORMOWSKI, *op. cit.*, p. 14).

⁵⁹ Ver também: *Estabelecimentos comerciais e industriais Colônia Caxias – 1892* (HERÉDIA, 1993, *op. cit.*, p. 46).

vida. Alguns, com mais sorte, alcançaram seus objetivos, aos demais restou à periferia da cidade.

Até a chegada do trem o comércio era realizado pelas casas comerciais, a maioria delas situada na sede da colônia. A produção colonial chegava até essas casas para, posteriormente, ser enviada aos mercados mais distantes. O papel de “atravessador” desses estabelecimentos, fez com que seus proprietários acumulassem capital. Aliado a isso, esses estabelecimentos serviram, também, como uma espécie de “banco”. Os colonos quando tinham algum dinheiro disponível, “depositavam” o dinheiro nas mãos dos comerciantes, com juros insignificantes, [...]” (GIRON, 1994, p. 35). Esses “negócios” possibilitaram que aumentasse o capital de giro dos comerciantes, que passaram a diversificar seus investimentos. Foi na indústria que muitos deles investiram.⁶⁰ O poder adquirido por esses “empresários” vai se refletir na política local, que passa a ser dominada por eles.⁶¹ Os investimentos em outros setores contribui para o crescimento e para diversificação dos negócios na cidade e consolida a região como uma das mais importantes do Rio Grande do Sul.

O destaque da região no cenário econômico influenciou para que fossem realizadas as melhorias necessárias, que garantissem uma estrutura básica para o avanço dos negócios. Além das dificuldades com o transporte que encarecia a produção e interferia na qualidade do vinho produzido, por exemplo, existiam outras necessidades, como o abastecimento de energia elétrica, que travavam ou dificultavam a industrialização de Caxias. A Associação dos Comerciantes teve papel importante nesse sentido, pressionando os governos para que as melhorias prometidas fossem concretizadas. Com a eleição de Vicente Rovea, proprietário de uma das mais importantes casas comerciais da cidade e membro da Associação dos Comerciantes, como intendente em 1908, as reivindicações são assumidas pela Intendência e a Associação atua através dela.⁶² Assim, as deficiências estruturais da região começam a ser resolvidas.

Em 1910, é inaugurada a estrada de ferro que liga Caxias à capital do estado. Neste mesmo ano a vila de Caxias é elevada à categoria de cidade.⁶³ Motivos para comemoração não faltavam e “a população recebeu com grande festividade o primeiro trem que chegou a Caxias trazendo autoridades estaduais e convidados especiais para comemorar a concretização de 'um sonho” (MACHADO, 2001, p. 181). Através do transporte ferroviário diminuem os

⁶⁰ Ver: HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 59; MACHADO, 2001, op. cit. p. 61.

⁶¹ Ver: GIRON; BERGAMASCHI, 2001, op. cit., p. 85-86.

⁶² Ver: GIRON; BERGAMASCHI, Ibid., p. 89.

⁶³ “A elevação da vila a cidade se efetuou através do Decreto Estadual nº 1607 em 1º de junho de 1910” (HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 46).

gastos com o transporte das mercadorias e os produtos chegam aos consumidores com o preço reduzido. Mas, as melhorias não se restringem a ferrovia. Novas estradas foram abertas e houve a chegada da energia elétrica, que foi de extrema importância para o aumento e aperfeiçoamento da produção. As melhorias interferiram na qualidade e no comércio do vinho e a vitivinicultura vai se tornar uma das principais atividades da região.⁶⁴ É o desenvolvimento da indústria do vinho que vai proporcionar a vinda de novos imigrantes, aumentando, dessa vez, a presença *lusa* na cidade.

O vinho colonial foi produzido inicialmente de forma artesanal. Era o “pequeno proprietário que cultivava a videira e fazia o vinho com a participação de toda a família, usando técnicas primitivas e rudimentares como o esmagamento da uva com os pés” (MACHADO, 2001, p. 183). A produção foi se especializando e se modernizando com estímulos vindos do governo do estado. Em 1899 foi criado o primeiro *Laboratório Enológico Riograndense na Estação Agrônômica Experimental*. Além disso, foi contratado em 1903, pelo governo estadual, o enólogo italiano Lourenço Mônaco que exerceu a função de fiscal da *Diretoria de Higiene de Caxias e Garibaldi*, que identificou a inferioridade da uva produzida e a falta de higiene na fabricação dos vinhos, que ocasionava a má qualidade do produto. Já em 1908, Lourenço assume a responsabilidade de dirigir o processo de produção do vinho em uma série de adegas, introduzindo várias novidades técnicas enológicas, buscando a melhora na qualidade do produto. Esses e outros incentivos governamentais, como redução e/ou isenção de taxas para comercialização do vinho, resultaram em uma superprodução em 1911.⁶⁵ Porém, como observa Klein (1984, p. 28-29), “à medida em que a produção vinícola aumentava, o problema do acondicionamento tornava-se maior”, sendo que, “a demanda de vasilhame adequado ao envase para a mercantilização do vinho nos centros consumidores, seja Porto Alegre, São Paulo ou Rio de Janeiro, abria espaço para uma nova atividade econômica, no interior do setor vitivinícola”. Essa atividade era a *tanoagem*.

Os tanoeiros eram os responsáveis pela fabricação dos barris que acondicionavam o vinho para o transporte. Em Caxias a atividade da tanoagem se transformou em uma das características da população de origem *lusa*. Com o aumento da produção e comercialização, “a necessidade de estocar a produção vinícola provocou o aumento da demanda de mão-de-obra para a fabricação de vasilhame: em 1912 o grupo de tanoeiros [portugueses] era

⁶⁴ Ver: HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 56; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (coord.). *Cantina Antunes. Mirante*: caderno do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS, n. 5, dez. 2003, p. 23.

⁶⁵ MACHADO, 2001, op. cit., p. 184; KLEIN, Cleci Eulalia Favaro. *De “Bairro Lusitano” a “Zona Tronca”*: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911-1931). 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984, p. 62.

acrescido de novos elementos” (KLEIN, 1984, p. 33). A chegada e fixação dessa população imigrante, vinda de Portugal, vai proporcionar o aparecimento de uma comunidade *lusa* em Caxias, formada por tanoeiros e por trabalhadores portugueses de outros setores, como os contratados em São Paulo para a construção da Unidade Militar local.⁶⁶ Os *lusos* vão ocupando o mesmo espaço geográfico da cidade e logo a região passa a ser conhecida como *Bairro Lusitano*.⁶⁷ Além disso, no final da década de 1920, esse grupo “que se identifica pela sua origem e pelo trabalho”⁶⁸ funda o *Clube Lusitano*.

O desenvolvimento das atividades econômicas na cidade contribui de forma significativa para a chegada de uma população diferente, *não-italiana*. A chegada dos *lusos*, por exemplo, está diretamente relacionada ao desenvolvimento da produção e do comércio do vinho produzido na cidade. Porém, não foi somente a indústria vinícola que cresceu com as melhorias na infra-estrutura. O setor industrial cresceu e abriu oportunidades de emprego. Segundo Giron (1994, p. 38), “foi a crise no setor de exportação durante a Primeira Guerra que acelerou o processo de industrialização”. Para Herédia (1997, p. 60), o acúmulo de capital dos comerciantes, a ferrovia, a emancipação, a instalação da energia elétrica em 1913, foram fatores que favoreceram “a expansão das indústrias, acrescida do clima de necessidade de substituição às importações decorrentes da Primeira Guerra Mundial”. O período de guerra também é visto como importante para o desenvolvimento industrial da cidade por Machado (2001, p. 207), segundo a autora, “durante o período da Primeira Guerra Mundial, as indústrias tiveram um desenvolvimento importante para a região [...]”. Analisando o caso específico da *Metalúrgica Abramo Eberle*, Lazzarotto (1981, p. 33) também concorda com os impulsos criados pela guerra e observa que, “de 1916 a 1919, embora não fosse feito o balanço em 2 [dois] anos consecutivos, os lucros foram muito bons, superando em mais de quatro vezes os lucros dos anos que antecedem”. Além da *Metalúrgica Abramo Eberle*, que participou do esforço de guerra e ampliou seu capital com a aquisição, em 1915, de um gerador de 8HP, há o surgimento de novos estabelecimentos industriais. A cidade cresce e as oportunidades de emprego a tornam mais atrativa.⁶⁹ Além disso, a guerra também contribui para que aflorem sentimentos nacionais. Segundo Possamai (2005, p. 216),

a Primeira Guerra Mundial acirrou o sentimento nacionalista entre os imigrantes e

⁶⁶ Ver: KLEIN, *Ibid.*, p. 72.

⁶⁷ Segundo Machado, o Bairro Lusitano, “ao ser urbanizado, perdeu sua denominação e também foi desagregado com a divisão que sofreu, passando a pertencer ao Bairro São Leopoldo, ao Bairro Rio Branco e à zona central da cidade” (MACHADO, 2001, op. cit., p. 141).

⁶⁸ MACHADO, 2003, op. cit., p. 25.

⁶⁹ GIRON; BERGAMASCHI, 2001, op. cit., p. 97.

seus descendentes no Rio Grande do Sul. A entrada da Itália no conflito causou certo frenesi em parte da população, mas somente com a adesão do Brasil ao lado da França, Rússia, Inglaterra e Itália os sentimentos nacionalistas tomaram força.

Na década de 1920, novos incentivos vão ser direcionados a vitivinicultura. Com Penna de Moraes na Intendência Municipal,⁷⁰ Caxias ganhará a *Estação Experimental* em 1921. A Estação funcionará como um laboratório químico e uma adega experimental. Essa iniciativa, aliada a outras anteriormente mencionadas, vão ocasionar um aperfeiçoamento “no modo de produção do vinho e a expansão do setor trouxe para a região uma significativa melhoria na economia, especialmente de Caxias do Sul, onde se achavam as maiores empresas vinícolas” (MACHADO, 2001, p. 208). Porém, durante a década, as economias européias, antes em guerra, começam a se reestruturar. Com essa recuperação, algumas indústrias de Caxias vão inovar, buscando escapar de uma possível crise devida a diminuição do mercado. No caso da Metalúrgica Abramo Eberle, por exemplo, percebe-se uma mudança constante em sua linha de produção. Possivelmente, a empresa obteve sucesso com essa decisão, já que, em 1921 a produção aumentava e era aberta uma filial em São Paulo. Além disso, investiu na produção de artigos sacros e “instalou sua *primeira forjaria*, iniciando a fabricação de artigos forjados e principalmente as lâminas das facas e espadas” (LAZZAROTTO, 1981, p. 35). Durante o período se instalam e se solidificam uma série de indústrias,⁷¹ a cidade cresce e neste contexto surgem e são reatualizados os sinais diferenciadores entre os moradores.

A população urbana era de 3.742 habitantes em 1910. Já em 1920, as estimativas apontam para uma população de 7.500 habitantes, chegando em 1930 a 9.975.⁷² Esse crescimento exige da administração a revisão do *Código de Posturas do Município*, que vigorou a partir de 1921. O Código passou a fazer uma série de exigências aos moradores. Havia preocupações com o alinhamento dos prédios, com a ventilação e a iluminação, entre outras exigências. Foram proibidas as construções de prédios de madeira na rua principal e em outros pontos especificados pelo novo Código.⁷³ Segundo Machado (2001, p. 89), “a partir da nova legislação regulamentando as construções da cidade e a utilização do espaço urbano, percebe-se que de forma silenciosa, mas muito clara e definida, começou a haver uma divisão

⁷⁰ José Penna de Moraes foi intendente entre: 1912-1914; 1916-1918; 1920-1924 (GIRON, 1977, op. cit., p. 73). Sobre sua administração, ver: MACHADO, 2001, op. cit.

⁷¹ HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 69.

⁷² Números levantados por MACHADO, 2001, op. cit., p. 211.

⁷³ Me refiro ao Código Administrativo do Município de Caxias do Sul, promulgado em 07/12/1920. Acervo: AHMJA.

da cidade entre os mais abastados e as pessoas de baixa renda”.⁷⁴ Caxias vive um período de contrastes. Inicia-se um processo de diferenciação econômica. Aqueles que conseguem cumprir as novas exigências, ou seja, os mais afortunados, conseguem construir suas casas no centro e em regiões privilegiadas. Aos desprovidos resta a periferia. Os contrastes não são só econômicos, as diferenças observadas entre os habitantes também é revista e as fronteiras étnicas são resignificadas. Esse restabelecimento dos sinais diacríticos podem ser observados na obra *Nanetto Pipetta*.

A partir de janeiro de 1924, o jornal *Staffetta Riograndense*, publica “a narrativa de ficção *Vita e Storia de Nanetto Pipetta: nassuo in Itália e vegnudo in Merica par catare la cucagna*”,⁷⁵ escrita por Aquiles Bernardi, [...]” (ORLANDI, 2000, p. 6). A publicação em folhetim no jornal durou por volta de um ano, depois, em 1937, foi editada em livro, chegando em 2000 a décima edição. Na década de 1960 Aquiles Bernardi retoma a história e escreve uma continuação, publicada no jornal *Correio Riograndense*, antigo *Staffetta*. Em 1987 a obra se transformou em peça de teatro e, em 1999, ganhou uma nova versão, novamente nas páginas dos jornais. A obra, dessa forma, teve vida longa entre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.⁷⁶ Assim, para Orlandi (2000, p. 47), “a obra literária Nanetto Pipetta, por sua inserção e trajetória junto às comunidades ítalo-gaúchas, pode ser percebida como um importante registro da forma como a experiência migratória tem sido resgatada na memória coletiva dessas comunidades”. A publicação da década de 1920 torna-se importante também, para identificarmos as fronteiras entre *nós* e os *outros*, pois:

[...] as representações do processo migratório, entre as quais está àquela presente na narrativa Nanetto Pipetta, podem ser vistas como manifestações da maneira como as comunidades ítalo-gaúchas pensam a própria trajetória e como se definem, percebem e se diferenciam com relação a outros grupos, ou seja, a partir de que elementos é construída e afirmada a identidade das mesmas (ORLANDI, 2000, p. 13).

Então, através da análise da obra *Nanetto Pipetta*, é possível identificar as

⁷⁴ Em Porto Alegre, por exemplo, segundo Kersting, para afastar a população pobre de determinados espaços da cidade, “a política principal foi elevar os impostos sobre as habitações nas áreas que recebiam maior infraestrutura urbana, levando-se geralmente em consideração as ruas servidas por bondes ou pela rede de esgoto, bem como estabelecer multas sobre as moradias que não se enquadravam dentro dos regulamentos de higiene, que eram procuradas pela população de baixa renda, principalmente sobre cortiços” (KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. **Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)**. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 74).

⁷⁵ “Vida e história de Nanetto Pipetta: nasceu na Itália e veio para a América a procura do paraíso” [Tradução livre realizada pelo autor].

⁷⁶ ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul**. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000, p. 6-7.

características ou sinais que são reivindicados pelos *italianos* como sendo seus, para o estabelecimento das fronteiras entre os grupos. De acordo com Orlandi (2000, p. 98), o mito do imigrante é a base para a identidade étnica do grupo, pois, “em tais representações a raça italiana é caracterizada como um conjunto de atributos físicos e morais que definem o ser e o não ser italiano”. O conjunto de atributos físicos e morais valorizados por essa etnia são: a força física, o trabalho, a abnegação, a religiosidade, a capacidade de poupança, o apego à família e a terra. Dessa forma, “é possível compreender melhor os traços diacríticos através dos quais as comunidades italianas procuram afirmar a sua identidade e se diferenciar de outras coletividades, principalmente pela referência a origem comum e ao valor ao trabalho” (ORLANDI, 2000, p. 106). A obra ainda faz referências aos *outros*, ou seja, atribui características àqueles que não são italianos.

É possível, assim, através da obra de Aquiles Bernardi perceber como os *outros* eram percebidos pelos *italianos*. Em Nanetto Pipetta, os *outros* correspondem “basicamente ao negro e ao tipo identificado como gaúcho” (ORLANDI, 2000, p. 73). As personagens negras aparecem em três momentos na obra. No Capítulo XIX, *No rancho do seu Juca preto*, Nanetto encontra-se em apuros, fugindo de dois cães “furiosos” e acaba em cima de uma árvore pedindo por socorro. Quem chega para ajudar é “um baita negrão, possuidor de dois beiços grossos recurvados, de narigão largo e achatado, dois olhões brancos, cabelos curtos e encarapinhados, camisa em pandarecos, meio par de calças, facão na cintura e pistola enferrujada na mão” (BERNARDI, 1988, p. 91). Nanetto teme ser morto, mas acaba indo até o “casebre” do “negrão”. Lá conhece Maneca, “uma negra toda atarefada. Sua roupa seria branca, se fosse limpa! Seu cabelo aparecia com um pequeno cocó do tamanho de um ovo de pomba” (BERNARDI, 1988, p. 92). Ele tem dificuldades em se comunicar com o casal e acaba dormindo na casa. “Quando chegou a hora de deitar, arranjaram-se todos num miserável quartinho, [...]”. “Nanetto, porém, não dormiu absolutamente nada. Havia uma catanga insuportável, um cheiro nauseabundo, difícil de definir. Demais a mais donos do lugar eram os percevejos; e as pulgas rivalizam com eles” (BERNARDI, 1988, p. 93). Acordando antes dos “negrões” Nanetto foge pela mata no dia seguinte, sem nem mesmo agradecer pelo abrigo recebido.

Em outro momento, no Capítulo XXVII, *Dez mil-réis...*, Nanetto encontra-se com um mulato, também referido como negro, e caminham juntos até um local afastado no meio do mato: “Foi aí que o negro pediu a Nanetto um pouco de dinheiro”. Nanetto responde: “Se queres dinheiro, tens que trabalhar como eu” (BERNARDI, 1988, p. 126). O “negro” ameaça Nanetto com um facão, mas este consegue fugir. Aqui, percebe-se uma diferenciação em

relação ao trabalho. Nanetto aconselha o negro a trabalhar como ele para, assim, conseguir dinheiro. Por fim, personagens negras aparecem no Capítulo XXXVII, *Tem confiança, meu caro!* Nanetto, com a perna quebrada, recebe com desconfiança a visita de uma benzedeira. “A negra benzedeira não parava mais e, ainda, traçava sinais-da-cruz a torto e a direto, em todas as direções e de todo jeito” (BERNARDI, 1988, p. 166). Percebe-se na obra que aos *negros* são atribuídos diversos estereótipos negativos, além de serem ressaltados alguns aspectos fenotípicos, como por exemplo, o cabelo, o formato da boca, etc.⁷⁷ Para Orlandi (2000, p. 73), “a narrativa deixa transparecer que os negros sofreram um grande preconceito por parte dos colonos imigrantes. No texto eles são representados como sujos, criminosos e afeitos a feitiçarias”. Considero importante destacar também, a dificuldade de comunicação entre negros e *italianos* presente nos textos.

Assim, nos anos de 1910 e 1920 Caxias cresceu em vários sentidos. A economia da cidade cresce, beneficiada com a chegada da estrada de ferro, da energia elétrica e com a abertura de novas estradas. O capital acumulado pelos comerciantes passa a ser investido nas indústrias locais, entre elas, a vinícola, que com os auxílios concedidos pelos governos, em diversos níveis, conseguiu expandir sua produção. Além disso, o período da guerra propiciou o surgimento de novas indústrias e solidificou outras, como a metalúrgica, que abriu filiais fora do estado. Com isso o espaço urbano se ampliou e passou a abrigar de forma diversificada ricos e pobres. As diferenças entre os grupos que habitavam a cidade e aqueles que chegam, de forma mais intensa com o trem, são ressaltadas. Os *italianos* se consideram fortes, trabalhadores, religiosos e compartilham uma origem comum. Os *lusos* ou *portugueses* são tanoeiros, se diferenciam “pela origem étnica (...), pelos traços culturais e pelos objetivos” (KLEIN, 1984, p. 72). Já as mulheres do grupo “se distinguiam pelas roupas escuras, pelo lenço na cabeça e pelo inconfundível sotaque” (MACHADO, 2001, p. 141). A vontade de estar junto ao grupo e estabelecer laços de solidariedade é representada pela formação do Bairro Lusitano e pela fundação do Esporte Clube Lusitano, em 1927. Já os negros, que chegam de forma mais intensa no período, são vistos como “sujos”, “supersticiosos”, “criminosos”, sendo essas características estereotipadas, atribuídas pelos *outros*, que os diferenciavam dos demais grupos.

⁷⁷ Segundo Eric Hobsbawm, “a etnicidade ‘visível’ tende a ser negativa na medida em que é muito mais usada para definir ‘o outro’ do que o próprio grupo. Daí o papel proverbial dos estereótipos raciais (‘o nariz judeu’), a relativa cegueira dos colonizadores em relação às diferentes cores presentes naqueles considerados globalmente como ‘negros’ e a expressão ‘todos eles se parecem’ ao se referir a olhos puxados e pele amarela, o que é provavelmente baseado em uma visão social seletiva daquilo que se acredita ser comum ao ‘outro’” (HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 81).

2.3 EU SOU NEGRO E NÃO FALO ITALIANO

A presença negra na cidade de Caxias ficou evidenciada pela obra de Aquiles Bernardi, publicada na década de 1920. Porém, existem referências a presença dessa população em períodos anteriores, desde as décadas finais do século XIX. O fato é que essa população que chega à cidade timidamente, vai aumentando. Atraída pelo crescimento da importância econômica da cidade, onde a oferta de emprego aumenta, essa população vem em busca de uma vida melhor ou, quem sabe, para concretizar suas *visões de liberdade*.⁷⁸ As relações interétnicas se acentuam e a percepção de quem somos *nós* e de quem são os *outros* aflora de tal maneira que, no início da década de 1930, surgem as primeiras associações negras, de que se tem notícia, na cidade..

Mesmo não havendo estudos específicos sobre a população negra na cidade de Caxias, alguns autores apontam para a presença dessa população na região ainda no século XIX. Gardelin e Costa (1993, p. 216), informam sobre a morte da “pretinha Maria Joana Rech, filha adotiva de Ana Maria Pauletti Rech” que teria ocorrido em 1882. Os autores ainda informam sobre uma trabalhadora “mulata” do *Hotel XX de Setembro* que, em 1902, distraiu os pensamentos do italiano Adelchi Colnaghi.⁷⁹ Já em 1915, ainda segundo os autores, teria morrido em Caxias, aos 80 anos, Jaquito da Costa Feijó, um africano que veio para o Brasil em 1835, como escravo. Além dele, outra africana, chamada Maria José dos Santos, teria falecido em 1890.⁸⁰ Franco (1943, p. 255) em sua biografia sobre Abramo Eberle, faz referência a um amigo do biografado que teria falecido em 1941. O “preto velho Manoel Mendes dos Reis” participou da Guerra do Paraguai e, em Caxias, chegou a trabalhar “algum tempo” na Metalúrgica Abramo Eberle.

Além dessas, outras personagens negras da história de Caxias foram identificadas. Giron e Bergamaschi (1997, p. 104), através da análise de fotografias, encontram uma

⁷⁸ Tomamos esta expressão do historiador Sidney Chalhoub (CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990).

⁷⁹ Adelchi Colnaghi escrevia para o jornal *Stella d'Italia*, editado em Porto Alegre. Segundo Gardelin e Costa, ele fez do jornal “uma trincheira a favor de Caxias” abraçando a causa da construção da estrada de ferro. Sobre a “mulata” que distraiu pensamentos, ver: GARDELIN; COSTA, 1993, op. cit., p. 125.

⁸⁰ GARDELIN; COSTA, *Ibid.*, p. 229.

trabalhadora negra do *Hotel Bela Vista*⁸¹ em 1908 e, segundo as autoras, o fato “constitui uma prova que, após a abolição, os negros libertos passaram a procurar trabalho na região colonial”. As pesquisadoras se referem, ainda, a “Castorina Alves, que era uma mulata forte e disposta” proprietária de uma das mais afamadas *Casas de Banho*⁸² da cidade (1997, p. 100-101). É preciso considerar, também, a presença dos *tropeiros* na cidade, pois entre eles haviam muitos negros.⁸³ Além disso, não se pode desconsiderar o trânsito pela região de escravos e libertos. Weimer (2007, p. 26) localiza Damásio,⁸⁴ escravo ou ex-escravo, que “tinha acesso a cavalos e podia locomover-se de forma ampla e nem sempre vigiada nos Campos de Cima da Serra”. Outro caso, localizado pelo autor, é o dos cunhados André Guilherme da Silva e Pedro Felipe. Os dois foram “presos em Nova Trento [atual Flores da Cunha] no ano de 1888 pela tentativa de vender três vacas roubadas em São Francisco e uma novilha apropriada no caminho, [...]” (p. 48 e 124).

Os casos apresentados por Weimer e utilizados aqui, são exemplos da possibilidade de locomoção dos escravos e dos libertos pela região colonial. Além disso, como vimos anteriormente, alguns moradores dos Campos de Cima da Serra se fixaram em Caxias desde os seus primeiros anos de existência. É possível que tenham trazido consigo negros libertos

⁸¹ “O hotel de Luigia e Baptista teve vários nomes. Inicialmente conhecido como 'del Coggo', mais tarde foi chamado de Hotel do Grossi, passando a chamar-se Hotel Bela Vista após 1905” (GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. *Histórias de vida: a mulher no trabalho. Cadernos de pesquisa/Universidade de Caxias do Sul*, Caxias do Sul/RS, v. 5, n. 4, jul. 1997, p. 103).

⁸² Em entrevista, Aldo Migot, diz que como não havia água em abundância em Caxias no período, “era difícil tomar banho”. Castorina teria sua Casa de Banho próxima a uma nascente no *Burgo (Depoimento Aldo Migot*. Concedido ao AHMJSA em 02/10/2003. Acervo: AHMJSA). Segundo Giron e Bergamaschi, “as casas de banho se situavam próximo ao arroio do *Tega*. Grandes banheiras servidas por água corrente canalizada do rio constituíam um dos prazeres dos rapazes. A frequência, segundo informações, era semanal. Nos sábados à tarde, após o expediente, os homens se encontravam na casa de banhos. A mais afamada era de propriedade de Castorina Alves, que era uma mulata forte e disposta. Segundo outras informações, as casas de banho teriam um caráter semelhante às casas de massagem atuais” (GIRON; BERGAMASCHI, 1997, op. cit., p. 100-101). Já Machado, ao entrevistar José Sassi, esse lhe informa que as Casas de Banho “eram casas de conceito, sem qualquer conotação depreciativa, de boas instalações, tanto é que quando fui à Europa, na época do Juscelino, encontrei em Paris casas de banho obedecendo ao mesmo sistema que as nossas, mais chiques, mais bem instaladas, mas era o mesmo sistema. Aqui as pessoas costumavam, aos sábados, ir tomar banho e depois iam para casa” (MACHADO, 2001, op. cit., p. 274). Dessa forma, as informações sobre essas casas são, de certa forma, contraditórias. Para alguns eram espaços para se tomar banho, possivelmente, devido aos problemas de abastecimento, para outros, existe a possibilidade dessas casas serem espaços para a prática da prostituição, como induzem Giron e Bergamaschi.

⁸³ Ver depoimento de Rovílio Costa concedido a Giron e Herédia, onde o depoente, recordando de sua infância, diz que os tropeiros que ficavam na casa de pouso de sua família eram “todos negros”. Rovílio Costa, segundo as autoras, “é um dos mais prolíferos analistas da colônia italiana e um de seus paladinos. Ninguém como ele preservou, publicou e apoiou pesquisas sobre as colônias, os colonos e as suas famílias. Ao longo de mais de trinta anos, publicou por meio da EST mais de dois mil títulos sobre a imigração italiana e outras imigrações” (GIRON; HERÉDIA, 2005, op. cit., p. 11, 65-93).

⁸⁴ Damásio era originário de Morro Alto, da fazenda dos Marques. Estava em cima da serra, onde seus senhores ou ex-senhores também possuíam terras (WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Os nomes da liberdade: experiências de autonomia e práticas de nomeação em um município da serra rio-grandense nas duas últimas décadas do século XIX**. 317 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007, p. 26).

para a realização das mais variadas atividades. Dessa forma, no caso dos libertos, além da circulação, é possível que tenham se fixado em Caxias e região, já que, não era permitida a presença de escravos durante o período colonial (1875-1884). Esse pode ser o caso das funcionárias dos hotéis *XX de Setembro* e *Bela Vista*, citadas anteriormente. A possibilidade fica mais evidente com os números de *pretos* e *pardos livres* em Vacaria, São Francisco de Paula de Cima da Serra e Sant'Anna do Rio dos Sinos⁸⁵ em 1872, três anos antes da chegada oficial dos imigrantes à Colônia Caxias.

TABELA 1
POPULAÇÃO NEGRA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA DE CIMA DA SERRA,
SANT'ANNA DO RIO DOS SINOS E N. S. DE OLIVEIRA DA VACCARIA (1872)

LOCALIDADE	PRETOS E PARDOS LIVRES ⁸⁶	ESCRAVOS	CABOCLOS	BRANCOS	TOTAL
Paróquia de São Francisco de Paula de Cima da Serra	1.431	1.070	313	2.712	5.526
Paróquia de Sant'Anna do Rio dos Sinos	656	599	76	2.180	3.511
Paróquia de Nossa Senhora de Oliveira da Vaccaria	1.199	792	120	3.589	5.700

Fonte: Recenseamento Geral da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – 1872, IBGE, disponibilizado on-line em: <http://ich.ufpel.edu.br/economia/conteudo.php?pagina=15> <acessado em: 22/10/2007>

Ou seja, São Francisco de Paula de Cima da Serra, Sant'Anna do Rio dos Sinos (que depois passou a se chamar São Sebastião do Caí) e Vaccaria, possuíam, em 1872, uma população total de 14.737 pessoas, dessas, 42,45 % (6.256) indivíduos eram descritos como *não-brancos*, sendo 5.747 negros escravos ou libertos. Considero importantes esses números, pois essas localidades são próximas de Caxias e, como vimos, existia uma ligação entre elas, através, por exemplo, do comércio. Assim, alguns dos habitantes negros de Caxias, conforme os números do recenseamento de 1890,⁸⁷ podem ser originários dessas localidades próximas, onde houve exploração da mão-de-obra escrava.

⁸⁵ Hoje município de São Sebastião do Caí.

⁸⁶ Pretos e pardos livres calculados desta forma: pretos + pardos - escravos.

⁸⁷ Os números apresentados pelo Censo de 1890 são questionados por alguns autores. Os números referentes a Caxias são questionados por Stormowski. Mesmo com problemas, considero importante a referência a presença negra em Caxias nessa data. Ver: STORMOWSKI, op. cit., p. 31.

TABELA 2
POPULAÇÃO NEGRA EM CAXIAS, SÃO FRANCISCO DE PAULA DE CIMA DA SERRA, SÃO SEBASTIÃO DO CAHY E VACCARIA (1890)

LOCALIDADE	PRETOS	MESTIÇOS	BRANCOS	CABOCLOS	TOTAL
Caxias – Santa Thereza de Caxias	33	27	18.442	4	18.506
São Francisco de Paula de Cima da Serra	903	1.813	6.235	646	9.597
São Sebastião do Cahy	206	324	7.376	35	7.941
Vaccaria – N. S. da Oliveira de Vaccaria	981	3.003	8.394	1.303	13.681

Fonte: Recenseamento Geral – 1890, IBGE, disponibilizado on-line em:

[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/visualiza_colecao_digital.php?titulo=Sexo, raça estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890&link=Sex_raca_est_civil_Nac_1890](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/visualiza_colecao_digital.php?titulo=Sexo,%20ra%C3%A7a%20estado%20civil,%20nacionalidade,%20filia%C3%A7%C3%A3o,%20culto%20e%20analfabetismo%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20recenseada%20em%2031%20de%20dezembro%20de%201890&link=Sex_raca_est_civil_Nac_1890) <acessado em 25/11/2007>

Outro fator que contribuiu para o aumento da população negra na cidade, além do seu desenvolvimento econômico, foi a instalação do *9º Batalhão de Caçadores* (9º BC) durante a década de 1920. Em abril de 1922 foi iniciada a construção do quartel, que foi concluída em 1923. Mas, somente em 1927 é que foram ocupados pelo 9º BC, que é originário do *26º Batalhão de Infantaria* de Pelotas/RS.⁸⁸ A instalação do exército é significativa, pois, segundo Lavra Pinto,⁸⁹ “com a vinda do batalhão (e vieram muitos rapazes de cor, de Pelotas), além de decrescer o uso do italiano, de entrar em sentimento nacional mais acentuado, melhorou a atitude para com os de cor” (AZEVEDO, 1994, p. 93). Através desse depoimento, percebe-se que foi significativa a chegada de negros com o Batalhão, sendo que alguns deles, como veremos, serão fundadores do *Clube Gaúcho*. Destaca-se, também, o indício de que as atitudes da população local com os negros não eram as melhores. Será que todos os negros foram beneficiados com essa melhora nas atitudes, ou só aqueles ligados ao exército a mereciam? Além disso, o depoimento informa sobre o uso do dialeto durante o final da década de 1920, quando da chegada do 9ª BC.

A vinda dos militares também contribuiu para o aumento da população urbana do município. A cidade crescia ao ritmo do seu desenvolvimento econômico. Pois, mesmo com as dificuldades decorrentes da *Revolução de 1923* e, posteriormente, com a crise mundial de 1929, a década de 1920 foi importante para a economia do município, possibilitando que os períodos de crise não fossem sentidos tão intensamente. Houve, no período, uma “modernização tecnológica das indústrias locais, através da presença de equipamentos novos

⁸⁸ Sobre a instalação do 9º BC consultar: ANTUNES, Duminiense Paranhos (org). **Caxias do Sul**: a metrópole do vinho. Caxias do Sul, RS: Livraria Mendes, 1957, p. 82 e *3º Grupo de Artilharia Antiaérea*, disponível on-line em: <http://www.exercito.gov.br/060Ms/Artilhar/Antiaere/3gaaae/indice.htm> <acessado em: 12/04/2007>

⁸⁹ Lavra Pinto é um dos informantes de Thales de Azevedo. Concedeu entrevista ao pesquisador em 01/02/1955. Era funcionário da Coletoria Estadual, aposentado, poeta, católico e de família tradicional.

importados da Europa, especialmente da Itália, possibilitando que enfrentassem com êxito a concorrência com São Paulo, [...]” (MACHADO, 2001, p. 237-238). Além disso, havia em Caxias uma mão-de-obra abundante e barata.⁹⁰ A cidade, cada vez mais, atrai trabalhadores, como pode ser observado abaixo, através do crescimento da população urbana:

TABELA 3
POPULAÇÃO URBANA – CAXIAS DO SUL 1930/40/50

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA
1930	32.622	9.975
1940	39.677	20.123
1950	58.594	36.742

Fonte: MACHADO, 2001, op. cit., p. 211; Censos Demográficos IBGE de 1940 e 1950.

Conforme a tabela, de 1930 para 1940 a população urbana da cidade cresce mais de 100%, havendo ainda, um significativo aumento da população entre os anos 1940 e 1950. A partir de 1930, com Getúlio Vargas na presidência, outros incentivos são oferecidos pelo governo federal e estadual. Nomeado interventor federal no Rio Grande do Sul, Flores da Cunha (1930-1937), “concedeu empréstimos aos setores da agropecuária atingidos pela crise. No que diz respeito à indústria, o maior apoio do governo foi dado para aquelas que eram consideradas 'naturais', por beneficiarem matéria-prima local: [...]” (PESAVENTO, 2002, p. 108). Com isso, houve um crescimento na produção em Caxias, que incrementou “as atividades industriais e comerciais que ultrapassaram sua capacidade produtiva e, conseqüentemente, aumentaram o nível de exigência de energia elétrica e de transportes, pela falta de usinas, de estradas e de comunicações” (MACHADO, 2001, p. 260). Nesse período, “as principais indústrias eram a têxtil, a metalúrgica, a de madeiras e a de alimentos” (HERÉDIA, 1993, p. 49).

Além disso, a partir do início da década de 1930, começa a ser organizada na cidade a *Festa da Uva*. Anteriormente, já haviam ocorrido algumas feiras e exposições agro-industriais, inclusive para comemorar o cinquentenário da imigração, sendo realizadas com iniciativa da Intendência. A Festa da Uva, ao contrário, é assumida pelas lideranças empresariais, que escolhem a uva como símbolo da festa, já que ela “e o vinho eram os produtos que lideravam as atividades econômicas: produção agrícola no caso da uva e as exportações no caso do vinho” (MACHADO, 2001, p. 238). A primeira festa foi realizada em 1931 e não demorou para que ela passasse a ser uma vitrine importante para outros produtos produzidos na cidade. Segundo Machado (2001, p. 247), “os efeitos da Festa se fizeram sentir

⁹⁰ MACHADO, 2001, op. cit., p. 238.

no mercado através do aumento das exportações de alguns produtos locais, como é o caso do vinho”. Para Giron e Bergamaschi (2001, p. 146-147), a Festa da Uva começa a ser organizada em um período que o setor vinícola deixa de dominar a produção e afirmam que, desde o início ela teve um caráter industrial, sendo os industriais os maiores beneficiários, “visto que as Festas da Uva serviram como mostra da produção da indústria local”. Já Ribeiro (2002), acredita que através da Festa novas relações foram estabelecidas com a capital do estado e com outros municípios, mas avança, dizendo que a importância do evento vai além dos fatores econômicos. Segundo a autora, a Festa procura:

demonstrar e ilustrar um tema central, já formulado por um cronista quando da realização da primeira Festa da Uva: *mostrar quem somos e o que fazemos*. De certa forma, mostrar *o que somos* por meio de *o que fazemos*, não apenas no presente, mas no decorrer de toda uma história: *o que vimos sendo, o que vimos fazendo*, como elementos que foram construindo uma identidade. Ou seja, a cada novo momento da vida da comunidade, com a introdução de novas variáveis na situação, torna-se necessário construir, ou reconstruir a imagem da própria identidade. A resposta, a demonstração e a ilustração do tema *quem somos e o que fazemos* dirigem-se aos outros, aos que não integram a comunidade local, para que saibam quem é essa gente que vem de outro país para ser brasileiro. Mas elas se dirigem, também, se não acima de tudo, à própria comunidade, para que ela se conheça, saiba quem é e o que faz, ou saiba quem é vendo o que faz e, dessa forma, possa situar-se no contexto mais amplo da sociedade em que vive (RIBEIRO, 2002, p. 21).

Dessa forma, a Festa contribui para que se (re)construa uma identidade *italiana* na década de 1930, contribuindo também, para que os *outros* grupos percebam aquilo que não são e, também, (re)construam sua própria identidade. A Festa rememora o passado de uma parte da população caxiense, não de toda ela. Pode ser pensada como uma Festa onde se sentem incluídos os *italianos*, ficando excluídos outros grupos que não compartilham da mesma memória. Os promotores da Festa de 1932, buscavam através dela afirmar a própria identidade, buscavam mostrar aos *outros* brasileiros que eram diferentes. Ou ainda, como diz Ribeiro (2002, p. 147), “a Festa da Uva havia sido o evento unitário que serviria, na década de [19]30, para identificar os habitantes de Caxias e de toda a região, como brasileiros descendentes de imigrantes italianos”. Essa afirmação é fundamental para pensarmos a construção das identidades dos *outros*, pois é negando a *italianidade* que os grupos diferentes irão (re)construir as suas identidades, como é o caso do grupo negro.

Como vimos anteriormente, a obra *Nanetto Pipetta* é uma das poucas que permite uma percepção de como a população negra era vista naquele período. Na década de 1930 essas informações são escassas, mas é possível fazer algumas observações a partir de alguns textos publicados no jornal *O Momento*, por exemplo. Em 1934, na coluna *Coisas da Cidade*, o texto

O “*Pai de Santo*”, narra uma investida policial para captura de um “sujeitinho feio” que “reunia muita gente e curava tudo”.⁹¹ Os policiais o encontraram “numa rua escura, nas proximidades de um pântano, [n]um casebre de pretos”. Quando o delegado bateu na porta, “surgiram negrinhas sujas [e] desconfiadas”. Além de “feio”, João Ambrósio, “o santo”, tinha “a boca aberta [e] a língua pendente”, sendo “horrível a deformidade”. Foi recolhido a delegacia e no dia seguinte “desinfetou” o município. Percebe-se que as características atribuídas a população negra, nessa narrativa, não diferem muito daquelas apresentadas pela obra *Nanetto Pipetta*. Assim, os negros continuam sendo “sujos”, “feios” e praticantes de “rituais de cura”. Também, através dessa mesma narrativa, temos indícios da concretização da divisão do espaço da cidade entre a população mais abastada e a pobre, referida anteriormente. Pois, para chegar ao local onde morava, aparentemente, uma família pobre e negra, a polícia teve que utilizar uma “canoa”, para seguir até o “subúrbio da cidade”. A suposta família, morava em uma rua “escura, nas proximidades de um pântano”, ou seja, longe do centro e das zonas privilegiadas.

Já em 1936, o mesmo jornal pergunta: *Quem Matou a Preta?*⁹² Buscava-se descobrir o autor ou autora do crime que tinha como vítima uma “preta muito conhecida nesta cidade, [que andava] quase sempre já acompanhada de sua boa dose de 'cana””. Em outras edições, o jornal informava sobre assaltos, assassinatos e desordens, muitas vezes indicando a “cor” dos envolvidos. Na edição de 22 de junho de 1933,⁹³ o jornal informa que “foram presos” por “desordens, dois homens “de cor mixta”, um brasileiro outro argentino e, outro “mixto”, por ter “roubado”. Percebe-se, nos textos aqui selecionados, que ainda são atribuídas aos negros e negras aquelas características estereotipadas que já foram percebidas através da obra *Nanetto Pipetta*.

Ou seja, parece que nos jornais se adjetivava os indivíduos racialmente quando eles cometiam algum crime. A atitude transgressora anula a invisibilidade da população negra, que se torna visível apenas quando seus membros se envolvem em rixas, assassinatos ou outros comportamentos inadequados.⁹⁴ Essas características são acionadas quando o *outro*, e aqui esses *outros* são os negros, são percebidos como diferentes. A percepção se dá, a princípio, a partir de traços fenotípicos variados, como: cor da pele, formato da boca ou nariz, cabelo etc.

⁹¹ *O Momento*. Caxias do Sul, 28/06/1934, n. 71. Acervo: AHMJSA.

⁹² *O Momento*. Caxias do Sul, 17/02/1936, n. 157. Acervo: AHMJSA.

⁹³ *O Momento*. Caxias do Sul, 22/06/1933, n. 19. Acervo: AHMJSA.

⁹⁴ Pesavento realizando pesquisa em jornais considera que “roubo e embriaguez eram práticas nas quais os pretos e pardos compareciam com frequência, sempre nomeados pela sua cor” (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: FAPERGS, 1989, p. 82).

Essas características são estigmas,⁹⁵ aqui entendidos como “marcas exteriores”. Através dessas marcas os indivíduos são, automaticamente, percebidos como diferentes e pertencentes a *outro* grupo, no caso o negro. A partir disso, esses estigmas/marcas são relacionados a estereótipos atribuídos a população negra em geral.

Muitos desses estereótipos possuem, de certa forma, uma fundamentação nas teorias racialistas do século XIX. Isso não quer dizer, porém, que as pessoas justifiquem a utilização dessas características através de um embasamento teórico. Mas, como diz Guimarães (2005, p. 67), essas doutrinas científicas, que são “baseadas numa idéia biológica errônea”, socialmente são eficazes para construir, manter e reproduzir diferenças. Assim, no caso específico da população negra, não se pode esquecer que os estereótipos atribuídos a sua etnia são reflexos de uma construção social do que é “ser negro”, baseada, muitas vezes, em teorias que pregavam sua inferioridade biológica, cultural e moral. A “vitalidade” das teorias racialistas pode ser percebida, em Caxias, na década de 1930, através do texto *Raça*, assinado por “T”. O autor compara à variedade de raças de cães a variedade de raças humanas. Para ele, no caso dos cachorros, “uns servem para auxiliar o homem na captura de criminosos, outros para caçar, outros para pedir auxílio do pastor em favor de uma ovelha perdida e ferida, outros para montar guarda em propriedades”. No caso da humanidade, “cada raça tem suas qualidades peculiares, quer seja sob o ponto de vista físico, quer seja sob o ponto de vista moral”.⁹⁶

Assim, a “feitura” atribuída aos negros em Caxias está presente nos escritos de pensadores racialistas como Gobineau. Todorov (1993, p. 143), ao analisar sua obra, observa uma “equivalência entre 'beleza' e 'tipo europeu’”, percebendo ainda, que Gobineau “se contenta em medir a maior ou menor distância que separa as outras raças desse ideal: [...]”. Resumindo, para Gobineau, “a raça branca possuía originalmente o monopólio da beleza, da inteligência e da força” (*apud* TODOROV, 1993, p. 144). Todorov percebe esse ideal de beleza, branco europeu, em outros autores, como Buffon e Meiners. Esse último chegou a classificar as raças em duas: “A *bela*, quer dizer, a raça branca, e a *feia*, que englobariam todas as outras” (TODOROV, 1993, p. 143). A respeito da suposta “sujeira” da população negra, que pode estar relacionada a situação de pobreza dessa população, também pode ser entendida como uma característica atribuída a suposta inferioridade dessa população. Segundo

⁹⁵ Segundo Goffman “os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava” (GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 11).

⁹⁶ *O Momento*. Caxias do Sul, 02/05/1938, n. 269. Acervo: AHMJSA.

Guimarães (2005, p. 49), “a condição de pobreza dos pretos e mestiços, assim como, anteriormente, a condição servil dos escravos, era tomada como marca de inferioridade”.

A idéia que liga os negros com o crime também pode ser observada nas produções intelectuais nos anos finais do século XIX e início do XX. Nesse aspecto deve-se destacar a figura de Cesare Lombroso. Segundo Kersting (1998, p. 85), Lombroso era “influenciado por técnicas de frenologia e antropometria, [e] formulou sua teoria sobre o criminoso nato, segundo a qual a criminalidade de uma pessoa poderia ser prevista pelo seu tipo físico e também determinada pela hereditariedade (*atavismo*), [...]”. As teorias de Lombroso sobre a população negra e mestiça, fazem com que ela seja “vista como racialmente inferior e naturalmente criminosa” (KERSTING, 1998, p. 86). Dessa forma, se explica o medo, sentido por *Nanetto Pipetta*, de ser morto ou assaltado pelos negros que encontra. Para Guimarães (2005, p. 222), o fenômeno de “estereotipia negativa dos traços somáticos negros fundamenta o mecanismo de 'suspeição policial', que torna os negros as vítimas preferenciais do arbítrio dos policiais e dos guardas de segurança, [...]”.

Já o alcoolismo, representado pela “preta” que estava “quase sempre acompanhada de uma boa dose de cana”, também foi relacionado a população negra. Domingues (2004a, p. 54) constatou que na obra *O Brasil do Século XX*, do francês Pierre Denis, “o negro era representado, acima de tudo, como um cachaceiro”. Ainda segundo Domingues (2004a, p. 54), este estereótipo “assolou negativamente a imagem e auto-imagem do negro”. Quanto a prática de “benzeduras”, “curas” e “rezas”, eram geralmente identificadas como de gente “inferior”, “supersticiosa”. As religiões de origem africana eram tão malvistas, que somente a partir de 1938 puderam ser praticadas sem uma possível interferência policial. Segundo Arantes (2005, p. 124),

a repressão aos ditos *feiticeiros* vinha desde os tempos da Corte, agravando-se na conjuntura da Lei de 1871. Mas o Brasil, com a Proclamação da República, passou a ser um Estado Laico, onde era garantida por lei a legitimidade de todas as religiões. Dessa forma, foi necessário agir nos meandros da lei para garantir a repressão aos ditos *feiticeiros*, contra os quais era aplicada a lei contra práticas de medicina ilegal, ou curandeirismo. Os rituais de cura realizados pelos pais e mães-de-santo – os *feiticeiros* – passam a ser considerados, tais como a vadiagem e a embriagues, uma contravenção e reconhecidas como “práticas de magia e falsa medicina”. Dispositivos legais são criados para definirem as religiões de origem africana como *perigosas à saúde e contrárias à moral pública*, tornando frequentes as investidas policiais que violavam os templos e terreiros, invadiam casas e prendiam líderes e fiéis.⁹⁷

⁹⁷ Ver também: MAGGIE, Yvonne. **O medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

Até aqui, vimos como os negros eram vistos pelos *outros*. A maioria dos sinais diferenciadores eram embasados em estereótipos, usados de forma geral para toda a população negra. Mas como o negro, em Caxias, se vê? Essa é uma pergunta difícil de responder, principalmente, pela falta de documentação elaborada pelos próprios negros neste período na cidade. Mas, existe um indício de como seria esta auto-percepção.

Em fevereiro de 1938, Zé Bugre, escreve um texto que é publicado no jornal *O Momento*. É preciso, porém, antes de relatar o que disse o “negro” Zé Bugre contextualizar sua fala. Assim, cabe lembrar, que, nesse período, suspeita-se que os imigrantes italianos e descendentes estariam ligados ao fascismo de Mussolini. Eles passaram a ser vistos e, muitos se viram, como “italianos no exterior”. Diversos eram os “imigrantes tutelados” na cidade e região, “dispostos a levar adiante um projeto político nacional: a expansão do fascismo” (GIRON, 1994, p. 82). Segundo Bertonha (1998, p. 247-248),

desde os inícios de suas atividades, o Partido Fascista (e depois, o governo fascista) procurou transferir seus ideais para seus concidadãos residentes no exterior. Nesse sentido foi feito todo um esforço no sentido de manter viva a italianidade entre os imigrantes e seus descendentes e de inculcar a ideologia fascista entre eles, de forma a manter os laços entre as comunidades italianas espalhadas pelo mundo e a Itália fascista.

Assim, em Caxias, a Igreja Católica, a imprensa e a educação auxiliam na divulgação da política fascista. Isso ocorre, na cidade, até a aproximação da Itália fascista com a Alemanha nazista. Em 1938, quando ocorre essa aproximação, começa a ser realizada, pelos jornais *O Momento* e *A Época*, uma campanha de conscientização que “continha um chamamento para que os descendentes de italianos se conscientizassem do fato que 'quem vive no Brasil deve ser brasileiro', e um apelo para [aqueles] que defendiam o fascismo deixasse[m] de fazê-lo” (GIRON, 1994, p. 121).

Além disso, em 31 de outubro de 1937, é publicado na *Domenica Del Carriere*, suplemento ilustrado do *Correio De La Sera* editado em Milão, um artigo do Dr. Alfredo Mazzei,⁹⁸ professor de enologia e viticultura, que havia visitado Caxias em setembro daquele ano. Nesse artigo, *Um Picolo Veneto Nel Brasile*, Caxias é vista como uma “pequena Itália” dentro do Brasil. Segundo o artigo, 95% da população da região é de italianos, e “o dialeto vênето é entendido pelos brasileiros e o falam até os negros”. O Professor Mazzei continua e diz:

⁹⁸ O artigo foi traduzido e publicado no jornal *O Momento*. Caxias do Sul, 21/02/1938, n. 259. Acervo: AHMJSA.

Nenhuma colônia italiana no mundo apresenta a característica de densidade étnica como esta nessa colônia, a qual conservam também em alto grau o sentimento de italianidade, porém cumprindo sempre os deveres de hospitalidade que devemos ao cavalheiresco povo gaúcho o qual graças a sua tradicional benevolência para com os italianos permitiu a nossa colônia conquistar um admirável grau de prosperidade econômica.⁹⁹

Destacam-se as referências a “densidade étnica” da cidade e região, a preservação do “sentimento de italianidade” e a idéia exposta pelo autor sobre a “nossa colônia”, ou seja, a colônia da Itália. Com o exemplo, percebe-se, claramente, a idéia de “italianos no exterior”, que incomodou os colaboradores do jornal *O Momento* em Caxias. É neste contexto que vai ser publicada pelo jornal a nota do “negro” Zé Bugre. Diz ele, contestando o texto do Professor Mazzei:

[...] “95 per cento da população de Caxias é italiana!...” que sacrilégio... só por isso merece o Inferno de “Dante”. Qualquer criança sabe, que a população de Caxias, é composta de 90% de brasileiros.
 “Até os 'negros' falam italiano...” engraçado “seu” Mazzei; eu sou “negro” não falo patavina de italiano, conheço inúmeros “negros” nenhum fala italiano. Todos falam a mais bela língua do mundo, a nossa língua, desta terra santa e gloriosa, porque acima de tudo somos brasileiros nosso maior orgulho.¹⁰⁰

Aqui fica a dúvida: Zé Bugre existia e era negro? Zé Bugre é um personagem criado pelos editores do jornal para combater a idéia de que Caxias é uma pedaço da Itália, informando sobre a presença negra? Zé Bugre seria um pseudônimo? A discussão continua e João Spadari Adami¹⁰¹ vai continuar fazendo críticas ao artigo do Professor Mazzei, o que seria um indício a respeito da não necessidade de se “esconder” para fazer críticas ao artigo. Isso pode confirmar a existência do negro Zé Bugre. Mas indo além da questão, se este jornalista que usava o pseudônimo Zé Bugre existia ou não, vale pensarmos sobre o uso desta denominação naquele específico contexto histórico. Assim, este texto jornalístico não seria uma tentativa de resposta/inserção ao processo de nacionalização que ocorria no país? O texto do Mazzei parece deslocado no tempo, se considerarmos o que acontecia em Caxias. Porém, na Itália, onde o texto foi publicado originalmente, ele era visto como uma resposta positiva a política adotada, pois, estaria dando resultados. Considerando a polêmica surgida em Caxias, esse texto, aparentemente, é uma resposta nacionalista ao Professor Mazzei. Haveria algo mais nacional do que um negro com apelido indígena, Zé Bugre?

Mas, deixando essa questão de lado, o importante é o estabelecimento de fronteiras

⁹⁹ *O Momento*. Caxias do Sul, 21/02/1938, n. 259. Acervo: AHMJS. Mantida a grafia original.

¹⁰⁰ *O Momento*. Caxias do Sul, 14/02/1938, n. 258. Acervo: AHMJS. Mantida a grafia original.

¹⁰¹ Ver: *O Momento*. Caxias do Sul, 21/02/1938, n. 259; 28/02/1938, n. 260. Acervo: AHMJS.

que o texto faz. Ao dizer que é negro, Zé Bugre busca se distanciar e se diferenciar da população branca italiana. Depois, busca essa diferenciação e afastamento a partir da língua que fala. O não falar italiano aparece como um dos sinais diferenciadores entre os grupos. O mesmo foi percebido na obra *Nanetto Pipetta*, onde ficam evidentes as dificuldades de comunicação entre os negros e os italianos. Dessa forma, a questão a respeito da existência ou não de Zé Bugre, e se ele é negro ou não, fica em segundo plano. O importante é a delimitação das fronteiras entre os grupos, evidenciadas no texto, onde se destaca o “não falar italiano”.

O uso do italiano se manteve por muito tempo e, até hoje, são percebidos sotaques e expressões que permitem identificar os descendentes dos imigrantes. O modo de falar foi “preservado” através das escolas italianas criadas na região. Muitas delas funcionavam junto as sociedades italianas, como a *Principe di Napoli*, fundada em 1887 e localizada, em 1934, na rua Pinheiro Machado, 2.297.¹⁰² Segundo Possamai (2005, p. 95), essas sociedades, além de ensinar o *italiano*, “tinham como objetivo manter vivo entre os imigrantes e seus descendentes o sentimento de italianidade. Em busca desse objetivo promoviam a comemoração das datas nacionais italianas e o culto à memória da família real e dos heróis da península”. Não é a toa, que essas sociedades serão também as maiores “propagandistas” do fascismo na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Com a diminuição das escolas italianas durante a década de 1920 e com seu fechamento em 1938, a fala e o ensino do *italiano* se deu em ambiente familiar.¹⁰³

É nessa década de tantas mudanças e agitações políticas, que vão surgir as primeiras associações negras na cidade de Caxias. Entendo esse associativismo, como consequência de uma (re)construção da identidade étnica do grupo negro. Busquei, no decorrer do capítulo, apresentar uma Caxias composta por populações de diversas origens, o que possibilitou que ocorressem as (re)construções de identidades étnicas. Desde seus primórdios, Caxias teve uma população de maioria branca de origem italiana, mas que nunca foi totalidade. Sempre estiveram presentes os *outros*: os boêmios, os alemães, os lusos, os negros etc. Já na chegada, os imigrantes passaram a ressaltar os sinais que os diferenciavam das outras populações, construindo um “modelo” daquilo que eram. A religião, a língua, as roupas, a origem, foram alguns dos fatores acionados em momentos diversos para manifestar a pertença a um grupo. Na década de 1930 novas reconstruções. A Festa da Uva passa a ser uma forma de rememoração onde são expostas as diferenças, onde os imigrantes e descendentes mostram as

¹⁰² POSSAMAI, 2005, op. cit., p. 94 e 103; GIRON, 1994, op. cit., p. 101.

¹⁰³ GIRON, *Ibid.*, p. 104.

características que os unem, que fazem deles um grupo. A demonstração dos símbolos que fazem de alguém um *italiano* é tão forte, que vai contribuir para que os outros grupos se identifiquem, a partir do seu não pertencimento ao grupo *italiano*.

Esse é o caso do grupo negro caxiense. Esse grupo é visto como diferente. São-lhe atribuídas características estereotipadas, como vimos na obra *Nanetto Pipetta*, na década de 1920, e nos jornais na década de 1930. Essas atribuições, elaboradas pelos *outros*, contribuem para a fixação das fronteiras entre os grupos, definindo o que é ser negro a partir da visão do *outro*. Porém, existem diferenças que são reivindicadas pelos próprios negros, como por exemplo, aquelas apontadas por Zé Bugre. Ele não é italiano porque é negro, ou seja, possui características físicas que o diferenciam. Vai além, dizendo que não faz parte daquele grupo porque não fala “patavina” de italiano. Dessa forma, as diferenças vistas por ele, além de físicas são culturais. Ser negro em Caxias é ter uma origem que difere da dos *italianos*, é ser diferente fisicamente e culturalmente, rejeitando a fala do italiano. E mesmo aqueles que falam, citados pelo Professor Mazzei, não precisam ser necessariamente considerados “mais italianos” e “menos negros”, pois como dizem Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 156), “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto”.

Assim, o grupo negro construiu sua identidade étnica na relação com os *outros*. Identificou quem são *eles* percebendo as diferenças existentes. Sua origem, sua cor, seu jeito de falar, são algumas das características que o diferenciam. Essa auto percepção, contribuiu, em parte, para que o grupo criasse associações para negros em Caxias, onde já havia associações de italianos e lusos. Com isso, busca estar entre os seus, fortalecendo os vínculos entre o grupo para a interação. Dessa forma, considero o grupo negro caxiense, associado, um *grupo étnico*.¹⁰⁴ Pois, de acordo com Barth (1998, p. 194), “na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional”. Opto em classificar o grupo como étnico e não racial, mesmo que em alguns momentos características fenotípicas, “raciais”, sejam reivindicadas para estabelecer as diferenças. Nesse sentido, Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 151), lembram que, freqüentemente, “índices fenotípicos [são] utilizados para discriminar indivíduos sem que o grupo ao qual pertencem seja identificado como um grupo 'racial’”.¹⁰⁵ Além disso, neste caso, a opção se deveu ao fato de que para fazer parte do grupo,

¹⁰⁴ Sobre *grupo étnico* ver: *O que é um grupo étnico?* (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, op. cit., p. 55-84)

¹⁰⁵ Sobre o debate a respeito do uso de “raça” ou “etnia” ver: (GUIMARÃES, 2005, op. cit., p. 21-74).

as características físicas, como veremos, não bastam.

O grupo étnico negro, associado ao Clube Gaúcho elabora projetos para a interação, tendo como objetivo afastar dele aquelas características estereotipadas que lhe são atribuídas, como: “sujo”, “criminoso”, “desordeiro”, “feio” etc. Pois, “na medida em que numa sociedade pluralista, os indivíduos conhecem a existência e o conteúdo dos estereótipos que os [outros] têm sobre eles, orientam-se nesse mundo de estereotipia tentando afastar os realces que lhe são perigosos e promover aqueles que são vantajosos” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 168-169). Assim, através do Clube, o grupo étnico negro de Caxias, buscará a construção de uma identidade valorativa, que o distancie dos estereótipos. Neste sentido, o associativismo negro constantemente *dialoga* com o preconceito de que são vítimas seus organizadores.

2.4 PRESENTES MAS INVISÍVEIS

Antes de encerrar, volto a questão da chegada a fixação da população negra na cidade. Vimos que existem indícios a respeito dessa presença desde os períodos iniciais, ou seja, quando Caxias ainda estava em sua fase colonial. Neste capítulo busquei evidenciar o desenvolvimento econômico da cidade e a conseqüente geração de empregos, o que, supostamente, aumentaria o poder de sedução sobre essa população. Na década de 1930, observa-se certa insistência em “insignificar” e/ou “invisibilizar” a população negra da cidade através, por exemplo, da coluna *Mentiras*, escrita com ironia e publicada no jornal *O Momento*. A coluna, publicada em 28 de março de 1938, por exemplo, traz a seguinte frase: “O Negus! Reconquistou a Abissínia, tendo requisitado forças da negrada de Caxias...”.¹⁰⁶ Em outra edição diz: “Vae ser fundada em Caxias uma escola de samba. Muita gente está interessada”.¹⁰⁷ Em uma coluna intitulada *Mentiras* é evidente a tentativa do autor de evidenciar a pequena população negra da cidade, que não teria “força numérica” para ajudar a reconquistar a Abissínia e nem para fundar uma escola de samba. Esses exemplos demonstram um dos mecanismos utilizados para “invisibilizar” o negro, ou seja, “não é que o negro não seja visto, mas sim que *ele é visto como não existente*” (LEITE, 1996, p. 41). Para dar visibilidade a presença negra na cidade, contei com o auxílio dos números do censo.

¹⁰⁶ *O Momento*. Caxias do Sul, 28/03/1938, n. 264. Acervo: AHMJSA.

¹⁰⁷ *O Momento*. Caxias do Sul, 04/04/1938, n. 265. Acervo: AHMJSA.

Vimos que Caxias já possuía uma diminuta, mas visível, população negra em 1890. Essa presença foi confirmada, também, pelos números do Censo de 1940, conforme tabela abaixo:

TABELA 4
POPULAÇÃO NEGRA EM CAXIAS DO SUL E REGIÃO¹⁰⁸ (1940)

CIDADE	PRETOS	PARDOS	POPULAÇÃO TOTAL	% PRETOS E PARDOS
Antônio Prado	217	22	11.308	2,11
Bento Gonçalves	51	230	18.771	1,5
Caí	518	682	39.509	3,04
Caxias	741	1.433	39.677	5,48
Farroupilha	13	100	12.511	0,9
Flores da Cunha	19	76	9.424	1,01
Garibaldi	97	83	17.873	1,01
Guaporé	820	357	44.371	2,65
São Francisco de Paula	2.378	2.772	29.382	17,53
Vacaria	2.005	3.155	32.874	15,7

FONTE: Censo 1940, IBGE, disponibilizado on line em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XX_t1_RS.pdf
<acessado em: 03/02/2008>

Fica evidenciada assim, a presença negra tanto em Caxias como nas demais cidades da região. No caso de Caxias, segundo alguns historiadores, essa presença vai aumentar nas décadas seguintes. Para Giron e Bergamaschi (2001, p. 154), no final de década de 1940, “nas vilas populares viviam migrantes dos Campos de Cima da Serra, que procuravam trabalho na cidade, entre eles, alguns negros que aumentavam a população, misturando-se ao núcleo inicial constituído por descendentes de imigrantes europeus”. Já para Machado (2001, p. 29), a partir da década de 1950 a fisionomia da cidade “que era constituída de ‘italianos’ (descendentes), de rostos muito brancos, olhos claros e cabelos loiros, sofreu uma transformação e passou a ter a pele morena, cabelos e olhos escuros, indicando a chegada dos ‘brasileiros’”. Como vimos, essas autoras identificam a chegada, em maior número, da população negra à cidade entre as décadas de 1940 e 1950. Nesse período, houve um “significativo desenvolvimento industrial e comercial”, ocorrido “especialmente no período da Segunda Guerra Mundial” (MACHADO, 2001, p. 109). Esse desenvolvimento faz aumentar o número da população caxiense. Porém, nem todos vão ser absorvidos pelo mercado de trabalho local. Sendo assim, muitos desses recém chegados vão ser moradores das

¹⁰⁸ Antônio Prado – Origem: Colônia Antônio Prado fundada em 1886; Bento Gonçalves – Origem: Colônia Conde D’Eu fundada em 1875; Farroupilha – Origem: Colônia Caxias; Flores da Cunha – Origem: Colônia Caxias; Garibaldi – Origem: Colônia Dona Isabel fundada em 1875; Guaporé – Origem: Colônia Guaporé fundada em 1892.

primeiras “favelas” da cidade, entre elas o *Burgo*.¹⁰⁹ Segundo Machado (2001, p. 143),

na década de [19]40, com o crescimento da cidade para a face leste, a área não demarcada do Burgo começou a ser ocupada por pessoas muito pobres, vindas do interior, especialmente dos Campos de Cima da Serra. (...) Por não terem recursos, construíam os barracos de papelão e latas de azeite, passando a morar em subabitações.

É no Burgo que encontramos, também, parte da população negra caxiense. Thales de Azevedo, em 13 de fevereiro de 1955, foi a “missa na capela de São Vicente, no Burgo”. Lá “estavam presentes umas 200 pessoas, metade das quais eram de cor” (AZEVEDO, 1994, p. 111). Em entrevista, Juçara de Quadro, destaca os bairros que, na sua opinião, possuem uma maior concentração de negros. Segundo ela, eram bairros de difícil acesso e, entre eles, destaca a “região da Antena”, o *Burgo* e o *Beltrão de Queiroz*. Esses dois últimos “seriam uma ocupação dos negros. Tanto que ainda não está regularizada as terras deles até hoje (sic). Seriam dois quilombos urbanos”.¹¹⁰ Segundo Machado (2001, p. 143), na região onde se localizam o Burgo e o Beltrão de Queiroz existem declives acentuados que “obrigaram a interrupção do arruamento”, ficando essas regiões sem demarcação e, “como não foram reivindicadas pelo Município, permaneceram na condição de terras devolutas”.

Essa situação tornou possível a ocupação dessas regiões pelas populações pobres que chegavam a cidade em busca de emprego. No caso do Beltrão de Queiroz, que conforme a Lei n. 1.234, de 03 de julho de 1963, estava localizado na “zona situada nas adjacências do Cemitério Público Municipal”, há um maior número de referências sobre a presença negra no bairro. O Padre Baumgartner, por exemplo, diz a Thales de Azevedo que:

naquela zona adiante do cemitério, onde hoje estão as malocas e a zona de prostituição, havia antigamente só gente de origem alemã e italiana. 'Os de cor não entravam'. Depois vieram vindo e se instalando esses 'morenos' e pretos (usam os informantes, várias vezes, a expressão *negro*) (AZEVEDO, 1994, p. 57).

O próprio Thales, ao realizar uma caminhada pela cidade, encontrou “meninos e mulheres de cor pela rua – mulatos de vários matizes”. Também viu “um grupo de cerca de 8 [oito] mulheres, todas mulatas, lava[ndo] roupa na água suja em uma pequena fonte” (AZEVEDO, 1994, p. 48). O pesquisador andou mais um pouco e chegou ao cemitério. Ou seja, em sua caminhada, ao se aproximar da Zona do Cemitério, lhe chamou a atenção a

¹⁰⁹ Segundo Machado, “os barracos foram se multiplicando ao longo do tempo e, pelas características que o casario foi adquirindo, o local recebeu a denominação de Burgo, designação que permanece até hoje” (MACHADO, 2001, op. cit., p. 143).

¹¹⁰ *Depoimento Juçara de Quadro*. Concedido ao autor em 20/10/2007.

presença de negros na região. Em conversa com Mário Gardelin, esse informa a Thales que “a Zona do Cemitério é chamada de África” (AZEVEDO, 1994, p. 146). Essas informações indicam a formação do que poderíamos chamar de “bairros negros” em Caxias.

A formação de “bairros negros” foi constatada por diversos autores em diversas cidades brasileiras. Segundo Domingues (2004a, p. 317-318), “no início do século XX, a dominação branca se refletiu na divisão espacial da cidade de São Paulo, instaurando uma relativa segregação nos bairros e, por que não dizer, demarcando racial e etnicamente determinadas regiões”. Nesse sentido, Pesavento (1995, p. 81) defende “a idéia de que um centro urbano, ao constituir-se, reproduz, na apropriação do solo, a assimetria social que a cidade comporta”. Como vimos anteriormente, Machado (2001) já indicava para uma divisão do espaço urbano caxiense, entre ricos e pobres, a partir do Código de Posturas que entrou em vigor na década de 1920. Assim, a formação desses bairros é motivada pela segregação espacial do negro na cidade. Geralmente, essa segregação destina aos negros os espaços desvalorizados da cidade, distantes do centro em zonas alagadiças e de irregularidades geográficas, como no caso da Zona do Cemitério e do Burgo, que por isso, eram “terras de ninguém”. Vale ressaltar aqui, a observação feita por Raquel Rolnik (1989, p. 35), que ao pesquisar a formação de *territórios negros* nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, salientou que esses locais “jamais foram exclusivamente negros; desde os tempos da escravidão misturavam os pobres da cidade”. No início da década de 1970, o Burgo e a Zona do Cemitério vão aparecer nas páginas dos jornais como um problema, que clama por solução. Assim, o jornal considera que,

dentro dos vários problemas existentes dentro das construções, em Caxias do Sul, desponta um que está desafiando, a diversos anos, várias administrações e muita gente preocupada com os destinos da cidade. Referimo-nos ao vertiginoso crescimento das malocas, principalmente em dois pontos: na Zona do Burgo e na Zona do Cemitério.¹¹¹

Nas “malocas” moravam pessoas, que segundo o jornal, viriam “de cidades próximas, atraídas, talvez pela fama de prosperidade de Caxias do Sul; pela facilidade de colocação para um emprego que renda mais do que a vida da roça, de campo, etc”. Parte da população negra que chegou a cidade, teve sua mão-de-obra explorada. Dona Ruth Ramos Bianchi, diz que eles “chegam muito animados e confiantes em Caxias, esperando enriquecer; procuram emprego na indústria, mas lhes dão os trabalhos mais grosseiros, pesados e perigosos” (AZEVEDO, 1994, p. 163-164). Segundo Lazzarotto (1981, p. 92), na Metalúrgica Abramo

¹¹¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 12/06/1971, p. 8. Acervo: AHMJSA.

Eberle, os negros “vinham trabalhar na fundição, nos trabalhos mais pesados, mais violentos’. Dificilmente um luso-brasileiro africano (...) conseguia trabalhar na gravação, que é um trabalho mais artístico, mais limpo, mais racional, nem na mecânica”. Além dessas observações sobre a incorporação da mão-de-obra negra nessa metalúrgica, Lazzarotto informa sobre as origens desses operários negros.

O autor identificou esses funcionários através das fotografias contidas nas suas respectivas fichas. Segundo Lazzarotto (1981, p. 91) “nas fichas dos operários da Metalúrgica Abramo Eberle não consta dado algum sobre a cor ou raça dos indivíduos. Para realizar [o estudo], nós utilizamos as fotografias 3x4 que constam [na] ficha de inscrição”. Dessa forma, localizou 193 (cento e noventa e três) funcionários negros entre os anos de 1943 e 1970. Utilizando as informações sobre as origens desses funcionários, o autor elaborou uma tabela, que reproduzo abaixo. A partir dela podemos identificar algumas das localidades de origem desses negros que acabaram fixando residência em Caxias do Sul.

TABELA 5
CIDADE DE ORIGEM DOS TRABALHADORES NEGROS DA
METALÚRGICA ABRAMO EBERLE

CIDADE	N.	%	CIDADE	N.	%
Caxias do Sul	64	33,8	Cima da Serra	3	1,5
Vacaria	26	13,7	Santa Catarina	3	1,5
São Francisco de Paula	25	13,2	São Sebastião do Caí	2	1,0
Bom Jesus	15	7,9	Taquara	2	1,0
São Joaquim - SC	8	4,2	Osório	2	1,0
Porto Alegre	7	3,7	Veranópolis	2	1,0
Erechim	5	2,6	Torres	2	1,0
Lages - SC	4	2,1	Montenegro	2	1,0
Lagoa Vermelha	3	1,5			

FONTE: Tabela XXX – CIDADE DE ORIGEM DOS NEGROS (LAZZAROTTO, 1981, op. cit., p. 97).

Percebe-se, através dos números acima, que a maioria dos negros que trabalharam na Metalúrgica Abramo Eberle, no período estudado, são originários das cidades dos Campos de Cima da Serra (em negrito), totalizando 72 (setenta e dois) funcionários, representando 37,8% do total. São significativos, também, os números que informam sobre a presença de negros vindos de Santa Catarina, de cidades próximas a Vacaria. Assim, através desses números é possível comprovar o poder atrativo da região¹¹² de Caxias do Sul, que se tornou na década de

¹¹² Breitbach (2002) realiza seu estudo enfocando a região de Caxias do Sul. Esta região seria formada por nove cidades: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis. Ver: BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, Número Especial, p. 421-442, 2002.

1970 “a segunda em importância industrial no Estado” (BREITBACH, 2002, p. 425).

Esse crescimento industrial, se deveu, em parte, ao surgimento de algumas indústrias na década de 1940 que teriam se fortalecido durante os anos 1960 e 1970. Segundo Breitbach (1997, p. 186-187),

em 1975, o parque industrial caxiense caracterizava-se pelo predomínio do ramo metal-mecânico, com a produção de implementos agrícolas, material de transporte, autopeças e toda uma gama de produtos metalúrgicos. Paralelamente, a indústria alimentícia e de bebidas buscou a modernização, para resguardar suas condições de competitividade. O complexo da vitivinicultura sempre exerceu um papel fundamental no desenvolvimento econômico da região, sedimentando-se uma integração agro-industrial singular, que fez do vinho e da uva em símbolo regional reconhecido muito além de suas fronteiras.

Esse aumento da importância industrial da cidade, como vimos, trouxe consigo diversos problemas. Entre eles, aqueles que são consequência “de uma urbanização acelerada, que teve lugar nos anos [19]70 e [19]80, sobretudo com o surgimento de 'cinturões' de subabitação (...), aliado a carências de infra-estrutura, de educação, de saúde” (BREITBACH, 1997, p. 200). Além dos problemas sociais, aumentou também o número da população negra. Em 1940 essa população representava 5,48% do total da população. Já em 1980, esse percentual vai subir para 10,11%, conforme a tabela abaixo.

TABELA 6
POPULAÇÃO NEGRA EM CAXIAS DO SUL E REGIÃO (1980)

CIDADE	PRETOS	PARDOS	POPULAÇÃO TOTAL	% PRETOS E PARDOS
Antônio Prado	506	140	13.030	4,96
Bento Gonçalves	477	3.128	58.936	6,12
Caxias do Sul	3.923	18.374	220.553	10,11
Farroupilha	221	1.362	29.000	5,46
Flores da Cunha	3	57	15.486	0,39
Garibaldi	106	207	23.038	1,04
Guaporé	325	1.211	24.630	6,24
Nova Prata	217	1.023	21.116	5,87
São Francisco de Paula	732	2.318	23.137	13,18
São Sebastião do Caí	541	637	27.180	4,33
São Marcos	162	579	11.813	6,27
Vacaria	2.068	7.691	58.562	16,66
Veranópolis	74	499	23.239	2,47

FONTE: Censo Demográfico 1980, IBGE, disponibilizado on line em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Dados_Gerais_RS.pdf <acessado em: 12/01/2008>

Como vimos, a população negra caxiense aumentou durante o período estudado, acompanhando o crescimento econômico e industrial da cidade. Considerou-se importante, também, trazer os números referentes a essa população nas cidades vizinhas, sendo que,

muitas delas tiveram sua origem em núcleos coloniais, como o caso de Caxias, com o objetivo de dar visibilidade a essa população. Em Caxias, foi identificada a existência de bairros onde havia uma maior concentração de elementos negros. Isso se deve, em parte, a segregação, como vimos. Mas é preciso considerar também as relações de parentesco e os laços de solidariedade criados nesses espaços, pois nesses bairros “se formavam pequenas comunidades onde a solidariedade era praticada como parte do cotidiano das pessoas” (MACHADO, 2001, p. 282). Além disso, principalmente nos bairros onde a população negra estava presente em grande número, havia a possibilidade da criação de solidariedades étnicas, que podem ter sido intensificadas com a participação no Clube Gaúcho.

3 “A UNIÃO FAZ A FORÇA”

A cidade de Caxias já possuía, na década de 1920 e 1930, diversos espaços associativos para a prática do lazer. Como exemplos, temos: a *Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Principe di Napoli* (01/01/1887); o *Clube Juvenil* (19/06/1905); o *Clube Aliança* (09/08/1909); o *Recreio da Juventude* (29/12/1912); o *Recreio Guarani* (11/06/1918); o *Clube Recreio Lusitano* (1926), entre outros.¹¹³ Mas, neste capítulo, serão enfocados dois clubes surgidos na década de 1930, que são: “o 'Clube das Margaridas', feminino e composto de gente de cor”, fundado em 12 de dezembro de 1933, e o “Clube Gaúcho”, “também formado por homens de cor”, fundado em 23 de junho de 1934 (ADAMI, 1966, p. 150). Esses dois clubes são exemplos de um “associativismo negro” que se propagou pelo Brasil no pós-abolição. Mas que motivações tinha o grupo étnico negro da cidade para investir na criação de um espaço próprio, de um clube? Como esse grupo étnico buscou a interação?¹¹⁴

O “associativismo negro” não é um “fenômeno” identificável somente após a abolição. Mesmo durante o período da escravidão o negro se associou, principalmente, através das irmandades. Segundo Reis (1997, p. 10), “a irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros (...) construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto”.¹¹⁵ As irmandades tinham um caráter religioso e não foram a única forma de organização dos negros durante o cativeiro.¹¹⁶

¹¹³ Para obter mais informações sobre esses clubes, consultar: ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: sociais**. Caxias do Sul, RS: EST, 1966, p. 148-150.

¹¹⁴ Segundo o antropólogo Fredrik Barth, relações interétnicas estáveis: “pressupõem precisamente esse tipo de estrutura de interação: um conjunto de prescrições que governam as situações de contato e permitem uma articulação em alguns setores ou domínios de atividade específicos e um conjunto de interdições ou proscricções com relação a determinadas situações sociais, de modo a evitar interações interétnicas em outros setores; com isso, partes das culturas são protegidas da confrontação e da modificação” (BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 35).

¹¹⁵ Sobre as irmandades no Rio Grande do Sul, ver: MÜLLER, Liane Susan. **“As contas do meu rosário são balas de artilharia”** - Irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre (1889-1920). 252 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999; BAHY, Cristiane. Rosário de contas negras: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos do Arraial de Mãmão (1780-1820). **Anais eletrônicos do II Encontro escravidão e liberdade no Brasil Meridional**, 2005. 1 cd-rom; NASCIMENTO, Mara Regina do. **Irmandades leigas em Porto Alegre** – práticas funerárias e experiência urbana, séculos XVIII-XIX. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

¹¹⁶ Sobre sociedades secretas que congregavam parentes étnicos para a obtenção de alforrias, ver: KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro – 1808/1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Já Von Simson faz referência ao surgimento de um folguedo carnavalesco em São Paulo ainda no período colonial. Esse folguedo, segundo a autora, trazia “em seu bojo um caráter de denúncia da forte repressão sofrida pela população pobre e de cor, na São Paulo de então” (VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Branços e negros no carnaval popular paulistano (1914-1988)**. Tese (Doutorado em Ciência Social/Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989, p. 137).

Muitas delas, continuaram funcionando após o maio de 1888, mas, alguns de seus antigos membros vão fundar e participar de organizações civis, dispensando a tutela da Igreja.¹¹⁷ A experiência de participação em irmandades ou em outras sociedades, pode ter tido alguma influência no associativismo negro do pós-abolição. Mas, o fato é que com experiência, ou sem ela, “surgiram dezenas, centenas de grêmios ou associações negras em diversos estados” do Brasil (DOMINGUES, 2004b, p. 60).¹¹⁸

No Rio de Janeiro, por exemplo, no início do século XX já estão formadas, ou em formação, diversas sociedades negras. Muitas dessas, surgem na região portuária da cidade, tendo como integrantes os próprios trabalhadores do porto. Essa ligação, entre os trabalhadores do porto e a formação das associações negras, pode ser percebida através da criação do rancho¹¹⁹ *Recreio das Flores*. Esse rancho pertencia a *Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café*, considerado um sindicato negro, formado por trabalhadores do porto.¹²⁰ Para Rodrigues (1984, p. 29), “os ranchos de reis foram as primeiras formas de desfile e reunião do grupo negro na cidade”. A influência de negros baianos, que migraram para o Rio de Janeiro no final do século XIX, na formação dessas primeiras sociedades é observada por Soihet. Segundo a autora, esses negros estavam “excluídos da cidadania pelo sistema autoritário e elitista da Primeira República” e “através de suas manifestações culturais garantiram a coesão e a identidade, criando formas próprias de participação, organização e expressão” (SOIHET, 1998, p. 157). Concordando com o que já foi dito, Santos (2003, p. 124), diz que os componentes dos ranchos “eram quase todos negros de procedência baiana que mantinham entre si fortes vínculos de solidariedade”, sendo que, “muitos deles trabalhavam no Cais do Porto ou nos bares e cabarés da praça Onze”.

São Paulo é outro exemplo. Diversas foram as associações negras criadas no período posterior a assinatura da Lei Áurea. Segundo Domingues (2004a, p. 313),

¹¹⁷ Segundo Müller, “com o passar dos anos, especialmente após o declínio do poder da Igreja e das confrarias, as associações civis, cada vez em maior número, foram ganhando força e desenvolvendo a mesma função de alçar os negros, em especial os marginalizados, a uma posição social digna” (MÜLLER, 1999, op. cit., p. 16).

¹¹⁸ Sobre a proliferação do associativismo no Rio Grande do Sul, ainda no século XIX e, avançando durante o século XX, ver: SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas** (estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

¹¹⁹ Segundo Santos os ranchos “vinham no chão, sem carros alegóricos, mas com muito luxo nas fantasias e seus componentes, vestidos como reis e rainhas. Lembravam as procissões religiosas nordestinas” SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Mangureira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). **Um século de favela**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 124).

¹²⁰ Sobre a formação dos ranchos e a influência dos trabalhadores do porto nessa formação ver: ARANTES, Erika Bastos. **O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX**. 159f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2005; MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

para reagir à marginalização a que ficou submetida no pós-abolição, a comunidade negra paulistana empenhou-se em preservar a união por meio dos grêmios recreativos e culturais (bailes, cordões, samba e times de futebol), dos núcleos de religião afro-brasileira (macumba paulista), das confrarias e irmandades religiosas, dos grupos de capoeira, dos órgãos de imprensa, das “cooperativas”, em suma, das diversas atividades mantenedoras dos vínculos étnicos entre os membros de uma comunidade.

Em 1914, por exemplo, foi fundado o *Grupo Carnavalesco Barra Funda*. Segundo Von Simson (1989, p. 88), o grupo “exerceu uma liderança importante dentro do reduto negro da Barra Funda (...), pois além do cordão carnavalesco liderava romarias, piqueniques e outras atividades de lazer [...]”. Além disso, os cordões realizavam um baile mensal que “funcionava como uma atividade mantenedora do vínculo entre seus membros, além de se constituir numa boa fonte de renda para a montagem do desfile carnavalesco” (VON SIMSON, 1989, p. 94). Barbosa (1983, p. 29), pesquisando o *Clube Cultural Recreativo Campinas*, aponta para os mais variados objetivos dos órgãos de caráter associativo. No caso das associações recreativas, diz que essas “assumem uma importância especial na vida dos negros em Campinas, pois penetrar em clubes de branco”, segundo a autora, “é praticamente impossível ao negro”. Considera que isso pode ocorrer, porque no clube a convivência envolve uma maior proximidade física, como nos banhos de piscina e nos bailes.

No Rio Grande do Sul, a formação de associações negras durante a escravidão e no pós-abolição também foi identificada. Müller (1999, p. 109-110) considera que, a partir de 1870, os negros de Porto Alegre “passaram a fundar associações recreativas e beneficentes cujo objetivo maior, extrapolando os prazeres da diversão, era marcar um espaço de luta para a integração do negro à sociedade”. Essas sociedades se multiplicaram. Foram identificadas, entre os anos de 1886 e 1920, a fundação de “sessenta e duas entidades de participação quase que exclusivamente negra” na capital (MÜLLER, 1999, p. 135). Para Lazzari (2001, p. 193-194), no início do século XX, sociedades como a *Floresta Aurora*, a *Olympio Peres*, entre muitas outras, “eram o lugar da sociabilidade e do lazer das famílias negras, servindo também a iniciativas culturais e de solidariedade”. Ainda segundo o autor, a participação nessas associações conferia “dignidade e auto-estima a seus integrantes” e auxiliavam para que os mesmos escapassem “do estigma de inferioridade que o preconceito alimentava” (p. 193-194). Em Pelotas e Rio Grande, Loner (2001, p. 266), identifica a criação de uma “rede associativa” que visava “tecer apoios ao indivíduo associado e congregá-lo entre iguais, demarcando, ao mesmo tempo, suas diferenças em relação aos outros grupos”. Essa rede teria surgido devido a situação do negro na República Velha, que segundo a autora, era “extremamente débil”,

pois, o negro estava

imerso numa sociedade acostumada a tratá-lo como escravo, frágil em seus apoios culturais e econômicos, abandonado quando da Abolição pelos seus parceiros brancos, ele teve que, pacientemente, tecer uma ampla rede de associações, clubes e jornais que, ao mesmo tempo, organizassem e conscientizassem os elementos de raça negra, dando-lhes respaldo em momentos de crise (LONER, 2001, p. 260).

Muitas dessas associações tiveram entre seus freqüentadores mais assíduos os policiais. Isso porque as manifestações desses grupos eram vistas como atrasadas, grosseiras, bárbaras, depravadas, obscenas, imorais, enfim, identificadas com o mundo da marginalidade. Eram, então, incompatíveis com os desejos da elite nacional durante a República Velha.¹²¹ Isso fez com que as atividades propostas por essas associações fossem perseguidas pela polícia. Muitas dessas sociedades foram fechadas por não possuírem a autorização policial para a realização de bailes ou por estarem envolvidas com práticas consideradas ilegais. Segundo Lazzari (2001, p. 194-195), “tanto os bailes recreativos como os cultos de religião africana organizados por negros na própria casa enfrentavam a perseguição da polícia”.

Essa situação só vai mudar durante a década de 1930. Pois, o que antes era visto como “atrasado” passa a ser considerado como um dos principais símbolos da nação. Essa “reavaliação”, durante as décadas de 1920 e 1930, acontece no Brasil e em diversos outros países latino-americanos. Segundo Andrews (no prelo), “de sua posição anteriormente marginal, reprimida e vergonhosa, as formas culturais afro-latinas tornaram-se símbolos e expressões centrais da identidade nacional”. Dessa forma, o samba¹²² “sai da marginalidade e ganha as ruas”, a capoeira “é oficializada como modalidade esportiva nacional em 1937” e “a partir de 1938 os atabaques do candomblé passam a ser batidos sem interferência policial” (SCHWARCZ, 2001, p. 28-29).

Além disso, “os cordões carnavalescos (reorganizados no Brasil em escolas de samba) tiveram o reconhecimento oficial e passaram a receber subsídios do estado, além de terem a permissão [...] para desfilar no carnaval e em outros feriados nacionais” (ANDREWS, no prelo). Muitos daqueles que participaram dos ranchos vão estar presentes na organização das escolas de samba no Rio de Janeiro. É o caso de Mano Elói que freqüentou a zona portuária e

¹²¹ Sobre a perseguição a essas manifestações ver: SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998; SANTOS, 2003, op. cit.; DOMIGUES, 2004, op. cit., p. 372; CUNHA, Fabiana Lopes da. **Da marginalidade ao estrelato**: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). São Paulo: Annablume, 2004, p. 30.

¹²² Sobre o samba, ver: CUNHA, 2004, Ibid.

fixou residência, posteriormente, no Morro da Serrinha.¹²³ Ele e muitos outros, foram expulsos da zona portuária devido as reformas urbanas promovidas no Rio de Janeiro durante a segunda década de século XX. Grande parte dessa população acabou indo para o Morro da Serrinha, bairro suburbano de Madureira, onde Mano Elói “participou ativamente da fundação das escolas de samba Deixa Malhar e Portela, além do Bloco Carnavalesco Prazer da Serrinha” (ARANTES, 2005, p. 133). Segundo Rodrigues (1984, p. 19-20), “as escolas de samba nasceram como associações voluntárias e de caráter integrativo, tendo o seu surgimento sido motivado pela necessidade social do grupo negro manter algum tipo de identidade”.¹²⁴ No entanto, somente “a partir de 1932 as escolas começam a disputar concursos, a fazer parte do programa oficial elaborado pela prefeitura e a receber subvenções do governo, sendo oficializadas em 1935” (SANTOS, 2003, p. 131).

Assim, o associativismo negro é analisado como uma forma de reunião do grupo. São espaços que auxiliam para a coesão e, conseqüentemente, para a criação de vínculos de solidariedade “entre iguais” que buscam a integração. Apresenta-se, também, como um espaço onde o grupo étnico negro se organiza buscando a interação com os *outros* para a demarcação das fronteiras étnicas.¹²⁵ Inicialmente perseguidas pela polícia, a partir de 1930 essas associações começam a sair da vista dos policiais, sendo que muitas delas, passam a contar com o apoio, inclusive financeiro, do estado. É neste contexto, de incorporação da “cultura negra” à identidade nacional, que identificamos a criação de associações negras em Caxias. Porém, é preciso ressaltar que essa incorporação, como veremos, não ocorreu da mesma forma regionalmente.

3.1 AS MARGARIDAS

O primeiro clube negro formado na cidade “italiana” de Caxias do Sul teria sido o *Clube das Margaridas*. As informações relativas a esse clube são escassas e soube da sua existência através da memória de pessoas envolvidas com o *Clube Gaúcho* e da obra de João

¹²³ Sobre Mano Elói e outros personagens trabalhadores e/ou moradores da zona portuária do Rio de Janeiro, ver: ARANTES, 2005, op. cit.

¹²⁴ Santos concorda que, “nos primeiros tempos de sua história, as escolas de samba estavam associadas ao elemento negro, aos setores populares e às favelas” (SANTOS, 2003, op. cit., p. 134).

¹²⁵ Segundo Barth, “grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; conseqüentemente, tem como característica organizar as interações entre as pessoas” (BARTH, 2000, op. cit., p. 27).

Spadari Adami. Segundo esse autor, é “em 12 de dezembro de 1933, [que] Caxias do Sul vê surgir o 'Clube das Margaridas', feminino e composto de gente de cor” (ADAMI, 1966, p. 150). A presença e participação das mulheres na formação de associações negras é significativa. Segundo Loner (2001, p. 252), em Pelotas e Rio Grande, “elas formavam grupos carnavalescos só de mulheres, vinculados ou não a clubes carnavalescos e/ou grupos de torcedoras de time de futebol”. Já em Porto Alegre, Müller (1999, p. 155) constata que parte do “esforço pela união de todos os negros ficou a cargo das mulheres” que “estiveram à testa de muitas iniciativas que procuraram desenvolver uma consciência crítica na comunidade negra porto-alegrense”. Em São Paulo, do universo das associações negras identificadas por Domingues (2004a, p. 330), “quatro eram formadas estritamente por mulheres”.

No caso do *Clube das Margaridas*, não temos como afirmar se em algum momento de sua história a participação foi somente feminina. Através de uma fotografia, um dos poucos vestígios deixados pelo clube, ficou registrada a participação masculina. Além da presença dos homens, estar evidente através da ilustração, na ficha descritiva da fotografia, encontra-se a informação de que o “popular” Jacó fazia parte da diretoria do referido clube. Mas, as margaridas, além de enfeitarem o teto da sede do clube, davam nome a ele. O clube era “das margaridas”, das flores, que podem estar relacionadas a idéia da “sensibilidade feminina”, a vaidade, a beleza, ao perfume, o que indica a importância das mulheres dentro dessa associação. Homenagear as flores com o nome do clube pode também remeter a um comportamento sexual e familiar regrado. Mas também, era uma demarcação explícita, uma representação inteligível aos seus contemporâneos, que indicava que o clube era organizado por mulheres.

ILUSTRAÇÃO 2
BAILE DE COROAÇÃO DA RAINHA DO CLUBE DAS MARGARIDAS
(DÉCADA DE 1930)



FONTE: Coleção João Spadari Adami – B1490. Foto de Julio Calegari. Acervo: AHMJS. Baile de coroação da rainha, Iracema Nair Vieira, que está à direita do popular Jacó, membro da diretoria do clube. Década de 1930.¹²⁶

A presença de flores, ou de referência a elas, nos nomes dessas associações femininas é constante. Na relação de associações negras, produzida por Müller (1999, p. 136-138), encontram-se diversas sociedades de mulheres em Porto Alegre. É o caso do *Bouquet Club* (1894); da *Sociedade de Moças Flor do Futuro* (1908); da *Sociedade Flor de Jambo* (1909); da *Sociedade das Sempre-Vivas* (1910) e do *Grupo das Margaridas* (1905).¹²⁷ Praticamente todas as sociedades que homenageiam as flores em seus nomes são consideradas por Müller (1999) de participação feminina. Essa utilização pode ser observada, também, em algumas associações no Rio de Janeiro. Embora não indicando se essas sociedades são femininas, masculinas ou mistas, Arantes (2005) faz referência a *Sociedade União das Flores*, ao rancho *Botão de Rosas* e ao *Bloco Carnavalesco Rosa Branca*.

A participação das mulheres negras nessas associações, segundo Loner (2001, p. 252),

¹²⁶ Essas informações constam na ficha descritiva da foto.

¹²⁷ As datas referem-se ao ano do primeiro registro encontrado por Müller referente a respectiva sociedade.

as diferenciam das mulheres brancas que, “praticamente, nenhum papel desempenhavam na estrutura associativa de seus clubes”. As negras ocupariam um lugar mais destacado dentro do seu grupo étnico, comparando-as com as de outras etnias.¹²⁸ Soihet (1998, p. 157) destaca a liderança das “tias” baianas, que teriam chegado no Rio de Janeiro no final do século XIX, dizendo que suas casas eram “núcleos de sociabilidade, funcionando como pólos de contato para o grupo”. Essa liderança pode estar relacionada com a autonomia financeira conquistada por essas mulheres. Segundo Andrews (1998, p. 116), “a capacidade das mulheres negras para conseguir empregos era quase literalmente um salva-vidas para uma comunidade à qual era negada a maioria de outros meios de sustento”.¹²⁹ Entre 1890 e 1930, muitas dessas mulheres passaram a executar trabalhos domésticos, nunca perdendo de vista que esses serviços “eram os refugos de uma economia urbana em expansão” (ANDREWS, 1998, p. 116).¹³⁰ Devido a uma maior facilidade de incorporação ao mercado de trabalho no pós-abolição, as mulheres negras teriam adquirido esse papel de liderança em suas comunidades e, as vezes, em casa. Remuneradas, puderam, ainda, organizar e fundar associações.

No caso do Clube das Margaridas, não sabemos quais eram as atividades de suas fundadoras, nem mesmo quem eram elas.¹³¹ Mas, nas entrevistas realizadas com os ex-integrantes (em alguns casos integrantes) do Clube Gaúcho, percebe-se que uma das primeiras opções para as mulheres negras em Caxias, era o serviço doméstico. Maria Aparecida Costa Pontes, informa que sua mãe quando chegou a Caxias, no final da década de 1940, “começou a fazer faxina para as famílias e, depois, começou a trabalhar [na Cantina Antunes]”.¹³² Os jornais também trazem algumas informações sobre a utilização da mão-de-obra das mulheres negras no serviço doméstico. Na década de 1930, por exemplo, o *Caxias-Jornal* informa o desaparecimento “misterioso” da “mulatinha Bébé”, que era conhecida “por diversas famílias onde trabalhou como serviçal”.¹³³ Já a “preta” Cecília, que “saiu de sua residência, a fim de

¹²⁸ Ver: LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. **História em Revista**, Pelotas, v. 5, 1999, p. 22.

¹²⁹ Fernandes diz que “a mulher encontrou maior facilidade de ajustamento ao trabalho livre”. Isso, ainda segundo o autor, porque “de um lado, no regime escravocrata os serviços domésticos, (...), não envolviam a mesma degradação do seu agente que o duro ‘labor na roça’”, e de outro, porque “a concorrência com o ‘estrangeiro’ não assumiu de imediato, nesta área dos serviços urbanos, proporções tão dramáticas” (FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, p. 65).

¹³⁰ Graham mostra a presença de mulheres negras no trabalho doméstico e como este segmento profissional era importante em um período em que “ser servido” era importante sinal de demarcação social. GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860 - 1910). São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

¹³¹ Algumas das pessoas entrevistadas indicam a participação de Regina Machado no *Clube das Margaridas*, sendo uma de suas fundadoras, sobre a qual não temos muitas informações.

¹³² *Depoimento de Maria Aparecida Costa Pontes*. Concedido ao autor em 25/05/2007.

¹³³ *Caxias-Jornal*. Caxias do Sul, 10/07/1933, n. 71. Acervo: AHMJSa.

trabalhar na limpeza de uma casa”, quando retornou, após doze horas de trabalho, foi espancada pelo marido “a socos e ponta-pés”, pois, “não tivera oportunidade de preparar a refeição do meio-dia”.¹³⁴ O caso de Cecília demonstra que esta “autonomia” feminina incomodava alguns homens, que esperavam que suas companheiras cumprissem, também, seu devido papel de esposas. No final da década de 1940, na coluna *Humorismo*, do jornal *Pioneiro*, é publicada a piada *Numa Loja*:

Uma negrinha entra e diz ao caixeiro:
 - Dê-me um par de meias da côr da carne.
 O caixeiro, muito velhaco, apresenta-lhe um par de meias pretas.
 - Seu grandesíssimo malcriado – exclama furibunda. Eu quero um par de meias, mas é da côr da carne de minha patroa.¹³⁵

Já em 21 de janeiro de 1955, a Sra. Pedro Acosta Rodrigues informa a Thales de Azevedo que “é difícil conseguir empregadas”, pois, “são muito atraídas pelas fábricas”. Ela diz que “prefere as de cor, mesmo as pretinhas” (AZEVEDO, 1994, p. 64). Outras, porém, “preferem as brancas”, dizendo que não comeriam “comida feita por uma preta” (AZEVEDO, 1994, p. 77). Esses indícios demonstram que o serviço doméstico pode ter absorvido parte da mão-de-obra das mulheres negras na cidade, principalmente, nos momentos de dificuldades financeiras. Segundo Kersting (1998, p. 115), a imagem do negro, no pós-abolição, como trabalhador desqualificado, ajudou a consolidá-lo “nas ocupações socialmente menos consideradas e, igualmente, menor remuneradas” como a maioria dos serviços domésticos. Já no pós-segunda-guerra, como indica a entrevista de 1955, as “fábricas” disputam esta mão-de-obra negra feminina, antes restrita, praticamente, aos serviços domésticos.

Domésticas ou não, as mulheres negras de Caxias, Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, tiveram um papel importante na criação e consolidação de associações negras. Em alguns casos, criaram espaços específicos para a participação feminina. Noutros, estiveram acompanhadas pelos homens, desenvolvendo inúmeras atividades. No caso do Sport Club Gaúcho, onde no início havia duas diretorias, uma feminina e outra masculina, desempenharam diversas funções auxiliando no fortalecimento da entidade.

3.2 DANÇANDO E JOGANDO FUTEBOL: SURGE O CLUBE GAÚCHO

¹³⁴ *Relatório – Lesão Corporal, 1943*. Acervo: APC/CXS.

¹³⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 18/11/1948, p. 5. Acervo: AHMJSa (Mantida a grafia original).

Foi em 23 de junho de 1934¹³⁶ que o Sport Club Gaúcho iniciou suas atividades em Caxias. O clube se dedica em seus primeiros anos ao futebol, a realização de bailes e outros eventos, muitos desses realizados em sua própria sede. Composto por homens e mulheres, que no início foram divididos em duas diretorias, o clube solidifica os vínculos e os laços de solidariedade entre a população negra da cidade. Nessa associação busca-se a “força” através da “união” de seus associados. Essa idéia estava presente no primeiro nome dado a sociedade.

Na comemoração do seu vigésimo oitavo aniversário, um pouco de sua história foi lembrada pelo jornal *Pioneiro*. Em reportagem sobre a passagem da data comemorativa, o jornal informa que no momento de sua fundação, o clube teria recebido o nome de *Sociedade Recreativa União Faz a Força*.¹³⁷ A escolha desse nome traduz, em parte, quais eram os objetivos desse grupo. Esse ideal, não fica distante dos anseios de outras tantas organizações negras surgidas no pós-abolição, como vimos anteriormente. Mas, além da força, a união trouxe o estabelecimento e a consolidação dos laços de solidariedade e, conseqüentemente, auxiliou para a auto-percepção do grupo como diverso. Além disso, o relacionamento dentro do grupo étnico negro auxilia na identificação dos problemas comuns, enfrentados, muitas vezes no dia-a-dia, pelos seus integrantes. Unidos os negros tem força para suportar e enfrentar práticas racistas e segregacionistas, que teriam sido, para alguns dos participantes, as responsáveis pela fundação do clube, que logo passa a se chamar, oficialmente, Sport Club Gaúcho.

A vontade de unir o grupo foi vista, por alguns, como uma resposta ao racismo e ao segregacionismo na época da criação do clube. Em 1984, quando o clube recebe da Prefeitura Municipal a *Medalha de Caxias* em homenagem aos seus cinquenta anos, Rosiane Medeiros, discursando em nome da entidade, “destacou, numa análise profunda, a trajetória do negro no Rio Grande do Sul e especialmente em Caxias, onde a raça se organizou através do Clube Gaúcho”, enfatizando a discriminação dirigida aos negros na época da fundação do clube.¹³⁸ Já o prefeito Victório Trez,¹³⁹ considera

que a fundação da Entidade, (...), foi iniciativa de um grupo idealista, [que] teve como objetivo (...) organizar socialmente o negro, permitindo-lhe uma maior integração, unidade e conagraçamento, numa época que ainda se faziam presentes

¹³⁶ *Extrato dos Estatutos do Sport Club Gaúcho*, 14/10/1938.

¹³⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 30/06/1962, p. 3. Acervo: AHMJSA. (Mantida a grafia original).

¹³⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 04/07/1984, p. 13. Acervo: AHMJSA.

¹³⁹ Foi prefeito entre 1969-1972 e 1983-1988.

resquícios de segregacionismo e discriminação de cor.¹⁴⁰

Outros participantes elegem a segregação como principal motivador para a formação do clube. Em depoimento, Isabel Quadros, diz: “Quando eu era mocinha, os negros não podiam freqüentar nenhum clube social. Eu chegava e o porteiro não me deixava passar. Só as minhas amigas brancas entravam. Meus pais falavam que o mesmo acontecia com eles. Por isso eles só iam ao Gaúcho”.¹⁴¹ Um dos primeiros participantes do clube, Agenor da Silva, também se refere a impossibilidade da participação em “clubes tradicionais” da cidade.¹⁴² Para Azevedo (1955), os clubes recreativos e sociais são locais de difícil acesso às “pessoas de cor mais escura”, informando que:

há mesmo quem afirme que são muito fortes os obstáculos á entrada em tais organizações por influência do preconceito de côr e, simultaneamente, porque as mesmas são dominadas por famílias tradicionais que resistem á admissão de sócios que não sejam do seu grupo social e econômico (AZEVEDO, 1955, p. 166).¹⁴³

Quando estive em Caxias na década de 1950, Azevedo questionou seus informantes e pesquisou em alguns clubes, querendo saber quais eram os critérios para a efetivação de um novo associado. Chegou a conclusão de que, para aceitação, o primeiro critério eram os “antecedentes pessoais (que parecem incluir comportamento, maneiras, tipo físico) e, segundo, a “capacidade de pagar jóia e mensalidade”. Ainda diz que para o padrão ideal “os sócios devem ser brancos, mas vêem-se alguns mulatos brancos e morenos (classificação baiana)” (AZEVEDO, 1994, p. 99).

A impossibilidade de participação em “clubes brancos” é uma das motivações que levam o grupo negro da cidade de Caxias a formar uma associação. Além disso, Rosiane Medeiros, diz que:

o surgimento deste clube tinha, mesmo que os fundadores não o soubessem de forma clara, o intuito ou a filosofia de favorecer a esta raça oprimida, a disponibilidade de um centro, onde todos os negros estivessem... trocando idéias, pensamentos a respeito de suas origens, história de seus ancestrais, sua África distante.¹⁴⁴

Além de ser uma resposta a discriminação, o clube surge como um espaço que

¹⁴⁰ Decreto n. 5.333, 28/06/1984. Acervo: SRCG.

¹⁴¹ Depoimento de Isabel Quadros. Concedido a José Emerson Santos de Souza em 22/09/2005. Disponível em: SOUZA, José Emerson Santos de. **A história do Clube Gaúcho**: registros dos jornais de 1934 a 1945. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005, p. 34.

¹⁴² Depoimento de Agenor da Silva. Concedido a Liliansa Alberti Henrichs em 1984. Banco de Memória – FG 015 e 016. Acervo: AHMISA.

¹⁴³ Mantida a grafia original.

¹⁴⁴ Ata n. 84 (*Especial*), 28/06/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.

favorece a troca de idéias, como dito anteriormente, e ainda, servia como um espaço onde se mantinham vivas as memórias e histórias do grupo. A possibilidade de estar entre aqueles que, supostamente, tinham um passado comum propiciava ao grupo a possibilidade de valorização e reinterpretção de suas próprias origens e trajetórias. Foi ali, possivelmente, que se contestou a “história oficial” da cidade, que excluiu, constantemente, a figura do negro e de outras “minorias locais”, dando ênfase a figura do imigrante italiano. Dessa forma, a exclusão não se deu somente nos espaços de lazer, ela ocorreu também na historiografia, que invisibilizou o negro caxiense. Porém, o grupo formador do clube se reconhecia como pertencente à cidade e ao Rio Grande do Sul, pois, utilizou-se do termo “gaúcho” para dar nome ao seu clube.

Segundo matéria publicada no jornal *Pioneiro*, o Clube Gaúcho teria esse nome, “por sua diretoria orgulhar-se de serem filhos do estado do Rio Grande do Sul, orgulho do Brasil, o qual seus antecedentes muito colaboraram para o seu engrandecimento”.¹⁴⁵ O orgulho de ser gaúcho e brasileiro, durante a década de 1930, contrastava com o sentimento de *italianidade* em Caxias. Segundo Giron (1994, p. 98) “as comemorações do Centenário Farroupilha [1935] revelaram de forma muito clara que os habitantes da região colonial italiana, não só eram tratados como estrangeiros e, mais que isto, como se ainda se considerassem italianos”. Dessa forma, não tinham o que comemorar, pois, não se sentiam gaúchos. Portanto, o significado de trazer o termo “gaúcho” no nome do clube vai além do orgulho de ser filho do estado. Tem a intenção de vincular a população caxiense, ou parte dela, ao Rio Grande do Sul e ao Brasil. Afirmando, perante aqueles que se consideram *italianos*, que na cidade existem brasileiros do Rio Grande do Sul.

Mas, a utilização do termo “gaúcho” no nome da associação também busca marcar, de certa forma, a presença negra no estado do Rio Grande do Sul. Podemos dizer que esta denominação – gaúcho – mostrava que os associativistas negros não estavam apenas dialogando com seus contemporâneos locais, mas também com as representações nacionais e regionais em curso no período. Segundo Germano (1999, p. 11),

a forte presença européia no Rio Grande do Sul, os intensos movimentos imigratórios, acentuadamente de italianos e alemães, e a construção mítica da figura do gaúcho relegaram ao silêncio e ao esquecimento uma herança cultural também negra nesta construção social, pois a imagem do gaúcho foi construída em detrimento das diversas etnias que compuseram o Rio Grande do Sul.

Além disso, como diz Oliven (1996, p. 26), “ao passo que em outros estados do Brasil,

¹⁴⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/10/1960, p. 8-9. Acervo: AHMISA.

como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano”. Dessa forma, no Rio Grande do Sul a “cultura negra” não foi incorporada tão facilmente, se é que foi incorporada, pelo menos em comparação com estados “centrais”. Será que os negros caxienses ao “chamarem para si” esta denominação não estavam procurando se afirmar como “realmente gaúchos”, demarcando a “estrangeiridade” dos *italianos* locais? Talvez estes negros caxienses tivessem que entreter um diálogo duplo, com os discursos nacionais e regionais e, regionalmente, fosse interessante imprimir na sua prática associativa uma identificação regional. Essa é uma das maneiras que esse grupo negro encontra para se inserir na sociedade local, informando pelo nome do seu clube o sentimento de pertencimento ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, que vai estar presente nas suas primeiras atividades, como veremos adiante. Antes, porém, é preciso saber quem eram os fundadores desse clube.

Como vimos, no Rio de Janeiro foi identificada a participação dos trabalhadores da zona portuária da cidade na formação das associações negras naquela cidade. Já Giacomini (2006, p. 24), em pesquisa sobre o *Clube Renascença* do Rio de Janeiro, encontra entre os seus fundadores, um grande número de “negros diplomados”. No caso do Clube Gaúcho, nota-se uma presença considerável de militares. Conforme o Art. 114 do Estatuto,¹⁴⁶ são sócios fundadores do clube: João Manoel Vianna, Herculano Marques, Olívio Moreira (todos militares), Saturnino Madaleno, Argemiro Pereira, Marcelino Martins, Manoel Luiz Telles, Agenor da Silva (considerados “industrialários”), João Ribas e Paulino Dias Belíssimo (pintores). No caso de João Ribas, por exemplo, sua incorporação ao projeto de fundação do clube está relacionada a sua passagem pelo 9º BC, quando prestou serviço militar.¹⁴⁷ Além desses, outras figuras ligadas ao exército foram importantes durante a trajetória do clube, como: Raymundo Pinto de Mesquita Júnior, José Francisco Gama, Elói Moreira Pitta,¹⁴⁸ entre outros. Durante os primeiros anos de existência do clube, a presidência, em diversos momentos, ficou sob responsabilidade de João Manoel Vianna, como pode ser observado na tabela abaixo:

¹⁴⁶ *Estatuto do Esporte Clube Gaúcho*, 28/02/1966.

¹⁴⁷ *Depoimento de Solange Maria Ribas Ribeiro*. Concedido ao autor em 17/12/2007.

¹⁴⁸ Raymundo Pinto de Mesquita Júnior e José Francisco Gama, segundo o jornal *Pioneiro* de 21/08/1960, faziam parte da Banda de Música do 9º BC. Já Elói Moreira Pitta, segundo o jornal *O Momento*, de 16/01/1939, era tenente.

TABELA 7
DIRETORIA DO CLUBE GAÚCHO (1934-1940)

FUNÇÃO	1934	1936	1937	1939	1940
Presidente	Paulino Dias Belíssimo	João Manoel Vianna	Bartling Waithers ¹⁴⁹	João Manoel Vianna	João Manoel Vianna
Vice-Presidente	João Moreira dos Santos	Saturnino Madaleno	Antonio Francisco da Silva	Saturnino Madaleno	Saturnino Madaleno
1º Secretário	José Alves de Oliveira	Raymundo Pinto de Mesquita Jr.	Generoso Saballa de Oliveira	Algemiro Pereira	João Manoel Ferreira
2º Secretário	Miguel Coelho	Antonio P. Silva	Francelino Rangel	Marcelino Martins	...
1º Tesoureiro	Theodoro Rosa	Theodoro Rosa	Theodoro Rosa	João Ribas	João Ribas
2º Tesoureiro	Jovino Antunes Pereira	Antonio Rodrigues	José Gonçalves	Herculano Marques	Manoel Bastos
Procurador	Laudemiro Martins	Herculano Marques	Oswaldo Vieira	Manoel Luiz Teles	Florêncio Machado
2º Procurador	Genésio Camargo	...	Atílio Rodrigues Pinto
Orador Oficial	Marcelino Martins	Agenor da Silva	Marcelino Martins	Agenor da Silva	Agenor da Silva
2º Orador	...	Bartling Waithers	Agenor da Silva
1º Fiscal	Luiz Raimundo da Silva	...	Tulio de Souza
2º Fiscal	Antônio José dos Santos	...	Euclides Bernardes da Silva
Fiscal Administrativo	...	José Francisco Gama	João Ribas	Acácio Moraes	Antonio Rodrigues
1º Diretor de Sala	...	Francelino dos Santos	Fermino Ignacio	Atalibio Lucio da Silva	...
2º Diretor de Sala	...	Dorotéo Pereira	Manoel de Paula
Diretor Técnico	...	Tulio de Souza	Reynaldo de Assis	Eloi Moreira Pitta	Acácio Moraes
Capitão Geral	...	Acacio Moraes	Accacio Moraes
Guarda Esporte	...	Hilario Francisco da Silva	José Pereira	Olivio Moreira	Olívio Moreira
Diretor do Mês	Atílio Rodrigues	Matias Ribeiro Lemos
Porta Estandarte	Marcirio Francisco da Silva	Marcirio Francisco da Silva

FONTE: *Estatutos do Esporte Clube Gaúcho*, 10/02/1955. *O Momento*. Caxias do Sul, 09/01/1936, n. 151; 11/01/1937, n. 204; *A Época*. Caxias do Sul, 08/01/1939, n. 15; 14/01/1940, n. 66. Acervo: SRCG; AHMJA.

Marcam presença nesses primeiros anos, as figuras de: João Manoel Vianna, na presidência do clube nos anos de 1936-1938¹⁵⁰-1939-1940-1941¹⁵¹; Saturnino Madaleno, sempre na vice-presidência de João Vianna; Theodoro Rosa, como tesoureiro; João Ribas, como tesoureiro e em outras funções; Agenor da Silva como orador; Acácio Moraes desempenhando funções diversas. Essa constância nos nomes pode ser um indicativo de que esses integrantes possuíam projetos comuns para o clube, pois, não duvido que existissem diferentes e divergentes projetos. Além disso, nesses primeiros anos, não deixaram de haver crises. Segundo Souza (2005, p. 28-29), “em junho de 1938, o clube passou por uma forte

¹⁴⁹ Segundo Solange Ribeiro, Bartling Waithers era filho adotivo de um casal de descendentes de alemães. Ver: *Depoimento de Solange Maria Ribas Ribeiro*. Concedido ao autor em 17/12/2007.

¹⁵⁰ *O Momento*. Caxias do Sul, 19/12/1938, n. 302. Acervo: AHMJA.

¹⁵¹ *O Momento*. Caxias do Sul, 13/01/1941, n. 409. Acervo: AHMJA.

crise e esteve próximo de fechar as suas portas”.¹⁵² Isso não ocorreu, devido a vontade de alguns, que persistiram e deram continuidade ao clube. Assim, nesse mesmo ano, o clube é registrado “oficialmente”. De acordo com o *Extrato dos Estatutos do Sport Club Gaúcho*, o clube,

destinava-se ao desenvolvimento físico de seus associados por meio do Fot-Bal e outros desportos que reputar convenientes e que estejam de acôrdo com suas possibilidades, podendo ainda realizar em sua séde kermesses, bailes e outras diversões, exclusivamente aos sócios e suas famílias.¹⁵³

A prática do futebol vai ser uma das principais atividades dos associados do clube, até a década de 1950. Segundo Loner (2001, p. 251), “os times de futebol encontraram respaldo entre os negros, disseminando-se a partir da segunda década do [século XX]”. Muitos deles surgiram pela não incorporação de jogadores negros em times de brancos. Segundo Andrews (1998, p. 221-222), “da mesma forma que os clubes sociais e as sociedades de dança, os clubes atléticos dos brancos praticavam uma rigorosa exclusão dos pretos e dos pardos”. Em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre chegaram a ser fundadas ligas específicas para a realização de torneios somente entre os times de negros.¹⁵⁴ A participação de negros e brancos em um mesmo time vai ocorrer com a profissionalização do esporte, principalmente, a partir de 1930. Em junho de 1942, porém, após partida entre os clubes *Flamengo*¹⁵⁵ e *Juventude*,¹⁵⁶ em Caxias, um torcedor e uma torcedora foram parar na Delegacia. A partida foi vencida pelo *Flamengo* e, para desmerecer essa vitória, a torcedora do *Juventude* provocou o torcedor adversário dizendo que “o quadro vencedor era integrado por negros”. Depois da troca de insultos, a torcedora foi agredida com uma “bofetada”.¹⁵⁷ A partir do caso relatado, confirma-se a incorporação de jogadores negros ao time do *Flamengo*, pelo menos. Mas, percebe-se que mesmo com a vitória o torcedor se ofende ao ser lembrado que entre os jogadores de seu time havia negros. Essa desvalorização dos times por incorporarem jogadores negros, dificultou a

¹⁵² O autor não faz referências as suas fontes, mas deve ter conseguido esta informação nas entrevistas que realizou.

¹⁵³ *Extrato dos Estatutos do Sport Club Gaúcho*, 14/10/1938. Em anexo. (Mantida a grafia original).

¹⁵⁴ Em Pelotas foi fundada a Liga José do Patrocínio em 10/06/1919. No caso de Rio Grande, a Liga Rio Branco foi fundada em 04/08/1926 (LONER, 1999, op. cit., p. 21). Já em Porto Alegre a Liga da Canela Preta teria surgido entre os anos de 1915 e 1930 (JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *canela preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 11, jul. 1999, p. 145).

¹⁵⁵ Grêmio Esportivo Flamengo, fundado em 1935. Esse clube, a partir de 1975, passa a se chamar Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

¹⁵⁶ Esporte Clube Juventude, fundado em 1913.

¹⁵⁷ *Relatório – Ofensa Física*, n. 75, 1942. Acervo: APC/CXS.

entrada deles em times de futebol pertencentes aos clubes de elite.¹⁵⁸ Segundo Giulianotti (2002, p. 203), “a ubiqüidade do racismo no futebol é ilustrada de forma mais grave no Brasil”, onde “as elites brancas (...) resistiram a uma dissipação organizada do esporte entre as populações negras”, sendo que, somente “o pragmatismo gerencial persuadiu os principais clubes a admitir jogadores negros”. Não é objetivo aqui, analisar a incorporação de jogadores negros pelos principais clubes de Caxias, mas cabe destacar que na primeira formação do *Flamengo*, o integrante do Clube Gaúcho, Eloi Moreira Pitta, era técnico do time.¹⁵⁹

A prática do futebol pelos integrantes do Clube Gaúcho, pode ser considerada uma das primeiras formas encontradas pelo clube para buscar a integração com a sociedade local. Dessa forma, pouco mais de um ano depois de sua fundação, em 1935, os membros do clube organizam e participam de um torneio de futebol que desperta interesse nas “rodas desportivas” da cidade, participando dele “vários quadros locais”.¹⁶⁰ Caxias já possuía diversos times de “futebol menor”, também chamados de “varzeanos”, como o *Esporte Clube Juvenil*, o *Esporte Clube Guarany*, o *Esporte Clube Lusitano*, entre outros.¹⁶¹ Mas as informações sobre os campeonatos são escassas durante a década de 1930. Era um período de estruturação do futebol caxiense, que só cria sua liga em 1936.¹⁶² Elói Moreira Pitta, integrante do Clube Gaúcho, vai participar da primeira comissão técnica da *Liga Caxiense de Futebol* (LCF), porém, representando o *9ª BC Athletico Club*.¹⁶³ Depois do campeonato realizado em 1935, só consegui informações sobre partidas realizadas na década de 1940. Em uma delas, as cores do *Sport Club Gaúcho*,¹⁶⁴ foram defendidas pelos seus atletas em um jogo realizado em São Marcos, no dia 06 de fevereiro de 1944. A partida seguinte, realizou-se em Caxias contra o *Internacional* (local) terminando em 6 x 6.¹⁶⁵

Durante a década de 1940 as informações sobre a realização de partidas e torneios são mais constantes. Em jogo contra o *Grêmio Atlético Pombal*, em 30 de julho de 1944, o

¹⁵⁸ Sobre a incorporação de negros aos times de futebol dos clubes de elite do Rio de Janeiro e São Paulo, ver: LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (organizadores). **Cultura de classe: cultura de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p. 121-163.

¹⁵⁹ Essa informação está disponível no site da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, na seção “História”. Disponível em: <<http://www.sercaxiasdosul.com.br/clube.php>>. Acesso em: 15 dez. 2006.

¹⁶⁰ *O Bandeirante*. Caxias do Sul, 26/10/1935, n. 35, p. 3. Acervo: AHMJSA.

¹⁶¹ Adami (1966, op. cit., p. 43) apresenta maiores informações sobre os clubes e datas de fundação.

¹⁶² *Ata de Fundação da “Liga Sportiva Caxiense”*, 22/04/1936 - FUT(L) 0016. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol. Acervo: AHMJSA.

¹⁶³ *Ata n. 08*, 22/05/1936 - FUT(L) 0016. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol. Acervo: AHMJSA.

¹⁶⁴ Azul, amarelo e branco eram as cores defendidas pelo time de futebol do Clube Gaúcho, conforme o Art. 28 dos *Estatutos do Esporte Clube Gaúcho*, 10/02/1955.

¹⁶⁵ *Atas*, 06/02/1944; 20/02/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

destaque foi para a presença da torcida, “sendo maior para o lado dos 'gaúchos', porquanto as suas sócias estavam num número elevado no campo torcendo”.¹⁶⁶ Ainda neste ano, Argemiro Padilha, *Diretor do Departamento Esportivo* na época, sugere que o Clube Gaúcho organize um campeonato entre os times “varzeanos” da cidade.¹⁶⁷ A idéia é aceita “com entusiasmo” pelos outros sócios e, logo, os demais clubes são convocados para uma reunião. Participam do *Torneio Relâmpago* as seguintes equipes: *Aimoré, Botafogo, Tupy, Vera Cruz, Juvenil, Vitória, Az de Ouro, Internacional, Pombal, Americano e Gaúcho*. A intenção era arrecadar fundos através desse torneio para a construção de um novo estádio na cidade.¹⁶⁸

Os jogos eram realizados no campo do *Esporte Clube Juventude*, no campo de *Grêmio Atlético Eberle*, entre outros. Porém, havia reclamações a respeito da falta de estádios na cidade. Osmar Meletti, em reportagem publicada em 1947, diz que “se deixarmos correr mais tempo, despreocupados com a construção do nosso estádio, estaremos forjando o estacionamento da nossa própria cultura esportiva”. Lembra que essa reivindicação já havia sido feita três anos antes pelo cronista Roberto Ottoniel Júnior. Dizia ainda, que se devia colocar “o esporte na devida altura” e que a construção de um novo estádio era a “exigência dos desportistas modernos” e “o brado dos caxienses”.¹⁶⁹ Argemiro Padilha deve ter ouvido os apelos feitos três anos antes dessa reportagem, sua idéia foi acatada e parabenizada por grande parte dos desportistas da cidade e contou com o patrocínio da *Liga de Defesa Nacional*.¹⁷⁰

Fundada em 07 de setembro de 1916 a *Liga de Defesa Nacional* (LDN) “desempenharia, desde o seu surgimento, mas principalmente após 1930, um papel importante na campanha de nacionalização da sociedade” (PAGANI, 2005, p. 28). A proximidade da LDN ao Clube Gaúcho pode ser explicada pela participação de diversos militares no clube. Muitos deles, como vimos, foram seus fundadores. Além disso, durante a década de 1930, o clube realizou algumas atividades de caráter nacionalista em sua sede. Como exemplo, em 19 de dezembro de 1938, o Sport Club Gaúcho,

no escopo de tornar realidade, cada vez mais, as suas finalidades de acendrado civismo, a 25 proximo, hasteara, na fachada de sua sede, o pavilhão nacional. Nessa ocasião, então os seus consocios reunir-se-ão em formatura, para cantarem o Hino Nacional usando da palavra diversos oradores.¹⁷¹

¹⁶⁶ *Ata da Partida Amistosa*, 30/07/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

¹⁶⁷ *Ata n. 7*, 13/08/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

¹⁶⁸ *O Momento*. Caxias do Sul, 30/09/1944, n. 601. Acervo: AHMJSA.

¹⁶⁹ *O Momento*. Caxias do Sul, 23/08/1947, n. 750. Acervo: AHMJSA.

¹⁷⁰ *O Momento*. Caxias do Sul, 28/10/1944, n. 605. Acervo: AHMJSA. *Ata n. 17*, 13/11/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

¹⁷¹ *O Momento*. Caxias do Sul, 19/12/1938, n. 302. Acervo: AHMJSA (Mantida a grafia original).

O patriotismo é apresentado aqui, como mais uma das finalidades do clube. Essa informação vem ratificar o que foi pensado a respeito da utilização do termo “gaúcho” no nome do clube anteriormente. Além de informar ao restante da população caxiense que naquele clube havia gaúchos e, conseqüentemente, brasileiros, fica evidente que a associação serviu como um propagadora de um sentimento de amor a pátria brasileira na cidade de Caxias, sendo que seus associados eram vistos, muitas vezes, como os “verdadeiros brasileiros”.¹⁷² Alguns dias depois, *O Momento* relata como foi a cerimônia:

Conforme determinação da diretoria dessa simpática sociedade local, a 25 de dezembro ultimo, na fachada de sua séde, foi hasteado solenemente o pavilhão nacional.

O ato que foi muito concorrido, teve o prestigioso concurso de um grupo de musicas da Banda do 9º BC que executou o hino nacional.

O Tenente Eloi Moreira Pitta hasteou a Bandeira da Patria, tendo feito o discurso oficial o consocio Agenor da Silva.¹⁷³

A aproximação do clube a figura de Percy Vargas de Abreu e Lima, também colabora com a idéia da vinculação da associação com o nacionalismo em seus primeiros anos de vida. Percy foi presidente do *Centro Cultural Tobias Barreto de Menezes*, fundado em 26 de agosto de 1937, e que tinha entre seus objetivos “promover o nacionalismo brasileiro na região” (PAGANI, 2005, p. 20). Segundo Domingues (2004a, p. 362), “do ponto de vista ideológico, o nacionalismo era a principal corrente de pensamento no meio negro. A afirmação do sentimento de brasilidade, a defesa da pátria e o ideal de integração nacional eram valores supremos na luta política dos negros em São Paulo”. Assim, é possível que o Clube Gaúcho, em seus primeiros anos de existência, tenha contribuído para a divulgação do nacionalismo na região. Mas, nem só de futebol e de exaltação a pátria vivia o Gaúcho. Durante seus primeiros anos de existência foram realizados diversos bailes.

Entre as festividades realizadas no clube, as principais eram a comemoração do aniversário e a festa de final de ano. Na comemoração do seu quinto aniversário foi oferecido aos convidados “finos doces e líquidos”, sendo que, em seguida, iniciaram as “danças que terminaram na maior cordialidade”. Ainda, “foi servido um apetitoso churrasco, regado a

¹⁷² Segundo anotação realizada por Thales de Azevedo, “os descendentes de italiano têm muito orgulho do seu sangue: desprezam os nacionais. 'Brasileiro' era sinônimo de negro” (AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do Sul**: cadernos de pesquisa. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1994, p. 101). Lazzarotto diz que “brasileiros” era o nome dado aos negros. Ainda segundo o autor, o “termo que trazia muito de pejorativo e muito de um racismo que o descendente de italiano cultuou em favor de sua superioridade” (LAZZAROTTO, 1981, op. cit., p. 92).

¹⁷³ *O Momento*. Caxias do Sul, 16/01/1939, n. 306. Acervo: AHMJSa. (Mantida a grafia original).

cerveja, dedicado aos sócios”.¹⁷⁴ Na virada do ano de 1940 para 1941, além da tomada de posse da nova diretoria do clube, houve um baile que terminou “altas horas da madrugada”.¹⁷⁵ Essas são as principais datas de comemoração do clube. Mas, a programação é extensa. Em 1938, por exemplo, foi oferecido um baile “pelas senhoras associadas, aos membros desse clube”.¹⁷⁶ As “senhoras”, além de serem torcedoras durante os jogos do time de futebol, tinham uma diretoria própria e, aparentemente, possuíam certa autonomia para organização de eventos sociais. Além disso, em diversas ocasiões foi permitido que as mulheres do clube “usassem a palavra”. Em 1936, por exemplo, na posse da nova diretoria, falaram Agenor da Silva, Bartling Waithers e Dalva Antunes Vianna.¹⁷⁷ É significativa essa possibilidade das mulheres falarem aos demais associados, pois, era recente a sua conquista pelo direito ao voto no Brasil.¹⁷⁸ O espaço aberto para o discurso feminino, realizado, geralmente, pelas oradoras da *Diretoria Feminina* era uma demonstração do poder e da importância dessas dentro do clube.¹⁷⁹ Foram identificadas cinco formações dessa diretoria, conforme a tabela abaixo:

TABELA 8
DIRETORIAS FEMININAS DO CLUBE GAÚCHO

FUNÇÃO	1936	1937	1940	1941	1942
Presidenta	Eulalia Gama	Idalina Pereira	Emília Machado	Maria Machado	Maria Machado
Vice-Presidenta	Izidora Rodrigues	Laura de Assis	Guilhermina Machado	Rosalina da Silva	Rosalina da Silva
Diretoria Geral	Luiza da Luz
Tesoureira	Rosalina da Silva	Rosalina da Silva	Doralina Antunes Viana	Doralina Antunes Vianna	Emília Machado
Secretária	Jandyra da Cunha Júnior	...	Dalva Antunes Viana	Diva Antunes Vianna	Laura Machado
Oradora	Dalva Antunes Viana	...	Francisca Domingos Machado	Celestina Rosa	Celestina Rosa
1ª Procuradora	...	Iracema Rodrigues Pinto	Julia Ribeiro	Eva Marques	Guilhermina Machado
2ª Procuradora	...	Luiza Nunes	Jorja Pachêco	Maria dos Reis	...

FONTE: *O Momento*. Caxias do Sul, 09/01/1936, n. 151; 11/01/1937, n. 204; 13/01/194, n. 409; 12/01/1942, n. 461; *A Época*. Caxias do Sul, 14/01/1940, n. 66. Acervo: AHMJS.A.

A existência de diretorias femininas em associações negras foi identificada por outros

¹⁷⁴ *O Momento*. Caxias do Sul, 03/07/1939, n. 330. Acervo: AHMJS.A.

¹⁷⁵ *O Momento*. Caxias do Sul, 13/01/1941, n. 409. Acervo: AHMJS.A.

¹⁷⁶ *O Momento*. Caxias do Sul, 03/10/1938, n. 291. Acervo: AHMJS.A.

¹⁷⁷ *O Momento*. Caxias do Sul, 09/01/1936, n. 151. Acervo: AHMJS.A.

¹⁷⁸ Conforme Pinto, “a luta pelo direito ao voto da mulher chegou a seu fim em 1932, quando o novo Código Eleitoral incluiu a mulher como detentora do direito de votar e de ser votada” (PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 28).

¹⁷⁹ Segundo Domingues, em alguns momentos as mulheres negras se destacaram em eventos da Frente Negra Brasileira (FNB), como por exemplo, “nas comemorações do 13 de Maio, elas participavam não só como coadjuvantes, mas também exercendo papel de certo relevo, como o de oradoras” (DOMINGUES, Petrônio. *Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil*. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 28, jan./jun. 2007, p. 345-374).

autores. Loner (1999, p. 23), considera que devido a importância do papel desempenhado pelas mulheres negras, se encontram diretorias femininas “praticamente em todas as suas associações, que funcionam paralelamente a diretoria masculina”. No caso do Clube Gaúcho, essas foram as cinco direções encontradas. Posteriormente, essas mulheres passam a fazer parte do Departamento Feminino, também chamado de Ala Feminina. Mesmo como Departamento Feminino, as sócias do Clube Gaúcho, exigem autonomia. Isso fica claro no momento da posse de Antonieta de Assis, em 1952, como presidenta do departamento. Antonieta “declara que assumia o cargo, somente se deixassem agir com plena autonomia de liberdade de ação, sem interferência, mesmo do mais alto dirigente da sociedade”. É possível que o grupo de mulheres do clube estivessem descontentes com os rumos do seu departamento, ou mesmo, com os rumos do clube, sendo Antonieta a porta voz desse descontentamento. Como sua solicitação ia contra os estatutos do clube, declarou “que se houvesse alguma coisa fora do seu agrado, não lhe custaria officiar novamente [a diretoria] renunciando o cargo que acabava de aceitar”.¹⁸⁰

Para a realização de suas festividades e reuniões, desde o início o clube contou com uma sede. A princípio, “sua sede provisória” estava localizada na “rua Pinheiro Machado, n. 2369”.¹⁸¹ Ali, na esquina da rua Pinheiro Machado com a Moreira Cezar (ver mapa em anexo), funcionou durante muito tempo, até 1950. O local onde funcionava a sede provisória pertencia ao comerciante “Andreazza”, que possuía relações de amizade com João Ribas e outros integrantes do clube.¹⁸² Para Domingues (2004a, p. 326), “as associações mais estruturadas mantinham sede social”, situação que contrastava com as menores, que sem sede própria eram “obrigadas a alugar salão para festas, conferências, entre outros eventos”. Assim, o Clube Gaúcho pode ser considerado um clube estruturado, que mantinha uma sede provisória através do pagamento regular de aluguel ou mantendo-a através dos laços de solidariedade criados. Essa situação vai mudar em 1950, quando o clube inaugura sua sede própria, mesmo enfrentando os problemas comuns dos clubes pequenos, apontados pelo jornal *O Momento*. Segundo o periódico, que critica a atuação do Departamento de Futebol Menor da LCF,

esses clubes amparados por algumas dezenas de associados e dirigidos por desportistas de fibra, anualmente disputam o campeonato varzeano, sem entretanto obterem alguma renda de seus jogos, e, podemos dizer que numa temporada, quando esta chega ao seu término, vêem os seus cofres esgotados e muitas vezes vêem-se

¹⁸⁰ Ata n. 29, 16/04/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁸¹ *Extrato dos Estatutos do Sport Club Gaúcho*, 14/10/1938.

¹⁸² *Solange Maria Ribas Ribeiro*. Depoimento concedido ao autor em 17/12/2007.

crivados de dívidas.¹⁸³

Essa situação retrata bem o caso do Clube Gaúcho, que estava amparado financeiramente na contribuição de seus associados. O número de sócios nessa época é incerto, sabe-se que o Departamento de Futebol contava com aproximadamente oitenta integrantes em janeiro de 1944.¹⁸⁴ Mesmo com uma situação financeira instável, o clube vai investir na aquisição de uma sede própria, inaugurada em janeiro de 1950. Para isso, alguns sócios decidem financiar a obra, “em partes iguais” entre aqueles que assinam a ata que trata do assunto. Os financiadores desse investimento foram: Paulino Dias Belissimo, Algemiro Nunes dos Santos, João Ribas, Acácio Moraes, Eduardo Paulo Martins, Agenor da Silva, João da Silva, Osni dos Santos, Pedro Moreira, Valter Penha, Osvaldo Torquato, entre outros, cujas assinaturas não são legíveis.¹⁸⁵

Assim, em junho de 1949, Paulino Dias Belissimo, presidente do clube na ocasião, ficou “autorizado a mandar construir no terreno de propriedade da sociedade esportiva e recreativa denominada Esporte Clube Gaúcho, situado a rua Visconde de Pelotas, lote n. 01, quadra n. 163, (...) antigo lote rural [Travessão] Emanuel, 7ª Léguas desta cidade”.¹⁸⁶ Meio ano depois de iniciada a construção, o clube realiza a festa de inauguração de sua sede própria. Estiveram presentes no ato de inauguração representantes da Prefeitura Municipal, da Câmara de Vereadores, da Delegacia de Polícia, da imprensa, dos sindicatos e dos clubes de futebol da cidade.¹⁸⁷ Naquele dia, 14 de janeiro de 1950, o presidente “lançou um apelo a todos os sócios, que cooperassem no sentido do engrandecimento do Esporte Clube Gaúcho”. Posteriormente, “foi levado a efeito um grandioso baile que se prolongou até alta madrugada”.¹⁸⁸

¹⁸³ *O Momento*. Caxias do Sul, 14/01/1950, n. 874. Acervo: AHMISA.

¹⁸⁴ *Ata Departamento Esportivo*, 01/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

¹⁸⁵ *Ata n. 01*, 18/06/1949, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁸⁶ *Ata n. 01*, 18/06/1949, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁸⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 04/03/1950, contracapa. Acervo: AHMISA.

¹⁸⁸ *Ata de Inauguração*, 14/01/1950, Livro 02. Acervo: AMJSA.

ILUSTRAÇÃO 3

SEDE DO CLUBE GAÚCHO INAUGURADA EM 1950



FONTE: Acervo particular de Maria Aparecida Costa Pontes.

Nesses primeiros anos de existência, nota-se a importância das mulheres na criação de associações negras em Caxias. No Clube das Margaridas tinham o seu espaço garantido, no Clube Gaúcho, discursavam, promoviam festas e possuíam uma diretoria própria que, com o passar dos anos, foi se transformando em um departamento do clube. Mesmo assim, continuaram a exigir que seus posicionamentos e decisões fossem respeitados. Além da participação feminina, destaca-se também, a participação dos militares que, provavelmente, foram os responsáveis pela aproximação do clube com o nacionalismo, através da LDN e da organização dos eventos onde os maiores símbolos nacionais tinham papel de destaque. Dessa forma, o clube e, conseqüentemente, o negro foram vistos como a expressão da brasilidade na cidade, em um período que “ser italiano” ou descendente era valorizado pelo município, através da Festa da Uva, e pelo governo italiano, através de sua política. Organizando festas e eventos cívicos o clube uniu aqueles que pertenciam ao mesmo grupo étnico. Organizando torneios de futebol e participando de outros, organizados por outras entidades, o clube se expôs aos *outros*. Através dessa exposição buscou marcar e (re)significar as fronteiras étnicas. Com a inauguração de sua sede própria, em 1950, apesar das dificuldades financeiras e das divergências entre aqueles que o dirigem, o clube entrará em um novo período, que será considerado por muitos, como a “fase de ouro” do clube, que passa, inclusive, a representar Caxias do Sul em outras cidades da região.

3.3 SOB A PROTEÇÃO DA PRINCESA E DE SÃO BENEDITO

A inauguração da nova sede em 1950 poderia significar o início de uma nova etapa na trajetória do Clube Gaúcho. Em um local mais amplo, o clube poderia abrigar mais sócios, podendo aumentar suas receitas e enfim se tornar um “grande clube”, com uma sólida estrutura. Em alguns aspectos o clube se tornou grandioso, mas para alcançar seus objetivos, foi preciso superar crises financeiras e conciliar posicionamentos divergentes. Nessa nova etapa, o clube continua organizando diversos tipos de eventos para seus associados e os fundadores passam a se preocupar com o futuro da associação. Novos departamentos são criados e os antigos são extintos, sendo reorganizados em momentos de crise. Assim, de 1950 a 1988, o clube acostuma-se com a instabilidade, que não tirou o fôlego daqueles que nunca deixaram de acreditar no “engrandecimento”¹⁸⁹ do Clube Gaúcho.

As comemorações pela construção da “nova sede” demonstram “o desejo de demarcar um espaço onde se pode desenvolver a sociabilidade segundo as regras adotadas pela associação” (SILVA Jr., 2004, p. 218). Mas, elas não duraram muito tempo, pois, no final do ano de 1951, o presidente, Paulino Dias Belíssimo, informa “que o clube não estando em [boa] situação financeira não poderia promover festas a seus associados até o fim do ano”.¹⁹⁰ Em agosto de 1952 um novo alerta, desta vez na voz de João Ribas, que dizia: “o clube não deve contrair mais dívidas porque a situação financeira não permite”.¹⁹¹ Nesses momentos críticos, é solicitada, de forma mais enfática, a contribuição dos associados. Dessa forma, é requerida uma listagem dos sócios que estavam com as mensalidades atrasadas. A solução para a regularização das finanças estaria, em parte, na cobrança das mensalidades dos sócios em atraso. Para pressioná-los, nesse momento de dificuldade financeira, os dirigentes do clube decidem que “os sócios que não pagarem as mensalidades atrasadas até [determinada] data serão exonerados do (...) quadro social”.¹⁹² Dessa forma, alguns foram expulsos do clube por falta de pagamento. A cobrança das mensalidades atrasadas não teria solucionado o problema. De que forma, então, captar recursos?

¹⁸⁹ Expressão muito utilizada no encerramento das reuniões, onde, geralmente, o presidente solicita a dedicação dos associados para o “engrandecimento” da associação.

¹⁹⁰ *Ata n. 19*, 21/10/1951, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁹¹ *Ata n. 32*, 24/08/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁹² *Ata n. 66*, 10/01/1956, Livro 02. Acervo: SRCG.

Suspender a promoção de festas. Esta foi a proposta do presidente Paulino. Isso pode indicar que os eventos realizados não estavam alcançando o sucesso esperado. É possível que algumas promoções dessem prejuízo. Mas ao suspendê-las, abria-se mão de qualquer possibilidade de lucro. Otimista e acreditando no sucesso dos eventos, o associado Etelvino sugere que a Diretoria “desse franca liberdade para a Ala Feminina promover quermesses e bailes populares”.¹⁹³ O associado ao se referir a promoção de “bailes populares” poderia estar sugerindo que os preços dos ingressos fossem reduzidos. Assim, haveria a possibilidade de aumentar o público participante. Dessa forma, “foi dado ordem a Ala Feminina para promover uma reunião dançante [...] para apresentação das candidatas a Rainha do Carnaval”.¹⁹⁴ A idéia de suspender os bailes não foi acatada. Etelvino parece ter convencido os demais associados. Sua sugestão faz com que a Ala Feminina seja acionada. Elas, então, promovem um baile, arrecadando dinheiro com a venda de ingressos e, possivelmente, mesas. Além disso, promovem um concurso para a escolha da Rainha do Carnaval com venda de votos. Ou seja, a vencedora do concurso seria aquela que vendesse, literalmente, mais votos, que custavam Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros).¹⁹⁵ É importante destacar com isso, as funções delegadas as mulheres do clube. Segundo Giacomini (2006, p. 33), no Clube Renascença, “havia certa divisão sexual das tarefas”, lembrada por um de seus entrevistados, que declara: “a parte social geralmente ficava nas mãos de mulheres de associados ou de filhas, irmãs, sobrinhas”.

No Clube Gaúcho elas pertenciam a Ala Feminina, que, de acordo com o estatuto, tinha, “como fim único (...) zelar pela boa harmonia entre as famílias dos associados e prestigiar com seu auxílio a boa ornamentação da sede em dias de festa”.¹⁹⁶ Dessa forma, é preciso fazer alguns acréscimos ao texto do estatuto, pois, como vimos, essa Ala, também, foi responsável pela organização de muitos dos eventos realizados pelo clube. Além disso, foram convocadas para prestar auxílio de outras maneiras. Durante a realização de uma campanha, que tinha como objetivo a pintura do clube em 1955, por determinação do presidente Florêncio Machado, as moças deviam “visitar o comércio e a indústria locais para arrumar fundos”.¹⁹⁷ Foram, ainda, designadas para fazer a limpeza do salão após as festividades.¹⁹⁸ Mas, sua principal atividade durante esses anos, foi, sem dúvida, a organização dos eventos da associação. Para isso, eram acionadas em diversos momentos, mas, principalmente, quando o

¹⁹³ *Ata n. 19*, 21/10/1951, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁹⁴ *Ata n. 20*, 05/12/1951, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁹⁵ *Idem*.

¹⁹⁶ *Estatutos do Esporte Clube Gaúcho*, 10/02/1955, p. 15. Acervo: SRCG.

¹⁹⁷ *Ata n. 59*, 27/09/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

¹⁹⁸ Em 1956, conforme registro em ata, o presidente do clube falou “sobre os ornamentos e a limpeza do salão, que ficará a cargo da senhora presidenta da Ala Feminina, senhora Jurandi Moraes e componentes da Ala Feminina”. Ver: *Ata n. 73*, 01/08/1956, Livro 02. Acervo: SRCG.

clube passava por dificuldades financeiras. Em um desses momentos,

o sr. tesoureiro se referiu a dívida do clube que se eleva a quase um milhão de cruzeiros, pedindo aos mesários que opinassem sobre a maneira de saldar essa dívida. Após vários debates entre os diretores do clube e associados presentes, decidiu-se pela proposição de um sócio que visa organizar uma comissão afim de obter meios para saldar as dívidas contraídas pelo clube. A comissão será composta pelas senhoras Maria de Souza, Carmem Moreira e Lúcia dos Santos.¹⁹⁹

Novamente passando por dificuldades, a diretoria do clube opta pela elaboração de uma comissão, que ficou responsável de elaborar meios para saldar a dívida. Essa responsabilidade foi atribuída, como vimos, a três mulheres. Nem mesmo o idealizador da comissão participou dela. A necessidade de formação dessa comissão, pode representar também, que naquele momento a Ala Feminina estaria extinta ou desativada. Isso se comprova em 1973, quando Agenor Pacheco sugere a “reorganização” do departamento.²⁰⁰ Sua reativação se deu em um momento importante, poucos anos antes do início das obras de uma nova sede, como veremos adiante. O trabalho dessas mulheres foi destacado por José Francisco Gama no final da década de 1970, solicitando, neste mesmo momento, que era novamente de crise, o estímulo a Ala Feminina.²⁰¹ Assim, essa Ala, além de zelar pela harmonia das famílias associadas e auxiliar na ornamentação do clube em dias de festa, desenvolveu os mais diversos trabalhos em benefício do clube e seus associados. Faziam a limpeza e contribuía, significativamente, na captação de recursos, planejando atividades festivas e saindo às ruas pedindo contribuições. Outro departamento que contribuiu na arrecadação de recursos foi o da Escola de Samba.

A criação do Departamento Escola de Samba, tem suas origens no carnaval de 1950. Naquele ano “uma comissão de senhoritas pertencente a essa sociedade, (...) percorre[u] a cidade afim de angariar fundos, para a formação de um cordão carnavalesco”.²⁰² Essa é a primeira informação²⁰³ sobre a formação de um bloco, pelo clube, para participar do Carnaval de Rua caxiense. Durante a década de 1950 não existem informações sobre a festa nas ruas da cidade, que tem como tradição a realização de bailes carnavalescos em clubes. Só se tem

¹⁹⁹ *Ata n. 16*, 11/08/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁰⁰ *Ata n. 53*, 11/12/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁰¹ *Ata n. 113*, 29/08/1976, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁰² *O Momento*. Caxias do Sul, 04/02/1950, n. 877. Acervo: AHMJSJA.

²⁰³ É preciso destacar que foram encontradas informações sobre o Bloco Carnavalesco “Os Filhos Dele”, único a percorrer as ruas da cidade em 1939. Esse bloco se apresentou com “belas fantasias”, tendo uma “ótima organização”. Além disso, o bloco cantou o samba “O Gaúcho” e a marcha “Corcovado”, ambos “de música e letra do próprio conjunto”. Segundo o jornal esse bloco seria do G. S. Gaúcho. Porém, não se descarta a possibilidade de um erro na grafia no nome do clube, podendo este bloco pertencer ao *Sport Club Gaúcho*, já que os entrevistados informam sobre a existência de um bloco desde os primeiros anos de fundação do clube. Essa matéria foi publicada pelo jornal *A Época*. Caxias do Sul, 26/02/1939, n. 22, consultado no AHMJSJA.

notícia do bloco, novamente, em 1960, quando “o bloco da turma do Gaúcho saiu para se divertir e divertir o povo caxiense numa demonstração do entusiasmo dos foliões daquela entidade recreativa”.²⁰⁴ Durante toda a década de 1960, o “famoso bloco carnavalesco” *Os Protegidos da Princesa*, do Clube Gaúcho, desfilou pelas ruas da cidade, conquistando o campeonato por nove carnavais seguidos, de 1961 e 1969.²⁰⁵ Tornando-se campeã, a escola, além de prestígio, ganhava o prêmio oferecido pelos promotores do Carnaval de Rua. Como os prêmios eram em dinheiro, a conquista dos campeonatos fizeram aumentar a arrecadação financeira do clube.²⁰⁶ Em 1968, por exemplo, a escola dividiu o prêmio de NCr\$ 1.000,00, oferecido pela municipalidade, com as outras participantes dos desfiles naquele ano: *Os Bola Preta e Os Conquistadores do Ritmo*.²⁰⁷

Já na década de 1970, a escola teve uma participação inconstante. No carnaval de 1970 não desfilou e, em 1971, o clube participou do carnaval, sem concorrer ao título, com a *Tribo Carnavalesca Os Tapias*.²⁰⁸ É campeã novamente em 1972, quando *Os Protegidos da Princesa* apresentam o tema “Chegada da Família Real Portuguesa no Brasil”.²⁰⁹ O retorno foi consagrado com o título do “Carnaval do Samba e do Vinho” e a respectiva premiação.²¹⁰ Nos anos 1970, a escola também conquista os carnavais de 1973, 1974, 1975, 1977 (recebendo Cr\$ 1.200,00) e 1978 (recebendo Cr\$ 30.000,00).²¹¹ Em 1976 a escola desfila como convidada e não concorre ao título. Já em 1979, “o tradicional Bloco Os Protegidos da Princesa” não saiu as ruas “devido a sede social da Sociedade Esportiva e Recreativa Gaúcho estar em construção”.²¹² Além do envolvimento dos dirigentes e associados com a construção da sede, pode ter influenciado na decisão do clube, o não atendimento de suas propostas naquele ano. A decisão sobre a participação ou não da escola naquele carnaval foi pauta da reunião realizada em 12 de dezembro de 1979. Nessa reunião,

²⁰⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 05/03/1960, p. 7. Acervo: AHMJSA.

²⁰⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 17/03/1962, p. 16; 15/02/1964, p. 14; 06/03/1965, p. 8; 26/02/1966, p. 3; 11/02/1967, p. 4; 02/03/1968, p. 3; 24/01/1970, p. 6. Acervo: AHMJSA.

²⁰⁶ Segundo *Ata n. 16*, 29/03/1973, Livro 05, “a escola de samba deu lucro. Receita e despesa da Escola de Samba durante o carnaval “representa um saldo líquido de Cr\$ 337,83 (trezentos e trinta e sete cruzeiros e oitenta e três centavos)”. Acervo: SRCG.

²⁰⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 02/03/1968, p. 3. Acervo: AHMJSA.

²⁰⁸ *Ata n. 01*, 14/01/1971, Livro 04. Acervo: SRCG.

²⁰⁹ Para essa apresentação, a escola criou um samba-enredo. A autoria, música e arranjos eram de Ori Pinheiro. Transcrevo aqui este samba-enredo por ser o único localizado nessa pesquisa: “Em 1808 / Data da invasão de Portugal / D. João VI viu-se obrigado a fugir / Trazendo a Côrte Imperial / Foi recebido na Bahia / Pelo povo com muita alegria / Grandes benefícios / A Côrte deixou / Fundação da imprensa / Criação de escolas / Ela nos legou / Neste ciclo imortal / O Brasil cresceu / Graças ao Reino Imperial / Agigantou-se e despertou / Ficou grande, ficou forte / Quando nas margens do Ipiranga / D. Pedro gritou / Ai, gritou / 'Independência ou Morte’”. *Pioneiro*, 05/02/1972, p. 5. Acervo: AHMJSA.

²¹⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 19/02/1972, p. 6. Acervo: AHMJSA.

²¹¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 17/03/1973, p. 21; 02/03/1974, p. 11; 15/02/1975, p. 21; 18/02/1976, p. 14; 26/02/1977, p. 18; 11/02/1978, p. 24. Acervo: AHMJSA.

²¹² *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 03/02/1979, p. 4. Acervo: AHMJSA.

Como primeiro assunto tratado foi sobre a participação no Carnaval de Rua da Escola de Samba 'Os Protegidos da Princesa'. A decisão da diretoria foi a seguinte: levar a seguinte proposta para o Departamento de Turismo. 'Se houver ajuda de custo no valor de cento e trinta mil cruzeiros independente do prêmio que a Escola irá concorrer será aceita sua participação.'²¹³

A proposta demonstra o prestígio que a escola havia alcançado. Campeã quinze vezes do carnaval caxiense, seus dirigentes utilizam-se de sua fama para minimizar os custos com a preparação do desfile. Sendo assim, indica as dificuldades financeiras atravessadas pelo clube. A não aceitação da proposta pelo Departamento de Turismo pode ter sido a grande responsável pela não saída da escola naquele ano. Devido as dificuldades, a Protegidos da Princesa, só retorna ao carnaval em 1982. Sua volta "surpreendeu bastante, [...] com seus componentes totalmente modificados". Nessa oportunidade, a escola apresentou o tema "Quilombo", "com seus figurantes, quase totalmente jovens". É importante destacar a escolha do tema para essa volta da escola. Os organizadores do desfile neste ano, demonstram uma espécie de reavaliação do período da escravidão, identificando nele o protagonismo do negro na formação de quilombos. Mas, não foi um bom retorno, pois a escola foi penalizada por ter desfilado "sem o número mínimo de figurantes exigido pelo regulamento".²¹⁴ A escola teria perdido sua força?

É provável que sim, devido as dissidências dentro desse departamento do clube. No carnaval de 1969, por exemplo, surge a *Escola de Samba Nós, Os Protegidos*, "que parece ser uma espécie de dissidência da Princesa e o Bola Preta".²¹⁵ Posteriormente, a criação da *Escola de Samba Império Serrano*, acabou levando figuras importantes da Protegidos e do Clube Gaúcho, entre eles Ori Pinheiro. O presidente da Império Serrano, José Carlos Medeiros, afirma que essa idéia de criar a escola surgiu "da necessidade de substituir a Escola de Samba 'Os Protegidos da Princesa', que não participa de Carnavais há dois anos".²¹⁶ Em correspondência enviada ao Clube Gaúcho, solicitando suas dependências para realizar ensaios de sua escola, José Carlos Medeiros, diz que a Império Serrano surgiu "sem afronta" e "sem ofensa" aos membros da Protegidos.²¹⁷ Essa solicitação, de certa forma, confirma as ligações existentes entre essas entidades através de seus membros. Assim, é possível que essas dissidências tenham enfraquecido a escola, que em sua volta, no carnaval de 1982, teve entre seus componentes vários jovens, sem experiência em sua direção. Porém, fica evidente a

²¹³ Ata n. 20, 12/12/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

²¹⁴ *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 22/02/1982, p. 12-13. Acervo: AHMJSA.

²¹⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/02/1969, p. 8. Acervo: AHMJSA.

²¹⁶ *Jornal de Caxias (Caderno Panorama)*. Caxias do Sul, 16/02/1980, p. 2. Acervo: AHMJSA.

²¹⁷ *Correspondência Recebida*, 05/02/1980. Acervo: SRCG.

importância da escola durante os anos 1960 e 70, não só no sentido de contribuir financeiramente, pois, as funções da escola foram além.

Prestigiada, a Protegidos da Princesa, durante os anos 1960 e 1970, gradualmente, vai substituindo o futebol como forma de interação com os *outros*, auxiliando na demarcação das fronteiras étnicas entre os grupos. Já no início da década de 1950, o futebol dava sinais de desestruturação dentro do clube, sendo que, em 1952, a diretoria pensa em “retomar as suas atividades”.²¹⁸ Ainda são realizados alguns jogos na década de 1950 e 1960, mas o time deixa de participar dos campeonatos de times “varzeanos”. Os Protegidos da Princesa torna-se a responsável pela demarcação de fronteiras, pois, na visão dos integrantes do grupo, através da escola de samba divulga-se “o folclore afro-brasileiro”.²¹⁹ Sendo assim, de acordo com os associados, “o movimento carnaval é antes de tudo um voltar-se às origens africanas”.²²⁰ A apropriação dessa festa pelos elementos negros, segundo Germano (1999, p. 85), se deu nas décadas de 1930 e 40, quando “o elemento popular e negro passou a ser associado ao *verdadeiro* representante do carnaval de rua, já que o próprio carnaval passou a ser visto como uma festa do *povo*”.

No caso de Caxias do Sul, essa associação também ocorreu, principalmente, pela seqüência de títulos conquistados pelo bloco ligado ao Clube Gaúcho. A conquista de títulos era vista como conseqüência da vontade do grupo em “não deixar morrer o carnaval de rua em nossa cidade e região”.²²¹ Segundo o Diretor do Departamento Municipal de Turismo, em reportagem do jornal *Pioneiro*, o carnaval de rua caxiense nada tinha de turístico. Sua existência devia-se ao fato de ser uma forma de “recreação popular”, que proporcionava o “reencontro de uma parte de nossa população com suas origens”.²²² Era realizado, então, sem intenções turísticas. Tinha o objetivo de divertir o povo e, ainda, buscava promover o reencontro da população negra com suas origens, já que a população mais endinheirada viajava ou freqüentava os clubes.²²³ Assim, o Carnaval de Rua caxiense era visto como uma expressão de origem negra, não sendo possível aproveitá-lo como evento turístico, já que Caxias é uma cidade de origem *italiana*. O próprio nome da escola de samba indicava a sua ligação a população negra da cidade, pois, quem seriam *Os Protegidos da Princesa* senão os

²¹⁸ *Ata n. 28*, 01/03/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

²¹⁹ *Relatório da Diretoria*, 26/04/1974, Unidade de Documentação Pública/Correspondência Prefeitura Municipal – 01.02.02 (Clubes Sociais e Recreativos) S. R. C. Gaúcho – Processo 3023/74. Acervo: AHMJS.A.

²²⁰ *Ata n. 84 (Especial)*, 28/06/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.

²²¹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 04/05/1968, p. 8. Acervo: AHMJS.A.

²²² *Pioneiro*. Caxias do Sul, 10/03/1973, p. 20. Acervo: AHMJS.A.

²²³ O jornal *Pioneiro* alerta os seus leitores para a diminuição do movimento nas festas carnavalescas do ano de 1968. Isso, segundo o jornal, aconteceria “por que muita gente vai às praias” ou “visita outros estados” na época do carnaval. Ver: *Pioneiro*. Caxias do Sul, 06/01/1968, p. 8. Acervo: AHMJS.A.

negros?

A escolha desse nome para a escola de samba, a identificava, diretamente, com a população negra. Afinal, a idéia da Princesa Isabel como “protetora” dessa população está relacionada ao fim da escravidão, através da assinatura da Lei Áurea. Segundo Daibert Júnior (2004, p. 158), após o fim do cativo,

buscou-se de todas as formas reforçar a bondade, a caridade e o humanitarismo como elementos fundamentais no caráter da Princesa que mereceria a veneração de todos os brasileiros, em especial dos libertos que deveriam demonstrar eterna gratidão à “Redentora” por ter lhes proporcionado a tão sonhada liberdade.

Os negros, então, eram protegidos pela Princesa que os libertou. Uma das primeiras demonstrações de gratidão ao ato da Princesa foi a fundação da *Guarda Negra*, que, segundo Gomes (2005, p. 17), era “uma organização de libertos que deveria proteger e defender a liberdade dos negros e, em especial, a figura da Princesa Isabel, que a representava”. Responsabilizar a Princesa pela libertação dos escravos tinha entre seus objetivos, fortalecer sua figura no cenário político e, conseqüentemente, o governo imperial. De certa forma, a sua assinatura aumentou o seu prestígio entre os abolicionistas²²⁴ e a população negra. Em contrapartida, sofria forte oposição dos defensores da escravidão e do republicanismo. Assim, com a proclamação da República haverá uma tentativa de desfazer “a associação entre a abolição, a Princesa e a Monarquia” (DAIBERT, 2005, p. 189). Em parte, a tentativa fracassou. O Brasil continuou republicano, mas a associação entre Princesa, Monarquia e liberdade continuará presente.

Os sentimentos monarquistas são perceptíveis entre negros paulistas, por exemplo, na década de 1930. Segundo Andrews (1998, p. 81), “os jornais negros publicados na cidade de São Paulo traziam notícias de clubes e organizações monarquistas na comunidade negra”. Além disso, os membros da escola de samba *Vai-Vai*, “decidiram colocar uma coroa no centro de sua bandeira, como homenagem à monarquia” (ANDREWS, 1998, p. 81). Assim, não é estranho o fato do grupo étnico negro de Caxias do Sul, estudado aqui, ter homenageado a Princesa Isabel quando nomeou a sua escola de samba. Na década de 1960, a imagem da Princesa como “Redentora” dos escravos esteve presente, inclusive, na imprensa caxiense.²²⁵ Daibert (2004, p. 245), diz que “nos clubes e organizações cívicas e sociais dos negros, a

²²⁴ Segundo Daibert Júnior, “somente na década de 1880, em um contexto em que a expectativa pelo fim da escravidão tornou-se quase um consenso entre a população, é que a herdeira do trono passou a apresentar-se publicamente como crítica à instituição escravista, construindo sua imagem como defensora da abolição” (DAIBERT JUNIOR, Robert. **Isabel, a “Redentora” dos escravos**: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988). Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 116).

²²⁵ Ver: *Pioneiro*. Caxias do Sul, 20/05/1961, p. 12. Acervo: AHMJA.

abolição foi comemorada com muito entusiasmo até a década de 1960, por meio de conferências, concertos, bailes e eventos esportivos”. No Clube Gaúcho, vários foram os bailes realizados em comemoração ao fim do cativeiro, como por exemplo: o Baile em Homenagem a Abolição; o Baile da Escravatura; a Noite na Senzala; a Festa do Negro; e, a Noite da Libertação.²²⁶ Além desses, o clube realizou bailes específicos em homenagem a Princesa, um deles, realizado em 1973,²²⁷ quando se tenta, novamente, jogar a Princesa ao esquecimento.

Até os anos 1970, segundo Daibert (2004, p. 256), a “Redentora” foi celebrada e exaltada, “inclusive pela ala direitista do movimento negro que festejava anualmente o '13 de maio”. Essas celebrações acabavam designando ao negro o papel de espectador, que sem ação, dependeu da “proteção” da Princesa para ser livre. A intenção, dessa vez, era colocar em cena o negro, como agente histórico e principal responsável pelo fim da escravidão.²²⁸ Para isso, era necessário substituir a Princesa. Assim, surgiu a figura de Zumbi, que passou a ser lembrada como o símbolo da luta do negro contra a escravidão. É o negro agente da história que se consolida, através do “gradual fortalecimento das tendências de esquerda do movimento [negro], (...), na década de 1970” (DAIBERT, 2004, p. 256). Substituir a Princesa por Zumbi nas comemorações da libertação, significa rejeitar a idéia da passividade dos negros frente a escravidão, dispensando a idéia da necessidade de uma “proteção” que teria sido desempenhada pela Princesa, até então, protagonista dessa história. A utilização da figura de Zumbi nos momentos de comemoração transfere esse protagonismo ao negro e a sua luta contra a escravidão. Mas, a homenagem a Princesa, através do nome dado a escola, expressa a visão do grupo no momento de fundação da escola na década de 1950, não podendo ser descartada a possibilidade da manutenção dessa visão, pois sua figura é, constantemente, (re)significada pelos grupos negros nacionais.²²⁹

O sucesso alcançado pela escola, através de suas vitórias, e pelos bailes realizados no clube, fizeram com que carnaval fosse visto como a “grande festa” do Clube Gaúcho. Quando

²²⁶ *Ata n. 33*, 16/03/1967, Livro 03; *Ata n. 43*, 14/05/1971, Livro 04; *Ata n. 01*, 21/05/1985, Livro 07; *Ata n. 12*, 16/12/1987, Livro 07; *Ata n. 24*, 16/03/1989, Livro 07. Acervo: SRCG.

²²⁷ *Ata n. 21*, 26/04/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

²²⁸ Sobre a ação dos escravos no processo que findaria com a sua libertação, ver: AZEVEDO, Celia Maria Marinho. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2004; CHALHOUB, 1990, op. cit.; MACHADO, Maria Helena. **O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Edusp, 1994.

²²⁹ Um exemplo desta (re)significação pode ser percebido através da letra do samba da Mangueira, em 2000, que homenageava Dom Obá. Segundo Daibert, “Obá teria visto, de acordo com o samba-enredo, 'no morro da Mangueira / sambar de Porta-Bandeira a Princesa Isabel’”. Ou seja, a Princesa Isabel era vista neste momento, como uma figura importante, se considerarmos a importância simbólica de uma porta-bandeira (DAIBERT, 2004, op. cit., p. 257).

chegava o carnaval o clube tinha seu espaço na imprensa garantido, pois era uma das estrelas da festa. Era motivo de orgulho para os sócios e, ainda, contribuía para a aproximação de novos elementos ao grupo. Segundo Florêncio Machado, “nas datas antecedentes aos festejos pré-carnavalescos há uma grande procura de propostas para se associarem, e que após o carnaval estas pessoas não voltam mais ao clube”.²³⁰ Soares (1999, p. 43), analisando a escola de samba paulistana, Vai-Vai, considera que as classificações da agremiação durante a década de 1970, “sempre entre as três melhores do desfile”, contribuíram para um aumento no número de sócios e simpatizantes da escola. Possivelmente, esses novos associados do Clube Gaúcho, não voltam mais ao clube por terem sido atraídos, única e exclusivamente, pelas festas de carnaval. A imprensa local, de certa forma, ajudava a identificar o clube com o “verdadeiro carnaval” da cidade. O *Jornal de Caxias*, dizia que “é neste clube que está o mais autêntico carnaval, com profundas raízes brasileiras. O Gaúcho, super-campeão dos carnavais de rua, está em nova sede, muito próximo à antiga e vai promover três bailes”.²³¹ Alguns dos entrevistados se referem ao período de 1950 a meados de 1970 como “o período de ouro” da história do clube. Se levarmos em conta o número de campeonatos conquistados pela escola de samba e o sucesso dos bailes realizados na sede, como os bailes de carnaval e de debutantes, o destaque a esse período como o mais significativo da história do clube é justificável. Nesse período, a escola, inclusive, passa a representar a cidade de Caxias do Sul em outras cidades da região.²³² Portanto, o Departamento Escola de Samba, assim como o Departamento Feminino, desempenhou diversas funções, entre elas, a de angariar fundos para o clube. Além das iniciativas dos departamentos do clube, houve outras, mais individuais que contribuíram significativamente para a continuidade do clube. Vários são os exemplos de solidariedade prestados por sócios e outros indivíduos próximos ao clube.

Nos momentos difíceis, vários associados prestaram seu auxílio ao clube. Foram realizados os mais diversos tipos de doações. João Ribas, por exemplo, em 1976, “doou a pintura e o associado Francisco Ribas do[ou] o lixamento do parquê” das dependências do clube.²³³ Florêncio Machado, por sua vez, recebeu diversos agradecimentos devido “a colaboração com a limpeza”. Pelo mesmo motivo, as famílias Ribas e Pacheco, foram

²³⁰ Ata n. 27, 24/05/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

²³¹ *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 04/02/1978, p. 8. Acervo: AHMJSa.

²³² Em 1963, em correspondência ao prefeito de Vacaria, o prefeito caxiense credencia a escola de samba Os Protegidos da Princesa para “representar” a cidade, pois “nos últimos carnavais a referida escola de samba conquistou o primeiro lugar nos concursos realizados”. *Correspondência Prefeitura Municipal – Ofício 39/63*, 12/02/1963. Acervo: AHMJSa.

²³³ Ata n. 106, 21/04/1976, Livro 05. Acervo: SRCG.

homenageadas, por terem realizado o serviço “sem remuneração”.²³⁴ A disponibilidade para contribuir com o clube fica evidenciada, também, quando se aproxima a data de aniversário. Na comemoração do seu 45º aniversário, a entidade contou com o apoio de seus associados. Alguns se dispuseram a participar da equipe de trabalho da festa, sendo que, além de prestar o serviço, teriam que pagar o ingresso ou ajudar com um quilo de carne para o churrasco. Nesse momento, “os membros da diretoria também (...) colabora[ram] com doações diversas”.²³⁵ Dessa forma, o clube angariou “a importância de Cr\$ 2.318,00 (dois mil trezentos e dezoito cruzeiros)”.²³⁶ Somando-se as receitas e despesas com o Baile e o Churrasco de Aniversário, o clube teve um saldo positivo de Cr\$ 8.042,00 (oito mil e quarenta e dois cruzeiros).²³⁷ Essas informações demonstram a solidariedade entre os membros do grupo, que se mobiliza nos momentos de crise, objetivando a sobrevivência do Clube Gaúcho e, conseqüentemente, de seus fins. Porém, isso não quer dizer que não havia divergências entre os seus membros, pelo contrário. Com diz Domingues (2004a, p. 312),

a comunidade étnica jamais é um bloco monolítico. Seus membros também estabelecem disputas e solidariedades difusas, já que vínculos comunitários não estão isentos da perda da tradição, das atitudes e dos interesses díspares, das situações de sentimentos conflituosos, mas, principalmente, das contradições de classe.

As disputas dentro do grupo e do clube, foram percebidas em diversos momentos da sua trajetória. Em reunião, Acácio Moraes diz “que há muito vinha notando um desentendimento entre os membros da diretoria”. As palavras de Acácio fizeram o assunto ser colocado em discussão. Ao final dos debates, “todos reconheceram que de fato havia necessidade de uma perfeita cooperação entre a Diretoria e principalmente entre os financiadores” da sede inaugurada em 1950.²³⁸ É possível que houvesse projetos distintos entre aqueles que financiaram a obra e aqueles que dirigiam o clube. Mas, fica difícil saber qual eram os pontos de divergência, pois a documentação utilizada aqui, geralmente, não informa claramente sobre quais temas havia desacordos. Em determinados casos, a falta de colaboração dos associados aparece como motivo para os desentendimentos. Em 1956, por exemplo, o “presidente iria pedir demissão do cargo, vendo a má vontade de alguns associados”.²³⁹ O argumento se repete quando o tesoureiro do clube diz “que o motivo do não

²³⁴ *Ata n. 21*, 27/12/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

²³⁵ *Ata n. 03*, 03/06/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

²³⁶ *Ata n. 06*, 20/06/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

²³⁷ *Ata n. 08*, 03/08/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

²³⁸ *Ata n. 32*, 24/08/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

²³⁹ *Ata n. 71*, 02/05/1956, Livro 02. Acervo: SRCG.

crescimento progressivo, social e material do clube, é apenas por falta de cooperação de parte dos associados”.²⁴⁰ Aqui, vejo essa “falta de cooperação” como um reflexo dos desacordos existentes. Assim, não havia colaboração porque parte dos associados, ou até mesmo da diretoria, desaprovava a administração que estava sendo realizada.

Pedidos de demissões e exonerações também evidenciam as divergências e dissidências existentes dentro do grupo. Paulino Dias Belíssimo, após desentendimento com Luiz Filho, oficiou o clube “solicitando demissão” e aproveitou para solicitar que fosse “saldado o seu crédito junto ao clube”.²⁴¹ Na década de 1960 existem baixas na Ala Feminina. A primeira a pedir demissão foi a presidenta, Maria Souza.²⁴² Logo depois, Dona Olga, também integrante da Ala, solicitou sua saída do clube.²⁴³ Esses dois últimos pedidos podem estar relacionados com a extinção da Ala, reorganizada em 1973, como vimos anteriormente. Ainda na década de 1960, João Viera de Jesus solicitou “demissão definitiva do cargo de presidente”.²⁴⁴ Com esse pedido, Ovídio Graciliano de Souza assumiu as funções.²⁴⁵

Outro momento que indica a existência de divergências, é o período eleitoral. A primeira vez que ocorre disputa entre chapas, de acordo com a documentação consultada, é em 1955. Nesse pleito, disputaram a diretoria executiva, de um lado, Osvaldo de Assis e Florêncio Machado, e, de outro, Otávio Moreira de Brito e Eduardo Paulo Martins, candidatos a presidente e vice respectivamente. Após ser declarada a vitória da chapa de Osvaldo de Assis e Florêncio Machado, o sócio Agenor da Silva solicitou “demissão em caráter irrevogável do quadro de associados”.²⁴⁶ As divergências entre Agenor da Silva e Osvaldo de Assis, poderiam se dar dentro e fora do clube, pois os dois já haviam concorrido a cargos legislativos. Agenor, que era sócio fundador, retorna ao clube e, em 1961, disputa a presidência, tendo como adversário João Vieira de Jesus.²⁴⁷ Assim como Agenor da Silva, outros associados pediram demissão e com o passar de alguns anos retornaram ao clube. Os pedidos de demissão, muitas vezes, foram realizados no “calor” das discussões, sendo, posteriormente, repensados. É uma atitude extrema, que evidencia o desacordo entre os membros. Mas, as divergências nem sempre acabaram com pedidos de demissão ou exoneração. Em alguns casos houve retratações entre aqueles que haviam discordado,

²⁴⁰ *Ata n. 05*, 18/03/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁴¹ *Ata n. 59*, 27/09/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

²⁴² *Ata n. 08*, 20/04/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁴³ *Ata n. 09*, 27/07/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁴⁴ *Ata n. 18*, 21/08/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁴⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 24/09/1966, p. 20. Acervo: AHMJA.

²⁴⁶ *Ata n. 60*, 10/11/1955; *Ata n. 63*, 18/12/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

²⁴⁷ *Ata n. 75*, 16/12/1961, Livro 02. Acervo: SRCG.

“voltando a reinar a paz entre a Diretoria”.²⁴⁸ Para garantir essa paz, chegou a ser apresentada uma moção nesse sentido:

O Sr. Godofredo Costa apresentou moção, para que as reuniões sejam em ritmo de paz, para pensarmos melhor em futuro grandioso, para nosso clube, que devemos apoiar sempre nosso presidente, e que qualquer despesa, de grande vulto que deva ser feita, deveria ser posta em aprovação pelos demais membros da diretoria para não surgir desavenças.²⁴⁹

Além das solicitações para que as reuniões ocorram em “ritmo de paz”, existem também, diversos pedidos para que o grupo mantenha a “união”. Otávio Moreira de Brito era um desses. Dizia “que a família do Gaúcho dev[ia] ser mais unida para que não [houvessem] desentendimentos entre seus associados”. Solicitava, também, que fosse adotado “o lema: 'um por todos e todos por um’”.²⁵⁰ Já Gabriela Pinheiro, pedia que houvesse, além de “mais união”, “sinceridade dentro do clube”.²⁵¹ O pedido pela “união”, também esteve presente quando o grupo tem acordo sobre a construção de uma nova sede social. Nesse momento, foi solicitado que “os membros da diretoria (...) se empenha[ssem] em dar as mãos [para] que o mais breve possível a nova sede social se torne realidade”.²⁵² Mas para concretizar mais esse ideal, além de “dar as mãos”, era necessário conseguir verba para que a construção da nova sede se tornasse realidade.

O desejo de construir uma nova sede existia desde meados da década de 1960. A idéia surgiu com o desejo de “iniciar uma nova fase em sua existência”. Para isso, era “preciso reorganizar a sede, pensar na aquisição de um novo terreno e preparar a sociedade para novos e importantes empreendimentos”.²⁵³ O clube, com esse intuito, em 1966, constituiu uma comissão de “associados e diretores”, que percorreu a cidade “no setor comerciário e industriário, a fim de obter colaborações e fundos para a construção de sua nova sede”. Como justificativa, dizia-se que aquela, inaugurada em 1950, tinha “muitos anos de uso”, não correspondendo mais “a realidade e as funções [da] entidade social”. O grupo percebia o crescimento de seu clube, chegando a conclusão de que a sede não correspondia mais a sua realidade, que era de vitórias no Carnaval de Rua e conquista de prestígio, sendo, inclusive considerado de Utilidade Pública. Mais uma vez, aqui, se entende a atribuição que é dada ao período, como o “período de ouro” do clube, quando se encerra uma fase e se inicia outra, em

²⁴⁸ Ata n. 68, 18/05/1972, Livro 04. Acervo: SRCG.

²⁴⁹ Ata n. 72, 27/08/1972, Livro 04. Acervo: SRCG.

²⁵⁰ Ata n. 59, 27/09/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

²⁵¹ Ata n. 09, 27/04/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁵² Ata n. 99, 15/12/1975, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁵³ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 18/07/1964, p. 16. Acervo: AHMJS.A.

uma nova sede. Com a obra, os associados teriam “então uma sede social à altura de suas iniciativas”.²⁵⁴ Além disso, existem referências a reparos que deveriam ser feitos na sede após a visita da Unidade Sanitária de Caxias do Sul.²⁵⁵ Dessa forma, ela poderia estar com problemas estruturais sérios, o que pode ter influenciado na decisão de construir uma nova. Assim, seus associados, percorreram a cidade em busca de auxílios na indústria e no comércio, podendo ainda, buscá-los junto ao poder público.

Essa possibilidade se concretizou após o Esporte Clube Gaúcho ser declarado de Utilidade Pública pela Lei n. 1.707, de 29 de agosto de 1968. O clube já havia sido beneficiado pela Lei n. 111, de 31 de dezembro de 1948, que isentava os clubes e sociedades recreativas do imposto predial.²⁵⁶ A possibilidade de ser declarado de Utilidade Pública, se deve a aprovação do projeto do vereador Mansueto de Castro Serafini Filho, que alterou “a lei que regulamentava a declaração de utilidade pública, no sentido de que a mesma [pudesse] beneficiar, também, os clubes recreativos”.²⁵⁷ Com essa alteração o clube poderia “pleitear e receber subvenções e auxílios governamentais”.²⁵⁸ Essa declaração veio em boa hora, mas, logo o clube precisou fazer alterações estatutárias para garantir a possibilidade de receber auxílios governamentais. Em reunião para tratar dos assuntos relativos a reforma dos estatutos,

a primeira mudança proposta foi a troca de nome de “E. C. Gaúcho” para “Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho”. Os sócios presentes aprovaram a medida tomada com estrondosa salva de palmas, por ser essa de grande interesse para a entidade. A seguir o sr. Agenor Matias Pacheco esclareceu que essa alteração estava sendo feita em virtude das obrigações com os regulamentos e leis vigentes impetradas no país, que urgiam pela alteração e supressão de vários artigos do Estatuto, informando que juntamente com o Consultor Jurídico, esteve durante quase um mês estudando e reunindo dados para o ante-projeto que apresentavam a Assembléia, composto de 34 artigos, 73 artigos menos que o vigente. [...] Na fase atual, quando nos preparamos para dar os primeiros passos na construção da Nova Sede Social, as alterações e supressões de artigos viriam simplificar, coordenar, e metodizar os trabalhos a serem efetuados, especialmente a mudança do nome estava acarretando problemas, porque os auxílios e subvenções do Governo não seriam obtidos não fora a nova redação e alteração feita.²⁵⁹

Não existem grandes alterações, além da significativa diminuição de artigos. As

²⁵⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 19/03/1966, p. 9. Acervo: AHMJSA.

²⁵⁵ *Ata n. 52*, 06/12/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁵⁶ A Lei n. 111, sancionada pelo prefeito municipal Luciano Corsetti, dizia em seu Art. 1º: “Ficam isentos do Imposto Predial os prédios ocupados pelos clubes, sociedades recreativas e esportivas, associações de classe e instituições de educação e assistência social que tenham personalidade jurídica, quando de propriedade das mesmas”.

²⁵⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 10/08/1968, p. 16. Acervo: AHMJSA.

²⁵⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 19/03/1960, capa. Acervo: AHMJSA.

²⁵⁹ *Ata n. 42*, 22/08/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

finalidades do clube recebem pequenas correções no texto, mas nada significativo. Assim, sua finalidade continua sendo a de “congregar todos os associados e respectivas famílias, proporcionando-lhes atividades lícitas, recreativas, culturais, tradicionais e beneficentes”.²⁶⁰ O objetivo maior dessa alteração era a adequação a legislação, para conseguir obter incentivos financeiros do poder público. Esses auxílios foram concedidos, mas mesmo assim, não garantiam a construção da sede, era preciso mais verbas.

Dessa forma, em 1972, foi lançado “um Livro de Ouro”²⁶¹ com a finalidade de arrecadar fundos para a aquisição de uma gleba de terra que venha a melhorar a atual situação predial do clube”.²⁶² Nesse ano, o balanço do clube “apresentou um saldo líquido de Cr\$ 8.198,51 (oito mil, cento e noventa e oito cruzeiros e cinquenta e um centavos)”.²⁶³ Porém, a principal receita do clube vinha das mensalidades dos associados. Assim, desde 1972, quando foram dados os primeiros passos para a construção de uma nova sede, até o ano de 1975 quando efetivamente iniciaram-se as obras, a cobrança das mensalidades foi realizada com determinação pela Diretoria. Ilton Jair de Paula, responsável por essa cobrança disse “que alguns associados haviam pedido 30 dias para efetuarem o pagamento de suas mensalidades e que este prazo havia esgotado, perguntando qual atitude tomar? O presidente foi categórico em dizer que os mesmos deveriam receber um ofício de eliminação”.²⁶⁴ Não contribuir, no mínimo com a mensalidade, nesse momento de concretização de um objetivo comum, era visto pela direção como uma falta grave, sendo punida com a eliminação do quadro de associados. A destinação dos recursos a construção dessa sede fez com que os festejos de aniversário de 1975, “por motivos de economia interna”, fossem reduzidos a realização de um baile.²⁶⁵

Mesmo com essa dedicação, o clube não conseguiu realizar a obra utilizando somente os seus recursos. Foi preciso fazer um empréstimo, no valor de 1.873,361 Unidades Padrão de Capital (UPC) que correspondiam na época a Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros),²⁶⁶ junto à Caixa Econômica Estadual. Para concretização do empréstimo, nove casais se

²⁶⁰ *Estatuto da Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho*, 22/08/1973, Art. 2º.

²⁶¹ Estudando o cotidiano da escola de samba paulistana, Vai-Vai, Soares, diz que o Livro de Ouro “foi uma alternativa adotada pelos membros do cordão para confeccionar as primeiras fantasias e instrumentos. O dinheiro era arrecadado junto aos comerciantes italianos e moradores do bairro” §OARES, Reinaldo da Silva. **O cotidiano de uma escola de samba paulistana: o caso do Vai-Vai**. 215 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, p. 28). No Clube Gaúcho, esse livro serviu para auxiliar nos desfiles da escola de samba Os Protegidos da Princesa, mas também foi utilizado para arrecadar verbas que teriam outras finalidades que não o carnaval.

²⁶² *Ata n. 74*, 14/11/1972, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁶³ *Ata n. 14*, 25/03/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁶⁴ *Ata n. 44*, 20/09/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁶⁵ *Ata n. 83*, 25/05/1975, Livro 05. Acervo: SRCG.

²⁶⁶ *Escritura Pública de Mútuo com Garantia Hipotecária*, 21/03/1975. Acervo: SRCG.

dispuseram a ser fiadores, colocando suas casas como garantia de pagamento do empréstimo. Esses casais, após, passaram a integrar uma nova categoria de sócios do clube, foram considerados “Sócios Fiadores”, que, “hipotecando seus próprios imóveis, colaboraram para a construção da atual sede social”.²⁶⁷ Dessa categoria de associados passaram a fazer parte os seguintes casais: 1) José Francisco Gama, militar reformado e sua mulher Eulália Medeiros Gama; 2) João Ribas, pintor e sua mulher Maria da Glória Andrade Ribas; 3) Agenor da Silva, aposentado; 4) Homero José Duarte, sapateiro e sua mulher Ivone Duarte; 5) Raul Branco de Camargo, industriário e sua mulher Aracy dos Santos Camargo; 6) Florêncio Machado, industriário e sua mulher Regina Rodrigues Machado; 7) Godofredo Jesus da Costa, industriário e sua mulher Ondina Pereira Costa; 8) Otávio Moreira de Brito, aposentado e sua mulher Maria Rita de Brito; 9) Agenor Matias Pacheco, funcionário da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e sua mulher Maria Madalena Pacheco.²⁶⁸

Mais uma vez, os integrantes do clube demonstraram sua dedicação e esforço no sentido de manter o “clube da raça”²⁶⁹ de portas abertas, sempre buscando melhorias. A nova sede era maior, teria espaço para uma biblioteca, cozinha, pista de danças, enfim, ela representaria, como vimos, o final de uma etapa e o início de outra. Em 1979, foi realizada missa, que fazia parte de uma programação especial que visava “agraciar Sócios Fiadores, Beneméritos e Presidentes de Honra”, onde o Padre Eugênio Giordani “destacou o esforço dos homens de cor na difícil tarefa de construir uma sociedade para sua recreação e lazer”.²⁷⁰ Em 1980, novamente, foi lembrada a importância daqueles que se dedicaram ao clube e, em especial, a dos Sócios Fiadores:

Após cantarem “Parabéns a Você” vários convidados usaram a palavra destacando o esforço destes homens de cor, que não obstante a seu trabalho tiraram tempo para zelar e conduzir os destinos do Gaúcho. Todos os oradores foram unânimes em lembrar a coragem dos senhores Fiadores, que hipotecaram suas casas e o mais importante a palavra de homens de cor (sic).²⁷¹

Novamente havia consenso, ninguém duvidava ou questionava a importância daqueles que tornaram possível a construção da nova sede, que exigiu tempo e força de outros associados para ser concretizada. Durante o ano de 1981, foram feitos apelos para que os sócios participassem da “reunião de trabalhos braçais”, que tinha como objetivo agilizar os

²⁶⁷ *Estatuto da Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho*, 09/11/1985, Art. 5º, letra F.

²⁶⁸ *Escritura Pública de Mútuo com Garantia Hipotecária*, 21/03/1975. Acervo: SRCG.

²⁶⁹ Maneira que, segundo João Luiz Maineri, muitos chamam o Clube Gaúcho. Ver: *Pioneiro*, 24/06/1972, p. 19. Acervo: AHMJSA.

²⁷⁰ *Ata n. 18*, 15/11/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁷¹ *Ata n. 28*, 22/06/1980, Livro 06. Acervo: SRCG.

trabalhos de finalização da obra.²⁷² No início dos anos 1980, as prestações do financiamento começam a ficar pesadas para o clube. Homero Duarte, demonstrando essa preocupação, questiona em reunião se havia possibilidade das prestações baixarem. A resposta era não, pois “a tendência é aumentar conforme a correção monetária”.²⁷³ Em reunião, José Francisco Gama, presidente do Conselho Deliberativo,

destaca as dificuldades que a sociedade tem enfrentado e a responsabilidade que o Grupo dos Nove Fiadores assumiu perante a Caixa Econômica Estadual e convida o dirigente do Grupo de Fiadores, Vice-Presidente Homero José Duarte para indicar entre eles um candidato na próxima eleição.²⁷⁴

A situação não era das melhores. A preocupação com a dívida feita junto à Caixa Econômica Estadual cria a necessidade de que algum dos “fiadores” assumia a presidência do clube. Novamente, poderia haver divergências entre os “fiadores” e a diretoria. Assim, conquistando a presidência, o Grupo dos Nove, teria um maior controle sobre as finanças do clube. Além disso, poderiam colocar em prática idéias que, no seu entender, poderiam beneficiar o clube financeiramente. Dessa forma, a sede da entidade, que já podia ser alugada para realização de festas, tem sua parte térrea alugada à empresa Pigozzi Cipolla S. A. Indústria de Engrenagens, por um período de três anos.²⁷⁵ Essa locação tinha como objetivo o pagamento da dívida com o banco, que assombrava os membros do clube.

As prestações do financiamento junto a Caixa Econômica Federal, atormentavam os associados e, principalmente, os “Sócios Fiadores”. Para complicar um pouco mais a situação, em 1983, o clube foi “arrombado” e vários objetos foram roubados.²⁷⁶ Preocupados com a situação financeira e com a dívida junto ao banco, José Francisco Gama

e sua exma. esposa Eulália Medeiros Gama, [resolveram] por antecipação pagar a totalidade da dívida da sociedade com seus próprios recursos e a pagou quitando junto a Caixa Econômica Estadual o valor de Cr\$ 2.816.845,79 (dois milhões, oitocentos e dezesseis mil, oitocentos e quarenta e cinco cruzeiros e setenta e nove centavos) em nome da Sociedade R. C. Gaúcho consoante recibo de quitação de 12/04/84 [...].²⁷⁷

Com a liquidação da dívida com o banco, o clube respira. “O exercício de 1985 apresentou um superávit no valor de trinta e quatro milhões, cento e trinta e quatro mil,

²⁷² *Ata n. 34*, 31/01/1981; *Ata n. 44*, 27/06/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁷³ *Ata n. 36*, 21/02/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁷⁴ *Ata n. 39*, 21/04/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁷⁵ *Ata n. 16*, 05/11/1979; *Ata n. 66*, 17/04/1982; *Contrato de Locação 1981*, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁷⁶ *Ata n. 73*, 30/01/1983, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁷⁷ *Ata n. 81*, 15/04/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.

novecientos e oitenta e nove cruzeiros (Cr\$ 34.134.989,00)".²⁷⁸ Ainda nesse ano, foi parabenizado "o sucesso financeiro da escola".²⁷⁹ Assim, em meados da década de 1980, financeiramente, o clube estava em uma boa situação, pois sua maior dívida havia sido liquidada. Porém, na década de 1980 ressurgiu uma antiga preocupação. Ela se referia ao futuro do clube, quem o administraria? Havia uma preocupação em "formar" novos dirigentes.

O carnaval de 1982, por exemplo, foi planejado pelo "Grupo Jovem" do clube.²⁸⁰ Essa idéia, de criação de um Departamento Jovem, já aparecia nos debates entre os integrantes do clube em 1966, quando o presidente apresenta "à mesa projeto visando criar uma diretoria juvenil formada por jovens de nossa sociedade".²⁸¹ Em 1971 o assunto retorna ao debate. Segundo Getúlio Miranda de Aguiar "faltava exatamente um Departamento de Jovens para programar festas e auxiliar a Ala Feminina", dessa forma melhorariam os resultados econômicos para o clube.²⁸² Getúlio seguiu defendendo a criação do Departamento, ele sugeria que "fossem doutrinados elementos jovens".²⁸³ Assim, foi criado o "Grupo Renovação 72". O modo como o grupo foi chamado, indica a tentativa de "renovação" nos quadros dirigentes do clube. Na década de 1970 ainda estão presentes na diretoria muitos daqueles que fundaram o clube. Com o avançar da idade desses membros e dirigentes, havia necessidade de renovação para que o clube prosseguisse sua trajetória. Mas, essa primeira experiência não funciona. Já em agosto de 1972 "a diretoria resolveu de encerrar a experiência do referido grupo".²⁸⁴ Porém, surgem novas tentativas. Em 1980, o

Senhor Maestro Gama apresenta o senhor Carlos Alberto Pacheco presidente do Grupo Jovem e Francisco Estevão Flores vice-presidente e demais componentes. Senhor Homero Duarte considera interessante a formação do Grupo Jovem, que será muito útil o seu trabalho e desta forma haverá preparação de elementos para futuramente ocupar cargos na administração".²⁸⁵

A criação do Grupo Jovem, como forma de preparar os futuros dirigentes do clube é destacada pelo presidente Florêncio Machado. Segundo ele "o futuro da sociedade está nas mãos destes elementos. Os jovens de hoje serão os dirigentes de amanhã". Salienta, ainda, "que a prática e o conhecimento para um ótima administração se consegue trabalhando ao

²⁷⁸ *Ata n. 08*, 29/03/1986, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁷⁹ *Ata n. 91*, 09/03/1985, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁸⁰ *Ata n. 57*, 09/12/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁸¹ *Ata n. 21*, 28/09/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

²⁸² *Ata n. 53*, 09/07/1971, Livro 04. Acervo: SRCG.

²⁸³ *Ata n. 62*, 01/10/1971, Livro 04. Acervo: SRCG.

²⁸⁴ *Ata n. 72*, 27/08/1972, Livro 04. Acervo: SRCG.

²⁸⁵ *Ata n. 33*, 17/01/1980, Livro 06. Acervo: SRCG.

lado e observando a árdua tarefa enfrentando as dificuldades cotidianas”.²⁸⁶ Entre os integrantes do grupo, composto por onze membros, haviam seis mulheres: Helena Beatriz Pacheco; Maria Aparecida de Oliveira; Maria Sirlene Pacheco; Teresinha de Oliveira; Naizir de Oliveira e Justina Pacheco.²⁸⁷ A presença feminina no Grupo Jovem, demonstra, novamente, a importância delas na administração do clube. Porém, no período estudado, o cargo “oficial” mais importante ocupado por uma mulher foi a vice-presidência.²⁸⁸ Mas, o grupo logo começa a ser questionado. José Francisco Gama, “declara que ao seu entender a presidência não está contente com as promoções do Grupo Jovem e pergunta se o mesmo deve ou não continuar à frente das mesmas”.²⁸⁹ Mesmo que a existência do Grupo tenha sido efêmera, o fato é que havia necessidade de se agregar novos nomes a diretoria do clube. Os membros “tradicionais”, que estavam na diretoria há muitos anos, precisavam passar a responsabilidade para os mais jovens.

Isso vai ocorrer durante a década de 1980. Assim, essa década pode ser considerada como aquela em que ocorre o período de transição do poder. Os mais jovens começam a ocupar cargos importantes dentro da diretoria. Seus objetivos, planos e visões a respeito do futuro do clube, divergem daqueles dos mais antigos. Um indício dessa discordância é a efêmera duração dos grupos de jovens formados. Dessa forma, o período é marcado por divergências e disputas. Em 1986,

O Senhor Presidente da Diretoria Executiva, conforme as colocações foram sendo apresentadas, prestava as informações necessárias, assessorado por uma equipe diretiva. Os debates foram acalorados, de parte à parte, culminando com o pedido de demissão do primeiro secretário e do vice-presidente, de forma extra-oficial, devendo o pedido ser formalizado documentalmente e encaminhado à Diretoria Executiva, [...].²⁹⁰

Percebe-se que nessa reunião o presidente e demais membros da equipe diretiva foram questionados a respeito de sua administração, prestando as informações necessárias. O debate “acalorado” acabou fazendo dois membros pedirem demissão naquele momento. Ainda nesse ano, dois meses depois desses desligamentos, foi apresentado o “pedido de demissão

²⁸⁶ *Ata n. 46*, 26/07/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁸⁷ *Ata n. 47*, 28/07/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁸⁸ Com a morte do vice-presidente Homero José Duarte, assume a função uma mulher. Segundo a *Ata n. 68*, de 28/08/1982, Livro 06, “a sociedade atravessa um momento de pesar e obedecendo determinações estatutárias coloca o cargo de vice-presidente a primeira secretária, que destaca o desejo de continuar como secretária e propõe a mesa convidar a segunda secretária, Senhora Anita Rodrigues Machado Freitas, [que] aceitou a vice-presidência sendo muito aplaudida. Maestro sugere que a posse seja festiva destacando a participação feminina na administração do Gaúcho”.

²⁸⁹ *Ata n. 64*, 29/05/1982, Livro 06. Acervo: SRCG.

²⁹⁰ *Ata n. 26*, 05/07/1986, Livro 07. Acervo: SRCG.

formulado pela primeira tesoureira, Sra. Eunice Ribas Ribeiro, do respectivo cargo e pedido de demissão do cargo de Presidente do Conselho Deliberativo formulado pelo Sr. Manoel Antônio de Abreu”.²⁹¹ Em seu pedido, Eunice Ribas Ribeiro faz algumas considerações sobre sua saída, apontando os motivos dela. Segundo ela, existe um “clima de insatisfação gerado nesta administração entre os membros da Diretoria, Equipe de Apoio, Conselhos Fiscal e Deliberativo”. Segue, dizendo que o “Presidente da Executiva não acata decisões tomadas em reuniões administrativas e até mesmo em Assembléia Geral o que pode ser constatado em atas”. Ainda diz, que a sociedade estava “sendo administrada pelo Sr. Presidente da Executiva e 2º Tesoureiro nomeado, sem a participação dos Conselhos e demais membros”.²⁹² As razões expressas por Eunice Ribas, demonstram a insatisfação dela com a política administrativa do clube naquele momento. Alguns dos outros pedidos de demissão podem ter elencado as mesmas razões. Mas, cabe lembrar, que os pedidos de demissão demonstram a insatisfação de parte do grupo, havendo aqueles que apoiavam a política adotada. Em 1987, as lutas pelo poder dentro do clube se intensificam. Há impugnação de chapas e é formada uma direção emergencial, que assume por um período de sessenta dias.²⁹³ Novamente, não faltaram pedidos para que o clube mantivesse a união.²⁹⁴

A transição ocorre, enfim, com a eleição de Cláudio Gilberto dos Santos, que exerceria o cargo durante o período de um ano.²⁹⁵ Uma de suas primeiras propostas foi a de lançar uma campanha “para admissão de novos sócios sem pagamento de jóia e sim o pagamento consecutivo de três mensalidades”.²⁹⁶ A campanha funcionou. Se os números apresentados estiverem corretos, o clube teve um aumento de 100% no número de sócios em relação ao ano anterior. Segundo o presidente, em 1988, “o número de associados era em torno de cento e vinte sócios e o valor arrecadado em mensalidade é de CZ\$ 5.000,00 mensais”.²⁹⁷ Mesmo com esse aumento, o clube não deixa de ter dificuldades. Os associados são chamados para auxiliarem o clube, fazendo “um mutirão para pintarem as mesas e as cadeiras”.²⁹⁸

Nesse ano, foi alugada, novamente, a parte térrea do clube.²⁹⁹ O que preocupava eram

²⁹¹ *Ata n. 19*, 01/09/1986, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹² *Pedido de Demissão (Eunice Ribas Ribeiro)*, 26/08/1986. Acervo: SRCG.

²⁹³ *Ata n. 02*, 16/08/1987; *Ata n. 03*, 18/08/1987, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹⁴ “O Presidente do Conselho Deliberativo, Sr. Florêncio Machado manifestou-se, longamente, fazendo ver aos presentes a necessidade de entendimento e harmonia entre os vários órgãos diretivos da sociedade, para que seus componentes possam, cada um, contribuir com sua parcela para o engrandecimento do clube”, conforme *Ata n. 18*, 22/07/1986, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹⁵ *Assembléia Geral Extraordinária*, 17/10/1987, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹⁶ *Ata n. 03*, 28/10/1987, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹⁷ *Ata n. 28*, 07/07/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹⁸ *Ata n. 04*, 30/10/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.

²⁹⁹ *Ata n. 11*, 04/12/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.

as dívidas com o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição³⁰⁰ (ECAD).³⁰¹ Mas, os desafios do novo presidente não estavam limitados as questões financeiras. Havia opositores. Ele representava, de certa forma, o novo grupo que chegava ao poder dentro do clube. Sua proposta de eliminação do pagamento da jóia para os novos sócios foi alvo de crítica. Além disso, ele decidiu não invocar mais o santo protetor do clube, São Benedito,³⁰² no início das reuniões.³⁰³ Essa tradição está registrada nas atas desde 1973.³⁰⁴ Com isso, o novo presidente sofreu várias críticas dos associados mais antigos. Em consequência, foi realizada uma reunião do Conselho Fiscal. Nessa reunião, Mário Gardelin, demonstrou preocupação “com o futuro do clube e os rumos que o mesmo vem tomando como instituição”.³⁰⁵ Essas preocupações com o futuro do clube, deveriam ser as mesmas daqueles que tinham suas vidas intimamente ligadas a trajetória do clube.

Como vimos, desde 1950 até o final da década de 1980, estão presentes os problemas financeiros na trajetória do Clube Gaúcho. Porém, esses problemas sempre foram superados. Contando com auxílios de terceiros, dos próprios associados e de seus fundadores, o clube manteve suas portas abertas a população negra da cidade. Em diversos momentos, foi preciso solicitar uma maior união entre o grupo. As divergências estiveram presentes, principalmente, no momento em que os “mais jovens” assumiram o clube no final da década de 1980. Possivelmente, havia projetos distintos entre os grupos. Mas, afinal, que projetos eram esses? Na comemoração de seus cinquenta anos, por exemplo, foi dito que “o clube conseguiu sedimentar muitos de seus ideais através de sua escola de samba Os Protegidos da Princesa”.³⁰⁶ Mas quais eram esses ideais?

³⁰⁰ O ECAD era responsável pelo recolhimento de valores referentes a direitos autorais.

³⁰¹ *Ata n. 26, 24/04/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.*

³⁰² A relação entre São Benedito e as associações negras no Brasil, pode ser constatada desde os tempos coloniais. Segundo Reginaldo, “o século XVIII corria a mais de sua metade quando o franciscano Frei Jaboatão, com um notável entusiasmo, registrou o grande interesse que a participação em certas irmandades despertava entre os escravos e libertos. Corretamente observou que as devoções mais populares entre estes foram a Senhora do Rosário e São Benedito, o santo preto de Palermo” (p. 58). Ainda segundo a autora, “São Benedito foi a segunda invocação preferida dos pretos cativos e forros na Bahia colonial, sobrepujado apenas pela incontestável Senhora do Rosário” (REGINALDO, Lucilene. **Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005, p. 77).

³⁰³ *Ata n. 28, 07/07/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.*

³⁰⁴ *Ata n. 01, 06/01/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.*

³⁰⁵ *Reunião do Conselho Fiscal, 11/09/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.*

³⁰⁶ *Ata n. 84 – Especial, 28/06/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.*

4 ELEVANDO A PUJANÇA DE NOSSOS HOMENS DE COR

O Clube Gaúcho, como vimos, passou por dificuldades financeiras em vários momentos de sua história. Com o auxílio de fundadores, associados, empresas, poder público etc., o clube continuou de portas abertas. Reconhecidamente, era um espaço destinado aos negros da cidade, onde eram realizados seus bailes, onde se jogava futebol e onde se brincava o carnaval - na sede ou na rua. Mas esses divertimentos, outros clubes, inclusive outros clubes negros, também ofereciam. Portanto, neste capítulo procuro identificar qual o diferencial do Clube Gaúcho. É possível que esse diferencial esteja relacionado aos projetos do clube, sobre os quais venho fazendo referência no decorrer deste trabalho. Dessa forma, aqui, procuro identificar quais eram esses projetos. Mas, para isso, é preciso, antes de mais nada, saber o que entendo por *projeto*.

A noção de projeto, aqui empregada, será a desenvolvida por Velho (1999, p. 107), para quem, projeto significa “uma conduta organizada para atingir fins específicos”. Essa noção, o autor busca na obra de Alfred Schutz. Portanto, segundo Schutz (1979, p. 140-141), a constituição de um projeto determina “o objetivo a ser alcançado, o ato a ser realizado, o problema a ser resolvido”, indicando “o que é e o que não é relevante [em determinado] momento”. Mas como poderei identificar os projetos do Clube Gaúcho? Segundo Velho (1999, p. 26-27), “se podem deduzir as razões da conduta dos indivíduos, interpretar suas ações e especular sobre suas motivações. O problema é saber se o resultado obtido corresponde ao que os indivíduos em pauta, realmente *projetaram*”. É assim que pretendo identificar os projetos do clube, interpretando suas ações e especulando a respeito de suas motivações, levando em consideração o contexto em que ocorrem, pois, “o mundo dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas” (VELHO, 1999, p. 27). Dessa forma, existe um relacionamento entre o projeto e a percepção do contexto feita pelos atores.³⁰⁷ Segundo Schutz (1979, p. 143),

³⁰⁷ Ao tratar da diferença entre o Juiz e o Historiador, Carlo Ginzburg declara: “Para o primeiro, a margem de incerteza tem um significado puramente negativo, e pode conduzir a um *non liquet* - em termos modernos, a uma absolvição por falta de provas. Para o segundo, isso obriga a um aprofundamento da investigação, ligando o caso específico ao contexto, entendido aqui como campo de possibilidades historicamente determinadas. A biografia das personagens de N. Davis torna-se de vez em quando a biografia de outros 'homens e mulheres do mesmo tempo e lugar', reconstituída com sagacidade e paciência, recorrendo a fontes notariais, judiciárias, literárias” (GINZBURG, Carlo. *Provas e Possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”*, de Natalie Davis. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p 183).

esse relacionamento duplo entre projeto e o estoque de conhecimento – de um lado, a referência às minhas experiências de atos anteriormente praticados, que posso praticar de novo, e, de outro lado, a referência do projeto aos meus sistemas de interesses hierarquicamente organizados – tem mais uma função, da maior importância. [...] O projeto unifica esse presente especioso e delimita suas fronteiras. No que diz respeito ao passado, os limites do presente especioso são determinados pela mais remota experiência passada, sedimentada e preservada naquela seção do conhecimento à mão que ainda é relevante para o projeto atual.

Assim, a forma como é analisada a realidade pelo indivíduo interfere na elaboração e execução do projeto. Além disso, as experiências anteriores, passadas, também vão ser importantes para a constituição dos projetos individuais e grupais.³⁰⁸ Isso pode explicar, em parte, os desacordos entre os integrantes do Clube Gaúcho. Estes indivíduos – que atuavam juntos no clube – certamente convergiam em alguns momentos e divergiam de outros, já que o pertencimento étnico não homogeniza em absoluto. Além disso, outras identidades estavam em jogo – de gênero, sociais etc. Mas, essas divergências não impedem a elaboração de projetos comuns entre os indivíduos.³⁰⁹ Segundo Velho (1999, p. 33), “a possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados”. Essa percepção e vivência de interesses comuns, segundo o próprio autor, podem ser encontradas em grupos étnicos. Mas, ainda segundo ele, “a estabilidade e a continuidade desses projetos supra-individuais dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante – em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita” (VELHO, 1999, p. 33).

Percebe-se, então, a importância da percepção que os atores possuem sobre a realidade vivida na elaboração de projetos. Sendo assim, torna-se necessário buscar informações sobre a visão de mundo dos associados do Clube Gaúcho. Lógico que aqui, não é possível saber o que cada um desses associados pensava sobre os mais diversos assuntos. A idéia é vasculhar o

³⁰⁸ Segundo Gilberto Velho “a consciência do *projeto* depende, fundamentalmente, da *memória* que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar *projetos*” (VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 101).

³⁰⁹ Afinal, as comunidades humanas, justamente por serem compostas de seres humanos, se diferenciam internamente. Segundo a historiadora Hebe Mattos, que analisou o passado escravista do sudeste brasileiro no século XIX, os cativos “frente à homogeneização artificialmente imposta pelo discurso judicial” investiam na criação de “outras identidades, positivamente construídas”: “Neste contexto, se a grande plantation se constituiu, como tem afirmado a historiografia sobre o tema, no Brasil e em outras áreas escravistas das Américas, como o locus privilegiado para a formação de uma comunidade escrava, a diferenciação interna desta comunidade, do ponto de vista dos cativos, era um fator essencial de sua constituição, enquanto mecanismo de afirmação da dignidade humana dos escravos. Qualquer identidade construída apenas com base na homogeneidade conferida pela condição escrava, não ultrapassava a visão senhorial que lhes era imposta” (MATTOS, Hebe. **Das Cores do Silêncio**: os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil - século XIX). Rio de Janeiro, Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1995).

passado na tentativa de perceber como o racismo era entendido por alguns integrantes do clube. Qual era sua visão sobre o assunto? Seriam eles defensores da “democracia racial”? Seus projetos combateriam o racismo? A posição dos atores sobre o assunto é importante para podermos interpretar suas ações especulando sobre suas motivações.

4.1 CAXIAS DO SUL MARCADA COM A PECHA DE RACISTA

Em pleno século XXI, em novembro de 2005, o Esporte Clube Juventude, na época disputando a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, foi o primeiro clube nacional a ser punido por racismo. Os torcedores desse time, imitavam macacos quando um jogador negro do time adversário tocava na bola.³¹⁰ Já em 2007, um jogador do próprio Juventude registrou queixa por ter sido chamado de macaco pelos torcedores do time que defendia.³¹¹ Esses casos, ocorridos em Caxias, foram divulgados e discutidos nacionalmente. Mas a idéia aqui, é voltar a um passado mais distante, na tentativa de perceber qual eram as visões ou as representações sobre a questão étnico-racial na cidade.

Quase cem anos antes de ocorrerem os fatos mencionados acima, em 1908, o *Gazeta Colonial*, diz que “entre nós, com a emancipação dos escravos, desapareceram todos os preconceitos, a igualdade foi proclamada, não havendo esse ódio mesquinho que desnobrece a civilização norte americana”.³¹² Segundo o jornal, o fim da escravidão decretava o fim também dos preconceitos. Além disso, proclama a igualdade entre brancos e negros no país, diferentemente dos Estados Unidos, onde o preconceito estava presente. Essas comparações com outros países, principalmente os Estados Unidos, são identificadas, também, no início da década de 1940.

Dessa vez era João Spadari Adami quem falava sobre a não existência de racismo no Brasil. Após assistir um filme no *Cinema Guarany*, em 1941, onde Getúlio Vargas era o personagem principal, Adami escreve para *O Momento* o texto *Os incomodados que se mudem*. Nesse texto, fala sobre o que mais lhe chamou a atenção no filme, que “foi ver aquele nosso patrício de epiderme preta, sentado à esquerda do Presidente da República”. Para ele essa cena representava “a verdadeira demonstração de um cristianismo sincero e, de repulsa

³¹⁰ Ver: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/11/04/ult59u97527.jhtm> <acessado em 12/02/2008>

³¹¹ Ver: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Juventude/0,,MUL87585-4412,00.html> <acessado em 12/02/2008>

³¹² *Gazeta Colonial*. Caxias do Sul, 05/12/1908, n. 155, capa. Acervo: AHMISA.

ao racismo de fora, que pretende penetrar no nosso lar, para destruí-lo”. O racismo era uma coisa de fora, que não fazia parte da realidade brasileira. Prova disso, era Getúlio Vargas estar sentado ao lado de um negro. Mas quem eram os incomodados que deveriam se mudar?

Esses incomodados estavam na entrada do *Café Sport* e ao verem um negro passando pela rua teriam dito: “*Ma, vegnanará il giorno quo foremo fora quele brute bestie li!*”³¹³. Ao ouvir essa frase, Adami se questiona: “Qual seria o dia que esperavam que chegasse (...) no qual deveriam por ordem de um terceiro (...) começar, segundo sua bestial expressão, a matança dos cidadãos brasileiros de cor no Brasil?”. Os autores da frase, *os incomodados*, seriam a “maior vergonha nossa” pois ajudavam a criar dentro do país o racismo. Assim, Adami identifica na década de 1930, no mínimo, expressões racistas, que não correspondiam àquilo que se pregava no país. Dessa forma, era aconselhável que essas pessoas *se mudassem*.

Para Adami o racismo era coisa “de fora”, não tinha lugar em Caxias e no Brasil, já que o português teria legado ao povo brasileiro “sua bondade nativa, um modo de tratar o preto, que talvez haja sido peculiar apenas no Brasil”. Esse tratamento seria, inclusive, responsável pela longa duração da escravidão no país, pois o branco português não tinha o “horror ao preto”, que era demonstrado pelos senhores norte-americanos.³¹⁴ Dessa forma, João Spadari Adami se aproxima do pensamento de Gilberto Freyre,³¹⁵ para quem o catolicismo, a organização familiar e as características dos portugueses teriam propiciado um ambiente mais harmonioso no Brasil durante a escravidão, sendo que uma das provas dessa harmonia seriam os mestiços. A obra de Freyre, em especial, vai dar origem a noção de “democracia racial”,³¹⁶ que, para Andrews (1998, p. 203),

estabelece que o Brasil é uma terra inteiramente livre de impedimentos legais e institucionais para a igualdade racial, e em grande parte (particularmente em

³¹³ “Chegará o dia em que colocaremos para fora aquela besta (animal) ali!” [Tradução livre realizada pelo autor].

³¹⁴ *O Momento*. Caxias do Sul, 14/04/1941, n. 222. Acervo: AHMJSa.

³¹⁵ Segundo Araújo (1994), Gilberto Freyre deve ser entendido como um pensador que lançou as bases para o entendimento do Brasil como produto da contribuição das três raças (branco/português, negro e, em menor escala, o índio). Na ótica de Freyre, foi criada no Brasil uma sociedade híbrida, sincrética e quase polifônica: “indefinida entre Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a Européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo as instituições e formas de cultura, as durezas germânicas; corrompendo a rigidez doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo” (ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz**. Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. São Paulo, Editora 34, 1994).

³¹⁶ Segundo George Andrews, “o conceito de democracia racial recebeu sua interpretação mais plena e mais coerente nos escritos de Gilberto Freyre, iniciados na década de 1930. Entretanto, foi claramente tomando forma já nas primeiras décadas [do século XX], e suas raízes remontam ao século passado” (ANDREWS, 1998, op. cit., p. 203).

comparação com países como os Estados Unidos) também isento de preconceito e discriminação raciais informais. A nação oferece a todos os seus cidadãos – negros, mulatos ou brancos – uma igualdade de oportunidade virtualmente completa em todas as áreas da vida pública: educação, política, empregos, moradia. Por isso, os afro-brasileiros desfrutam de oportunidades para se aprimorar e da liberdade para competir com seus cidadãos na luta por bens públicos e privados, em um grau desconhecido em qualquer outra sociedade multi-racial do mundo.

A comparação com os Estados Unidos e a certeza da especificidade brasileira continua presente nos fins da década de 1950.³¹⁷ Segundo o economista Emyr Carlos Facchin, “é muito conhecida a questão racial dos Estados Unidos. E o comportamento daquele povo é muito estranho e chega mesmo a ser desprezível o que os brancos fazem contra os negros”. Já no caso do Brasil, “sabe-se que a democracia aqui não está aplicada nos seus devidos termos, mas ela é democracia, em suma, pois que no seu anseio de governar e administrar um povo fez com que seu cidadão veja seu semelhante, independente de cor, origem e passado, um ser igual a si mesmo”.³¹⁸ O racismo ainda é visto pelos colaboradores dos jornais caxienses como coisa “de fora”, pois no Brasil as relações são harmoniosas.³¹⁹ Já no âmbito acadêmico, as críticas ao trabalho de Gilberto Freyre e, mais especificamente, a “democracia racial” surgem com a publicação, em 1955, de *Branços e negros em São Paulo*. Para Bastide e Fernandes, autores da obra, (1971, p. 148),

é verdade que êsse ideal de democracia impede as manifestações demasiado brutais, disfarça a raça sob a classe, limita os perigos de um conflito aberto. Se a isso acrescentarmos certa bondade natural do brasileiro, o hábito adquirido há séculos de viver com os negros, e mesmo, por vêzes, uma certa displicência, compreenderemos melhor que o preconceito não se exprima abertamente, mas de um modo mais sutil ou encoberto.

A obra faz referência a “bondade natural do brasileiro” que resultaria num preconceito mais sutil e encoberto. Essa obra, de certa forma, inicia o “ataque” que sofrerá o mito³²⁰ da democracia racial na academia brasileira durante os anos 1960.³²¹ Já em Caxias, durante a

³¹⁷ Remonta ao século XIX o interesse comparativo entre a formação escravista brasileira e a norte-americana, encarando não só a relação entre os senhores, mas a forma como a abolição ocorreu – violenta no Norte e pacífica aqui -, que condicionaria as relações raciais no pós-abolição. Ver: AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

³¹⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 25/04/1959, p. 3. Acervo: AHMJS.A.

³¹⁹ Hofbauer, diz que “para Freyre, os pilares da Igreja Católica e da família patriarcal do engenho fizeram com que as relações entre as três raças e/ou culturas do Brasil apresentassem uma convivência harmoniosa” (HOFBAUER, 2006, op. cit., p. 248).

³²⁰ Para Hofbauer, os “autores ligados à Escola Paulista de Sociologia” ao chamarem “a democracia racial de 'mito'” eles dificultam “o reconhecimento do problema da discriminação e, dessa forma, contribui[em] para retardar mudanças estruturais necessárias” (HOFBAUER, *Ibid.*, p. 280).

³²¹ Ver: RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 22.

década de 1950, teremos algumas informações sobre a existência do racismo na cidade através das anotações realizadas por Thales de Azevedo. Em janeiro de 1955, Thales constata que em Caxias “existem poucos pretos e há certo preconceito” (AZEVEDO, 1994, p. 30). Seus informantes também comentam sobre o assunto. A professora de sociologia, Ruth Ramos Bianchi, considera que em Caxias “há intolerância pelos de cor” (AZEVEDO, 1994, p. 81). Em outro momento, ao conversar com uma funcionária do *Hotel Denicol*, essa diz a Thales “que é ruim para o nome do hotel a residência no mesmo do Sr. Sérgio, mulato escuro, casado com mulata quase branca” (AZEVEDO, 1994, p. 142). Em visita a um frei capuchinho, “fala-se na posição social dos 'morenos'. [O frei e Zugno] acentuam a aversão dos 'italianos', especialmente na colônia,³²² pelos 'negros' por causa, dizem, de crimes de homicídio, mortes traiçoeiras, de emboscadas, rapto de moças, cometidos pelos pretos” (AZEVEDO, 1994, p. 162). Percebe-se com esses relatos, que o racismo estava presente na cidade de Caxias, assim como, no restante do país e alguns negros o percebiam.

Na história do *Lanifício São Pedro*³²³, contada por Herédia (1997), um dos gerentes da fábrica foi assassinado. De acordo com as entrevistas realizadas pela autora, o gerente foi assassinado por um homem negro, que ao ter o emprego negado acreditou que estava sendo vítima de discriminação racial.³²⁴ A autora não faz referência a data do assassinato. Mas, em outro momento, a negação de trabalho ao negro acabou marcando a cidade de Caxias do Sul com a pecha de racista. A denúncia foi feita por um vereador porto-alegrense, César Mesquita, assinalando a passagem do Treze de Maio, em 1971. O vereador “comentou a existência de racismo no Rio Grande do Sul” e “terminou incluindo Caxias do Sul entre as cidades racistas, afirmando que, [ali], negro algum consegue emprego”. Isso gerou um desconforto na cidade, que temia ser vista “com antipatia”, fazendo com que a cidade fosse evitada.³²⁵ Assim, os colaboradores do jornal *Pioneiro* questionam a denúncia.

Mário Gardelin é o primeiro a se pronunciar. Diz que reconhece que em Caxias do Sul “não temos apenas homens de larga visão” e lembra a diretoria de um clube que negou o ingresso de um negro. Mas, recorda-se de outros exemplos. Lembra do seu amigo Osvaldo de Assis, “negro culto, homem que, como locutor, tem sido um exemplo”. Lembra também, de

³²² O termo “colônia” aqui, se refere a pequenas localidades distantes da zona urbana.

³²³ A Sociedade Anônima Lanifício São Pedro, iniciou suas atividades como cooperativa têxtil, formada por imigrantes italianos em 1894. Em 1906 essa cooperativa foi adquirida por Hércules Galló que associou-se posteriormente aos Chaves e Almeida. A partir de 1928 foi formada a sociedade anônima, sendo vendida em 1979 ao grupo Kalil Sehbe. Essa indústria têxtil está localizada no bairro de Galópolis em Caxias do Sul. Ver: HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 107.

³²⁴ Ver: Herédia, 1997, op. cit., p. 179.

³²⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/05/1971, capa. Acervo: AHMJSA.

Alcino Rosa, “funcionário exemplar, que se firmou graças a sua capacidade”.³²⁶ Pelos exemplos de Gardelin, o negro quando é culto e demonstra ter capacidade, consegue emprego e pode ser bem sucedido, não havendo dessa forma racismo. O jornal considera que “a pecha de 'racista' é algo muito sério”, pois pode afastar os turistas da cidade.³²⁷ Ainda na mesma edição, o assunto é tema da *Crônica da Cidade*. A coluna diz que: “Não, aqui, neste naco abençoado de chão gaúcho, onde em cada galpão vive palpitante o espírito forte dos Farrapos confraternizado com o dos Pioneiros, racismo é sentimento que não encontra guarida nos corações caxienses”.³²⁸ Essa coluna também dá exemplos de negros caxienses que se destacaram, como: Maestro Gama, Osvaldo de Assis e Marilanda Ribeiro, segunda colocada no *Miss Caxias do Sul* de 1970. Com esses exemplos, afasta-se a pecha de racista da cidade. Mas o que pensavam os negros?

Durante essa polêmica surgida no início da década de 1970 nenhum negro caxiense opinou sobre o assunto. Quem deu voz a suas opiniões foi Thales de Azevedo na década de 1950. Ele conversou com Alcino Rosa, presidente do Clube Gaúcho em 1953, funcionário da prefeitura e exemplo da não existência de racismo na cidade, segundo Mário Gardelin. De sua conversa com Alcino, Thales anota o seguinte:

há um problema de cor em Caxias (ele é mulato brancóide, cor de café com leite forte). Com ele mesmo nada tem acontecido, talvez por ser desconhecido (sic). Mas ele sabe de vários incidentes. Na piscina De Lazzer³²⁹ não admitiam; três rapazes escuros quiseram tomar banho lá e negaram, esclarecendo afinal que era por causa de sua cor. Com a lei que protege as raças, tratavam de organizar uma sociedade, a qual peneira os escuros na entrada (AZEVEDO, 1994, p. 119).

Já em 1956, Thales de Azevedo visita o Clube Gaúcho. Nessa visita faz diversas observações e pergunta para alguns dos associados o que esses pensavam a respeito do racismo.

Visitei o Esporte Clube Gaúcho em sua sede, à Rua Visconde de Pelotas. Recebido pelo Primeiro Secretário, mulato médio, neto do cabo Martins, que era baiano; disse-me que leu os artigos de Gardelin e pergunta se é verdade o que este diz sobre os pretos na Bahia. “Aqui é uma perseguição... Nas indústrias fazem tudo para botar a gente pra fora. Nem parece Brasil. Isto aqui é mais Itália”. [...] Conversei lá com o Presidente atual do clube, Osvaldo de Assis, mulato médio, bem trajado, locutor e

³²⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/05/1971, p. 10. Acervo: AHMJSA.

³²⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/05/1971, p. 6. Acervo: AHMJSA.

³²⁸ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/05/1971, p. 13. Acervo: AHMJSA.

³²⁹ Em 1950 o *Balneário De Lazzer*, informava através de seu proprietário Antonio De Lazzer, que seria construída “uma pista, em torno daquele balneário, para corrida de motociclo e bicicleta”. O senhor De Lazzer, não se descuidou e instalou “uma linha de transporte coletivo”, para “**tornar acessível a qualquer um** aquele belo e magnífico recanto recreativo”. *O Momento*. Caxias do Sul, 15/04/1950, n. 887. Acervo: AHMJSA [Grifo meu].

diretor-artístico da Rádio Caxias, com o Primeiro Secretário, Lary Mario Martins, neto dum baiano, o cabo Martins, e com Luiz Melo, um mulato escuro, de seus 40 anos, gerente e sócio de uma fábrica de guarda-chuvas (nascido e criado em Novo Hamburgo e Sapucaia onde trabalhou entre os teutos, aprendeu o “alemão”) (personalidade muito ajustada, serena, ao que me parece). Lary queixa-se muito da discriminação contra os “morenos” em Caxias. Diz que há certo número de moças de cor empregadas em casas de famílias “italianas” mas que a maioria não demora nos empregos, porque as patroas não têm paciência com elas, não perdoam a menor falta, xingam-nas de “negras”; algumas, porém, demoram. As moças e rapazes que estudam não encontram estímulo; nos empregos não passam de contínuos ou de outros empregos subalternos (ele é carteiro dos Correios); alguns conseguem empregos públicos modestos, porque os responsáveis pelas repartições são muitas vezes de fora e na sua passagem pelos cargos não se importam de colocar uma pessoa daquelas; a gente da terra raramente diz alguma coisa diretamente aos “morenos”, mas estes sentem a pressão do ambiente (AZEVEDO, 1994, p. 203).

Observa-se que na conversa de Thales com um grupo de negros na sede do Clube Gaúcho, a opinião é diferente daquela dos colaboradores do jornal *Pioneiro* na década de 1970. Dizem que em Caxias há uma “perseguição”, “nem parece Brasil”, “sentem a pressão do ambiente”. Existem reclamações também sobre a impossibilidade de crescimento em determinados empregos, o que desestimula a continuidade dos estudos, pois mesmo com ele, continuam em cargos subalternos. Segundo Andrews (1998, p. 258), “um empregado negro ser colocado em uma posição de supervisão, acima dos trabalhadores brancos, era uma situação que todos consideravam bastante problemática”. O autor ainda se refere a expressões utilizadas pelos entrevistados negros que diziam “trabalho, estudo e esforço árduos não resultam em progresso, porque 'lugar de negro é lugar de negro mesmo', e os obstáculos que se tem de superar para deixar esse lugar são simplesmente insuperáveis” (p. 270-271). Dessa forma, “os obstáculos são considerados tão enormes que aqueles que continuam a lutar contra eles acham que a única maneira de triunfarem é se transformando em super-humanos” ou, no caso, em “supernegros” (ANDREWS, 1998, p. 271).

Oswaldo de Assis poderia ser considerado um “supernegro”, pois “é tolerado na Rádio Caxias por ser muito necessário, mas já houve certo movimento para tirá-lo; por sua atividade na Rádio é admitido em clubes e outros meios, mas com reservas” (AZEVEDO, 1994, p. 165). Mesmo “culto” e demonstrando capacidade de realizar o seu trabalho de forma satisfatória, precisava ser mais, já que sua negritude incomodava ao ponto de se fazerem campanhas para que ele fosse demitido. Se não fosse tão especial e competente, Oswaldo poderia ter perdido o emprego para um branco quando foi realizada a tal campanha. Dessa forma, os negros precisam demonstrar um “algo mais” para conseguirem promoções e ocuparem empregos que gerem status. Mas, segundo Andrews (1998, p. 272) “as recompensas por ser um 'supernegro' estão consideravelmente atrás das recompensas por ser

um branco normal”.

Em 1978, o *Jornal de Caxias*, publicou uma edição especial, comemorando os noventa anos da abolição. Nessa edição realizam uma entrevista com José Francisco Gama, que falou sobre sua vida, sobre o Clube Gaúcho e sobre o racismo. Algumas das questões propostas ao Maestro foram essas: ‘É hoje como estão as coisas entre os brancos e os negros? A abolição foi mesmo um ato 'redentor' para os pretos? Antigamente como o negro era tratado em Caxias do Sul e na região?’.³³⁰ Sobre o tratamento que recebeu em Caxias, o entrevistado diz:

Eu fui sempre muito bem tratado – nos diz o entrevistado. Sempre fui bem aceito. Toquei nos clubes, nos colégios. Fundei a banda do Cristóvão quando ela era uma escola num barracão da usina que demoliram. Por aqui, todo o negro que andava direito era bem tratado. Aquele que fosse pai de família, trabalhador, honesto. Agora é claro, o bêbado, o desordeiro, este era mal recebido e tratado.

Outra pergunta feita, dizia respeito a Osvaldo de Assis. Perguntava o jornal: “Professor Gama, muita gente chegou a comentar que o Osvaldo de Assis não queria ser negro. Que ele tinha raiva dos negros. Isso é verdade?” A resposta, “emocionada”, foi a seguinte:

“É uma injustiça dizer uma coisa dessas. O Osvaldo era preto e fazia questão de sê-lo. Agora, é claro. Muitas vezes ele sentava num bar e aí chegava alguém todo rasgado, bêbado e incomodando. É claro que qualquer um ficava chateado. Mas não pelo cara ser negro. E sim por ser bagunceiro”. E diz ao repórter: “Você, que é branco, sentaria na praça com uma pessoa de sua cor, mas bêbada e fazendo desordens?”. E comenta que o Osvaldo de Assis era tão negro que até fazia parte do Gaúcho. “O que dizem dele por aí – se é isso que estão dizendo – é uma injustiça...”

Na entrevista José Francisco Gama, diferentemente de outros membros do Clube Gaúcho na década de 1950, diz que sempre foi bem tratado. Esse tipo de tratamento era recebido por ele e por todo negro que andasse “direito”. O andar direito era ter família, ser trabalhador e honesto, longe da bebida, da desordem. Assim, se formos além, para o Maestro Gama aqueles que diziam não conseguir emprego, não conseguir promoção etc., não poderiam dizer que existia racismo. Eles não conseguiam emprego, nem promoção, pela sua incapacidade. Responsabilizar o negro pelo seu fracasso significa dizer que existe no Brasil uma “democracia racial”, onde há oportunidade para todos: brancos, negros, índios... Se há algum insucesso a culpa é única e, exclusivamente, do negro. Dessa forma, de acordo com Moura (1983, p. 12), “a chamada *democracia racial* é uma ideologia através da qual se justifica o processo discriminatório contra o negro, jogando-se nos seus próprios ombros a

³³⁰ *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 13/05/1978, n. 274, p. 26-27. Acervo: AHMISA.

responsabilidade da sua discriminação”. Ou seja, se o negro é discriminado, é porque ele é incapaz, ele “não anda direito”.

Como vimos, aqueles que defenderam Caxias da pecha de racista e o Maestro Gama, vêem a situação de forma semelhante. Quando Mário Gardelin, entre outros, apontou para os casos de Osvaldo de Assis, Alcino Rosa, Marilanda Ribeiro e Maestro Gama, querendo dizer que não havia racismo em Caxias, pois esses negros eram todos bem sucedidos na cidade, ele quis dizer que a conquista do emprego e a possibilidade de sucesso dependia da capacidade do negro, era um recompensa pelo esforço individual. Senão, como esses exemplos puderam ir tão longe? Para isso, todos devem ter “andado direito”. Havia oportunidade igual para todos. Aqueles que se esforçassem seriam reconhecidos. Afinal, vivíamos e, para muitos ainda vivemos, em uma “democracia racial”. Esse mito, defendido pela mídia local em tantas oportunidades, vai ter influência nos projetos desenvolvidos pelo clube. Além disso, como vimos anteriormente, influenciaram na elaboração desses projetos os estereótipos que são atribuídos aos negros na cidade, em diferentes momentos. Os projetos do clube buscaram afastar os realces que lhe eram perigosos, promovendo os vantajosos, dialogando com os estereótipos, buscando promover uma identidade valorativa em Caxias do Sul. Dessa forma, o Clube Gaúcho buscará, como dizia um de seus associados, crescer “para que se possa elevar bem alto, a pujança de nossos homens de cor, nesta cidade”.³³¹

4.2 SELECIONANDO: QUEM PODE SER SÓCIO DO GAÚCHO

Thales de Azevedo, em 1955, dizia que em Caxias “existem sociedades 'com distinção de cor' (o Gaúcho, o Quinze de Novembro): são só para 'morenos'; o branco pode ser recebido, mas são clubes para os de cor, inclusive gente do Exército: soldados e cabos de cor” (AZEVEDO, 1994, p. 41). Além de informar sobre a existência de mais um clube para os negros caxienses, o Quinze de Novembro, Thales diz que os brancos podem ser recebidos em ambos. Porém, conversando com um funcionário na Agência Estatística, esse lhe informou que o “Gaúcho é de 'morenos', mas faz seleção de sócios” (AZEVEDO, 1994, p. 152). Que tipo de seleção seria feita e por que?

As informações sobre a possibilidade de participação dos brancos no clube, foi observada em diversos momentos de sua trajetória. Rosiane Medeiros dizia, em 1984, que

³³¹ *Ata n. 38, 01/06/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.*

“por sermos negros e conscientes de que fomos responsáveis por uma grande parte da formação étnica da população brasileira em momento algum fechamos as portas de nosso clube para pessoas de qualquer outra raça”.³³² O próprio Thales quando esteve na sede do clube observou a presença branca:

no baile – com muito pouca gente até 12h15min. – havia um grupo de jogadores profissionais de futebol, pretos (um paulista), mulatos e um branco, numerosos rapazes modestíssimos e um grupo de mulatinhas e umas 2 [duas] brancas do mesmo nível. Poucas vezes dançaram. Tenho a impressão de que os pares eram de pessoas dos mesmos tipos. O jogador branco, por exemplo, dançou com uma branca. Um rapaz mulato claro dançou com 2 [duas] moças do seu tipo. Um grupo de cinco mocinhas, desde 1 [branca] e uma mulata escura, fez roda dançando (AZEVEDO, 1994, p. 203).

Através do relato, Azevedo informa sobre a presença branca e a preferência dos participantes daquele baile em escolherem pares “da mesma cor” para dançar. Além disso, destaca a presença de jogadores negros profissionais, o que indica a absorção desses pelos times da cidade, como vimos anteriormente. O Maestro Gama, também foi questionado sobre a possibilidade da participação de brancos no clube. O repórter especula sobre a possibilidade da entidade ser racista. O próprio, no decorrer da reportagem, afasta a hipótese, dizendo que “os brancos podem ser associados e ter todos os direitos que os negros têm. Menos dois”. No Clube Gaúcho, os brancos não podem votar, nem ser votados. O Maestro Gama explica que “os brancos são maioria aqui,³³³ e se pudessem votar e ser votados, em pouco tempo o clube perderia suas finalidades principais...”.³³⁴

O estatuto do clube, publicado em 10 de fevereiro de 1955, dizia que “a sociedade compõe-se de sócios nacionais ou naturalizados que não respondem subsidiariamente pelos compromissos da sociedade”.³³⁵ Em nenhum momento, em seus estatutos, existe algum artigo que diga que o clube é de negros ou que só pode ser freqüentado por negros. A existência de um artigo nos estatutos do clube, dizendo que esse se destinava somente aos negros, poderia impedir sua existência. Se isso ficasse exposto, o clube poderia ser visto como uma organização do movimento negro, por exemplo, o que não era permitido. Sendo assim, durante os seus primeiros anos de existência, dizer que o Clube Gaúcho era um clube de negros poderia acarretar o seu fechamento, pois como diz Domingues (2004b, p. 76),

a implantação da ditadura 'Varguista' do Estado Novo, em 1937, debelou com todas

³³² *Ata Especial*, 28/06/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.

³³³ O Maestro Gama quando diz que os brancos são maioria aqui, refere -se a maior população branca da cidade.

³³⁴ *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 13/05/1978, n. 274, p. 26-27. Acervo: AHMJSA.

³³⁵ *Estatutos do Esporte Clube Gaúcho*, 10/02/1955, p. 1. Em anexo.

as entidades políticas, inclusive, com as organizações do movimento negro. Segundo a elite política do país, as lutas sociais dos negros eram perigosas, pois criavam um problema que presumivelmente não existia, o racismo, e colocavam em risco seu projeto étnico de Estado Nação. Por isso, após as comemorações do Cinquentenário da Abolição, o Clube Negro de Cultura Social, foi arbitrariamente fechado pelos órgãos de repressão do regime ditatorial do governo de Getúlio Vargas. Na verdade, a polícia política ainda permitiu que o Clube continuasse a funcionar, mas fez duas exigências: a supressão do termo negro e o fim das atividades políticas.

Os integrantes do Clube Gaúcho devem ter preferido omitir em seus estatutos que o clube era de negros, buscando afastar-se dos problemas com a polícia, como foi o caso do Clube Negro de Cultura Social de São Paulo. Mas, é possível, também, que fosse do interesse do clube não impedir a presença de brancos em suas atividades. Isso pode ter sido visto como positivo, já que o clube buscava a integração e a redefinição das fronteiras étnicas. Assim, é preciso considerar a possibilidade dos integrantes desejarem a presença de brancos em suas promoções. Mas como se dava a tal seleção no clube? Quem não poderia participar dele?

No mesmo estatuto, de 1955, o Capítulo II, Dos Sócios, informa sobre os critérios de seleção. O Art. 3º diz: “Só podem fazer parte desta sociedade pessoas de ótimo comportamento e que saibam respeitar as leis de boa educação”.³³⁶ Com as alterações realizadas em 1973, o Capítulo III, Dos Sócios em Geral, diz em seu Art. 7º:

Somente poderão ser sócios ou ter ingresso nas dependências da sociedade as pessoas de ambos os sexos, que tiverem preenchido as formalidades e requisitos estabelecidos por este estatuto e, ainda gozarem de ilibada reputação, excelente conceito e tiverem irreprimível conduta.

Dessa forma, a seleção de sócios feita pelo clube, pretende afastar dele os “desordeiros”, os “sem educação”, que confirmariam os estereótipos atribuídos aos negros. O clube não é para todos os negros, há uma seleção entre eles. Essa atitude, pode ser considerada como parte de um projeto que busca construir uma identidade valorativa, que afaste os estereótipos negativos do grupo étnico negro associado ao clube. Assim, o grupo procura ser identificado com aqueles que “andam direito”. Com isso, aqueles que queriam se associar ao clube, deveria apresentar uma proposta que seria aprovada, ou não, pela diretoria. Essa proposta era apresentada por uma pessoa já associada. Segundo Juçara de Quadro:

Tinha regulamentos dentro do Clube, por escrito, e daí quando tu apresentava uma pessoa para ser sócia do Clube, ele tinha que ficar a par do Regulamento, a pessoa que apresentava, tinha que ser um sócio de muito tempo dentro do Clube e tinha que ficar responsável pela aquela pessoa que vinha. Então daí, nessa responsabilidade, a

³³⁶ *Estatutos do Esporte Clube Gaúcho*, 10/02/1955, p. 2.

pessoa já dizia qual era o padrão que eles queriam dentro do Clube...³³⁷

Mas, mesmo com todo esse cuidado, expresso desde os estatutos, em alguns momentos, determinados associados não corresponderam as expectativas da diretoria. Nesses casos, a solução encontrada foi a expulsão. Em reunião realizada em 1952, “usou a palavra o sr. Olinto Irena que relatou sobre o proceder” de um associado. Após o relato, a Diretoria deliberou a “sua eliminação [como] sócio [do] clube” baseada no que diz o Art. 3º da sociedade.³³⁸ Nesse mesmo ano, “ficou terminantemente proibida a entrada [de determinado senhor] – visto o mesmo não ter a devida compostura e ser nociva a sua presença em ambiente social”.³³⁹ O cuidado com o comportamento dos sócios do clube ultrapassava os limites da sede. Em 1956, por exemplo, foi discutido o “comportamento [dos] sócios na via pública”. Com a palavra, “o senhor presidente falou a respeito dos associados que tem sido encontrados em companhia de sócios que foram desligados do nosso quadro social”. Nessa ocasião, ficou concluído que “doravante o associado que for encontrado em companhia daqueles moços serão desligados do nosso quadro social”.³⁴⁰ Assim, quando algum associado era expulso por mau comportamento acabavam as suas relações com o clube e com os seus sócios. Havia uma tentativa de desvincular, completamente, o “desordeiro” do clube.

Essa preocupação vai estar presente em diversos momentos da trajetória do clube, sendo recorrentes as expulsões. Em 1966, Pedro Martins apresentou um “projeto visando regularizar o comportamento dos associados dentro da sociedade com a criação de um regulamento interno”.³⁴¹ Ou seja, baseado no comportamento apresentado pelos sócios, Pedro Martins apresentou um projeto para melhorar essas atitudes. Além da criação do regulamento interno, nesse mesmo ano, os estatutos foram reformulados e o Capítulo III, Das Penalidades, dizia em seu Art. 33º: “Sofrerão penalidades de suspensão, os sócios que se portarem de modo inconveniente e indecoroso, dentro dos limites da sede social, bem como, em outro local quando representar oficialmente a sociedade”.³⁴² Já no Art. 34º, desse estatuto, fica estabelecido que os associados que forem condenados “pelos Tribunais do país, por crimes contra a honra, vida e a propriedade”, “sofrerão pena de eliminação do quadro social”.

Na década de 1970, novas propostas foram feitas para que o clube mantivesse distante de seus quadros os “negros desordeiros”. Assim, a partir de 1971, o clube passa a exigir, dos

³³⁷ *Depoimento de Juçara de Quadro*. Concedido ao autor em 20/10/2007.

³³⁸ *Ata n. 24*, 04/01/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

³³⁹ *Ata n. 32*, 24/08/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁴⁰ *Ata n. 69*, 22/02/1956, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁴¹ *Ata n. 12*, 06/07/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

³⁴² *Estatuto do Esporte Clube Gaúcho*, 28/02/1966. Em anexo.

novos associados, “os seguintes documentos: 1) Certidão de Nascimento ou Casamento; 2) Carteira Profissional; 3) Carteira Social de outro clube; 4) Atestado de boa conduta fornecido pela polícia; 5) Todos os documentos devem ser com firma reconhecida em cartório”.³⁴³ Essas exigências lembram as palavras do Maestro Gama a respeito daqueles que “andavam direito”, que segundo ele, eram os pais de família, os trabalhadores, os honestos. Assim, é possível que levava mais crédito a proposta de um associado casado, com registro na carteira profissional e possuidor de um atestado de boa conduta. Mas, mesmo com todos esses cuidados, na década de 1980 a direção do clube teve que enviar uma “Nota de Esclarecimento” para imprensa local, dando explicações sobre um fato ocorrido nas proximidades do clube.

A Diretoria Executiva da SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO, vem à público com a finalidade de prestar esclarecimentos, que se fazem necessários, à comunidade caxiense, quanto a veiculação, através dos órgãos de imprensa local, com respeito a lamentáveis fatos que teriam ocorrido, na madrugada de domingo, dia 08 de dezembro de 1985, nas dependências da sociedade. Os fatos noticiados, envolvendo pessoas estranhas ao quadro social da entidade, aconteceram em via pública, na rua São José, e não como foi dado a conhecer. Tais colocações, na forma como foram feitas, infelizmente, depõem contra o bom nome da SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO, cuja diretoria e corpo de associados encontram-se empenhados em elevar cada vez mais o conceito daquele que é, reconhecidamente, uma dos mais simpáticos clubes com que conta a comunidade caxiense.³⁴⁴

Os fatos “lamentáveis” envolviam pessoas estranhas ao clube e teriam acontecido em via pública. Assim, seus integrantes buscam uma retratação, informando que aqueles acontecimentos não poderiam abalar o “bom nome” da entidade. Esse “bom nome”, que o clube pretende preservar, foi sendo construído desde a sua fundação, pois, nas primeiras informações encontradas nos jornais locais, já se faz referência ao ambiente de “alegria e cordialidade” em que ocorriam as suas festas.³⁴⁵ Como, por exemplo, na festa de final de ano, quando após a cerimônia de posse da nova Diretoria, “foram iniciadas as danças que decorreram num ambiente de cordialidade e prolongaram-se até a madrugada”.³⁴⁶

Assim, quando o clube selecionava não excluía os brancos, excluía os próprios negros que não correspondiam as suas expectativas. Nessa seleção, desempenhou papel importante o Diretor de Sala, que tinha como atribuições, conforme o Art. 16º do estatuto: 1) Vigiar todo o movimento dos sócios nas festividades; 2) Fazer manter a ordem e o respeito entre

³⁴³ Ata n. 55, 25/07/1971, Livro 04. Acervo: SRCG.

³⁴⁴ *Correspondências Expedidas*, 12/1985. Acervo: SRCG.

³⁴⁵ Sobre isso ver: *O Momento*. Caxias do Sul, 09/01/1936, n. 151; 03/07/1939, n. 330; 08/07/1940, n. 382; 13/01/1941, n. 409. Acervo: AHMJSA.

³⁴⁶ *A Época*. Caxias do Sul, 08/01/1939, n. 15. Sobre a “alegria e cordialidade”, ver também, esse mesmo jornal nas seguintes datas: 09/07/1939, n. 41; 14/01/1940, n. 66; 12/01/1941, n. 113. Acervo: AHMJSA.

excelentíssimas famílias; 3) Providenciar para que ninguém entre armado na sede; e 4) Não deixar penetrar ninguém alcoolizado no salão.³⁴⁷ Dessa forma o clube procurou manter um “bom nome” perante a sociedade local, tentando sempre afastar das suas responsabilidades os “fatos lamentáveis” que ocorriam.

4.3 PELA MORALIZAÇÃO DE NOSSAS MULATAS

A moralização dos associados também foi uma preocupação da diretoria do clube. Diversas são as informações nesse sentido, o que permite dizer que entre os projetos do clube, havia um que buscava afastar dos associados a idéia de que os negros possuem uma sexualidade diferenciada, mais aflorada, descontrolada. Um dos defensores dessa idéia foi Nina Rodrigues (s/d, p. 117), para quem os negros nascidos no Brasil são “mais libertinos e madraços do que os vindos da África”. O autor era adepto das teorias racialistas e, no final do século XIX, via a sexualidade dos negros como anormal. Segundo ele, “a sensualidade do negro pode atingir então ás raias quasi das perversões sexuaes morbidas. A excitação genesica da classica *mulata* brasileira não póde deixar de ser considerada um typo anormal” (RODRIGUES, s/d, p. 153).³⁴⁸ Rodrigues pensava, também, que o negro era “muito dado a embriaguez”, estereótipo que, como vimos, foi combatido pelo Clube Gaúcho, que não permitia a entrada de pessoas alcoolizadas em sua sede. Porém, como o clube se portou em relação a suposta sexualidade desenfreada de seus associados?

Negras e mulatas já eram representadas como sensuais e objetos de prazer pelos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil durante o século XIX. Leite (1996, p. 140) observa, a partir dos relatos analisados, que na imagem repassada pelos viajantes “a negra podia ser usada sexualmente, embora não sendo sedutora como a mulata. Não servia para casar, mas apenas para o trabalho. A mulata servia como trabalhadora e até como amante, mas nunca como esposa”. Também analisando relatos de viajantes, Soihet (2003, p. 180) diz que “preguiça, indisciplina, luxúria, grosseria, selvageria eram algumas das características que emergiam da apreciação desses estrangeiros acerca das manifestações negras, particularmente quando praticadas pelas mulheres que chamavam sua atenção com sua 'dança insolente e fogosa’”. Leite (1996, p. 130), acredita “que esses escritos revelam muito mais sobre o

³⁴⁷ *Estatutos do Sport Club Gaúcho*, 06/01/1935. Em anexo.

³⁴⁸ Mantido na grafia original. Grifos do autor.

pensamento da época, seus preconceitos em relação à condição feminina”. Essas observações feitas pelos viajantes representariam o pensamento racista da época, que via a mulher negra e mestiça “como naturalmente mais propensa a uma sexualidade desenfreada e degenerada” (ABREU, 2004, p. 11-12).

Logo, a mulher negra será associada a prostituição. Dessa forma, segundo Iotti (2003, p. 179) “libertar os escravos era um assunto preocupante para as autoridades provinciais que temiam o aumento da criminalidade e da prostituição”. Para Pesavento (1989, p. 81), “a prostituição e o aliciamento de menores para estes fins”, eram algumas das qualidades negativas e práticas condenáveis atribuídas aos negros. Ainda segundo a autora, no final do século XIX, os negros aparecem nos jornais porto-alegrenses como “assaltantes, prostitutas, assassinos, bêbados, desordeiros, bruxos, agressores e agredidos” (PESAVENTO, 1989, p. 82). Essa relação entre mulher negra e prostituição estará presente, também, na obra de Gilberto Freyre.

Para Freyre (1966, p. 440) não foi a negra que “corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família”, a responsabilidade seria da escrava. Assim, a escravidão teria degenerado os negros, pois, “não era o negro, portanto, o libertino; mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores” (FREYRE, 1966, p. 445). O autor ainda faz referência a um ditado popular que dizia: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata” (FREYRE, 1961, p. 13). Ou seja, o papel da mulher negra era sexual, os homens as procuravam para relações sexuais esporádicas, não eram vistas como possíveis esposas devido a falta de controle sobre os instintos sexuais.³⁴⁹

Em Caxias, por exemplo, o pai de um rapaz que teria deflorado uma moça negra, “declarou que seus filhos não casariam com brasileiras!”. Disse ainda, que o pai da vítima deveria aceitar uma quantia em dinheiro para recomensar o dano. Segundo ele, o dinheiro deveria ser aceito porque um caso semelhante havia acontecido com uma figura importante da cidade e, nesse caso, o pai da “brasileira” havia aceitado o dinheiro, abafando o caso.³⁵⁰ Já em 1948, a testemunha de um processo de Investigação de Paternidade, dizia:

³⁴⁹ Nessa época são publicados os primeiros livros de Jorge Amado que enaltecia a mulata sensual. Sendo que essa tradição remonta a Aluísio de Azevedo. Ver: BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Tradução Marta Kirst. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1983; CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 6/7, p. 35-50, 1996.

³⁵⁰ *Caixa 15A – Processo 11 (Ação Ordinária de Dano)*, 07/07/1943. Acervo: CMRJ/UCS.

[...] que [Julieta] [empregada doméstica] era de côr meia escura, assim como uma mulata; que [Romeu] passou a namorar essa [Julieta], mesmo saindo com ela á rua; que lá pelo ano de mil novecentos e vinte e seis a vinte e sete, [Romeu] deflorou essa moça, tendo havido na ocasião grave escândalo, tendo o fato sido levado ao conhecimento do Delegado de Polícia, na Prefeitura Municipal, pois a Delegacia nesse tempo lá funcionava; (...), disse o depoente, que de fato havia feito mal á [Julieta]; que não casaria com ela por tratar-se de uma mulata e assim não estar na altura dele, [que era branco].³⁵¹

A Julieta em questão, não estava a “altura” do Romeu, por isso, esse resolveu não casar com ela. É possível que para chegar a essa conclusão, o Romeu tenha sido influenciado pelo “bom censo popular e a sabedoria folclórica”, que segundo Freyre (1977, p. 602), “continuam a acreditar na mulata diabólica, superexcitada por natureza”. Além disso, como diz Fernandes (1978, p. 80) existia “uma desconfiança residual” que criava “para a mulher negra o tormento suplementar da suspeita de prostituição”. É possível que a Julieta não estivesse à altura daquele que supostamente a deflorou, por ser negra e, conseqüentemente, haver alguma suspeita de que era uma prostituta ocasional, já que “a maioria das moças 'desencaminhadas' continuava a trabalhar nos serviços domésticos” (FERNANDES, 1978, p. 181). Mas, no caso, se ele a “deflorou” – tirou a virgindade – então ela não era prostituta. A Julieta provavelmente era só uma mulher negra e pobre. Na cultura machista que dominava nosso sistema jurídico casos como este acabam invertendo a situação. A vítima passa a ser acusada de algo desabonador que desqualificava ou diminuía a *ofensa* recebida – defloramento ou mesmo estupro.³⁵²

A liberalidade do comportamento de muitas mulheres negras, que independentes profissionalmente trocavam de parceiros, optando pela melhor relação, colocava-as em situação delicada, sujeita ao maledicente julgamento moral dos órgãos de imprensa. A suspeita do envolvimento das mulheres negras com a prostituição fica evidente em uma manchete do jornal *O Momento*, que noticiava em destacadas letras: “MULATAS FICHADAS”. O texto que segue esta chamada informa que:

As morenas, brancas e mulatas que haviam transformado certa casa de cômodos da nossa cidade em 'beco da machambomba'³⁵³ foram devidamente fichadas pela

³⁵¹ Caixa 25B – Processo 20 (*Investigação de Paternidade*), 11/05/1948. Acervo: CMRJ/UCS.

³⁵² Ver: CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Brasiliense: 1981.

³⁵³ De 1865 a 1872 funcionou em Porto Alegre um sistema de transporte urbano, chamado de maxambomba, que recebeu muitas críticas da população, composto de um bonde que era puxado por burros, sobre trilhos de madeira. (SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre, Sulina, 1967, p. 135). Posteriormente, no centro da capital do Estado vai ser denominado como Beco da Maxambomba um local de residência de populares, principalmente exsoldados e marinheiros, com uma má reputação pelo comportamento desregrado de seus moradores (MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Entre o Deboche e a Rapina: os cenários sociais da criminalidade popular em Porto Alegre (1868/1888)**. Dissertação (Mestrado em História) -

polícia e o 'beco' foi desinfetado, não mais se reproduzindo as 'cenas amorosas' que o público assistia durante o dia e principalmente à noite.³⁵⁴

O termo “mulata” substituiu o termo “prostituta” na referida nota. Isso pode, de certa forma, indicar as suspeitas que recaíam sobre as mulheres negras na cidade. Giacomini (2006, p. 120) diz que existe uma forte associação “entre os estereótipos raciais e a sexualidade: mais da metade dos entrevistados por uma pesquisa sobre estereótipos e comportamento inter-racial realizada em São Paulo, no início dos anos 1950, consideravam que os negros eram sexualmente 'perversos’”. Dessa forma, segundo a autora,

não seria sensato supor que os dirigentes do Renascença Clube dos anos 1960 desconhecem ou estivessem alheios a essas máximas e ao conjunto de representações que, cantadas em verso e prosa, na literatura e no pensamento social brasileiro em geral, chamam a atenção para os dotes físicos, eróticos, a sedução, o charme, a sensualidade da mulher não branca, enaltecendo a maior compensação sexual proporcionada pela mulata (GIA COMINI, 2006, p. 130).

É o que penso também a respeito dos dirigentes do Clube Gaúcho, que teriam noção da imagem produzida sobre a mulher negra. Essa imagem não correspondia aos interesses de um clube familiar, como o Gaúcho. Para Juçara de Quadro a postura do clube lhe parecia radical e preconceituosa, “porque a moça não virgem não podia freqüentar o clube. Se eles a descobrissem não poderia freqüentar o clube. Assim, tu tinha que ter um comportamento exemplar dentro do clube pra ficar lá dentro”.³⁵⁵ Na documentação analisada, existem algumas referências ao comportamento considerado ideal. Mas, o comportamento indesejado nem sempre aparece de forma clara. Em 1950, por exemplo, foi tratado

em primeiro lugar o assunto com referência ao incidente que ocorreu com a senhorita X, em data de nove do corrente, presenciado por várias pessoas entre as quais a senhorita vice-presidente, estando implicado no caso o senhor Y que disse algo, que julgamos, não deveria ser discutido em público, [...], visto tratar-se de assuntos bastante desagradáveis para a senhorita X.³⁵⁶

Devido a esse incidente, a associada foi expulsa do clube com base no Art. 3º do estatuto. O incidente foi considerado tão grave que não podia ser comentado em público, o que dificulta a identificação das posturas condenáveis. A senhorita poderia, por exemplo, estar dançado de uma forma não apropriada, pois, a insatisfação com o modo de dançar das

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993). Provavelmente os jornalistas de Caxias utilizavam o termo Machambomba como denominação pejorativa dirigida aos comportamentos dos populares.

³⁵⁴ *O Momento*. Caxias do Sul, 21/10/1940, n. 397. Acervo: AHMJSJA (Mantida a grafia original).

³⁵⁵ *Depoimento de Juçara de Quadro*. Concedido ao autor em 20/10/2007.

³⁵⁶ *Ata n. 11*, 13/12/1950, Livro 02. Acervo: SRCG.

associadas ficou evidenciada durante a organização de um concurso realizado pelo clube em 1955. Seria dançado mambo e tango. Mas, na reunião onde se tomaram algumas decisões sobre o concurso, Edegar Torquato “declarou que estão dançando de uma maneira pouco recomendável em nosso clube e opinou que seja eliminado o concurso de mambo”. Como os convites já estavam prontos, ficou decidido que “o mambo deverá ser dançado de maneira mais decente”. Alguns membros da diretoria concordam com o alerta feito pelo associado Edegar e dizem que “certo cidadão anda comentado que algumas moças que dançam no clube não estão em condições de dançarem”.³⁵⁷ No início dos anos 1940, a dança também era condenada pelos jornais locais. Em reportagem intitulada *A dança diante da estética, da moral e da medicina*, o jornal *O Momento* dizia que:

O tango é imundo e sórdido; o fox-trot cínico e descãrado; a java grosseira e baixa; o scottish hespanhol provocador e indecente; o shimmy e o azul corrompidos e semelhantes ao mal e bailado de San Guido; tudo isso é, numa síntese completa e perfeita – a devassidão e a prostituição toleradas pela sociedade moderna.³⁵⁸

O simples fato de dançar já poderia não ser bem visto, ainda mais em um clube de negros sobre quem existem diversos estereótipos a respeito de sua sexualidade. Assim, era preciso que as moças do Clube Gaúcho dançassem de forma comportada, para que elas não ficassem “*mau faladas*”. Por isso, geralmente no decorrer das reuniões se faziam comentários sobre a postura, principalmente, das moças durante as promoções. Regina Machado em uma dessas reuniões colocou em pauta o “comportamento de certas senhorinhas”. Após algumas colocações, o presidente Florêncio Machado, também se referiu a esses comportamentos, dizendo que “certas senhorinhas” usam “trajes bastante escandalosos e que é preciso moralizar”.³⁵⁹ Em abril de 1972, o clube puniu uma freqüentadora:

por motivos de boatos desabonatórios, contra a honra e dignidade de moças desta sociedade e por não ter provado suas maledicências, a Diretoria do Esporte Clube Gaúcho, no uso de suas atribuições, zelando pelo bom nome e honra de seus associados, houve por bem PROIBIR a entrada da senhora [fulana de tal], nesta sociedade.³⁶⁰

Essa punição foi colocada em um local visível para todos os associados. A primeira versão havia sido rasgada e, nesta, que deveria ser a segunda, havia um aviso: “Já estamos sabendo quem foi que rasgou a outra cópia desta punição exposta”. Havia ainda um alerta

³⁵⁷ *Ata n. 44*, 20/01/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁵⁸ *O Momento*. Caxias do Sul, 27/05/1940, n. 376. Acervo: AHMISA (Mantido na grafia original).

³⁵⁹ *Ata n. 51*, 29/11/1973, Livro 03. Acervo: SRCG.

³⁶⁰ *Punição*, 21/04/1972. Acervo: SRCG (Grifos e destaques, no texto, de acordo com o original).

para quem pensasse em rasgar essa nova cópia: “Alertamos que a próxima pessoa que tiver a ousadia de danificar esta punição, será expulsa imediatamente da sociedade por desrespeito à Diretoria”. Havia um desejo de se divulgar as medidas tomadas contra aquela que ofendeu a honra e a dignidade das associadas. Nesse sentido, o clube pedia a colaboração do associado para essas punições, alertando que o próximo a sofrer com comentários desse tipo poderia ser aquele que rasgou a punição anteriormente.

Com a preocupação de moralizar os sócios foi apresentado “um projeto visando criar uma diretoria juvenil formada por jovens de nossa sociedade querendo com isso, acabar com comentários desabonatórios contra a mesma sociedade”. A presidenta da Ala Feminina também deu sua opinião, concordando que deveriam ser tomadas providências “para coibir a má postura de certos jovens dentro do salão de festas”.³⁶¹ Assim, a Ala Jovem, além de dar experiência para os jovens administrarem o clube no futuro, tinha também um papel moralizante, indispensável para os futuros diretores.

Havia também, certa preocupação com as mulheres solteiras que participavam do clube. A Ala Feminina chegou a solicitar ao presidente que os associados ou responsáveis pelas associadas às acompanhassem quando elas fossem ao clube.³⁶² Mulheres chegando sozinhas ao clube para bailes à noite poderiam levantar suspeitas sobre sua conduta moral. Assim, foi decidido que “toda e qualquer moça de nossa sociedade para ter acesso a nosso clube deverá vir acompanhada de uma pessoa responsável tal como seja o pai, a mãe ou outra pessoa de idade”.³⁶³ A presença do pai, da mãe, ou de algum outro familiar informava sobre a boa conduta das jovens. Mas, com o tempo, foi preciso limitar o acesso das mulheres solteiras, pois, “as senhoritas somente poder[iam] se associar, quando acompanhadas por seus pais ou sócio idôneo”.³⁶⁴ Essa preocupação pode ser entendida também, como uma vontade de manter o clube como um espaço de divertimento familiar.

Até o momento, abordei a vigilância do clube sobre o comportamento das associadas. Porém, os associados não escaparam das punições. Geralmente, os homens eram punidos por badernas ou por estarem alcoolizados. Mas, em alguns casos, seu comportamento moral foi repreendido. Em reunião, no final da década de 1980 “falou-se (...) sobre o comportamento do pessoal durante as promoções, rapazes e moças”.³⁶⁵ O mau comportamento masculino já tinha sido observado por Gabriela Pinheiro que pediu “ao Conselho providências sobre a

³⁶¹ *Ata n. 21*, 28/09/1966, Livro 03. Acervo: SRCG.

³⁶² *Ata n. 66*, 10/01/1956, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁶³ *Ata n. 88*, 24/10/1964, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁶⁴ *Ata n. 92*, 05/12/1964, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁶⁵ *Ata n. 05*, 11/11/1987, Livro 07. Acervo: SRCG.

fiscalização da parte masculina pois segundo suas palavras ela acha que está havendo por parte do elemento masculino muitos abusos”.³⁶⁶ Pelo comportamento moral, alguns associados foram proibidos de ter acesso ao clube, como neste caso:

Vimos pelo presente, informar a V. Sa., de que a Diretoria desta sociedade, tomando ciência dos atos praticados por V. Sa., contra uma de nossas associadas, (...), dentro da sede.

Fato este ocorrido em outubro de 1984, cujas atitudes não se enquadram dentro da moral, disciplina e comportamento que estatutariamente precisamos manter.

A partir desta data, solicitamos a V. Sa., o não ingresso em nossa sociedade seja em promoções ou reuniões de qualquer natureza pelo prazo de um ano. Assim sendo ficamos muito satisfeitos se houver compreensão de V. Sa.³⁶⁷

A preocupação com a moral dos associados e associadas foi identificada em outros clubes ou associações negras no país. Segundo Loner e Gill (2007, p. 2-3), o clube pelotense Fica Aí, “contava com uma estrita vigilância por parte da diretoria sobre o comportamento de seus membros, especialmente do sexo feminino, mantendo uma acesa e feroz discriminação contra aqueles que não aceitavam suas imposições sobre a moral e os costumes”. Ainda segundo as autoras, a matriz de comportamento desse clube “era aquela em vigor na sociedade branca, de cunho burguês, a mesma seguida pelos clubes de classe média e alta da cidade” (LONER; GILL, 2007, p. 3). No jornal *O Exemplo*, editado por negros porto-alegrenses, a idéia da necessidade de moralização esteve presente, “os vícios e o mau comportamento dos 'patrícios' eram severamente vigiados” (MÜLLER, 1999, p. 179). Para alguns autores, a tentativa de impor padrões comportamentais aos negros, representa a tentativa de efetivar o “branqueamento social”, que segundo Domingues (2004a, p. 282) “estava fundado na aquisição pelos negros de atitudes e comportamentos 'positivos' do branco”.³⁶⁸ Assim,

para se afirmar nos valores considerados nobres pela sociedade inclusiva, o negro não devia ingerir bebida alcoólica, assim como não devia jogar, drogar-se, freqüentar o ambiente da malandragem. Pelo contrário, devia defender sem tréguas a moral e os bons costumes da classe dominante; ser religiosamente católico, honrado, regrado e cumpridor de seus deveres. Condenava-se a boêmia, a prostituição, as religiões de matriz africana, a prática da capoeira, o samba, afinal, o negro devia ter um comportamento puritano (DOMINGUES, 2004a, p. 286).

³⁶⁶ Ata n. 37, 28/03/1971, Livro 04. Acervo: SRCG.

³⁶⁷ Correspondência Expedida, 05/01/1985. Acervo: SRCG.

³⁶⁸ Para Figueiredo, “a cultura negra é quase sempre identificada pela religião, pela culinária, pela música e pela dança, enquanto a cultura branca é associada aos aspectos mais gerais, como a educação formal, a informação, a política, a tecnologia, enfim, a quase todos os aspectos da vida social. Nesse sentido, parece impossível não vivenciar cotidianamente os aspectos da 'cultura branca'; ou melhor, embranquecer é, aparentemente, inevitável” (FIGUEIREDO, 2002, op. cit., p. 104).

Porém, no caso do Clube Gaúcho, acredito que esta *elite negra* – termo que faz referência, aqui, aos indivíduos que eram autorizados social e simbolicamente pela comunidade negra como portadores de condições para empreenderem atividades associativas – preocupava-se com a mudança de comportamentos necessária para os projetos individuais e coletivos de ascensão social. Empreendiam, então, certa auto-imposição de normas de regramento – aburguesamento dos costumes³⁶⁹ – que conduzissem o grupo para o modelo esperado de comportamento em público.

Assim, vigiaram os comportamentos de seus associados, na tentativa de demonstrar que sua sexualidade era “normal”, que obedecia aos padrões de determinado contexto, como a das outras mulheres e homens das mais diversas etnias, que também sofriam punições quando saíam das regras estabelecidas. Além disso, no clube, nunca se proibiu a ingestão de bebidas alcoólicas, inclusive eram realizados o Baile da Cerveja, o Baile da Champanhe etc. O clube condenava, assim como outros clubes de tantas outras etnias, o exagero no consumo que, muitas vezes, gerava brigas, desentendimentos etc., que iam contra as suas finalidades mais gerais, que eram de propiciar aos seus associados um ambiente de lazer e divertimento.

O clube viu na educação de seus associados outro fator importante. Em reunião, “o presidente do Conselho Deliberativo pediu aos presentes, que procurassem tomar conhecimento sobre boas maneiras, e quanto à comissão de recepções também, para que possamos nos apresentar perante o nosso público com dignidade e educação”.³⁷⁰ Mais uma vez, o clube busca a distinção. O público que o freqüentava devia ver seus dirigentes como exemplos. Portar-se com dignidade e ter educação, para alguns dos membros, afastaria o racismo e permitiria ao negro lutar de igual para igual com o branco pelas oportunidades.

4.4 “SOCIETY COLORED” EM FESTA: MUITA ELEGÂNCIA E DISTINÇÃO

O Clube Gaúcho, além de selecionar e moralizar os sócios, investiu também na “elegância” e na “distinção”.³⁷¹ Como dizia Rosiane Medeiros, em seu discurso tão citado

³⁶⁹ Ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

³⁷⁰ *Ata n. 34*, 22/03/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.

³⁷¹ A palavra distinção é empregada aqui com o sentido de “elegância e reserva no porte, nas maneiras”; “correção de procedimento; dignidade”, conforme, FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio**

aqui, uma das motivações para a fundação do clube, foi a percepção da “necessidade de propiciar aos negros um ambiente onde ele não se sentisse olhado como um ser inferior, analfabeto, ou de modo pejorativo ouvir ser chamado de negro”.³⁷² Dessa forma, serão elaborados projetos que buscam informar sobre o quão “elevados” são os negros do clube. Assim, a preocupação com a sede, a oferta de cursos, a apresentação de peças de teatro, os concursos de beleza, o capricho nas roupas etc., são exemplos da vontade do grupo de ser visto como distinto e portador de uma auto-estima elevada.

A formação do clube, como disse Rosiane Medeiros, foi entendida como uma resposta ao racismo. Naquele espaço essa população não era chamada pejorativamente de negra. Para Azevedo (1955, p. 27), “a expressão ‘negro’ é considerada indelicada e por vezes ofensiva, desde os tempos coloniais”. O termo até hoje, dependendo da situação, pode ser utilizado de forma pejorativa, como uma tentativa de desqualificar o *outro*. Dessa forma, é possível que o grupo tenha optado em se afastar do termo, tentando afastar de si a carga pejorativa que a palavra teria. Pois, em 1943, foram parar na Delegacia de Caxias dois vizinhos. Os desentendimentos entre Maria e João, iniciaram-se com a tentativa de reconciliar os filhos, que eram amigos e haviam brigado. Isso não foi possível, porque João, “sempre que fazia alusão a pessoa menor [filho de Maria], não o distinguia pelo nome, mas o substituía pelo emprego da palavra 'negro’”. Maria, “sentindo-se hostilizada com essas expressões, as repele energicamente e, por sua vez, passa a chamar [João] de 'gringo sem vergonha e ladrão’”.³⁷³ Ofendida, por ter o vizinho chamado seu filho de negro, Maria revida utilizando os termos gringo, sem vergonha e ladrão. É possível que no entendimento de Maria a palavra negro poderia estar associada a atributos negativos como, sem vergonha e ladrão. Por isso, para revidar não bastava xingar o vizinho de gringo, era preciso acrescentar a esse termo outras palavras pejorativas. Os dois foram parar na Delegacia, porque João feriu Maria com uma pedrada no calor da discussão.

A carga pejorativa que continha o termo negro, pode explicar, juntamente com o que já foi dito, o porquê que os estatutos do clube não o definiam como um clube de negros. Pois, estavam associados à palavra diversos estereótipos, dos quais o clube queria distância. Assim, quando se auto-definem, durante as décadas de 1940-50-60, os membros do clube utilizam a expressão “homens de cor”. Negro passará a ser utilizado durante as décadas de 1970-80. A imprensa local também tinha dificuldade em escolher um termo apropriado. Inicialmente não

Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 695.

³⁷² Ata n. 84 – Especial, 28/06/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.

³⁷³ Relatório – Lesão Corporal, 31/01/1943. Acervo: APC/CXS.

fazia referência a etnia dos associados, mas, durante os anos 1960-70, passaram a utilizar a expressão “colored”. Assim, quando se referiam ao clube, utilizavam a expressão “Society Colored” e, quando faziam referência a um jogador de futebol negro, por exemplo, utilizavam “atleta colored”. Thales de Azevedo e seus informantes, utilizavam diversos termos para fazer referência a população negra da cidade. *Moreno, brasileiro, mulato claro, mulato claro brancóide, gente de cor, pretos, negros*, eram alguns dos termos utilizados. Essa variedade se explica, em parte, porque para alguns, os aspectos físicos não bastam para definir uma pessoa como preta, negra, morena... Para isso, é considerada, também, a condição social do indivíduo. Assim, houve entre os integrantes do clube certa dúvida a respeito do termo que seria utilizado para se auto-definirem. Porém, no que diz respeito a sede, as dúvidas diminuía, grande parte dos integrantes sabiam da sua importância simbólica.

Diferentemente dos outros clubes negros da cidade, que se localizavam em regiões mais afastadas, o Clube Gaúcho teve sua primeira sede na região central, próxima a outra associação étnica, a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Principe di Napoli. As duas estavam localizadas, na década de 1930, na rua Pinheiro Machado, sendo possível que estivessem localizadas na mesma quadra. Isso, de certa forma, confere ao clube um status mais elevado, já que no centro estavam as sedes do Clube Juvenil e do Recreio da Juventude, que eram clubes freqüentados pela alta sociedade local. Já os outros clubes negros da cidade, dos quais obtive poucas informações, estavam localizados na Zona do Cemitério (bairro Beltrão de Queiroz), no caso do Quinze de Novembro e, no Burgo, que seria o caso do Grêmio Esportivo Eurico Lara.³⁷⁴ Mas, com a construção da nova sede, de 1950, o clube deixa o centro e fica localizado na Zona Tupi que, em 1962, já se chamava bairro Primeiro de Maio.

Através da série de reportagens intitulada *A voz dos bairros*, pode-se saber um pouco mais sobre o bairro onde estava localizado o clube. No momento em que é realizada a reportagem, os moradores demonstram-se insatisfeitos com o nome dele solicitando a alteração para bairro Pio X e apresentam uma carta de reivindicações. Pede-se a extensão da rede de água potável, a extensão da rede elétrica e, ainda, é solicitada “uma fiscalização enérgica à respeito de 'casas suspeitas' que funcionam clandestinamente, acarretando inquietação e desrespeito entre às famílias”.³⁷⁵ É nessa região que o clube vai se localizar, mesmo depois da construção da nova sede em meados de 1970, pois, esta sede fica próxima da anterior. A construção da última e atual sede, foi a concretização dos “sonhos de sua diretoria”, ela deveria dedicar espaços “para a alfabetização, para a criação de escolas de corte

³⁷⁴ Depoimento de Juçara de Quadro. Concedido ao autor em 20/10/2007.

³⁷⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 06/01/1962, p. 12. Acervo: AHMJSA.

e costura e para a qualificação melhor de muitos de seus membros para o trabalho”.³⁷⁶ A sede de madeira ficava para trás, a nova sede, construída em dois andares, estava de acordo com os desejos da Diretoria do clube, pois poderia abrigar, além dos bailes, a biblioteca, as aulas de corte e costura, de alfabetização, e outras iniciativas que buscavam auxiliar os associados.

ILUSTRAÇÃO 4

SEDE DO CLUBE GAÚCHO EM CONSTRUÇÃO (DÉCADA DE 1970)



FONTE: *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 13/05/1978, n. 274, p. 26. Acervo: AHMJSA.

Porém, já na sede construída em 1950 foram desenvolvidos alguns cursos. Em ata desse mesmo ano, é marcada uma reunião para decidir sobre “o funcionamento das aulas de alfabetização e costura, com dias previamente marcados”.³⁷⁷ Aparentemente, o curso de costura teve sucesso, pois, em 1954 foi “aprovado por unanimidade enviar um ofício [ao SESI] requerendo a instalação” de aulas de costura no clube.³⁷⁸ A parceria com o SESI foi além. Durante algum tempo foram exibidos filmes para os associados, mas a diretoria resolveu cancelar essas atividades “devido aos estragos que seguidamente acontecem”.³⁷⁹ O clube promoveu, ainda, apresentações teatrais, como em 1965, quando o *Grupo de Teatro Leopoldo Froes*, encenou a peça infantil *Simbita e o Dragão*.³⁸⁰ Já em 1982, foi apresentada a “peça *Funeral Moçambique* escrita e dirigida pelo Maestro Gama”.³⁸¹ Ainda na década de

³⁷⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 26/06/1971, p. 6. Acervo: AHMJSA.

³⁷⁷ *Ata n. 07*, 19/08/1950, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁷⁸ *Ata n. 39*, 14/19/1954, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁷⁹ *Ata n. 57*, 10/08/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

³⁸⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 24/07/1965, p. 6. Acervo: AHMJSA.

³⁸¹ *Ata n. 66*, 17/06/1982, Livro 06. Acervo: SRCG.

1980 foi formado um *Grupo de Teatro Infantil*, que em uma de suas apresentações teve um “rendimento de treze mil seiscentos e noventa cruzeiros”.³⁸² Mas, as atividades educacionais e culturais envolviam, ainda, outros eventos.

Em reunião, Rosiane disse estar “preocupada com a parte cultural e pretende promover palestras”.³⁸³ Talvez, Rosiane estivesse querendo dar seqüência ao *Encontro de Estudos Sócio Culturais de Integração Afro-Italiana*, que teria sido realizado em anos anteriores, 1977 e 78.³⁸⁴ Pode-se especular, a partir do nome do evento, que poderiam existir algumas dificuldades na integração entre negros e italianos. A utilização do termo italiano para os habitantes de Caxias do Sul, também é um indício do contínuo re-estabelecimento das fronteiras étnicas. Mas, o clube ainda realizou, em 1984, ano do cinquentenário, a *I Semana do Negro*, quando foram realizadas festas e palestras.³⁸⁵ Esse evento aconteceu no mesmo período que a *Semana de Caxias*, sendo que o encerramento dos dois aconteceu no Clube Gaúcho, quando foram apresentados o *ritmo negro de Angola* e o *ritmo de escola de samba*.³⁸⁶

Para auxiliar na educação de seus associados, o clube ainda contava com uma biblioteca:

Hoje [29/09/1962], com início às 21,00 horas, será inaugurada na sede do Esporte Clube Gaúcho, uma biblioteca, que tem como finalidade recreação, e, ampliação dos conhecimentos culturais de todos os associados daquela tradicional entidade de nossa cidade.

Nessa ocasião deverão estar presentes as autoridades municipais especialmente convidadas, bem como representantes da imprensa de nossa cidade.³⁸⁷

Dessa forma, o Clube Gaúcho ofereceu muito mais do que bailes e opções de lazer aos seus associados. Manteve entre as suas atividades cursos de aperfeiçoamento profissional, cursos de alfabetização, promoveu sessões de cinema, palestras e ainda possuía um acervo de 157 (cento e cinquenta e sete) volumes de livros, 61 (sessenta e uma) revistas e alguns exemplares do Diário Oficial,³⁸⁸ em sua Biblioteca José do Patrocínio, conforme levantamento realizado em 1967.³⁸⁹ Assim, o clube buscou elevar a dignidade de seus sócios através de eventos educativos. Müller (1999, p. 162) constata que assim que as associações

³⁸² Ata n. 69, 23/10/1982, Livro 06. Acervo: SRCG.

³⁸³ Ata n. 07, 27/07/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.

³⁸⁴ *Correspondência Recebida*, 16/03/1978. Acervo: SRCG.

³⁸⁵ *Correspondência Recebida*, 16/05/1984. Acervo: SRCG.

³⁸⁶ Ata n. 64, 29/05/1982, Livro 06. Acervo: SRCG.

³⁸⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 29/09/1962, p. 20. Acervo: AHMJA.

³⁸⁸ Ata n. 33, 16/03/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.

³⁸⁹ Ata n. 33, 16/03/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.

civis negras se afirmaram em Porto Alegre, elas “passaram a promover a apresentação de peças teatrais; palestras e cursos temáticos. Buscaram ainda fomentar a literatura e a poesia entre os negros; e, também, os eventos musicais. Para além disso, estiveram sempre empenhados em fundar escolas e bibliotecas”. Dessa forma, os projetos educacionais do clube não se afastam de outros aplicados em associações semelhantes.

O projeto do clube pode, de alguma forma, ter influenciado seus membros para que continuassem ou iniciassem seus estudos. Partindo da idéia de que o fim do racismo só viria com a instrução do negro, nos mais diversos sentidos, os diretores e demais membros podem ter influenciado jovens e adultos. Assim, em 1974, o presidente do Conselho Deliberativo “sugeriu que fosse enviado ofício de congratulações aos senhores [associados] pelo brilhante resultado alcançado no vestibular da Universidade de Caxias do Sul”.³⁹⁰ Era esse o resultado que os dirigentes esperavam? É possível que sim, já que, como vimos, o clube sempre que possível investiu em promoções educacionais e culturais. Porém, a entrada dos negros caxienses na universidade vai gerar alguns problemas, na opinião do Maestro Gama. Segundo ele, existe uma divisão entre os negros em Caxias, pois, “quando algum negro chega ao ginásio começa a ficar com vergonha daqueles irmãos seus que não tiveram a chance de aprender. Se por algum acaso algum preto chegar à Universidade, ele não é nem mais preto. Ele se esquece de sua gente e de sua cor. E sente vergonha de ser negro”. É a partir dessa constatação que se explica a construção da nova sede. Segundo o Maestro, “é por isso que estamos fazendo do Gaúcho uma sede à altura. Para que a juventude não se sinta envergonhada de ser negra. Tenha as mesmas condições dos brancos. Que não tenha vergonha de ir lá”.³⁹¹

Assim, não basta educar o negro, torná-lo distinto, digno, é preciso ter, entre outras coisas, uma sede que corresponda a essa distinção, é preciso demonstrar “materialmente” essa distinção. Nesse sentido, a modo de vestir-se vai fazer diferença.³⁹² O clube exige de seus associados trajes bem alinhados. Para garantir que ninguém entrasse no clube vestindo qualquer roupa, o Diretor de Sala tinha a responsabilidade de “não deixar penetrar no salão pessoas mal trajadas e sem o respectivo colarinho e a gravata”.³⁹³ O uniforme do time de futebol também tinha que estar em boas condições para que o time jogasse. Assim, foi autorizado comprar camisetas novas que estavam em promoção, mesmo elas não

³⁹⁰ *Ata n. 58*, 20/01/1974, Livro 05. Acervo: SRCG.

³⁹¹ *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul, 13/05/1978, n. 274, p. 26-27. Acervo: AHMJSJA.

³⁹² Segundo Adhemar Silva Jr., também identifica em algumas associações a importância do bem vestir-se. A União Caixeiral Jaguareense, incorpora em seus estatutos a necessidade dos sócios se vestirem de forma decente, pois há uma “relação estreita entre bem trajar e a exibição pública” (SILVA Jr., 2004, op. cit., p. 248)

³⁹³ *Estatutos do Sport Club Gaúcho*, 06/01/1935. Em anexo.

correspondendo as cores do time.³⁹⁴ O que importava era estar usando um uniforme novo e alinhado. Em reunião, que antecedia a realização de um baile, Ilton Jair de Paula, pergunta que trajes seriam impedidos de entrar para o referido evento. Foi informado que “calça Lee, brinco de orelha, jaquetas e tênis e outros trajes inconvenientes”,³⁹⁵ não poderiam ser utilizados. Já em 1988, “foi dada a idéia de organizar uma festa onde quem não esteve[ss] vestido de acordo não entra[va]”.³⁹⁶ Ao analisar o investimento da imagem corporal dos associados do Clube Renascença, Giacomini (2006, p. 35-36), diz que:

Não há como não perceber que a aparência cuidada não tem apenas funções positivas, pois ela deve, também, *apagar* o estigma da cor. Como não se trata de mudar de cor, torna-se necessário gerar um efeito que desloque o foco do olhar, ou da atenção, para outros aspectos aparentes. Aí talvez se encontre a explicação para o superinvestimento na aparência, característico desse grupo: além da função social *normal*, a aparência acumula aqui uma função de neutralização do estigma [Grifos da autora].

Nas comemorações do sexto aniversário do Clube Gaúcho, foi realizado o Baile da Pelúcia. Nesse baile as mulheres deveriam vestir roupas de pele ou material semelhante. No decorrer da festa “pela originalidade de seus trajes, foram premiadas as senhoritas Guilhermina Machado, Maria dos Reis e Lana Marques”.³⁹⁷ Com a premiação dos melhores trajes o clube informa a respeito dos tipos de roupas que são mais apropriadas para determinados eventos. A elegância e a distinção dos associados do clube eram postas a prova em outras situações, principalmente, quando eram realizados os Bailes de Gala.

Desde o início dos anos 1950 são encontradas referências a realização de bailes de gala pelo clube. A partir do início dos anos 1960 eles vão receber um cobertura especial pela imprensa. Com reportagem intitulada “*Society Colored*” em festa – muita elegância e distinção no Baile do Gaúcho, o jornal fazia a cobertura completa do evento:

Sábado último, dia 15, com satisfação, atendendo gentil convite da Diretoria do E. C. Gaúcho, assistimos em seus Salões de Festas o majestoso Baile de Gala, que a Sociedade organizou. Como parte principal do programa, a sociedade recebia na ocasião, a visita do Centro Cívico Cruz e Souza, da cidade de Lages, que ali compareceu em luzida caravana.

Entre os convidados especiais, contavam-se: Sr. Italo Rossato, Diretor da Ferragem Caxiense, Vereador Dr. Julio Costamilan, Vereador Pedro Olavo Hoffmann e Christian, da Crônica Social do PIONEIRO e Diário Carioca. Fomos todos recebidos gentilmente pelo Presidente do Conselho Fiscal do Clube, Sr. Agenor da Silva e pelo Presidente da Entidade, Sr. Otávio Moreira de Brito.³⁹⁸

³⁹⁴ Ata n. 06, 23/07/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

³⁹⁵ Ata n. 50, 15/11/1973, Livro 05. Acervo: SRCG.

³⁹⁶ Ata n. 33, 11/10/1988, Livro 07. Acervo: SRCG.

³⁹⁷ O Momento. Caxias do Sul, 08/07/1940, n. 382. Acervo: AHMJA.

³⁹⁸ Pioneiro. Caxias do Sul, 22/10/1960, p. 8-9. Acervo: AHMJA.

Essa reportagem demonstra o status que o clube havia alcançado. Mesmo sendo considerado um clube pequeno, de bairro nessa época, um dos principais jornais da cidade faz uma extensa matéria sobre o seu baile de gala, que contou com a presença de vereadores e empresários locais. Eram nesses momentos que os integrantes demonstravam sua elegância e distinção, não precisavam ter vergonha de serem negros ou “coloreds”, pois sabiam promover festas e se portar à altura dos associados dos grandes clubes da cidade. Além disso, é preciso destacar a importância dos bailes de debutantes, que introduziam “as adolescentes nas formas de sociabilidade e de vida social consideradas de adultos, nas quais, via de regra, nos anos 1950, o casamento constava como destino natural da mulher” (GIACOMINI, 2006, p. 98). É importante destacar, também, a presença de representantes do Centro Cívico Cruz e Souza, inclusive de sua rainha, demonstrando a relação existente entre esses clubes negros.

Iná Dorotéia Oliveira, Rainha do *Centro Cívico Cruz e Souza*, estava presente para coroar a Rainha do Clube Gaúcho. “Ao som da orquestra, sob o aplauso dos presentes deu entrada no Salão, a Srta. Iolanda Conceição de Lima, sucessora da Srta. Leondina da Silva, Rainha do Gaúcho em 1959”.³⁹⁹ A presença da Rainha de outro clube negro no momento da coroação parece ter sido prática comum. Em 1965, a Srta. Sandra Maria da Silva, Rainha do Clube Gaúcho, participou do baile onde foi coroada a Srta. Jacy Mendonça, Rainha do *Sport Club Cruzeiro do Sul*, de Novo Hamburgo.⁴⁰⁰ Mas, além da escolha da Rainha, o Clube Gaúcho organizava outros concursos, como: Madrinha do Esporte; Rainha da Primavera; Rainha do Carnaval; Miss Simpatia, entre outros. Esses concursos não proliferaram somente no clube, a escolha de rainhas e misses era uma prática que se consolidava no Brasil e eram realizados nos mais diversos tipos de associações. Mas, não deixavam de haver críticas a eles. Em 1955, o monsenhor Ascânio Brandão, revela sua opinião, dizendo:

Multiplicam-se os concursos de **Miss** por tôda parte. **Miss** e **Rainha** de tôdas as classes, de tôdas as cidades e clubes e associações. Entre estudantes a Rainha sempre se havia de imaginar fosse a mais inteligente e aplicada, a primeira nas aulas, a vencedora de maratonas culturais. Nada disto. A Rainha pode ser a pior das estudantes, a mais atrazadinha nas aulas. Tenha meio de palma da carinha bem formada, seja uma Venus de Milo, será coroada e sairá triunfante. Estimula-se a vaidade feminina que já não é pouca... perde-se um tempo precioso com tanta e tão pernicioso futilidade, e chegam-se a conclusão de que com a beleza feminina está salva a Pátria, a salvação do Brasil está na carinha das **Misses**. Não sei si em outros países o povo se torna ridículo como o brasileiro em face destes fúteis e tolos concursos de beleza. E o pior não está no fato da escolha da **Miss**. É lamentável esta exibição de nossas patricias em trajes despidorados, prestando-se aos comentários

³⁹⁹ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/10/1960, p. 8-9. Acervo: AHMJSA.

⁴⁰⁰ *Jornal Hamburguês*. Novo Hamburgo, 18/09/1965, n. 120. Acervo: AHMNH.

mais torpes e levianos da turba dos gozadores da vida e da trêfega rapaziada⁴⁰¹
[Grifos do autor].

Será que para ser Rainha do Gaúcho, bastava ter uma carinha bonita? Qual seria o objetivo do clube com esses concursos de beleza? Os concursos realizados pelo clube tiveram vários objetivos. Alguns deles, financeiros, pois, muitas vezes a escolha da rainha aconteceu através da venda de votos. Além disso, em outras oportunidades a realização de um concurso durante um baile, era um atrativo extra para os frequentadores. Mas, acredito que a função principal esteja relacionada aos projetos do clube, valorizando através dele a beleza negra. Segundo Loner e Gill (2007, p. 7), esses concursos, tentavam provar “que a 'raça' negra também podia ser bela e que os critérios de beleza fundados apenas no modelo estético branco não eram os únicos a serem contemplados”. Mas, bastava ser bela? Acredito que não!

Ao se tornar Rainha do Clube Gaúcho, a senhorita passava a representá-lo. Dessa forma, a vencedora deveria ser possuidora de beleza, sim, mas também de uma série de outras características valorizadas pelo grupo dirigente. Deveria saber se portar, dançar de forma adequada, ser estudante (de preferência), usar roupas decentes, ser elegante etc. Depois de eleita, a Rainha era o exemplo a ser seguido pelas demais integrantes. Dessa forma, a figura da Rainha tinha um caráter educacional, pois informava as demais associadas qual o modelo de sócia ideal para o clube. Junto com o título, então, vinha a responsabilidade de representar bem o clube nos mais diversos eventos, tanto em sua sede social como na sede social dos outros clubes com os quais o Gaúcho mantinha relações. Seu papel, quando está em outro clube também é extremamente importante, pois, informa aos *outros* como são as mulheres do *seu* clube.

Dessa forma, essas mulheres exemplares, auxiliam na demarcação das fronteiras étnicas, pois informam sobre quem são os frequentadores do Clube Gaúcho. Fora do seu clube, as mulheres negras do Gaúcho, coroam rainhas e, muitas vezes, representam o clube em outros concursos, que avaliam muito mais do que a beleza física. Em 1964, por exemplo, a sociedade “co-irmã”,⁴⁰² *Bambas da Orgia*, convida o clube para participar com uma candidata ao concurso *Glamour Girl de Cor* do estado. Já em 1976, Selma Goulart Ferreira, representou o clube no *Miss Mulata Rio Grande do Sul*, realizado na *Sociedade Cultural e Benfícete Rui Barbosa*, de Canoas. Esses são dois exemplos de concursos realizados fora de Caxias do Sul, em que o pré-requisito para participação era ser negra, além de bonita. Eram concursos

⁴⁰¹ *Correio Rio-Grandense*. Caxias do Sul, 17/08/1955, capa. Acervo: AHMJSa. Mantida a grafia original.

⁴⁰² A expressão “co-irmão” é encontrada na documentação produzida pelo clube. Acredito que quando é utilizada faz referência a outro clube negro.

realizados entre negras, assim como os concursos realizados pelo Clube Gaúcho. Dessa forma, eram concursos que valorizavam a beleza entre as negras, contribuindo para a elevação da auto-estima. Assim, essas mulheres, confiantes na sua beleza, vão transpor as barreiras do clube e as barreiras étnicas e em pouco tempo vão estar disputando títulos de beleza com as moças de outras etnias.

A opção pela realização de concursos de beleza só entre mulheres negras, pode ser entendida como uma reação a construção de um ideal de beleza onde só os brancos são vistos como belos. Em 1977, após o lançamento do filme *Xica da Silva*, o jornal *Pioneiro* publica uma crítica ao filme. O título da matéria, *Entre nós, “Xica da Silva” tão bonita que parece branca*, expressa o quanto estava presente a associação entre os brancos e a beleza. Porém, antes disso, o Clube Gaúcho já apresentava candidatas em concursos de beleza onde a maioria das candidatas eram brancas. Obteve sucesso no *Miss Caxias 1970*, quando Marilanda Antonio Ribeiro conquistou o segundo lugar.⁴⁰³ Marilanda já havia sido rainha da *Escola de Samba Os Protegidos da Princesa* em 1969⁴⁰⁴ e, com o segundo lugar representou a cidade de Caxias do Sul no concurso para a eleição da *Embaixatriz do Turismo* do Rio Grande do Sul.⁴⁰⁵ O sucesso da moça também fez dela um símbolo da *democracia racial*, ela era mais um exemplo, como vimos, da possibilidade dos negros ascenderem no Brasil, desde que se educassem. Seguindo os caminhos de Marilanda, outras moças do clube passaram a representá-lo em concursos na cidade. Maria Aparecida Costa, em 1971, foi eleita *Miss Simpatia* no concurso *Glamour Girl* e, em 1985, Joana Lúcia Torquatto representou o *Clube Gaúcho* no concurso que elegeu a rainha e princesas da *Festa da Uva 1986*.⁴⁰⁶ Joana não ficou entre as três escolhidas, mas a participação dessas mulheres demonstra que elas não se achavam “mais feias” que as brancas, elas se achavam iguais, podendo disputar com elas um título de beleza. Como vimos, o primeiro lugar não veio. Mas, se considerarmos que o projeto do clube era elevar a auto-estima de suas associadas e associados, podemos dizer que o objetivo foi alcançado.

Enfim, percebe-se o investimento do clube para que os negros associados a ele fossem vistos com dignidade. Durante grande parte de sua trajetória foram oferecidos cursos que buscavam dar uma maior qualificação para os seus integrantes. Buscou-se, também, aproximar essa população do teatro, do cinema e dos livros. Na visão do grupo, era assim que o negro poderia vencer o racismo, qualificando-se, crescendo intelectualmente. Porém, isso

⁴⁰³ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 13/06/1970, p. 8. Acervo: AHMJSA.

⁴⁰⁴ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 18/01/1969, p. 8. Acervo: AHMJSA.

⁴⁰⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 22/08/1970, p. 12. Acervo: AHMJSA.

⁴⁰⁶ *Correspondência Expedida*, 31/07/1985. Acervo: SRCG.

não bastava. Era preciso andar bem alinhado, com roupas que informassem a sua distinção. Também era preciso ter uma sede adequada, limpa, pintada, arrumada, bem ornamentada nos dias de festa. Negros educados e elegantes querem uma sede adequada, que também demonstre distinção. Além disso, sua beleza representou a cidade de Caxias do Sul em concursos regionais. O que mais faltaria a esse clube?

4.5 FAZENDO ALIANÇAS

Desde os seus primeiros anos de existência, o Clube Gaúcho buscou estabelecer alianças. Com a Liga de Defesa Nacional organizou um campeonato de futebol, o *Torneio Relâmpago*. Mas, essas alianças foram além. Logo, o clube terá entre os membros da diretoria a figura simbólica do Presidente de Honra, que como veremos, será um “título” concedido a pessoas importantes da cidade com o objetivo de aproximá-las, para estabelecer algum tipo de vínculo com essas pessoas. O clube manterá, ainda, um constante relacionamento com outros clubes negros sediados no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Além disso, terá entre os seus aliados organizações do movimento negro que, desde o início da década de 1950, relacionam-se com o clube. Mas, qual era o objetivo do clube com essas alianças?

Em 1945 aparece na relação dos membros da diretoria do clube o nome de Percy Vargas, naquela ocasião, Presidente de Honra reeleito. Os estatutos não informam sobre as atribuições dessa função, sendo por isso considerada uma função simbólica, que traria, de alguma forma, benefícios para o clube. Para poder pensar sobre que tipo de benefícios eram esses, é necessário saber quem foram esses presidentes de honra. Somente a partir dessa identificação será possível fazer algumas considerações sobre as intenções do clube. Então, começo apresentando algumas informações sobre a vida de Percy Vargas, primeiro presidente de honra do clube.

Natural de Santana do Livramento, Percy Vargas, posteriormente, fixou residência em Porto Alegre onde estudou direito. Tornou-se advogado prático e, entre os anos de 1933 e 1936, esteve em Caxias a trabalho, passando a residir na cidade nesse período.⁴⁰⁷ Esteve presente na fundação da Liga Sportiva Caxiense e participou da comissão que elaborou os

⁴⁰⁷ Ver: PAGANI, Marcos Fernando. **O nacionalismo na Região Colonial Italiana**. Caxias do Sul, RS: Maneco Livraria & Editora, 2005, p. 26.

estatutos da mesma em 1936.⁴⁰⁸ Representando o Sport Club Juventude (clube que presidiu em 1944), foi membro do Conselho Deliberativo dessa entidade onde podem ter acontecido os primeiros contatos com os associados do Clube Gaúcho, já que Eloy Moreira Pitta era conselheiro fiscal da mesma gestão.⁴⁰⁹ Como vimos anteriormente, foi presidente do Centro Cultural Tobias Barreto de Menezes, fundado em 1937, e foi membro da Liga de Defesa Nacional em Caxias, que patrocinou o Torneio Relâmpago organizado pelo Clube Gaúcho na década de 1940.

Como político, foi eleito vereador pela primeira vez em 1959, com 1.064 votos pelo Partido Social Progressista (PSP). Reelegeu-se em 1963, mas não pelo PSP. Essa agremiação, que abrigava os componentes do Partido Comunista, então na clandestinidade, não quis a companhia dos esquerdistas caxienses que criaram a Aliança Republicana Socialista, coligação do PR e PSB (PAGANI, 2005, p. 61-62).

Percy Vargas “nunca negou sua condição de um homem de esquerda” (PAGANI, 2005, p. 63), e isso pode ter influenciado na sua destituição do cargo de Presidente de Honra do clube, ocupado durante os anos 1944 e 1945.⁴¹⁰ Durante os anos 1930 e 1940, Percy, aparentemente, reunia as características desejadas, na visão dos integrantes do clube, para ser o seu Presidente de Honra. Era advogado, poderia dar algum auxílio jurídico, estava envolvido em diversas associações na cidade e, assim, mantinha relações com pessoas importantes. Era uma figura pública reconhecida, por isso era importante ter seu nome relacionado ao do clube, dando-lhe status. Mas, possivelmente, por sua ligação com os comunistas acabou sendo substituído no cargo.

No final de ano de 1946, o jornal *O Momento* alertava os católicos: “O comunismo ateu avança desdobrando seu tenebroso programa por todos os recantos do país...”.⁴¹¹ Dizia ainda, que o comunismo era uma “fábrica de monstros”.⁴¹² Nesse mesmo ano, foram proibidos os comícios do PCB, “que só poderiam ser realizados em locais fechados e tendo sido avisada a polícia” (RODEGHERO, 2006, p. 197). Com toda essa campanha anticomunista, é possível que os dirigentes do clube tenham preferido afastar a possibilidade de serem vistos como comunistas, já que seu presidente de honra era uma das lideranças da esquerda caxiense. Para afastar de vez essa idéia, escolhem para substituir Percy, o Padre

⁴⁰⁸ *Ata de Fudação da “Liga Sportiva Caxiense, 22/04/1936. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futel – FUT (L) 0016. Acervo: AHMJSA.*

⁴⁰⁹ *Ata n. 08, 22/05/1936. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futel – FUT (L) 0016. Acervo: AHMJSA.*

⁴¹⁰ *O Momento. Caxias do Sul, 10/02/1945, n. 619. Acervo: AHMJSA.*

⁴¹¹ *O Momento. Caxias do Sul, 12/10/1946, n. 705. Acervo: AHMJSA.*

⁴¹² *O Momento. Caxias do Sul, 26/10/1946, n. 707. Acervo: AHMJSA.*

Eugênio Giordani.⁴¹³

Liderança anticomunista na cidade, Eugênio Giordani foi uma das figuras públicas caxienses que manteve certa proximidade do clube, durante boa parte do período estudado. Em nota referente ao aniversário do padre, o jornal *O Momento*, informa sobre o “largo círculo de amizades que desfruta nos meios caxienses”.⁴¹⁴ Trata-se de um homem bem relacionado na sociedade local, mas que, possivelmente, não possuía em seu círculo de amizades comunistas. Isso porque, em 1958, como vereador da cidade, o Padre envolveu-se em uma discussão onde ficou exposta sua postura anticomunista. Nessa ocasião, Eugênio Giordani apresentou um requerimento, em nome da bancada do Partido Democrático Cristão (PDC), “solicitando uma moção de repúdio à visita de Luiz Carlos Prestes ao Rio Grande do Sul”. Discordando da solicitação, o vereador Bruno Segala rebateu “enérgica e violentamente a argumentação apresentada pelo representante do clero. Empolgando-se mais o vereador (...) qualificou o seu colega de 'fascista' e 'fascistóide', 'reacionário', etc”.⁴¹⁵ Porém, nesse dia, o Padre saiu-se vitorioso e a moção foi aprovada por oito votos contra três. Segundo Mincato (2004) a importância do PDC em Caxias do Sul, governando o município entre 1951 e 1955, revela uma especificidade da política caxiense em relação as demais cidades do estado.⁴¹⁶ Ainda segundo a autora, entre 1945 e 1965, esse partido “articulava alguns empresários com atuação na esfera sindical patronal”, sendo o Padre Eugênio Giordani quem “articulava a Igreja com os movimentos empresariais” (MINCATO, 2004, p. 18).

Assim, os primeiros presidentes de honra do clube são políticos, que possuem grandes divergências na área, mas que, por outro lado, possuem semelhanças. Os dois, Percy Vargas de Abreu e Lima e Padre Eugênio Giordani, são figuras reconhecidas na cidade, possuem influências entre os políticos e empresários. Sendo assim, é possível dizer que foi entre os políticos que o clube procurou ampliar sua rede de relações. Eles vão ser presença constante nas festas de aniversário, nos bailes de debutantes e em outros tantos eventos promovidos. As intenções são as mais variadas, de ambas as partes. Para o clube, como um todo, as vantagens foram materiais, pois não foram poucos os auxílios conquistados com o apoio dos políticos que se aproximaram ou, foram aproximados ao Gaúcho.

Entre os políticos que o apoiaram, encontrei o deputado Onil Xavier dos Santos, que em 1955 comunicou “haver destinado a importância de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) ao

⁴¹³ *O Momento*. Caxias do Sul, 26/01/1946, n. 669. Acervo: AHMJSA.

⁴¹⁴ *O Momento*. Caxias do Sul, 12/07/1947, n. 744. Acervo: AHMJSA.

⁴¹⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 07/06/1958, p. 5. Acervo: SRCG.

⁴¹⁶ Ver: MINCATO, Ramone. **A Igreja Católica na formação política de Caxias do Sul de 1964 a 1985**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, p. 26.

E. C. Gaúcho por conta da verba de subvenção e auxílios do parlamentar”.⁴¹⁷ Na década de 1960, Pedro Machado da Silveira, suplente da bancada municipal do PSP, “doou uma verba de 1.000,00 – a qual foi entregue para o tesoureiro Francelino Lima”.⁴¹⁸ Mas, o momento em que o clube mais recebeu verbas, tanto municipais como estaduais, foi durante a construção de sua sede na década de 1970. Nesse período, em sessão da Câmara de Vereadores, “foi aprovado, em segunda discussão, o projeto de lei⁴¹⁹ de iniciativa do Prefeito Mário Vanin, concedendo um auxílio de Cr\$ 100 mil para a construção da sede do Gaúcho, sendo o processo relatado por Walter Bridi”.⁴²⁰ Para a conquista de muitas dessas verbas, o clube contou com o apoio de um de seus presidentes de honra, Mário Gardelin.

Professor universitário, diretor do Departamento Municipal de Cultura e vereador, Mário Gardelin também se assemelha aos outros dois presidentes de honra, por ser uma figura muito conhecida na cidade. Autor de várias obras sobre a história de Caxias do Sul, o professor teve papel importante no clube. Ele mesmo, em 1981, “doou a importância de Cr\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil cruzeiros) para auxiliar na compra de material, com o propósito que a sociedade deverá acolher estudantes africanos que estudam ou venham a estudar na Universidade de Caxias do Sul”.⁴²¹ Usou seu prestígio para intermediar as negociações entre o clube e o deputado federal Victor Faccioni, para a concessão de um auxílio estadual, quando era vereador.⁴²² Com a aprovação da solicitação o “governo estadual concedeu a verba de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros) e o Deputado Faccioni Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros) de sua verba pessoal”.⁴²³ Outras tantas verbas e incentivos foram destinados ao clube com a ajuda de diversos políticos da cidade. Mas, essa relação não gerou apenas benefícios materiais, os benefícios também foram simbólicos.

Os integrantes do clube conseguiram aumentar sua rede de relações. Esse relacionamento com os políticos locais propiciou um aumento no status do grupo, que em diversas ocasiões assumiu as negociações com esses políticos. Em 1982, o presidente do clube marcou uma reunião com o Deputado Spiandorello onde foram feitas propostas das duas partes para “conseguir verbas junto ao poder público estadual”.⁴²⁴ Nos anos 1950, Alcino Rosa após negociar uma conta de água atrasada, “declarou que tendo interferido junto a Prefeitura, conseguiu que fosse perdoadada a quantia de Cr\$ 1.100,00, desde que, o restante que

⁴¹⁷ *Ata n. 64*, 29/12/1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

⁴¹⁸ *Ata n. 80*, 27/08/1963, Livro 02. Acervo: SRCG.

⁴¹⁹ Lei n. 2.295 de 16 de junho de 1976.

⁴²⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 19/06/1976, p. 12. Acervo: AHMJSJA.

⁴²¹ *Ata n. 33*, 17/01/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

⁴²² *Ata n. 52*, 20/10/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

⁴²³ *Ata n. 56*, 25/11/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

⁴²⁴ *Ata n. 63*, 17/04/1982, Livro 06. Acervo: SRCG.

é de Cr\$ 300,00 fosse saldado até dia 19 de março de 1954 impreterivelmente”.⁴²⁵ Essas demonstrações comprovam que os integrantes do clube não precisavam de interlocutores, pois já tinham obtido prestígio na sociedade local para tratar das suas necessidades com qualquer pessoa, independente do cargo que ocupavam. Ao aumentar sua rede de alianças aproximando do clube, principalmente, políticos, o clube e seus dirigentes aumentaram o seu prestígio. O Clube Gaúcho, era um clube organizado e bem relacionado. Mas, o aumento de sua rede de relações não ficou delimitada as figuras locais. O clube criou um “elo negro” com diversas outras associações negras do estado e fora dele.

As pessoas que foram se tornando cada vez mais numerosas dentro do Gaúcho, deram-se conta de que sua posição no contexto social da comunidade era muito mais abrangente e assim iniciaram-se os intercâmbios com outras sociedades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tornando-se possível assim a concretização do elo negro.⁴²⁶

Durante o período estudado, foi intensa a relação do Clube Gaúcho com outras sociedades. Em Caxias o clube manteve relacionamento, principalmente, com os clubes “pequenos” que possuíam time de futebol e às vezes sede. As solidariedades entre esses clubes foi intensa. Quem tinha sede “emprestava” o espaço para aqueles que não tinham, eram realizadas doações mútuas nas datas de aniversário e mantinham-se informados sobre seus eventos. Porém, o Clube Gaúcho foi além dos limites do município. Divulgou seus eventos em diversas cidades do estado e fora dele. A maioria desses clubes que estavam localizados fora da cidade de Caxias do Sul, são representantes, assim como o Gaúcho, desse associativismo negro do pós-abolição. São escolas de samba, sociedades beneficentes, times de futebol etc., que demonstram a capacidade associativa desse grupo. Na tabela abaixo, relacionei, por ordem alfabética, as 26 (vinte e seis) associações com quem o Clube Gaúcho manteve algum tipo de relação, o que representa na opinião dos associados a formação de um “elo negro”.

⁴²⁵ *Ata n. 35*, 14/03/1954, Livro 02. Acervo: AHMJSA.

⁴²⁶ *Ata n. 84 – Especial*, 28/06/1984, Livro 06. Acervo: SRCG.

TABELA 9
CONTATOS DO CLUBE GAÚCHO FORA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL

NOME DA ASSOCIAÇÃO	CIDADE/ESTADO	DATA DE FUNDAÇÃO
Centro Cívico Cruz e Souza ⁴²⁷	Lages/SC	22/09/1918
Clube Centro Operário	São Joaquim/SC	08/02/1973
Clube Cultural Chove Não Molha	Pelotas/RS	26/02/1919
Clube Cultural Recreativo Braço é Braço	Rio Grande/RS	01/01/1920
Escola de Samba América	São Sebastião do Caí/RS	16/01/1968
Escola de Samba Os Praianos	Rosário do Sul/RS	?
Esporte Clube Cruzeiro do Sul ⁴²⁸	Novo Hamburgo/RS	18/09/1922
Fidalgos e Aristocratas	Porto Alegre/RS	07/09/1950
Nêgo Foot-Ball Club	Venâncio Aires/RS	?
Onze de Ouro Futebol Clube	São Leopoldo/RS	?
Ouro Preto Futebol Clube	Canoas/RS	?
Sociedade Beneficente Cultural Aí Vem Os Marujos	Novo Hamburgo/RS	?
Sociedade Cultural Beneficente Rui Barbosa	Canoas/RS	1968
Sociedade Cultural Beneficente União	Santa Cruz do Sul/RS	01/07/1923
Sociedade Cultural e Beneficente Castro Alves	Canoas/RS	22/02/1959
Sociedade Cultural e Beneficente Seis de Maio	Gravataí/RS	06/05/1956
Sociedade Esportiva e Cultural Diamante Negro	?	?
Sociedade Floresta Montenegrina	Montenegro/RS	26/09/1916
Sociedade Recreativa Bambas da Orgia	Porto Alegre/RS	?
Sociedade Recreativa Cultural e Beneficente Aliança	São Leopoldo/RS	04/11/1962
Sociedade Recreativa e Cultural 13 de Maio	Lajeado/RS	?
Sociedade Recreativa e Cultural 8 de Setembro	Florianópolis/SC	?
Sociedade Satélite Prontidão	Porto Alegre/RS	20/04/1902
Sociedade Tropical	Porto Alegre/RS	?
Tribo Carnavalesca Os Tapuias	Porto Alegre/RS	?

FONTE: Atas; Correspondências Expedidas e Recebidas. Acervo: SRCG.

Buscando a construção desse elo, o clube aproximou-se também de organizações do movimento negro. Em 1950, “foi levada a efeito uma reunião da comissão organizadora da União dos Homens de Cor (UHC) com a diretoria do Esporte Clube Gaúcho, a primeira sob a presidência do senhor Agenor da Silva e a segunda, sob a presidência do senhor Otávio Moreira de Brito”. A reunião tinha como objetivo organizar o “núcleo da União dos Homens de Cor em Caxias do Sul” e, como resultado da reunião, ficou decidido que a sede do Clube Gaúcho seria a “sede provisória do núcleo. A comissão responsável pela organização da UHC era composta por Agenor da Silva, João da Silva e Homero Duarte.⁴²⁹

Segundo Silva (2003, p. 224-225), a União dos Homens de Cor foi fundada em Porto Alegre, em janeiro de 1943, por João Cabral Alves e, cinco anos após a sua fundação, já contava “com representação em pelo menos onze estados do país: Minas Gerais, Santa

⁴²⁷ Sobre essa associação ver: MARCON, Frank Nilton. **Visibilidade e resistência negra em Lages**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1999.

⁴²⁸ Sobre essa associação ver: MAGALHÃES, Magna Lima. **Negras memórias: a trajetória da Sociedade Cruzeiro do Sul**. In: NUNES, Margarete Fagundes (org.). **Diversidade e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 117-133.

⁴²⁹ Ata n. 07, 19/08/1950, Livro 02. Acervo: SRCG.

Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná”. Ainda segundo a autora, essa organização era vista, por alguns, com desconfiança, “já que não havendo racismo, não haveria necessidade de um '*movimento isolacionista*” (SILVA, 2003, p. 225). Em seus estatutos ficaram expressas as suas finalidades, que eram: “e elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades” (SILVA, 2003, p. 225). As finalidades expressas nos estatutos da organização não estão distantes daquilo que se percebe através dos projetos do Clube Gaúcho. Havia uma preocupação por parte da UHC em elevar intelectualmente os negros para poderem participar da vida social e administrativa do país. Ou seja, se o negro é bem educado, não existem maiores dificuldades para sua ascensão.

A UHC, além disso, adotava como estratégia para se organizar o “estabelecimento de parcerias e alianças com personalidades e autoridades locais, não negras, que se mostravam sensíveis a uma cruzada anti-racista no país” (SILVA, 2003, p. 229). É possível, então, que as relações do Clube Gaúcho com os políticos locais façam parte de um projeto influenciado pela política da UHC. A aproximação com essa organização colaborava, também, para o fortalecimento político local dos membros que a integravam, pois, estavam ligados “a uma conexão nacional de homens negros com destacada atuação social e política em suas regiões” (SILVA, 2003, p. 226). Esse fortalecimento político pode ter sido decisivo para a entrada de Agenor da Silva na organização, já que ele havia concorrido para o cargo de vereador em Caxias do Sul e era, inclusive, integrante do Conselho Fiscal Efetivo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em 1950.⁴³⁰ Assim, confundem-se os interesses individuais e coletivos dos membros do grupo com a aproximação do clube a UHC. Porém, a documentação consultada não informa a respeito de atividades que poderiam ter sido desenvolvidas pelas duas entidades na cidade. Isso pode ser um indício de que essa parceria não durou por muito tempo. É possível que houvesse certo desconforto por parte de alguns membros do clube, que poderiam pensar ser a UHC desnecessária, já que, supostamente, não havia racismo.

Depois dessa experiência com a UHC, somente no final da década de 1970 o clube vai voltar a estabelecer alianças com alguma organização negra. Conforme ata de 1979,

reuniram-se em caráter extraordinário Presidente, Vice-Presidente e demais membros da Diretoria da S. R. e C. Gaúcho com o senhor Antônio Cabral dos Santos que se identificou como presidente da União Brasileira dos Homens de Cor, UBRAHC com sede na cidade de Lages [SC], Praça Vidal Ramos, 258. A finalidade

⁴³⁰ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 29/04/1950, capa. Acervo: AJP.

de sua visita é convidar os membros da nossa Sociedade a integrarem-se na UBRAHC.⁴³¹

Fundada em 12 de julho de 1972, a UBRAHC, conforme seu estatuto, tinha “por fim elevar o espírito de camaradagem e de cooperação, entre os seus associados e as demais entidades, sociedades e clubes de serviço”. Para isso, promovia “bailes, festinhas, piqueniques, concursos de miss, concursos de rainhas etc.” Além disso, diziam os estatutos que: “a UBRAHC, terá que organizar um departamento especializado para ensaios e apresentação de peças teatrais para que seus associados gozem este privilégio de elevar o seu nome nesta arte cultural, tão ambicionada por todos os que admiram a cultura”.⁴³² Percebe-se, novamente, a preocupação dada ao teatro, visto como uma atividade cultural importante para o desenvolvimento intelectual dos membros da organização. É possível, também, que o teatro, entre as grandes artes, fosse o que mais impunha dificuldades para o acesso dessa população. Além disso, segundo Hanchard (2001, p. 129), os estatutos do Teatro Experimental do Negro (TEN), reconhecem “o uso do teatro como instrumento de luta e de redefinição da imagem do negro”.⁴³³

Na reunião realizada em 1979, Antônio Cabral dos Santos, diz que “a filosofia desta entidade é de realizar promoções abertas com a finalidade de reunir negros e brancos, fazendo com que negro se una com negro e depois negro se una com branco”. Além disso, a entidade comemora a “data de 13 de maio através de um simpósio que é a Análise do Negro Brasileiro e Americano, debatendo se existe ou não racismo no Brasil”.⁴³⁴ Percebe-se através da promoção desse simpósio que os membros da entidade não tinham clareza sobre a existência ou não do racismo no Brasil. É possível que para os integrantes da UBRAHC e do Gaúcho, a palavra racismo fosse associada a uma discriminação declarada, explícita, escrita em leis, como nos Estados Unidos e África do Sul. Essa noção de racismo, pode ter influenciado para que essas entidades assumissem ou não a existência do racismo no Brasil. Além disso, para Hanchard (2001, p. 23), “as múltiplas dificuldades que eles (brasileiros não brancos que não são ativistas) têm para distinguir os atos racistas de outras formas de opressão”, são efeitos da democracia racial.

A UBRAHC estava presente em diversas cidades brasileiras. Conforme informou Antônio Cabral dos Santos,

⁴³¹ *Ata n. 04, 12/06/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.*

⁴³² *Estatutos da União Brasileira dos Homens de Côr (UBRAHC), 25/07/1978. Acervo: SRCG.*

⁴³³ Sobre os negros e o teatro, ver também: MENDES, Miriam Garcia. **O negro e o teatro brasileiro**. São Paulo: Hucitec/Ibac/Fundação Palmares, 1993; NASCIMENTO, Abdias. Teatro negro do Brasil: uma experiência sócio-racial. **Revista Civilização Brasileira**, Caderno Especial, n. 2, Rio de Janeiro, jul. 1968, p. 193-211.

⁴³⁴ *Ata n. 04, 12/06/1979, Livro 06. Acervo: SRCG.*

a sede central da UBRAHC está localizada no Rio de Janeiro com entidades implantadas em Caçador, (...), Londrina, Curitiba, Blumenau, Porto União, União da Vitória, Joinville e algumas implantadas no Nordeste. No Rio Grande do Sul nossa cidade seria a primeira a ter uma entidade implantada.⁴³⁵

Essa negociação parece ter tido um resultado positivo, pois, em 1984, “as jovens Marli Tristão e Rosiane Medeiros”, representaram o Clube Gaúcho no *III Congresso do Negro*, realizado em Florianópolis. No final das atividades do congresso “houve a entrega do documento dado ao governador Esperidião Amin, solicitando melhores condições para o problema do negro, na sociedade brasileira”. As participantes ainda disseram que “à noite, no baile, não com muito sucesso, deu para sentir a desunião do negro lá também. Existe lá problemas, não sendo só nós aqui que enfrentamos esses problemas”. Marli e Rosiane encerram seu relato sobre o congresso dizendo que ele “não correspondeu as expectativas, e deu para comparar com a festa que aqui foi feita no dia 13/05, a qual superou em tudo, em amadurecimento e em organização”.⁴³⁶ O que acabou chamando atenção das participantes foi a desunião do negro, que pode ser um indício, como vimos anteriormente, da existência de divergências a respeito dos projetos a serem elaborados.

Essa decepção com a UBRAHC pode ter contribuído para que o clube procurasse um outro aliado. Surge então, a aliança com o Movimento Negro Unificado (MNU), que foi fundado no final da década de 1970. Já em 07 de julho de 1978, em uma carta aberta à população brasileira, o MNU propunha a criação de Centros de Luta (Cts) do movimento nos bairros, nas cidades, nos terreiros de candomblé, nas escolas de samba, em todos os lugares onde as pessoas negras vivem.⁴³⁷ Porém, essa aproximação só se evidencia no final dos anos 1980, quando foi lido “para todos o ofício que o Movimento Negro enviou ao clube solicitando as dependências do mesmo para o devido movimento”.⁴³⁸ Segundo Hanchard (2001, p. 152), “depois do ardor inicial do fim dos anos setenta e início dos oitenta, o MNU parece haver perdido um pouco de seu ímpeto. No fim da década de 1980, entretanto, uma nova geração de ativistas do MNU emergiu em várias partes do país”. Essa aproximação com o Gaúcho pode ter sido realizada por essa nova geração do movimento. Mas, mesmo assim, segundo Hofbauer (2006, p. 378), “o MNU não conseguiu transformar-se num movimento de massas. O discurso intelectualizado ligado ao ideário esquerdista deve ter dificultado uma

⁴³⁵ Idem.

⁴³⁶ Idem.

⁴³⁷ Conforme trecho da carta aberta transcrita por Hanchard.

⁴³⁸ *Ata n. 06*, 18/11/1987, Livro 07. Acervo: AHMJS.A.

maior aproximação com a maioria dos desprivilegiados, em nome dos quais o MNU luta”.⁴³⁹

Mesmo assim, em 1988, o clube e o MNU parecem ter realizado uma manifestação. Em reunião, realizada em março desse ano, ficou agendado para o “dia 13 de maio às 21:00 horas [uma] manifestação [do] Movimento Negro”.⁴⁴⁰ A manifestação deveria ser de protesto, já que no movimento “rechaça-se o Dia da Abolição (13 de Maio) como data simbólica da liberdade” (HOFBAUER, 2006, p. 383). A aproximação dos integrantes do clube ao MNU pode representar, ainda, uma mudança da visão sobre o racismo, já que com esse movimento,

não se concebe mais o próprio negro como “culpado” pela sua situação desprivilegiada: ao entender o sistema capitalista como o responsável pela miséria e marginalização de grande parte da população, a questão da discriminação racial passa a ser tratada como um fenômeno diretamente ligado ao “sistema econômico explorador” e/ou à “civilização branco-européia” (HOFBAUER, 2006, p. 380).

Sendo assim, acredito que os integrantes do Clube Gaúcho colocaram em prática um projeto que visava aumentar sua rede de influências, com o objetivo de aumentar o poder do grupo. Pois, como diz Hanchard (2001, p. 122), “até pouco tempo atrás, a maior parte da liderança afro-brasileira provinha de escolas de samba, associações comunitárias [ou étnicas], grupos religiosos e do esporte”, que não possuíam “representação nos aparelhos do Estado”. Com isso, o clube buscou reparar essa falta de influência nas instâncias de poder nos seus diversos níveis aliando-se a políticos e outras pessoas influentes em Caxias do Sul. O início desse relacionamento aconteceu com a concessão, estratégica, a figuras destacadas, do cargo/função de presidente de honra do clube. Além disso, os integrantes do clube ampliaram o seu envolvimento com outras associações negras no estado e fora dele, o que divulgou o grupo e produziu laços de solidariedade mais amplos. A aproximação ao movimento negro, através da UHC, UBRAHC e MNU, demonstrou o interesse do clube em manter-se envolvido nas discussões que diziam respeito ao grupo, oportunizando também, a formação de lideranças entre os associados.

4.6 JOGAR FUTEBOL OU BRINCAR O CARNAVAL NAS RUAS

⁴³⁹ Segundo Hanchard, o MNU “tornou-se mais uma organização entre muitas, e não a entidade abrangente que pretendia ser” (HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 152).

⁴⁴⁰ *Ata n. 21*, 03/1988, Livro 07. Acervo: AHMJS.A.

O time de futebol e a escola de samba, representam algumas das formas utilizadas pelo clube para buscar a interação com os *outros*. Foram essas duas atividades que auxiliaram na re-construção da identidade étnica do grupo negro associado ao Clube Gaúcho. O futebol esteve presente desde a fundação do clube, permanecendo até fins da década de 1950. Nessa mesma década, começou a ser organizado o bloco carnavalesco, que deu origem a escola de samba, que até hoje desfila pelas ruas de Caxias do Sul, sendo ela o principal atrativo do Clube Gaúcho nos dias atuais. Sendo assim, pretendo aqui, pensar sobre os motivos que determinaram o fim do time de futebol e aqueles que possibilitaram o fortalecimento da escola de samba.

O time de futebol do Clube Gaúcho participou de campeonatos organizados pelo próprio clube e por outras entidades. Eram oportunidades para o convívio com os *outros*, fora do espaço físico do clube. Na abertura do Torneio Relâmpago, por exemplo, os onze times que disputaram o campeonato “desfilaram, com suas respectivas madrinhas e ‘mascotes’, na Praça Rui Barbosa, dirigindo-se, depois, para a Quinta dos Pinheiros”. Nessa oportunidade, o clube aproveitou para mostrar-se em desfile pela cidade, com sua madrinha e jogadores. Segundo os membros do clube, foi um “espetáculo maravilhoso”, onde os clubes envolvidos desfilaram “garbosamente”.⁴⁴¹ A proposta de realização do desfile partiu dos integrantes do clube que, possivelmente, queriam mostrar a sua distinção aos caxienses. Mas será que o clube conseguiu demonstrar o que gostaria através do futebol?

Em 1945, o jornal *O Momento*, fez a cobertura do jogo Gaúcho x Tupy e, destacou a “disciplina esportiva que agradou a numerosa assistência”, que prestigiou a partida em que o Gaúcho perdeu por dois a zero.⁴⁴² Nos campeonatos que disputou, o clube não obteve bons resultados. Em 1949,

coube ao E. C. Gaúcho, um troféu como lembrança das partidas realizadas durante o transcurso do campeonato e, ter-se classificado em último lugar, sem conseguir nenhum ponto em sua tabela, este troféu consiste numa ‘lanterna’ e que será destinada aos últimos lugares dos campeonatos sucessivos.⁴⁴³

Além dos maus resultados, começou a ficar evidente a falta de organização do time. Por chegar atrasado ao local da partida, o clube foi condenado a pagar multas. A primeira

⁴⁴¹ *Ata n. 12*, 02/10/1944, Livro 01. Acervo: SRCG.

⁴⁴² *O Momento*. Caxias do Sul, 26/05/1945, n. 634. Acervo: AHMJSA.

⁴⁴³ *Ata n. 24*, 20/03/1949. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol (Departamento Varzeano) – FUT (L) 0024. Acervo: AHMJSA.

delas foi de Cr\$ 25,00 por dez minutos de atraso.⁴⁴⁴ Algum tempo depois, pelo atraso de vinte minutos, o clube foi “processado e julgado de acordo com o que preceitua o artigo 280 em seu parágrafo único”.⁴⁴⁵ Era assim que esse grupo queria ser visto? Não conseguiam bons resultados em campo e, além disso, a desorganização ficava evidente com os atrasos do time para as partidas. Em 1952 pensou-se em retomar o esporte,⁴⁴⁶ isso significa que os maus resultados e os atrasos acabaram desanimando os “atletas” do clube, fazendo com que a direção suspendesse suas atividades.

Mas, o time chega a participar de outros campeonatos. Porém, nessa retomada, além dos atrasos, surgem outros problemas. Em 1954, dois atletas do clube foram julgados, um por ter “praticado jogo violento”, o outro “por ter agredido o adversário”.⁴⁴⁷ Os dois atletas foram suspensos. Um desses jogadores, quando voltou da suspensão, acabou cometendo nova infração e foi suspenso por quatro partidas.⁴⁴⁸ Os casos em que os representantes do clube “empenharam-se em luta corporal” contra adversários se repetiram. Dessa forma, o futebol passava uma imagem que não correspondia àquela que vinha sendo construída. Esse foi, possivelmente, o motivo que fez a diretoria abandoná-lo, definitivamente, durante a década de 1950.

Porém, ainda houve outras tentativas no esporte. Em 1955, por exemplo, o clube é representado por uma equipe de atletismo na *Corrida da Fogueira*.⁴⁴⁹ Os atletas obtiveram uma “destacada atuação”, levando “para o clube uma taça oferecida à equipe que conquistasse o primeiro lugar no computo geral dos pontos”.⁴⁵⁰ O resultado foi comemorado com churrasco, tendo, inclusive, discurso do presidente. Com isso, percebe-se que o esporte auxiliava na construção de uma identidade valorativa, para isso, ser vencedor e portar-se com disciplina era fundamental para as expectativas do clube. Pois, como diz Giacomini (2006, p. 49), “uma equipe esportiva que participa de um certame na sede de um outro clube, reforça[...] e acentua[...] os emblemas e marcas, forjados para sua auto-identidade, por intermédio dos quais pretendem ser reconhecidos também externamente”. Mas, o futebol,

⁴⁴⁴ *Ata da Sessão da Junta Disciplinar Desportiva*, 31/07/1952. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol – FUT (L) 0022. Acervo: AHMJSA.

⁴⁴⁵ *Processo n. 18/54*, 08/11/1954. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol – Maço 18/FUT 6661. Acervo: AHMJSA

⁴⁴⁶ *Ata n. 28*, 01/03/1952, Livro 02. Acervo: SRCG.

⁴⁴⁷ *Ata n. 63*, 26/08/1954. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol – FUT (L) 0023. Acervo: AHMJSA.

⁴⁴⁸ *Ata n. 65*, 15/09/1954. Unidade de Documentação de Origem Privada/Liga Caxiense de Futebol – FUT (L) 0023. Acervo: AHMJSA.

⁴⁴⁹ A *Corrida da Fogueira* foi um evento esportivo ocorrido na cidade em 1955, onde estavam representados diversos clubes da cidade através dos seus atletas.

⁴⁵⁰ *Ata n. 53*, 1955, Livro 02. Acervo: SRCG.

além disso, era uma das atividades do clube, uma das opções de lazer oferecidas aos seus associados.

No período em que é extinto o Departamento Esportivo, intensificam-se outras promoções, como os bailes de debutantes e tantas outras festas, incluindo o carnaval. É nessa época também, que surge a escola de samba. A princípio, a Escola de Samba Os Protegidos da Princesa era formada por uma parte dos associados ao Clube Gaúcho. Não existia uma vinculação oficial da escola ao clube, embora ela o representasse nos carnavais. Essa situação só mudou em 1967, quando é aprovada por unanimidade a criação do Departamento Escola de Samba e é oficializada a vinculação dos Protegidos da Princesa ao clube.⁴⁵¹ Mas, seu reconhecimento como órgão oficial do clube não era defendido por todos os membros, havia divergências. Naquele mesmo ano, em fevereiro, Agenor da Silva solicitou que os diretores da escola de samba se pronunciassem a respeito da vinculação ao clube. Junior Antunes, “se pronunciou contra a dita vinculação, esclarecendo que em virtude do excesso de serviço que conta a diretoria do clube, não era intenção da escola de samba acarretar-lhe mais esse problema”.⁴⁵²

Além de Junior Antunes, o Maestro Gama era outro associado que, aparentemente, não concordava com a vinculação. Em 05 de outubro de 1967, “foi lido um ofício enviado pelo Sr. José Francisco Gama, solicitando sua demissão em caráter irrevogável dos cargos que ocupava”. Os conselheiros “deduziram” que influenciou na decisão do Maestro “a vinculação da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa a sociedade ou, ainda, a ida da referida escola de samba à cidade de Lages”.⁴⁵³ É possível que para alguns dos integrantes do clube a escola de samba não auxiliava na execução dos projetos do clube. Será que a escola de samba, na visão desses associados, não reforçaria os estereótipos negativos sobre o grupo? Afinal, o Carnaval de Rua poderia ser entendido como uma desordem. Além disso, os integrantes ao dançarem o samba, poderiam ter sobre eles reforçados os estereótipos a respeito da sua sensualidade exagerada.

Mas, Os Protegidos da Princesa acabaram vinculados ao Clube Gaúcho como um departamento. Seus membros fizeram uma “bela apresentação” em Lages, “não havendo quaisquer motivos que empanassem o bom nome do E. C. Gaúcho”.⁴⁵⁴ Além da bela

⁴⁵¹ Conforme *Ata n. 45*, 14/10/1967, Livro 03, “dentro dos assuntos gerais foi lançada proposição para vinculação da Escola de Samba ‘Os Protegidos da Princesa’ ao E. C. Gaúcho. Posta em votação, a proposição para o referido vínculo foi aprovada por unanimidade pelos membros do Conselho”. Ver também: *Pioneiro*, 20/01/1968, p. 4. Acervo: AHMJS.A.

⁴⁵² *Ata n. 30*, 19/02/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.

⁴⁵³ *Ata n. 43*, 05/10/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.

⁴⁵⁴ *Ata n. 43*, 05/10/1967, Livro 03. Acervo: SRCG.

apresentação em Lages, a escola de samba já acumulava sete títulos no carnaval caxiense em 1967, fazendo do Gaúcho a “entidade que maior evidência tem conquistado todos os anos, na realização do carnaval em nossa cidade, através da brilhante atuação do seu bloco 'Os Protegidos da Princesa’”.⁴⁵⁵ Além disso, Os Protegidos mostravam “aos caxienses ricas fantasias e belos passos de carnaval”.⁴⁵⁶ No carnaval de 1966, “suas evoluções, o colorido de suas fantasias, a riqueza dos bordados e a boa ordem da apresentação levaram o júri a escolher este grupo” como o campeão.⁴⁵⁷ Em 1975, foi concedido um diploma “pela Festa Nacional da Uva Turismo e Empreendimentos S. A. à Escola de Samba Os Protegidos da Princesa por sua destacada atuação quando da realização da última festa”.⁴⁵⁸

Assim, a escola de samba conseguiu demonstrar a distinção e a elegância dos membros do Clube Gaúcho para os caxienses e para pessoas de outras cidades, onde a escola se apresentou como convidada. Dessa forma, sua incorporação oficial ao clube demonstra a sua importância para a concretização dos projetos dos associados. Seu sucesso atraiu novos sócios e influenciou para que no início da década de 1980 os associados do clube solicitassem a sua volta.⁴⁵⁹ Com o seu crescimento o futebol acabou sendo deixado de lado. Esse que foi o principal departamento do clube, acabou perdendo espaço. Os resultados obtidos, a desorganização e o envolvimento em brigas, não beneficiavam a imagem do clube. Além disso, o aumento do número de times de futebol organizados na cidade, pode ter contribuído para a diminuição no número de associados ao departamento esportivo. Já no que se refere ao carnaval, o número de escolas de samba era pequeno e, entre elas, a principal era Os Protegidos da Princesa, que atraiu novos sócios e “elevou bem alto” o nome do Clube Gaúcho.

* * * *

Com o exposto, acredito que os projetos do clube buscaram afastar de seus associados os estereótipos negativos que eram atribuídos aos negros em geral. Já no primeiro capítulo, ficou demonstrado que os negros de Caxias do Sul eram vistos como “desordeiros”, “sujos”, “criminosos” etc. Essas atribuições foram percebidas pelos integrantes do clube que, a partir disso, buscaram através dos projetos colocados em prática afastar do grupo associado esses

⁴⁵⁵ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 20/06/1964, p. 14. Acervo: AHMJSA.

⁴⁵⁶ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 27/02/1965, p. 8. Acervo: AHMJSA.

⁴⁵⁷ *Pioneiro*. Caxias do Sul, 26/02/1966, p. 3. Acervo: AHMJSA.

⁴⁵⁸ *Ata n. 87*, 26/06/1975, Livro 05. Acervo: SRCG.

⁴⁵⁹ *Ata n. 58*, 16/12/1981, Livro 06. Acervo: SRCG.

estereótipos negativos. Dessa forma, o clube afastou aqueles que, supostamente, representavam esses estereótipos e ofereceu cursos, biblioteca, palestras, vigiou os comportamentos, exigiu trajes bem alinhados etc., acreditando que assim estaria “elevando” seus associados. Com essa “elevação” não sofreriam com o racismo, pois eram bem educados, sabiam se portar e se vestir adequadamente. Essa postura se deve, em parte, a influência do mito da democracia racial, que via o indivíduo como único responsável pela incapacidade de ascensão do negro. A aproximação do clube aos políticos locais, a outros clubes negros e ao movimento negro, foi a forma encontrada pelo grupo para aproximar-se das instituições de poder, buscando auxílios e, mais do que isso, aumentando o seu prestígio e daqueles que o dirigiam. Esse prestígio foi alcançado, também, através da escola de samba, que venceu diversos carnavais caxienses nas décadas de 1960 e 70, o que deu visibilidade ao clube na cidade e fora dela.

5 CONCLUSÃO

Caxias do Sul originou-se de um núcleo colonial formado no final do século XIX, recebendo seus primeiros habitantes por volta de 1875. Essa população era, em grande maioria, originária da península itálica. Devido ao número significativo de imigrantes chegados, geralmente, se nega a diversidade étnica. Essa negação acabou invisibilizando as outras etnias que fazem parte da história da cidade. Neste trabalho, busquei analisar a trajetória de uma parcela da população negra de Caxias, através do Clube Gaúcho.

Essa população começa a chegar em Caxias ainda no século XIX. Alguns desses primeiros habitantes negros vinham de cidades vizinhas, onde houve exploração da mão-de-obra escrava, como São Francisco de Paula, São Sebastião do Caí e Vacaria. Porém, com o passar dos anos e com o desenvolvimento econômico e industrial da cidade, essa população negra cresceu. A cidade passou a abrigar negros e negras que eram: militares, operários, benzedeiros, proprietárias de Casas de Banho, domésticas, arrumadeiras etc. Lógico que não abrigou todos da mesma forma. Famílias negras e pobres acabaram construindo suas moradias na Zona do Cemitério ou no Burgo, identificados como bairros negros de Caxias, pois, lá encontraram terras que não eram de ninguém, porque não interessavam a ninguém. Nesses territórios negros da cidade, com o passar dos anos foram se formando clubes, como o Eurico Lara e o XV de Novembro, que, como vimos, são considerados clubes negros. Porém, desde a década de 1930, a população negra da cidade pode dançar, comemorar, se relacionar, demonstrar seu amor a pátria e realizar diversas outras atividades em outros dois clubes, que foram fundados naquele período.

O Clube das Margaridas (1933) e o Clube Gaúcho (1934), surgiram como espaços para a sociabilidade negra. Naquela época muitos dos clubes caxienses não permitiam a entrada de pessoas negras em seus bailes e demais eventos. Sobre essa população eram jogados, ainda, os mais diversos tipos de estereótipos negativos. Falava-se que os negros eram “sujos”, “desordeiros”, “criminosos”, “sexualmente depravados”, “ignorantes” etc. A discriminação sofrida e essa carga de estereótipos, de certa forma, contribuía para a construção de uma identidade étnica, porém, negativa. Além disso, durante a década de 1930 com o surgimento da Festa da Uva, mais uma vez, os negros foram excluídos. A Festa promovida pelo município era para os imigrantes italianos e descendentes. Através dela eles mostravam quem eram e o que faziam. Com isso, os negros habitantes da cidade acabaram construindo a sua identidade em oposição aos *italianos*. Diferenças fenotípicas, como a cor da

pele, e culturais, como a língua, auxiliaram para a construção das fronteiras entre os grupos. Dessa forma, o grupo étnico negro se organiza através de associações para, entre outras coisas, afastar os realces estereotipados que lhe são atribuídos. Assim, o grupo vai além dos prazeres da diversão e utiliza os clubes fundados como espaço de luta para a integração com a sociedade local de forma valorativa.

Para afastar esses estereótipos o grupo étnico negro, elabora diversos projetos e os põe em prática através do Clube Gaúcho. Dialogando com o discurso que defendia vivermos em uma democracia racial, os integrantes do clube vão privilegiar o desenvolvimento individual de seus associados. Dessa forma, o Clube Gaúcho vai investir da educação de seus associados, oferecendo a eles cursos de alfabetização, cursos de costura, apresentações teatrais, biblioteca, entre outras coisas, para oferecer ao negro a possibilidade de crescer intelectualmente e assim poder competir no mercado de trabalho. Para se livrar dos estereótipos negativos, o clube vai proibir a entrada de desordeiros, bêbados e criminosos em suas dependências. Vai exigir de seus associados a utilização de trajés elegantes, que informem sobre a distinção dos negros que freqüentam o clube. Para elevar a auto-estima vão ser realizados concursos de beleza que afastarão a idéia de “feiúra” que persegue os negros. Os investimentos em sua sede social também possuem um valor simbólico de demonstrar para os *outros* a grandeza do clube e das pessoas que o dirigem, ainda mais, quando estava localizado no centro da cidade.

As dificuldades financeiras chegaram a atrapalhar, mas a rede de solidariedade construída pelo clube sempre o salvou nos piores momentos. Faziam parte dessa rede, diversos outros clubes negros do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, assim como, diversos clubes caxienses. Além do contínuo contato com as sociedades co-irmãs, o clube buscou fortalecer seus vínculos com os políticos locais. Concedeu o título de presidente de honra a pessoas influentes na cidade, com o objetivo de elevar o conceito e o status do clube, obtendo também certa influência nas instâncias de poder. Nesse sentido, buscou também aproximar-se dos movimentos negros. Na década de 1950 esteve ligado a União dos Homens de Cor, posteriormente, estreitou relações com a União Brasileira dos Homens de Cor e, finalmente, com o Movimento Negro Unificado.

Através da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa se tornou conhecido na cidade e região. A escola desfilava com organização e luxo nas fantasias. Conquistou diversos campeonatos entre os anos 1960 e 1970. Assim, a escola de samba, diferentemente do futebol, que foi praticado desde a fundação do clube, vai ajudar o clube a construir a imagem que buscava. Porém, sua volta na década de 1980, depois de um tempo desativada, não atinge o sucesso esperado. O clube, nessa década passa por mudanças. Era hora de uma nova geração

assumir o poder. Novos projetos seriam elaborados.

Por fim, resta saber se os projetos dos fundadores e de seus filhos, se concretizaram? Acredito que sim, pois como diziam os integrantes do clube, em 1986, o Clube Gaúcho “abriga a mais alta e respeitável raça negra de Caxias do Sul”.⁴⁶⁰

⁴⁶⁰ *Relatório Sócio-Financeiro*, 31/12/1986, Livro 07. Acervo: SRCG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). **Tempo**, Niterói, v. 8, n. 16, p. 1-31, jan. 2004. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg16-7.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2008.

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: 1864/1962**. Caxias do Sul, RS: São Miguel, 1963.

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: sociais**. Caxias do Sul, RS: EST, 1966.

ALVES, Eliège Moura. **Presentes e invisíveis: escravos em terras de alemães – São Leopoldo 1850-1870**. 241 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Tradução Magda Lopes. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

ANDREWS, George Reid. **América afro-latina (1800-2000)**. (no prelo).

ANTUNES, Duminiense Paranhos (org.). **Caxias do Sul – A Metrópole do Vinho**. Caxias do Sul, RS: Livraria Mendes, 1957.

ARANTES, Erika Bastos. **O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX**. 159f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2005.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz. Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. São Paulo, Editora 34, 1994.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)**. São Paulo: Annablume, 2003.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2004.

AZEVEDO, Thales de. **As elites de côr: um estudo de ascensão social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.

AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1994.

BAHY, Cristiane. Rosário de contas negras: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos do Arraial de Viamão (1780-1820). **Anais eletrônicos do II Encontro escravidão e liberdade no Brasil Meridional**, 2005. 1 cd-rom.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. **Socialização e relações raciais**: um estudo de famílias negras em Campinas. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Élcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 185-227.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta**. Tradução Maria Adami Tcacenco e Alberto Victor Stawinski. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1988.

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 247-268, 1998.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Mudanças tecnológicas e efeitos territoriais: a região de Caxias do Sul como objeto de estudo. **Indicadores econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 01, p. 178-201, mai. 1997.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, Número Especial, p. 421-442, 2002.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Tradução Marta Kirst. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1983.

CARBONI, Florence. A origem italiana dos falares da serra gaúcha. IN: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (org.). **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 281-294.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARÃO, Ricardo Brasil. Religiosidade negra em terra estranha: a Irmandade do Rosário da colônia alemã de São Leopoldo. **Anais eletrônicos do II Encontro de escravidão e liberdade no Brasil Meridional**, 2005. cd-rom.

CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Brasiliense: 1981.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 6/7, p. 35-

50, 1996.

CUNHA, Fabiana Lopes da. **Da marginalidade ao estrelato**: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). São Paulo: Annablume, 2004.

DAIBERT JUNIOR, Robert. **Isabel, a “Redentora” dos escravos**: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004a.

DOMINGUES, Petrônio. “Paladinos da Liberdade”. A experiência do Clube Negro de Cultura Social em São Paulo (1932-1938). **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 150, p. 57-79. 2004b.

DOMINGUES, Petrônio. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 28, jan./jun. 2007, p. 345-374.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FIGUEIREDO, Angela. **Novas elites de cor**: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador. São Paulo: Annablume/Sociedade Brasileira de Instrução/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRANCO, Álvaro. **Abramo já tocou... ou A epopéia de um imigrante**. São Paulo: Ramos, Franco Editores, 1943.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1961. Volume I.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966. Volume II.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. **Colônia Caxias**: origens. Porto Alegre: EST, 1993.

GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia**: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. 278 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

GINZBURG, Carlo. Provas e Possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”, de Natalie Davis. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul**: evolução histórica. Caxias do Sul/Porto Alegre: Prefeitura Municipal; UCS/EST, 1977.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Colônia**: um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. Histórias de vida: a mulher no trabalho. **Cadernos de pesquisa/Universidade de Caxias do Sul**, Caxias do Sul/RS, v. 5, n. 4, p. 79-120, jul. 1997.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. Magna Itália: colônias e colonos italianos no Brasil. **Cadernos de pesquisa/Universidade de Caxias do Sul**, Caxias do Sul/RS, v. 6, n. 7, p. 277-318, ago. 1998.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Casas de negócio**: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2001.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Terra e homens**: colônias e colonos no Brasil. Caxias do Sul, RS: EducS, 2004.

GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Rovílio Costa**: homem, obra e acervo. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política** (1888-1937). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

2005.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860 - 1910). São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. rev. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005.

GUTFREIND, Ieda. O negro no Rio Grande do Sul: o vazio historiográfico. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 16, n. 1-2, p. 175-187, jul./dez. 1990.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Apontamentos para uma história econômica de Caxias do Sul: de colônia a município. **Cadernos de pesquisa/Universidade de Caxias do Sul**, Caxias do Sul/RS, v. 2, n. 2, p. 33-58, dez. 1993.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da Zona Italiana: estudo de caso da primeira indústria têxtil do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

IOTTI, Luiza Horn (org.). **Imigração e colonização: legislação de 1747 a 1915**. Porto Alegre/Caxias do Sul: Assembléia Legislativa do Estado do RS/EDUCS, 2001.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. 308 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *canela preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 11, p. 144-161, jul. 1999.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro – 1808/1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. **Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)**. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

KLEIN, Cleci Eulalia Favaro. **De “Bairro Lusitano” a “Zona Tronca”**: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911-1931). 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.

LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-**

1915). Campinas, SP: Editora da UNICAMP/CECULT, 2001.

LAZZAROTTO, Valentim Ângelo. **Pobres construtores de riqueza**: absorção da mão-de-obra e expansão industrial na Metalúrgica Abramo Eberle (1905-1970). Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/EST, 1981.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. IN: LEITE, Ilka Boaventura (organizadora). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 13-32.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. **História em Revista**, Pelotas, v. 5, 1999, p. 7-27.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas. Editora Universitária: Unitrabalho, 2001.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Os clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS). III Encontro escravidão e liberdade no Brasil meridional. Disponível em: <<http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/37.37.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2008.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (organizadores). **Cultura de classe**: cultura de classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p. 121-163.

MACHADO, Maria Abel. Empresários na busca do poder político: acordos e conflitos. Caxias do Sul, 1894-1935. **Primeiras jornadas de história regional comparada**. Porto Alegre 23, 24 e 25 de Agosto de 2000. cd-rom.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade**: história de Caxias do Sul 1875/1950. Caxias do Sul, RS: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (coord.). Cantina Antunes. **Mirante**: caderno do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS, n. 5, p. 1-92, dez. 2003.

MACHADO, Maria Helena. **O plano e o pânico**: os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Edusp, 1994.

MAGALHÃES, Magna Lima. Negras memórias: a trajetória da Sociedade Cruzeiro do Sul. In: NUNES, Margarete Fagundes (org.). **Diversidade e políticas afirmativas**: diálogos e intercursos. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 117-133.

MAGGIE, Yvonne. **O medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MARCON, Frank Nilton. **Visibilidade e resistência negra em Lages**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1999.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil - século XIX)**. Rio de Janeiro, Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1995.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil - século XIX)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MENDES, Miriam Garcia. **O negro e o teatro brasileiro**. São Paulo: Hucitec/Ibac/Fundação Palmares, 1993

MINCATO, Ramone. **A Igreja Católica na formação política de Caxias do Sul de 1964 a 1985**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Entre o deboche e a rapina: os cenários sociais da criminalidade popular em Porto Alegre (1868/1888)**. 279 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

MOURA, Clóvis. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global Ed., 1983.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

MÜLLER, Liane Susan. **“As contas do meu rosário são balas de artilharia”** - Irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre (1889-1920). 252 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro negro do Brasil: uma experiência sócio-racial. **Revista Civilização Brasileira**, Caderno Especial, n. 2, Rio de Janeiro, jul. 1968, p. 193-211.

NASCIMENTO, Mara Regina do. **Irmandades leigas em Porto Alegre** – práticas funerárias e experiência urbana, séculos XVIII-XIX. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEIRA, Vinícius Pereira de. **De Manoel Congo a Manoel de Paula: a trajetória de um africano ladino em terras meridionais**. Porto Alegre: EST, 2006.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 13-32.

ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul**. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PAGANI, Marcos Fernando. **O nacionalismo na Região Colonial Italiana**. Caxias do Sul, RS: Maneco Livraria & Editora, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: agropecuária colonial & industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 216p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: FAPERGS, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os excluídos da cidade. In: SEFFNER, Fernando (org.). **Presença negra no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995. p. 80-89.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

POSSAMAI, Paulo César. **“Dall'Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 250p.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

REGINALDO, Lucilene. **Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. 251 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 7-33, jun. 1997.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da micro-análise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa & Identidade: com se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2002.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODEGHERO, Carla Simone. O anticomunismo nas encruzilhadas do autoritarismo e da democracia: a conjuntura 1945-1947. **Métis: história & cultura**. Caxias do Sul/RS, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006. p. 179-202.

RODRIGUES, Ana Maria. **Samba negro, espoliação branca**. São Paulo: Hucitec, 1984.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 17, p. 29-41, 1989.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos Santos. Mangueira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). **Um século de favela**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 115-144.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas, RS: Ed. Universitária, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Tradução Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos**: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 2, p. 215-235, 2003.

SILVEIRA, Éder. **A cura da raça**: eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOARES, Reinaldo da Silva. **O cotidiano de uma escola de samba paulistana**: o caso do Vai-Vai. 215 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 177-198.

SOUZA, José Emerson Santos de. **A história do Clube Gaúcho**: registros dos jornais de 1934 a 1945. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre, Sulina, 1967.

STORMOWSKI, Marcia Sanocki. **Crescimento econômico e desigualdade social**: o caso da ex-colônia Caxias (1875-1910). 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 194p. (Volume 1).

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Branços e negros no carnaval popular paulistano (1914-1988)**. Tese (Doutorado em Ciência Social/Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

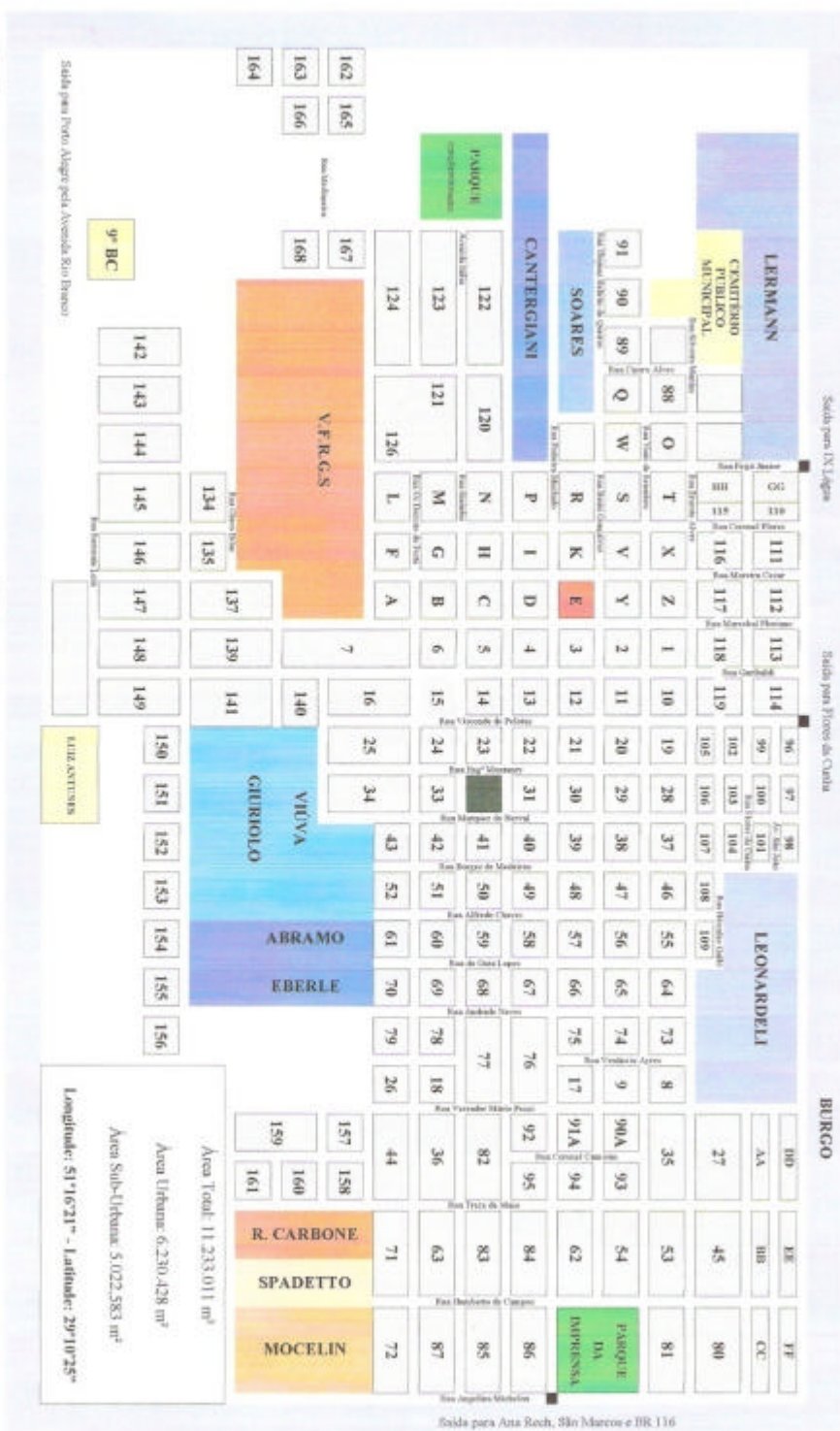
XAVIER, Regina Célia Lima (org.). **História da escravidão e da liberdade no Brasil Meridional**: guia bibliográfico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Os nomes da liberdade**: experiências de autonomia e práticas de nomeação em um município da serra rio-grandense nas duas últimas décadas do século XIX. 317 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

ANEXO A

PLANTA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL – DÉCADA DE 1940

PLANTA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL - DÉCADA DE 1940



Quadra onde está localizada a Praça Dante Alighieri (Centro da cidade) E Quadra onde estava localizada a primeira sede do Clube Gaúcho (1934-1950)

FONTE: Mapa da Área Urbana de Caxias - 1940 (11.00.04) Arquivo AHMMSA.

ANEXO B

ESTATUTOS SPORT CLUB GAÚCHO (1935)

ESTATUTOSDOSPORT CLUB GAUCHO

CAPITULO-I

Da associação e seus fins.

Art. 1º-O Sport Club Gaúcho, fundado em 23 de Junho de 1934, nesta cidade de -
Caxias, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, com sede provisória a rua
Pinheiro Machado nº 2369 é uma associação destinada a promover dentro
da ordem e respeito as autoridades constituídas do país, o desenvolvi-
mento físico de seus associados por meios do Fot-Bal e outras que se
realizarão de acordo com as possibilidades do Club.

§ unico-Esta associação realizará no Club quermesses, bailes e outros divertimentos, exclusivamente para os socios e suas exmas. familias.

CAPITULO-II.

Dos socios.

Art. 2º-36 podem fazer parte desta sociedade pessoas de decentes comporta-
mentos e que saibam respeitar as leis da boa educação.

Art. 3º-Os socios que infringirem as disposições do Art. 2º importará na sua
eliminação, podendo voltar a pertencer a sociedade 3 meses depois, uma
vez justificando sua falta, pagando nova joia e qualquer quantia que
ficasse devendo anteriormente.

Da admissão de socios.

Art. 4º-A admissão de socio efetivo será feita mediante aprovação da assem-
bléa geral reunida para este fim, sujeitando-se ao pagamento da joia
de 10\$000 (dez mil reis) e a mensalidade de 3\$000 (tres mil reis).

Art. 5º-O socio que deixar de efetuar o pagamento de suas mensalidades por
mais de 3 meses, sem motivo justificado importará em sua eliminação.

Art. 6º-Categoria de socio.

Esta sociedade reconhece 3 categorias de socios.

1º-Fundadores.

2º-Efetivos.

3º-Beneméritos.

§ 1º-Fundadores, são aqueles que, comparecendo a 1ª reunião (25-6-1934) afim
de ventilarem os principais fins lançaram os fundamentos desta asso-
ciação e que dentro do mesmo mês, pagaram a joia e mensalidades corres-
pondentes.

§ 2º-Efetivos são aqueles que entraram depois de sua organização.

§ 3º-Beneméritos serão aqueles que prestarem auxílio pecuniario a socieda-
de quer extranhos ou não na importancia superior a (1:000\$000) um con-
to de reis ou que tenha prestado relevantes serviços a sociedade e a
assembléa geral julgue-os dignos desse titulo.

CAPITULO-III.

Dos deveres dos socios

Art. 72-São deveres dos socios:

- A)-Zelar pelo bom nome desta sociedade.
- B)-Acatar as resoluções da diretoria quando em exercicio de suas funções.
- C)-Cumprir fielmente os diversos dispositivos dos presentes estatutos
- D)-Aceitar os cargos e comissões para que forem eleitos ou nomeados, caso recusa justificavel.

Art. 82-Serão eliminados pela diretoria, os socios de qualquer classe que:

- A)-Promoverem o descredito da associação.
- B)-extraviarem ou desviarem objetos ou valores a ela pertencentes.
- C)-Praticarem graves irregularidades no desempenho do mandato administrativo.
- D)-Levantarem suspeitas contra diretoria ou seus membros, cuja veracidade não fique provada.

CAPITULO-IV.

Da diretoria

Art. 99-A diretoria desta associação será eleita, anualmente pela assembléa geral, na 1ª quinzena de Dezembro, tomará posse no dia 31 do mesmo mês e constará dos seguintes membros:

- Presidente.
- Vice-Presidente.
- Secretario.
- Tesoureiro.
- Procurador.
- Orador.
- Diretor de sala.
- Diretor técnico.
- Guarda sport.
- Fiscal.

Das atribuições da diretoria.

Art. 109-Compete ao presidente.

- A)-Zelar pela rigorosa observancia destes estatutos.
- B)-Convocar com antecedencia as sessões ordinarias e extraordinarias da diretoria e assembléa geral; presidir todos os trabalhos, só podendo votar em caso de empate.
- C)-Assinar os ajustes ou contratos que forem autorizados pela diretoria ou assembléa geral, possuindo para isso amplos poderes.
- D)-Assinar as ordens de pagamento e juntamente com o tesoureiro e secretario os cheques bancarios.
- F)-Autorizar o pagamento das despesas da sociedade reconhecidos pela diretoria e assembléa geral.
- G)-Assinar com o secretario as atas de cada sessão.
- H)-Rubricar todos os livros da secretaria e da tesouraria.
- I)-Providenciar nos casos imprevistos e urgentes, levando suas decisões ao conhecimento da diretoria na 1ª reunião.
- J)-Visar os documentos de entrada e saída de dinheiro, bem como os de levantamento bancarios.
- K)-Providenciar para o bom progresso do Sport.

Art. 112-Compete ao vice-presidente:-Substituir o presidente em todos os seus impedimentos.

Art. 122-Compete ao secretario.

- A)-Ter em dia o livro do registro dos associados.
- B)-Tomar parte em todas as sessões, lavrando em livros competentes as atas das mesmas procedendo a leitura e assinar toda correspondencia comum.
- C)-Fornecer e assinar as informações pedidas a secretaria, deixando uma copia de todos os documentos expedidos.

Art. 139-Compete ao tesoureiro.

- A)-Zelar pelas importancias em seu poder.
- B)-Superintender os trabalhos da tesouraria, assinar recibos de qualquer soma devida nos cofres sociais providenciar para regularidade no serviço de cobrança, efetuar compras a sociedade e pagamentos autorizados pela diretoria.
- C)-Apresentar a diretoria mensalmente uma lista dos socios que não tenham satisfeitos os seus compromissos para com a associação.
- D)-Apresentar no fim de cada mês um balancete do movimento da sociedade e no fim do ano o balancete geral.
- E)-Terá em seu poder um livro-carga e outro de descarga.

Art. 140-Compete ao procurador.

- A)-Fazer no fim de cada mês a cobrança das mensalidades aos socios.
- B)-Entregar ao Sr. tesoureiro as importancias recebidas mediante recibo assinado por este, prestando todas as informações que forem pedidas pelo tesoureiro ou a diretoria.
- C)-Não poderá ter em seu poder quantia superior a 50\$000 (cincoenta mil reis), logo que exceda deverá entregar ao Sr. tesoureiro.

Art. 150-Compete ao orador.

- A)-Representar o Club e Sport sempre que for necessario, não podendo esquivar-se dessa responsabilidade e sim por motivos justificados.

Art. 160-Compete ao diretor de sala.

- A)-Vigiar todo movimento dos socios nas festividades.
- B)-Fazer manter a ordem e o respeito das armas-familias.
- C)-Comunicar a diretoria qualquer infração ocorrida em dias de festas.
- D)-Providenciar para que ninguém entre armado na sede.
- E)-Não deixar penetrar no salão pessoas maltraçadas e sem o respectivo colarinho e a gravata.
- F)-Não deixar penetrar ninguém alcoolizado no salão.

Art. 170-Compete ao diretor técnico

- A)-Ser o unico responsavel pelo bom desenvolvimento do Sport.
- B)-Nomear os capitães do 1º e 2º quadros de conformidade com a experiencia.
- C)-Providenciar para que os jogadores se apresentem corretamente - fardados em dia de partida.
- D)-Eliminar os que desobedecerem ordens de acordo com o art. 2º dest. estatutos.

Art. 180-Compete ao guarda-sport.

- A)-Zelar por tudo que lhe estiver afeto.
- B)-Em dias de partida apresentará em campo chuteiras, canisetas, bomba e bola cheia.
- C)-Caso ouver falta de objetos lhe será feita carga.

Art. 190-Compete ao fiscal.

- A)-Ter em vista todo movimento financeiro da sociedade.
- B)-Fiscalizar os livros da tesouraria, secretaria, entradas e saídas de importancias e todas as falhas verificadas pelos socios e membros da diretoria.

CAPITULO-V.

Art. 200-Esta sociedade manterá uma associação de Senhoras e Senhoritas composta de uma presidente, uma tesoureira, duas procuradoras, uma secretaria e uma oradora, sob orientação da diretoria.

Art. 210-A associação acima é creada com o fim unico de selar pela boa harmonia entre as familias dos associados e prestigiar com seu auxilio a ornamentação da sede em dias de festa.

Da assembleia geral.

- Art. 22ª - A assembleia geral funcionará logo que se ache inscrito no livro de presença, dois terços dos socios quites em primeira convocação e pelo menos metade em segunda, em continuação, ou para empossar administrações já eleitas.
- Art. 23ª - A assembleia geral reunir-se-á todos os dias 10 de cada mês para prestações de contas e ainda a 15 de Dezembro para eleger a nova diretoria.
- Art. 24ª - Todos os casos omissoes serão resolvidos pela assembleia geral.
- Art. 25ª - Nenhum socio poderá fazer uso da palavra sem prévia licença do presidente, este poderá cassar a mesma, aquelle que se exceder com insultos inconvenientes, ou que de outro modo, perturbar a ordem em sessões ou em dias de festa.
- Art. 26ª - Todo e qualquer associado que se achar envolvido em casos graves com as autoridades policiaes, serão eliminados desta associação.
- Art. 27ª - Esta associação manterá uma bem organizada cõpa por conta propria, arrendada a socio da mesma desde que se sujeite aos preços legais de acordo com a diretoria.
- Art. 28ª - No fim de cada ano será chamada concorrência a cõpa e existencias da sêde ao socio que melhor proposta apresentar.
- Art. 29ª - O inquilino da sêde fica responsavel por tudo que houver recebido da sociedade em relação que lhe será fornecida pelo secretario, não podendo abandonar a sêde sem avisar 30 dias com antecedencia ao presidente do Club.
- Art. 30ª - A sociedade não poderá pedir o despacho do inquilino da sêde sem o aviso com antecedencia de 30 dias, caso motivo justificado.
- Art. 31ª - Só poderá haver bailes ou festas no Club por iniciativa exclusiva da diretoria, ou em beneficio do Sport ou das associadas.
- Art. 32ª - Este Club considera datas comemorativas, 23 de Junho aniversario da sociedade e 31 de Dezembro, posse da diretoria.

CAPITULO-VI.

Do fundo de reserva.

- Art. 33ª - O fundo de reserva será applicado na compra de um terreno para a edificação da sêde propria, logo que atinja a importancia de 3:000\$000 (tres contos de reis).
- Art. 34ª - Esta sociedade funcionará por tempo indeterminado e terminará quando seu numero de associados for inferior a (10) dez e sua receita for inferior para atender os seus compromissos.
- § unico - No caso desta associação ser dissolvida os seus bens serão distribuidos entre os socios existentes quites com a tesouraria.

Primeira diretoria e socios fundadores.

Presidente: Paulino Dias Bellissimo.
 Vice-Presidente: João Moreira dos Santos.
 1ª Secretario: José Alves de Oliveira.
 2ª Secretario: Miguel Coelho.
 1ª Tesoureiro: Teodoro Rosa.
 2ª Tesoureiro: Jovino Antunes Pereira.
 Procurador: Laudemiro Martins.
 Orador Oficial: Marcelino Martins.
 1ª Fiscal: Luis Raimundo da Silva.
 2ª Fiscal: Antonio José dos Santos.

Conselho Fiscal.

Joaquim Moreira.
 Manoel Luis Rosa.
 Pedro Pereira da Lus.
 José Rodrigues.

Estes estatutos foram redigidos pelo Senhor João Manoel Vianna Paulino Dias Bellissimo, aprovados em sessão de assembleia geral em data de 6 de Janeiro de 1935.

ANEXO C

EXTRATO DOS ESTATUTOS DO SPORT CLUB GAÚCHO (1938)

EXTRATO DOS ESTATUTOS DO SPORT CLUB GAUCHO.-

O "SPORT CLUB GAUCHO", fundado em 23 de Junho de 1934, nesta cidade de Caxias, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, tem sua sede provisória á rua Pinheiro-Machado, nº 2369, e destina-se ao desenvolvimento físico de seus associados por meio do Fot-Bal e outros desportes que reputar convenientes e que estejam de acordo com suas possibilidades, podendo ainda realizar em sua sede-kermesses, bailes e outras diversões, exclusivamente dos sócios e suas famílias.-

Os membros ou componentes de sua Diretoria, Presidente, Secretario e Tesoureiro, que estiverem em exercicio são responsáveis subsidiariamente pelos compromissos da sociedade, uma vez que as respectivas ordens sejam assinadas por eles.-

A diretoria compõe-se de 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 primeiro e 1 segundo secretario, 1 primeiro e 1 segundo tesoureiro, 1 procurador, 1 orador, 12 directores de mês, 1 director técnico, 1 guarda esporte, 1 porta estandarte, 1 fiscal geral e tres membros do Conselho Fiscal, e serão eleitos anualmente.-

A Sociedade compõe-se de sócios nacionais ou naturalizados que não respondem subsidiariamente pelos compromissos da sociedade.-

Todos os assuntos relativos a essa entidade serão resolvidos por Assembléa Geral de seus membros, em pleno gozo dos seus direitos.-

Só poderá dissolver-se a sociedade quando tiver menos de onze (11) sócios, os quais resolverão por maioria de votos, o destino a darem ao acervo da Sociedade.-

Caxias, 14 de Outubro de 1938.-

João Manoel Travenca
Memiro Pereira
João Ribas

Resolvo reconhecer as três
 (3) assinaturas, petas que são
 dos próprios José Manoel
 Piana, Braemir Lourenço, José
 Ribos; deu-se!
 Em 24 de Setembro de 1938



Registrado sob nº 92 a fl. 26
 do Livro nº 1 de Sociedades Civis
 Caxias, 24 de Setembro de 1938
 A Official Cláudio Luiz



ANEXO D

ESTATUTOS DO ESPORTE CLUBE GAÚCHO (1955)

ESTATUTOS

DO

ESPORTE CLUBE GAÚCHO

CAPÍTULO I

Da associação e seus fins

Art. 1. — O Esporte Clube Gaúcho, fundado em 23 de junho de 1934, nesta cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, tem sua sede própria à Rua Visconde de Pelotas, n.º 2096 e destina-se ao desenvolvimento físico de seus associados por meio do Futebol e outros esportes que reputar convenientes e que estejam de acôrdo com suas possibilidades, e à realização de bailes, quermesses e outras diversões, exclusivamente para os sócios e suas exmas. famílias.

§ único — A sociedade compõe-se de sócios nacionais ou naturalizados que não respondem subsidiariamente pelos compromissos da sociedade.

Art. 2. — Os membros ou componentes de sua diretoria, Presidente, Secretário e Tesoureiro, que estiverem em exer-



cício de seus cargos são responsáveis pelos compromissos da sociedade, uma vez que as respectivas ordens sejam assinadas por eles.

CAPÍTULO II

Dos sócios

Art. 3. — Só podem fazer parte desta sociedade pessoas de ótimo comportamento e que saibam respeitar as leis de boa educação.

Art. 4. — Os sócios que infringirem as disposições do art. 3.º importará em suspensão ou eliminação definitiva, dependendo da natureza e gravidade da falta e sempre a critério da diretoria, por votação secreta de seus membros.

Da admissão de sócios

Art. 5. — A admissão de sócio efetivo será feita mediante aprovação da Diretoria ou Assembléa Geral reunida para esse fim, sujeitando-se ao pagamento da Jóia de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) e a mensalidade de Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros.)

Sócios em atraso

Art. 6. — O sócio que deixar de efe-

tuar o pagamento de suas mensalidades por mais de três meses, sem motivo justificado, importará em sua eliminação.

Art. 7. — O sócio ou membro da diretoria que receber uma ordem do presidente, a cumprirá rigorosamente, sem mais ser necessário consultar a respeito.

Categoria de sócios

Art. 8 — Esta sociedade reconhece 3 categorias de sócios:

1.ª — FUNDADORES.

2.ª — EFETIVOS

3.ª — BENEMÉRITOS.

§ 1.º — Fundadores, são aqueles que, comparecendo á primeira reunião (23-6-34) afim de ventilar em os principais fins, lançaram os fundamentos desta associação e que dentro do mesmo mês, pagaram a jóia e mensalidade correspondente e ainda os que em junho de 1938 contribuíram para o levantamento da associação.

§ 2.º — Efetivos são aqueles que entraram depois de sua organização.

§ 3.º — Beneméritos serão aqueles que prestarem auxilio pecuniário á sociedade, quer extranhos ou não, na importância superior a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), ou que tenha prestado rele-

vantes serviços á sociedade e a Assembléa Geral os julgue dignos dêsse título

CAPÍTULO III

Dos deveres dos sócios

Art. 9. — São deveres dos sócios:

- A) — Zelar pelo bom nome desta sociedade.
- B) — Acatar as resoluções da diretoria quando em exercicio de suas funções.
- C) — Cumprir fielmente os diversos dispositivos dos presentes estatutos.
- D) — Aceitar os cargos e comissões para que forem eleitos ou nomeados, sómente podendo recusar, justificando os motivos.

Art. 10 — Serão eliminados pela diretoria, os sócios de qualquer classe que:

- A) — Promoverem o descrédito da associação.
- B) — Extraviarem ou desviarem objéto ou valores a ela pertencentes.
- C) — Praticarem graves irregularidades no desempenho do mandato administrativo.
- D) — Levantarem suspeitas contra a diretoria ou seus membros, cuja veracidade não fique provada.

Art. 11. — A diretoria desta asso-

ciação será eleita anualmente pela assembléa geral, na primeira quinzena de dezembro, tomará posse no dia 31 do mesmo e constará dos seguintes membros:

- 1 Presidente, 1 vice-presidente, 1 primeiro secretário, 1 segundo secretário, 1 primeiro tesoureiro, 1 segundo tesoureiro, 1 procurador, 1 orador, 12 diretores de mês, 1 diretor técnico, 1 guarda esporte, 1 porta-estandarte, 1 diretor de sala, 1 fiscal geral e 3 membros do conselho fiscal.

CAPÍTULO IV

Das atribuições da Diretoria

Art. 12. — Compete ao Presidente:

- A) — Zelar pela rigorosa observância destes estatutos.
- B) — Convocar com antecedência as sessões ordinárias e extraordinárias da diretoria e assembléa geral, presidir todos os trabalhos, quer do Clube quer do Esporte, só podendo votar em caso de empate.
- C) — Assinar os ajustes ou contratos que forem autorizados pela diretoria ou assembléa geral, possuindo para isso amplos poderes.
- D) — Assinar as ordens de pagamento e

juntamente com o tesoureiro os Cheques Bancários.

E) — Autorizar o pagamento das despesas da sociedade reconhecidas pela diretoria e assembléa geral.

F) — Assinar com o secretário as atas de cada sessão.

G) — Rubricar todos os livros da secretaria e tesouraria.

H) — Providenciar nos casos imprevistos e urgentes, levando suas decisões ao conhecimento da diretoria na primeira reunião.

I) — Visar os documentos de entrada e saída de dinheiro, bem como os de levantamento bancário.

J) — Providenciar para o bom progresso e desenvolvimento do Esporte.

Art. 13. - Compete ao vice-presidente: Substituir o presidente em todos os seus impedimentos.

Art. 14. - Compete ao 1.º secretário: A) - Ter em dia o livro de registro dos associados

B) - Tomar parte em todas as sessões, lavrando em livros competentes as atas das mesmas, procedendo a leitura e assinar toda a correspondência comum.

C) - Fornecer e assinar as informações pedidas á secretaria, deixando uma cópia de todos os documentos expedidos.

Art. 15. - Compete ao 2.º secretário: A) - Auxiliar o 1.º secretário e substituí-lo em seus impedimentos.

Art. 16. - Compete ao 1.º tesoureiro: A) - Zelar pelas importâncias em seu poder.

B) - Superintender os trabalhos da tesouraria, assinar recibos de qualquer soma devida aos cofres sociais, providenciar para regularidade no serviço de cobrança.

C) - Efetuar compras da sociedade e pagamentos autorizados pela diretoria.

D) - Apresentar à diretoria, mensalmente, uma lista dos sócios incursos no art. 6.º

E) - Apresentar no fim de cada mês um balancete do movimento da sociedade e no fim do ano o balanço geral.

F) - Terá em seu poder um livro para carga e outro para descarga.

Art. 17. - Compete ao 2.º tesoureiro: A) - Auxiliar o 1.º a desempenhar o serviço em seus impedimentos.

Art. 18. - Compete ao procurador.

- A) - Fazer no fim de cada mês a cobrança das mensalidades aos sócios.
- B) - Entregar ao sr. tesoureiro as importâncias recebidas mediante recibo assinado por este, prestando todas as informações que lhe forem pedidas pela diretoria.
- C) - Entregar ao tesoureiro, até o dia 10 de cada mês, as importâncias oriundas de mensalidades recebidas.

Art. 19 — Compete ao orador:

- A) — Representar o Clube e o Esporte sempre que for necessário, não podendo esquivar-se dessa responsabilidade e sim por motivos justificados.

Art. 20 — Aos diretores do mês compete:

- A) — Vigiar todo e qualquer movimento decorrente na sociedade.
- B) — Comparecer ao Clube todas as noites.
- C) — Fiscalizar a boa ornamentação da sede em dias de festa.
- D) — Ser o único responsável direto nessa ornamentação.

Art. 21 — Compete ao diretor técnico:

- A) — Ser o único responsável no bom desenvolvimento do Esporte.
- B) — Nomear os capitães do primeiro e segundo quadros de conformidade com

a experiência.

- C) — Providenciar para que os jogadores se apresentem corretamente fardados em dias de partida.
- D) — Eliminar os que desobedecerem ordens de acordo com o art. 3.º destes estatutos.

Art. 22. — Compete ao guarda esporte:

- A) — Zelar por tudo o que lhe estiver afeto.
- B) — Em dias de partida apresentará em campo chuteiras, camisetas, bomba e bola cheia.
- C) — Caso venha a desaparecer objetos sob sua guarda lhe será feita a carga.

Art. 23. — Compete ao porta-estandarte:

- A) — Zelar sempre pela boa conservação do estandarte.
- B) — Conduzi-lo sempre que for necessário, assim como a bandeira do esporte.

Art. 24 — Compete ao diretor de sala:

- A) — Vigiar todo movimento dos sócios nas festividades.
- B) — Fazer manter a ordem e o respeito às exmas. famílias.
- C) — Comunicar a diretoria qualquer infração ocorrida nestes dias.
- D) — Providenciar que ninguém entre armado na sede.

- E) — Não deixar penetrar no salão pessoas mal trajadas e sem o respetivo collarinho e a gravata.
- F) — Não deixar penetrar ninguém alcoolizado no salão.

Art. 25. — Compete ao fiscal geral:

- A) — Observar as intenções de todas as pessoas que penetrarem na sede.
- B) — Auxiliar o diretor de sala nos dias de festa.
- C) — Ter em vista todo o movimento financeiro da sociedade.
- D) — Fiscalizar os livros da tesouraria, secretaria, entradas e saídas de importâncias.
- E) — Comunicar todas as faltas verificadas pelos sócios e membros da diretoria.
- F) — Reunir o Conselho Fiscal quando julgar conveniente para deliberações necessárias a boa marcha da sociedade e para fiscalização das contas.

Art. 26. — Compete aos tres membros do Conselho:

A) — Deliberarem com o fiscal geral a respeito do que preceitua o art. 25 do presente estatuto.

Art. 27 — Em cada eleição será eleito anualmente o primeiro diretor do mês e os demais serão nomeados ou eleitos mensalmente pela diretoria.

Art. 28. - As cores do esporte são: amarelo, azul e branco.

CAPITULO V

Art. 29 - Esta Sociedade manterá uma associação de senhoras e senhoritas composta de uma presidente, uma tesoureira, duas procuradoras, uma secretaria e uma oradora, sob a orientação da diretoria.

Art. 30. - A associação acima creada com o fim único de zelar pela boa harmonia entre as familias dos associados e prestigiar com seu auxilio a boa ornamentação da sede em dias de festa.

Da Assembléia Geral

Art. 31. - A assembléia geral funcionará logo que se ache inscrito no livro de presença, dois terços dos sócios quites em primeira convocação e pelo menos metade em segunda, em continuação, ou para empossar administrações já eleitas.

Art. 32 - A assembléia geral reunir-se-á todos os dias 10 de cada mês para prestações de contas e ainda 15 de Dezembro para eleger a nova diretoria.

Art. 33 - Todos os casos omissos

serão resolvidos pela assembléa geral.

Art. 34. - Nenhum sócio poderá fazer uso da palavra sem previa licença do presidente, este poderá cassar a mesma, a aquelle que se exceder com insultos inconvenientes, ou que tente de qualquer modo, perturbar a ordem em sessões ou em dias de festas.

Art. 35. - Todo e qualquer associado que se achar envolvido em casos graves com as autoridades policiaes, serão eliminados desta associação.

Art. 36. - Esta associação manterá uma bem organizada copa por conta própria ou arrendada à socio da mesma desde que se sujeite aos preços legais de accordo com a diretoria.

Art. 37. - No fim de cada ano será dada em concorrência, a copa e existências da séde, ao sócio que melhor proposta apresentar à sociedade.

Art. 38. - O inquilino da séde fica responsável por tudo que houver recebido da sociedade em relação que lhe será fornecida pelo secretário, não podendo abandonar a séde sem avisar com 60 dias de antecedência ao presidente do Clube.

Art. 39. - A sociedade não poderá pedir o despacho do inquilino da séde sem

o aviso com antecedência de 60 dias, caso motivo justificado.

Art. 40. - Só poderá haver balle ou festas no Clube por iniciativa exclusiva da diretoria, ou em beneficio do Esporte ou da Ala Feminina.

Art. 41. - Este Clube considera datas comemorativas, 23 de Junho aniversário da sociedade e 31 de Dezembro, posse da diretoria.

CAPITULO VI

Do fundo de reserva

Art. 42. - Esta Sociedade funcionará por tempo indeterminado e terminará quando seu número de associados fór inferior a 11 (onze) e sua receita fór inferior para atender seus compromissos, os quais resolverão por maioria de votos, o destino a darem ao acervo da sociedade.

Primeira Diretoria e Sócios Fundadores de 1934.

Presidente: Paulino Dias Bellissimo.
Vice-Presidente: João Moreira dos Santos.

1.º Secretário: José Alves de Oliveira
2.º Secretário: Miguel Coelho
1.º Tesoureiro: Theodoro Rosa

2.º Tesoureiro: Jovino Antunes Pereira.

Procurador: Laudemiro Martins

Orador Oficial: Marcelino Martins

1.º Fiscal: Luiz Raimundo da Silva

2.º Fiscal: Antonio José dos Santos

Conselho Fiscal (Sócios Fundadores)

Joaquim Moeira, Manoel Luiz Rosa, Pedro Pereira da Luz, José Rodrigues e João Ribas.

Ficam considerados sócios fundadores os componentes da comissão abaixo por terem cooperado em Junho de 1938 para continuidade desta associação.

Comissão Elaboradora dos Estatutos (Sócios Fundadores)

João Manoel Vianna, Presidente e relator — Agenor da Silva, Argemiro Pereira, João Ribas, Saturnino Madaleno, Miguel Domingos, Eloi Pereira Pitta, Antonio Andrade, Theodoro Silva, Edgar Torquato, Antonio Rodrigues, João Manoel Ferreira, Pedro Pereira da Luz, Reynaldo de Assis, Manoel Luiz Telles, Laudemiro Martins, Marcelino Martins, Emilio de Oliveira, Accacio Moraes, Marcirio Francisco

da Silva, Atalbio Lucio da Silva, Laureano Bastos e Theodoro Rosa.

Estes estatutos foram aprovados em sessão de assembléia geral em data de 6 Janeiro de 1935 e mandado imprimir pela comissão acima, em 14 de Outubro de 1938.

Comissão Elaboradora da Reforma dos Estatutos

Florêncio Machado, Presidente; Pedro Moreira, 2.º Secretário; Edegar Torquato, 1.º Tesoureiro; Agenor da Silva, Orador e Alcino Francisco Rosa, membro do Conselho Fiscal.

A Reforma destes estatutos foi aprovada em sessão de assembléia geral, em data de 10 de fevereiro de 1955 e, na mesma data, mandado imprimir pela comissão elaboradora da reforma.

ANEXO E

ESTATUTO ESPORTE CLUBE GAÚCHO (1966)

NOS ABAIXO CONSTANTE DOS ÓRGÃOS ADMINISTRATIVOS DO "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", REUNIDOS EM PLENÁRIO, CONFORME CONSTA DA ATA DE ASSEMBLÉIA GERAL E DAS ASSINATURAS DO LIVRO DE PRESENÇA, ELABORAMOS, APROVAMOS E ADOTAMOS ESTA REFORMA GERAL DE SEUS ESTATUTO SOCIAL, EM TODOS OS SEUS TERMOS, O SEU REGULAMENTO INTERNO, O LIVRO DE PRESENÇA, O LIVRO DE REGISTRO DE ASSOCIADOS, O LIVRO DE ATAS, O LIVRO DE ESCRITURAÇÃO CONTÁBIL, OS LIVROS FISCAIS PARA ESCRITURAÇÃO DO MOVIMENTO COMERCIAL DE SUA CÔPA, E DEMAIS LIVROS, ARQUIVOS, FICÁRIOS, ETC. - QUE SE FAÇAM NECESSÁRIOS.-

ESTATUTO
DO
"ESPORTE CLUBE GAÚCHO"
CAPÍTULO I



Da Associação e seus fins:-

- Art. 1º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", fundado em 23 de junho de 1.934, com Sede e Fôro na cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, é uma sociedade civil, de direitos privados, de caráter e fins recreativos, esportivos, tradicionais, culturais e beneficentes, de duração indefinida, administrado ativa e passivamente pela sua Diretoria e representado judicial e extra judicialmente pelo seu Presidente ou substituto legal.-
- Art. 2º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", com sua Sede Social Própria, a Rua Visconde de Pelotas, n.º 2096, é uma sociedade de fins não lucrativos, que visa apenas, a educação física e cultural de seus associados, através de reuniões e divertimentos de caráter social e cultural ou esportivo, a educação de alfabetização e de cursos de formações para o lar, através de seu departamento cultural, cursos preliminares para a formação de profissionais, através de seu departamento de cultura técnica, e o seu serviço beneficente, através de seu departamento de assistência social.-
- Art. 3º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", por falta de recursos econômicos, está, apenas, com os seus cursos e departamentos de recreios e esportes em pleno funcionamento, aguardando possibilidades e condições, para pôr em pleno exercício e funcionamentos todos todos os departamentos de sua finalidade.-
- Art. 4º)- Na Sede do "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", poderão ser praticados todos os jogos, esportes e diversões, permitidos por Lei, e seus demais departamentos, sempre, franqueados as famílias dos associados, em pleno gozo de seus direitos sociais.-
- Art. 5º)- A sociedade compõe-se de sócios naturais e naturalizados.-
- Art. 6º)- Os sócios não respondem pelas obrigações tomadas pela Diretoria.-
- Art. 7º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", é uma instituição recreativa, esportiva, tradicional e beneficente, de caráter essencialmente cristão, entretanto, não combate outras correntes religiosas ou políticas, congrega em seu seio social tôdas as pessoas de boa vontade, sem qualquer distinção, não admitindo, apenas, elementos extremistas.-

- ÚNICO)- Não é permitido, de modo algum, propaganda ideológica, política - partidária ou religiosa no recinto de sua Sede Social, em excursões, ou visitas fraternais a outras agremiações congêneres.-
- Art. 8º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", é uma sociedade que foi criada e será mantida dentro dos dispositivos da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de setembro de 1946 e, da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, de 8 de julho de 1.947.-
- 1º)- "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", tem sua base social, esportiva, tradicionalista, educacional e beneficente, alicerçada nos dispositivos dos Arts. 31, letra b, da alínea V, combinado com a Lei n° 3.193, de 4 de julho de 1.957;- Art. n° 141, alínea 12;- Ambos da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.-
- 2º)- Os dispositivos do parágrafo anterior, referentes a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, enquadram-se em suas finalidades, com os Arts. de n° 166, 167, 172, 173, e 174, todos da mesma Constituição, porém, com referência ao ensino e cultura.-
- 3º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", tem suas finalidades enquadradas, também, com os dispositivos constante dos artigos seguintes: - n° 19, alínea VII, letras b e d;- n° 45, alínea II, letra c;- 87, alínea XVI;- n° 164, alínea 12;- e n° 194;- todos da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, 8 de julho de 1.947.-
- Art. 9º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", pode solicitar e receber subvenções e auxílios, que lhe for concedido pelos poderes públicos Federais, Estaduais e municipais, para manter os seus departamentos de: recreativos, desportivos, tradicionalistas, culturais e educacionais e beneficentes.-
- Art. 10º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", ministrará todos os seus departamentos, constantes do artigo anterior, inteiramente gratuitos, para os seus associados e dependentes, em pleno gozo de seus direitos sociais.-
- Art. 11º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", formará a sua receita, para cobrir os seus orçamentos, com as jóias e mensalidades de seus associados, doações, legados, donativos, auxílios, subvenções, ou recursos que, lhes forem destinados pela União, Estados e Municípios e por rendas eventuais;-
- Art. 12º)- As jóias e mensalidades de seus associados, em cada exercício, poderá sofrer modificações, a critério da Diretoria que, estipulará o quantum, as condições de pagamento e o que mais julgar conveniente para o assegurado progresso da sociedade.-
- Art. 13º)- Todos os seus departamentos funcionarão harmonicamente entre si, porém, independentes em seu Regimento Interno, haverá um modelo de fichas, uma série de quesitos a preencher, e condições diferentes, a cada departamento, tudo de acordo com a finalidade de cada um,
- Art. 14º)- Todos poderão ser associado e pertencer para o departamento que lhes convier, dependendo de ser apresentado por um associado preencher a ficha de sócio, assinar junto com o proponente e, esperar a decisão positiva ou negativa da Diretoria, que em reunião estudará as condições do proposto e as condições da sociedade e do departamento desejado e si há ou não vagas, para tal aceitação.-
- Art. 15º)- A reforma estatutária, a extinção da sociedade e o destino do seu patrimônio, é exclusivamente da competência da Assembléia Geral.-
- Art. 16º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", pode filiar-se ou manter intercâmbio de relações com qualquer entidade congênera, sejam essas, de categoria inferior ou superior a sua, mas que, adquiram proveitos.-

Art. 17º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", não tem caráter político, religioso ou racial.-

Art. 18º)- O "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", manterá franqueada a seus sócios e familiares a Biblioteca "JOSÉ DO PATROCÍNIO", pertencente ao Patrimônio do clube.-

C A P Í T U L O I I

D O S S Ó C I O S

Art. 19º)- O quadro social do "ESPORTE CLUBE GAÚCHO", será limitado e compo-
sido de:

- a)- Sócios Fundadores;
- b)- Sócios Beneméritos;
- c)- Sócios remidos;
- d)- Sócios contribuintes;

Art. 20º)- São sócios Fundadores, os que houverem tomado parte ativa na fundação da sociedade, ou assinado a Ata inicial.-

Art. 21º)- São Sócios Beneméritos os que, houverem prestados relevantes serviços a sociedade, na ordem moral ou material e por decisão do Conselho Deliberativo lhe seja conferido o título, seja ou não associado.-

Art. 22º)- Os sócios Beneméritos ficarão isentos do pagamento de mensalidades e receberão um Diploma assinado pelo Presidente, Secretário e Tesoureiro do Clube.-

Art. 23º)- Os Sócios Remidos são as pessoas associadas ou não que contribuírem de uma só vez, com uma importância elevada para a sociedade.-

Único)- A quantia que dará direito ao título de Sócio Remido, será da alçada da Diretoria em cada exercício, e será-lhe conferido um Diploma assinado pelo Presidente, Secretário e Tesoureiro da sociedade, deixando-lhe isento do pagamento de mensalidades.-

Art. 24º)- São Sócios Contribuintes, todos aqueles que, pagarem a jôia e as mensalidades, estipulada pela Diretoria em cada exercício.-

Art. 25º)- Para ser admitido como sócio contribuinte deve o candidato ser proposto por outro associado em plêno gozo de seus direitos sociais, sendo a proposta escrita e dirigida a Diretoria que, depois de aprová-la ou rejeitá-la, fará a devida comunicação.-

Único)- Os casos omissos serão da alçada da Assembléia Geral.-

Art. 26º)- Os sócios que se licenciarem ou se admitirem na sociedade com motivos justificados, reingressará de novo, como se fosse novo sócio, pagando as suas mensalidades a partir da data do seu retorno.-

Art. 27º)- Os sócios excluídos ou expulsos da sociedade somente poderão reingressar se perdoados pela Assembléia Geral.-

Art. 28º)- Os sócios excluídos em virtude de atrasos no pagamento de mensalidades, reinvidicando seu retorno será concedido, mediante o pagamento, pagando ou sendo perdoado pela Diretoria de todas as suas mensalidades em atraso.-

Art. 29º)- São direitos de todos os sócios:

- a) Assistirem gratuitamente as partidas oficiais e festividades desportivas organizadas pelo Clube, ou realizadas no campo do clube.-

- b)- Gosarem um abatimento de 50 % nas partidas quando o Clube disputar no seu campo, com clubes co-irmãos do mesmo município, ou de outra localidade do Estado ou do Rio.-
- c)- Tomarem parte nas reuniões da Assembleia Geral, nas quais podem discutir, propor, votar e ser votado, desde que estejam em pleno gozo de seus direitos sociais e quites com a Tesouraria.-
- d)- Assistirem as reuniões do Conselho Deliberativo, do Conselho Fiscal e da Diretoria, quando as mesmas não forem secretas.-
- e)- Serem nomeados para representarem o Clube em solenidades públicas ou privadas.-
- f)- Recorrerem de qualquer ato emanado da direção, defendendo os seus pontos de vista, por escrito ou oral.-
- g)- requererem qualquer medida que vise beneficiar o Clube.-
- h)- Apresentar sugestões aos poderes administrativos do Clube, visando o bem estar e o progresso do mesmo.-
- i)- Frequentarem livremente a São e o campo do mesmo, com seus familiares, a não ser pelos casos previstos em seus Estatutos.-
- j)- Requererem aos poderes administrativos informações que se relacionem com o seu interesse próprio, ou do Clube, e que, este ou aquele se sinta prejudicado.-
- k)- O sócio acusado de uma infração poderá defender-se oralmente ou por escrito, ou ainda por um seu representante,-

Art. 30º) - São direitos dos sócios atletas e jogadores:

- a)- Assistirem gratuitamente a qualquer partida desportiva ou atlética, no campo do Clube, salvando solicitação da Diretoria em contribuição ao bem do Clube.-
- b)- Terem tratamento médico e remédios sem custos pessoais, quando lesionados em partidas que o Clube efetuar, mediante atestado médico, comprovando necessidade.-
- c)- Nomear representante para defender seus interesses, junto ao Clube, quando sentir-se prejudicado.-
- d)- Serem tratados com respeito e delicadeza, pelos órgãos administrativos do Clube e dos seus associados.-

Art. 31º) - São deveres dos sócios:

- a)- Zelar pelo bom nome do "ESPORTE CLUBE GÁCHO";
- b)- Respeitar e fazer respeitar os presentes Estatutos;
- c)- Indenizar os prejuízos que causar por imprudência ou negligência;
- d)- Aceitar e bom desempenhar os cargos, para os quais for eleito e comissões quando for nomeado;
- e)- Respeitar e agir sempre com lealdade, tratando os adversários com dedicação, acatando as decisões dos juizes e diretores;
- f)- Não proferir impropérios durante as partidas.-

- g) - pagar pontualmente as mensalidades;
- h) - Manter conduta irrepreensível, quer nas dependências da Sede Social, quer em outros recintos que estejam sob a jurisdição da entidade;
- i) - Cumprir e colaborar para que se cumpram todas as disposições deste Estatuto;
- j) - Zelar pela boa conservação do patrimônio material da sociedade;
- k) - Comparecer as reuniões da Assembléia Geral, agatando as decisões;
- l) - Aceitar e bem desempenhar todas as funções para as quais seja nomeado ou eleito;
- m) - Propor medidas e apresentar sugestões que visem o engrandecimento da sociedade;
- n) - Não fazer uso da palavra sem prévia licença do presidente, sendo que, esta poderá cassar a mesma a quem se exceder com insultos ou discussões agaloradas;

Art. 32) - São direitos dos sócios:

- a) - Assistir as Assembléias Gerais, convocadas pela Diretoria;
- b) - Votar e ser votado para qualquer cargo de administração da sociedade;
- c) - Frequentar a Sede Social e esportiva da sociedade, sendo-lhe facultado o uso de suas instalações, bibliotecas, observadas condições estabelecidas no regulamento próprio de cada Departamento, bem como os que forem expedidos pela Diretoria, sob forma de Regimento Interno;
- d) - Reclamar, por escrito, providências da Diretoria contra qualquer irregularidade que observar em desachon ao bom nome da sociedade;
- e) - Solicitar licença por escrito do cargo que ocupar, ou como sócio da sociedade;
- f) - Convocar uma Assembléia Geral Extraordinária, desde que se trate de assunto de máxima importância para a sociedade e que, o mesmo, exija tal medida extrema, sendo necessário porem um requerimento neste sentido, assinado por um mínimo de 20 (vinte) sócios quites com a Tesouraria e em pleno gozo de seus direitos sociais

C A P Í T U L O I I I

D A S P E N A L I D A D E S

- Art. 33) - O associado que transgredir as disposições estatutárias, Regimento Interno ou regulamento Especial posto em vigor durante o ciclo normal de qualquer Diretoria em exercício, serão aplicadas as seguintes penalidades e que estarão a critério da Diretoria:
- a) - Advertência verbal ou por escrito;
- b) - Suspensão;
- c) - Eliminação do quadro social;
- 1º) - Sofrerá penalidades de advertência verbal ou por escrito, os sócios que cometerem faltas ou transgressões de caráter leve, sendo que, o critério punitivo estará a cargo dos Órgãos Diretivos da sociedade.
- 2º) - Sofrerá penalidades de suspensão, os sócios que se portarem de modo inconveniente e indecorosos, dentro dos limites da Sede Social, bem como, em outro local quando representar oficialmente a sociedade;
- 3º) - A pena de suspensão será a primeira, por 30 (trinta) dias, a segunda por 60 (sessenta) dias e a terceira por 90 (noventa) dias.
- 4º) - Durante a suspensão, em toda sua vigência, serão cassados todos os direitos do associado, porém o mesmo estará obrigado ao pontual pagamento de suas mensalidades;
- Art. 34) - Sofrerá pena de eliminação do quadro social:
- 1º) - Os que deixarem de pagar as suas mensalidades durante três meses consecutivos, ou não atenderem os compromissos assumidos para com a Tesouraria;
- 2º) - For condenado pelos Tribunais do país, por crimes contra a honra, vida e a propriedade;
- 3º) -

- 3º)- Por mau comportamento, comprometendo o bom nome da sociedade, ou promovendo a sua ruína social pela discórdia entre seus associados;
- 4º)- Tendo sido suspenso por três vezes e reincidir na falta;
- 5º)- O sócio eliminado pela Diretoria, não poderá ingressar nos recintos da sociedade;
- Único)- A readmissão de um sócio eliminado, somente poderá ser resolvida pela Diretoria em reunião especialmente convocada para tal finalidade, convocada por escrito, pelo requerente;

C A P Í T U L O I V

D A S A T R I B U I Ç Õ E S D A D I R E T O R I A

- Art. 35º)- A Diretoria desta sociedade será eleita pela Assembleia Geral de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no primeiro domingo do mês de dezembro e tomará posse no terceiro domingo do mesmo mês;

D O P R E S I D E N T E

- Art. 36º)- Zelar pela rigorosa observância deste Estatuto;
- Art. 37º)- Convocar com antecedência as sessões ordinárias e extraordinárias da Diretoria e Assembleias Ordinárias e Extraordinárias e presidir todos os trabalhos, quer do Clube, quer do Esporte, ou outros Departamentos atinentes a sociedade quando couvier, somente podendo votar em caso de empate;
- Art. 38º)- Representar a sociedade, ativa e passivamente e em juízo ou fora dele, podendo, também, nomear um representante;
- Art. 39º)- Autorizar os pagamentos das contas legais;
- Art. 40º)- Movimentar, conjuntamente com o Tesoureiro, as contas bancárias e outros títulos de valor, mantidos pela sociedade, assinando cheques, procurações e quaisquer outros documentos que se referirem a terceiros;
- Art. 41º)- Providenciar nos casos imprevistos e urgentes, levando suas decisões na primeira reunião posteriormente;
- Art. 42º)- Conferir ou mandar conferir balanços mensais, referente ao movimento financeiro, apresentados pelo Tesoureiro e ainda verificar a exatidão do saldo em caixa, bem como, de todos os departamentos;

D O V I C E - P R E S I D E N T E

- Art. 43º)- Substituir o presidente no seu impedimento, com as mesmas atribuições a este conferidas;
- Art. 44º)- Cooperar com a Diretoria em todas as ocasiões necessárias;

D O P R I M E I R O S E C R E T Á R I O

- Art. 45º)- Ter em dia o Livro de Registro de Associados;
- Art. 46º)- Tomar parte em todas as sessões, levando em livro competente as atas das mesmas, procedendo a leitura;
- Art. 47º)- Dirigir a correspondência e atos oficiais da sociedade, promovendo a sua publicação, quando for o caso;
- Art. 48º)- Assinar conjuntamente com o Presidente, os papéis e documentos da secretaria;
- Art. 49º)- Fornecer a Diretoria quando solicitado, elementos relativos a secretaria;
- Art. 50º)- Substituir o presidente transitória e, no impedimento do vice-presidente;

D O 2 º S E C R E T Á R I O

- Art. 51º)- Substituir o primeiro secretário no seu impedimento, com as mesmas atribuições a este conferidas;

- Art.52º)- Manter o cadastro de sócios, registrando todas as ocorrências.
 Art.53º)- Auxiliar-lo em todas as tarefas pertinentes à secretaria.

DO PRIMEIRO TESOUREIRO

- Art.54º)- Manter sob sua guarda, na secretaria, todos os valores livres próprios e demais documentos que se referirem à tesouraria.
 Art.55º)- Superintender os trabalhos da tesouraria, assinar recibos de qualquer soma devida aos sócios públicos, repartições públicas e movimentos comerciais da sociedade.
 Art.56º)- Controlar a arrecadação de jôias, mensalidades ou qualquer outros valores a serem recebidos pela sociedade, ou departamentos.
 Art.57º)- Depositar em banco(s) designado pela Diretoria, os numerários que exceder ao suficiente para atender as necessidades mais urgentes da sociedade.
 Art.58º)- Organizar e dirigir o movimento financeiro da sociedade, devidamente escriturado em livro próprio.
 Art.59º)- Movimentar conjuntamente com o Presidente as contas bancárias.
 Art.60º)- Organizar e manter um cadastro dos materiais permanentes e pertencentes à sociedade.
 Art.61º)- Efetuar mediante recibo, os pagamentos autorizados pela Diretoria, ou pelo Presidente.
 Art.62º)- Organizar e dirigir a escrituração referentes aos movimentos financeiro e econômico, separadamente, de todos os demais departamentos atinentes à sociedade, apresentando mensalmente à Diretoria um balanço do Caixa, e anualmente, acompanhado de documentos comprobatórios para a apreciação da Diretoria e do Conselho Fiscal.

DO SEGUNDO TESOUREIRO

- Art.63º)- Substituir o primeiro Tesoureiro, em seus impedimentos.
 Art.64º)- Auxiliar-lo em todas as tarefas pertinentes à Tesouraria.

DO PROCURADOR

- Art.65º)- Fazer a cobrança das mensalidades dos sócios.
 Art.66º)- Entregar ao Tesoureiro, as importâncias em espécie recebida mediante recibos assinados até o dia 10 (dez) de cada mês.

DO DIRETOR TÉCNICO

- Art.67º)- Ser o responsável pelo bom desenvolvimento do esporte.
 Art.68º)- Nomear os capitães do primeiro e segundo quadros, de conformidade com a experiência.
 Art.69º)- Providenciar para que os jogadores se apresentem corretamente fardados em dias de partidas.
 Art.70º)- Repreender ou suspender de acordo, todo o jogador que, houver doado cometido ou cometido outra falta qualquer, disciplinar.

DO ORADOR OFICIAL

- Art.71º)- Representar a sociedade e o esporte sempre que necessário.
 Art.72º)- Somente por motivos justificados poderá deixar de fazê-lo.

DA COPA

- Art.73º)- Esta sociedade manterá uma bem organizada copa, por conta própria ou arrendada a sócio da mesma desde que se sujeite aos preços da mesma, de acordo com as Diretorias eleitas, respeitando as inovações que cada uma instituir.



- Art. 74°)- Havendo arrendatário, no fim de cada ano, será dado em concorrência a copa e existência da Sêde, ao sócio que melhor pro-
pôsta apresentar, será feito o contrato respectivo.
- Art. 75°)- O arrendatário terá que obedecer as expressas disposições deste Estatuto e Regimento Interno da sociedade.
- Art. 76°)- O inquilino da Sêde fica responsável por tudo que houver recebido da sociedade, em relação que lhe será fornecida pelo secretário e não poderá abandonar a Sêde sem avisar 60 (sessenta) dias de antecedência, ao presidente da sociedade.
- Art. 77°)- A sociedade não poderá pedir o despecho do inquilino da Sêde sem o aviso com antecedência de 60 (sessenta) dias, sob pena de ser considerado inadmissível, caso motivo justificado.
- Único)- O inquilino da Sêde, terá que ser sócio, casado e idôneo.

CAPÍTULO V

DA ASSOCIAÇÃO DE SENHORAS

- Art. 78°)- Esta sociedade manterá uma Associação de senhoras e senhorinhas, composta de uma Presidente, uma secretária, uma tesouraria, sob a orientação da Diretoria.
- Art. 79°)- A Associação acima, tem a finalidade única de velar pela boa harmonia entre as famílias dos associados e prestigiar com seu auxílio a boa ornamentação da Sêde em dias de festas.

DO CONSELHO FISCAL

- Art. 80°)- O Conselho Fiscal é constituído de 5 (cinco) membros efetivos e 5 (cinco) suplentes, eleitos pela Assembléia Geral de acordo com este Estatuto, dentro de 15 (quinze) dias após a posse da Diretoria, em cada exercício.
- Art. 81°)- O Conselho Fiscal se reunirá sempre que convocação pelo seu presidente, pelo Presidente da sociedade, ou pela Diretoria.
- Art. 82°)- Os conselheiros eleitos não poderão exercer simultaneamente qualquer outro cargo na Diretoria.
- Art. 83°)- Será um de seus membros eleito presidente.
- Art. 84°)- Denunciar os erros, fraudes ou crimes verificados, sugerindo medidas a serem tomadas.
- Art. 85°)- Convocar a Assembléia Geral Extraordinária, quando julgar necessário, por intermédio da Diretoria.
- Art. 86°)- Fiscalizar a contabilidade da tesouraria, e os atos administrativos.
- Art. 87°)- Examinar em qualquer época, sempre que julgar necessário, o estado do Livro Caixa e da escrituração da sociedade, lavrando um termo, de acordo suas verificações.
- Art. 88°)- Elegor conjuntamente com a Diretoria, os substitutos dos cargos daquele órgão, quando vago.
- Art. 89°)- Elaborar o Regimento Interno da sociedade, juntamente com o Presidente e demais membros da Diretoria.
- Art. 90°)- O Regimento Interno é considerado complemento deste Estatuto e será fixado em lugar visível, no recinto da sociedade, podendo ser notificado pela Assembléia Geral.
- Art. 91°)- O Conselho Fiscal, reunirá-se, ordinariamente, uma vez por mês, e, extraordinariamente, sempre que necessário e convocado.

DO CONSELHO DELIBERATIVO

- Art. 92°)- O Conselho Deliberativo, é composto de 10 (dez) membros efetivos e 5 (cinco) suplentes, eleitos pela Assembléia Geral, de acordo com este Estatuto, dentro de 15 (quinze) dias após a posse de cada Diretoria, em cada exercício.
- Art. 93°)- O Conselho Deliberativo reunirá-se sempre que convocação pelo seu presidente, pelo presidente da sociedade, pela Diretoria, pelo Conselho Fiscal, ou por um número de associados, quites com a Tesouraria, em pleno gozo de seus direitos sociais, e nunca inferior a 10 (dez).



- Art. 94*) - Os conselheiros não poderão exercer simultaneamente, qualquer outro cargo na Diretoria.
- Art. 95*) - O Conselho Deliberativo reunir-se-á, quando convocado pela Diretoria, ordinariamente uma vez por ano, com a finalidade de conjuntamente com a mesma deliberar sobre a administração da sociedade no ano em curso, e extraordinariamente, quando convocação pelo seu presidente, pelo presidente da Diretoria, pela Diretoria, pelo Conselho Fiscal, por outro departamento, ou por um número de sócios quites com a tesouraria e em pleno gozo de seus direitos sociais, nunca inferior a 10 (dez).
- Art. 96*) - O Conselho Deliberativo, deve em reunião especialmente convocada, resolver e deliberar sobre todos os casos, porventura, omissos neste Estatuto e no Regimento Interno da Sociedade.
- Art. 97*) - O Conselho Deliberativo, uma vez convocado de acordo com o art. n.º 95, deste Estatuto, poderá deliberar e decidir, com relação a todos os cargos e departamentos da sociedade.

CAPÍTULO VI

DA ASSEMBLÉIA GERAL

- Art. 98*) - A Assembléa Geral de associados, é o órgão soberano da sociedade, e tem poderes para resolver todos os negócios sociais, tomar qualquer decisão, aprovar, ratificar ou não, todos os atos que interessarem ao associado ou a própria sociedade.
- Art. 99*) - A Assembléa Geral ficará legalmente constituída, na hora marcada, com a presença de todos os seus sócios, quites com a tesouraria e em pleno gozo de seus direitos sociais, meia hora depois com dois terços dos mesmos, e mais meia hora depois, com qualquer número dos mesmos.
- Art. 100*) - Além das finalidades já expressas, a Assembléa Geral tem atribuições para destituir, por motivos plenamente justificadas, o Presidente, Diretores, Conselhos, e resolver sobre a dissolução da sociedade, devendo, entretanto, ser expressamente convocada para a finalidade que destina, quer pela Diretoria, quer a requerimento de mais de 20 (vinte) associados, quites com a tesouraria e em pleno gozo de seus direitos sociais.
- Art. 101*) - A sessão da Assembléa Geral, será sempre aberta pelo Presidente, ou seu substituto legal.
- Art. 102*) - A Assembléa Geral reunir-se-á todos os dias 10 (dez) de cada mês, para prestações de contas, e ainda de 2 (dois) em 2 (dois) anos de acordo com este Estatuto, para eleger a nova Diretoria da sociedade.
- Único) - Para fins de dissolução da sociedade, a Assembléa não poderá funcionar sem contar com número superior a metade de seus associados e, também membros de sua Diretoria superior a metade dos mesmos.
- Art. 103*) - Será nula e de nenhum efeito qualquer deliberação da Assembléa, estranha a sua competência, estabelecida neste Estatuto.

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

- Art. 104*) - O presente Estatuto poderá ser modificado no todo ou em partes, com aprovação da Assembléa Geral, convocada para tal fim.
- Art. 105*) - É vedado ao presidente contribuir, a custa dos sócios sociais, para qualquer fim estranho aos objetivos da sociedade.
- Art. 106*) - A sociedade deverá festejar condignamente o seu aniversário, sempre que possível, a juízo da Diretoria.
- Art. 107*) - Haverá Regimento Interno Especial, para diversos jogos, diversões, festas, biblioteca, associações de senhoras, Escola de Samba, etc., etc..
- Art. 108*) - O Regimento Interno, inclusive os atinentes, aos departamentos, serão considerados complementos deste Estatuto, e terão por fim regulamentar a ordem interna da sociedade e a aplicação estatutária.

- Art. 109*) - Todos os materiais pertencentes aos departamentos, é de exclusiva propriedade da sociedade.
- Art. 110*) - O presente Estatuto e Regulamento Interno, e as leis em vigor, são as leis básicas pelas quais a sociedade reger-se-á.
- Art. 111*) - A Diretoria é composta de membros todos brasileiros e residem nesta cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul.
- Art. 112*) - As funções dos poderes desta Associação não são remuneradas.
- Art. 113*) - A Diretoria do "Espôrte Clube Gácho" está assim constituída:
- a) - Presidente de Honra, Dr. Mário Gardelin, brasileiro, casado, professor, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - b) - Presidente (2º) de Honra, Agenor Matias Pacheco, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - c) - Presidente, João Vieira de Jesus, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - d) - Vice-Presidente, Ovídio Graciano de Souza, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - e) - 1º Tesoureiro, Florêncio Machado, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - f) - 2º Tesoureiro, Raul Branco de Camargo, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - g) - 1º Secretário, Orice Pinheiro, brasileiro, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - h) - 2º Secretário, Anita Machado, brasileira, solteira, estudante, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
- Art. 114*) - São sócios Fundadores do "Espôrte Clube Gácho" João Manoel Viana, brasileiro, casado, militar, residente em Caxias do Sul;
- b) - Saturnino Madaleno, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - c) - Argemiro Pereira, brasileiro, solteiro, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - d) - Marcelino Martins, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - e) - João Ribas, brasileiro, casado, pintor, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - f) - Horacião Marques, brasileiro, casado, militar, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - g) - Manoel Luiz Telles, brasileiro, solteiro, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - h) - Agenor da Silva, brasileiro, casado, industrial, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - i) - Ovídio Moreira, brasileiro, casado, militar, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
 - j) - Paulino Dias Belissimo, brasileiro, casado, pintor, residente nesta cidade de Caxias do Sul;
- Art. 115*) - O atual Presidente da Diretoria, Sr. João Vieira de Jesus, brasileiro, casado, industrial, reside a Rua Visconde de Pelotas, nº 2.096, misto com a sociedade.
- Art. 116*) - O presente Estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação pela Assembléia Geral e assinado pelo Presidente, representante legal do "Espôrte Clube Gácho", revogando-se as transcrições feitas anteriormente no Cartório do Registro Especial desta cidade de Caxias do Sul.

Caxias do Sul, 28 de fevereiro de 1.966

João Vieira de Jesus
João Vieira de Jesus - Presidente.

ANEXO F

ESTATUTO DA SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO
(1973)

SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO

CAPÍTULO I

- Artº. 1º A "Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho", fundada em 23 de junho de 1934, é uma sociedade civil, integrada por sócios que não respondem, solidária nem subsidiariamente pelas obrigações por ela contraídas, tendo por sede e fôrça a cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, e, será representada em juízo ou fora d'êla, ativa e passivamente pelo Presidente da Diretoria Administrativa e no impedimento o Vice-Presidente.
- Artº. 2º A finalidade social é a de congregar todos os associados e respectivas famílias, proporcionando-lhes atividades lícitas, recreativas, culturais, tradicionais e beneficentes, não podendo participar de atividades políticas ou religiosas, nem para tais fins ceder por qualquer título ou forma, as suas dependências.
- Artº. 3º A sociedade dissolver-se-á, por deliberação de dois terços dos sócios quites com a tesouraria, presentes em reunião de Assembleia Geral Extraordinária. Satisfeitas as obrigações sociais, a Assembleia destinará o patrimônio líquido a uma instituição congênere registrada no Conselho Nacional de Serviço Social.

CAPÍTULO II

DO PATRIMÔNIO

- Artº. 4º O patrimônio social é constituído pelos bens imóveis, móveis - instalações, ações e valores em geral, que a sociedade possua - ou venha a possuir e somente poderão ser adquiridos, vendidos, permutados ou de qualquer forma onerados, por deliberação de dois terços dos sócios quites, presentes à Assembleia Geral Extraordinária, convocada especialmente para tal fim, com 30 dias de antecedência.
- Artº. 5º A sociedade formará sua receita com as mensalidades dos sócios, dos particulares e contribuições dos poderes públicos e continuará mantendo e ampliando sua biblioteca "JOSÉ DO PATROCÍNIO". Todos os saldos serão aplicados nas suas finalidades específicas, inclusive na melhoria e aumento patrimônio social e cultural.
- Artº. 6º É vedada a remessa de qualquer importância para o exterior e toda e qualquer remuneração aos membros da Diretoria e distribuição de qualquer lucro ou dividendo.

CAPÍTULO III

DOS SÓCIOS EM GERAL

- Artº. 7º Somente poderão ser sócios ou ter ingresso nas dependências da sociedade as pessoas de ambos os sexos, que tiverem preenchidas as formalidades e requisitos estabelecidos por este estatuto e, ainda gozarem de ilibada reputação, exelente conceito e tiverem irreprimível conduta.
- Artº. 8º Haverá as seguintes categorias de sócios:
- a) Sócio Fundador; Sócio Remido
 - b) Sócio Benemérito, Honorário e Legionário;
 - c) Sócio Grande Benemérito;
 - d) Sócio Contribuintes
- § 1º São sócios fundadores, os que tomaram parte ativa na fundação - da sociedade, ou assinaram a ata inicial;
- § 2º São sócios, beneméritos, honorários e legionários, os que cooperaram moral e materialmente para com a sociedade e a critério da Assembleia Geral e Conselho Deliberativo receberam e poderão vir a receber Diploma de Honra. Se sócio contribuinte continuará a pagar suas mensalidades. O sócio Legionário só pode votar e ser votado se sócio contribuinte.
- § 3º Sócio remidos, são sócios que contribuírem de uma só vez com importância a ser fixada pela diretoria.

§ 4º Sócio "Grande Benemérito" é aquele que simpatizando com a sociedade fizer doações ou contribuições para o aumento do patrimônio social, tendo o direito de frequentar as suas dependências, sendo isento de mensalidades. Não tem direito ao voto e nem pode ser votado, cabendo-lhes inscrição do seu nome em agradecimentos à doação, na sede social.

§ 5º Sócios contribuintes, são todos aqueles que após admitidos, pagarem uma jóia e mensalmente uma contribuição fixada pela Diretoria, podendo votar e ser votado.

CAPÍTULO IV

DOS DIREITOS DOS SÓCIOS

- Artº. 9º São direitos comuns dos sócios de todas as categorias, frequentar a sociedade em todas suas dependências, representar a Diretoria por escrito, quando se julgar lesado em seus direitos, cabendo recurso ao Conselho Deliberativo e deste a Assembléia-Geral, propôr novos sócios, comunicar à Diretoria por escrito ocorrências que atentem contra os interesses morais e materiais da sociedade. O cartão de frequência poderá ser cassado pela Diretoria no caso do sócio praticar transgressão estatutária ou regimental.
- Artº. 10º O sócio poderá pleitear sua readmissão, devendo obrigatoriamente submeter-se a novo requerimento e pagar nova jóia, se não tiver requerido licença especial à Diretoria.
- Artº. 11º Os sócios poderão antecipar o pagamento da jóia dos filhos menores antes dos mesmos completarem dezoito (18) anos, idade em que perderão o direito de frequentar como dependentes a sede social. O valor da jóia antecipada para estes casos ficará a critério da Diretoria.

CAPÍTULO V

DOS DEVERES DOS SÓCIOS

- Artº. 12º São deveres dos sócios contribuintes, o pagamento das mensalidades impreterivelmente, até o último dia do mês seguinte ao vencido.
- Artº. 13º Cumprir os Estatutos, os regulamentos ou regimento interno e as resoluções dos órgãos administrativos.
- Artº. 14º Apresentar quando exigido a carteira social, evitar discussões e indenizar a sociedade, pelos danos materiais que venha a causar em seus bens, assim como os praticados por pessoa da família ou visitantes de sua apresentação.
- Artº. 15º Zelar pela conservação do patrimônio, acatar e prestigiar as deliberações da Assembléia Geral e dos órgãos administrativos.
- Artº. 16º O sócio "Grande Benemérito" e sócio "Legionário", terão obrigatoriamente que cumprir com pontualidade os pagamentos do seu termo de compromisso.

CAPÍTULO VI

DAS PENALIDADES E RECURSOS

- Artº. 17º Aos associados que transgredirem as disposições estatutárias, os regulamentos e o regimento interno, serão aplicadas as seguintes penalidades:
- a) Advertência por escrito;
 - b) Suspensão de até 180 dias;
 - c) Exclusão do quadro social;
- § 1º Durante a vigência de suspensão os sócios obrigatoriamente pagarão suas mensalidades;
- § 2º Sofrerão pena de exclusão, os sócios que não quitarem seus compromissos com a tesouraria durante 3 meses consecutivos, os que forem suspensos por três (3) vezes e os que forem condenados pelos tribunais do país;

§ 3º O sócio excluído (Artº.17 letra C,) poderá pleitear sua readmissão porém só podendo fazê-lo após o decurso de dois (2) - anos da data da exclusão;

§ 4º São órgãos competentes para a aplicação das penalidades a Diretoria e o Conselho Deliberativo;

CAPÍTULO VII
DOS ÓRGÃOS ADMINISTRATIVOS



Artº.18º São órgãos Administrativos da Sociedade:

- a) Assembléia Geral;
- b) Conselho Deliberativo;
- c) Conselho Fiscal;
- d) Diretoria Administrativa;

Artº.19º O Presidente e o Vice-Presidente, o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal, serão eleitos pela Assembleia Geral de dois (2) em dois (2) anos no terceiro domingo do mês de maio e serão empossados após a obrigatória prestação de contas da diretoria anterior, no prazo de 15 dias após a eleição. A não prestação de contas não impedirá a posse dos eleitos, responsabilizando os faltosos.

Artº.20º Serão considerados eleitos os candidatos que obtiverem maioria de votos e em casos de empate serão considerados os candidatos mais idosos.

Artº.21º Compete a Diretoria Administrativa, administrar e gerir a vida da sociedade, com as restrições impostas por este estatuto.

CAPÍTULO VIII
DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Artº.22º A Assembléia Geral é o órgão soberano da sociedade e será convocada pelo Presidente Administrativo, Presidente do Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal ou ainda por solicitação escrita e motivada, subscrita pelo menos por um terço (1/3) dos sócios contribuintes quites e suas deliberações serão tomadas por maioria desde que não firam o estatuto e as leis em vigor, não sendo admitido votos por procuração.

Artº.23º A Assembléia Geral, será convocada com dez (10) dias de antecedência no mínimo, por editais na imprensa escrita, com declaração expressa dos assuntos que nela serão tratados, em primeira convocação com a presença de dois terços (2/3) e meia hora depois em segunda convocação com qualquer numero de socios presentes.

Artº.24º A Assembléia Geral, reunir-se-á de seis (6) em seis (6) meses, para tomar conhecimento do balanço, relatório do Presidente, Conselho Deliberativo, solucionar os casos omissos e de dois (2) em (2) anos para eleger a Diretoria.

CAPÍTULO IX
DO CONSELHO DELIBERATIVO

Artº.25º O Conselho Deliberativo será formado por dez (10) sócios efetivos e cinco suplentes e suas deliberações serão por maioria de votos.

Artº.26º O Conselho Deliberativo reunir-se-á sempre que convocado pelo Presidente da Diretoria Administrativa e em todas as realizações de Assembleia Geraes para conjuntamente deliberar e aprovar regulamento interno, fixar joia, mensalidades, fixar normas de admissão, demissão e readmissão, conceder títulos, aplicar penas, convocar a Assembleia Geral e emitir pareceres sobre o relatório anual das atividades.

Artº.27º Os conselheiros que exercerem cargos da Diretoria deverão licenciar-se do Conselho.

CAPÍTULO X

DA DIRETORIA ADMINISTRATIVA



Artº.28º A Diretoria Administrativa é composta de sócios contribuintes quites com a tesouraria com a seguinte designação: Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro.

Artº.29º O Presidente escolherá livremente os titulares dos cargos de Secretário e Tesoureiro.

CAPÍTULO XI

DO CONSELHO FISCAL

Artº.30º O Conselho Fiscal é composto de três (3) membros efetivos e três (3) suplentes. É o órgão controlador das atividades econômico financeiras da sociedade, sendo vedada a reeleição de seus membros.

Artº.31º Os membros do Conselho Fiscal não poderão exercer outros cargos da Diretoria, podendo solicitar os escalrecimentos que desejarem, efetuar reuniões periódicas, rubricar balancetes, denunciar fraudes e emitir parecer sobre os balanços e convocar Assembléia. Se chamados assumir cargos de administração - deverão ser substituídos de imediato.

CAPÍTULO XII

DO REGULAMENTO INTERNO E DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº.32º A fim de melhor aplicar as disposições estatutárias, a Diretoria organizará o Regulamento Interno, considerado complemento deste estatuto e terá por fim a aplicação estatutária e em na da podera contrair suas normas.

Artº.33º A Sociedade continuará mantendo todos os seus departamentos - existentes atualmente, podendo ampliá-los na medida das possibilidades e conveniências.

Artº.34º O presente estatuto só poderá ser modificado no todo ou em partes com a aprovação da Assembléia convocada especialmente para tal fim, de acordo com o Artº.23º.

Este estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação pela Assembleia Geral Extraordinária revogando se as disposições - em contrário.

Caxias do Sul, 22 de agosto de 1.973.-

João Ramos

CARTÓRIO M. RAMOS

CARTÓRIO M. RAMOS
4 OUT 1973
CAXIAS DO SUL

CARTÓRIO MARIO RAMOS
CAXIAS DO SUL
Rua V. do Pelotas, 703
Fone: 2585

Reconheço a autenticidade da *assinatura* de *João Ramos* inscrita. Dou fé. Em *testemunha* de verdade Em *7/3*

João Ramos
esc. sul

JH

R\$ 1,00

ANEXO G

ESTATUTO DA SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO
(1985)



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934

SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 35
 Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029.700.954/77



ESTATUTO DA SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL GAÚCHO

TÍTULO I

DA SOCIEDADE, SUA CONSTITUIÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E FINS.

Art. 1º - A Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho, fundada em 23 de junho de 1934, nesta cidade de Caxias do Sul, onde tem sua sede e foro jurídico, instalada no mesmo local onde desenvolve suas atividades, na rua São José, nº 2195, terá duração ilimitada e passa a ser regida por este Estatuto.

Parágrafo Único - A presente alteração estatutária é procedida com observância ao que dispõe o art. 34 do texto revogado.

Art. 2º - A Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho é uma sociedade civil, integrada por sócios que não respondem pelas obrigações por ela contraídas, nem solidária, nem subsidiariamente.

Art. 3º - O objetivo primordial da sociedade é proporcionar um centro de reunião e diversão a todos os associados e suas famílias, indistintamente, compreendendo-se nestas diversões a realização de bailes, reuniões familiares, entretenimentos culturais, prática de esportes estritamente amadorista e todas as demais que formam o conjunto de uma sociedade recreativa e filantrópica.

TÍTULO II

DOS SÓCIOS

CAPÍTULO I

DAS CATEGORIAS

Art. 4º - Satisfeitas as condições estatutárias, podem ser sócios pessoas naturais classificadas em Fundadores, Contribuintes, Beneméritos, Honorários, Remidos e Fiadores.

.....



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ate Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

Art. 5º - As categorias de sócios são as seguintes:

a) Fundadores, os sócios que tomaram parte - ativa na fundação da sociedade e que assinaram a ata inicial.

b) Contribuintes, os sócios que, para sua admissão, estão sujeitos ao pagamento da jóia e contribuição mensal fixa da pela Diretoria.

c) **Benemérito**, os sócios que, por terem prestado relevantes serviços à sociedade, tenham se tornado mercedores - desta distinção, por deliberação da Assembléia Geral.

d) **Honorários**, os representantes do Poder Público Municipal, Estadual, Federal ou particular, por motivos idênticos - aos ao da letra anterior, atendidas, igualmente, aquelas disposições.

e) **Remidos**, sócios que tendo pago a cota de - remissão, fixada pela Diretoria Executiva, adquirem o direito de gozar de vantagens sociais.

f) **Fiadores**, sócios que, hipotecando seus próprios imóveis, colaboraram para a construção da atual sede social.

§ 1º - As categorias de sócios Beneméritos, - Honorários, Remidos e Fiadores serão isentas do pagamento de mensalidades.

§ 2º - O sócio Contribuinte agraciado com a - distinção de Sócio Benemérito, Honorário ou Remido, poderá optar pela permanência no quadro social, na qualidade de contribuinte, com os direitos e deveres inerentes.

CAPÍTULO II

DA ADMISSÃO, SUSPENSÃO E ELIMINAÇÃO

Art. 6º - Somente poderão ser admitidos como - sócios pessoas físicas de comprovada idoneidade, maiores de 18 anos.

Art. 7º - A admissão dos sócios será feita - mediante preenchimento de proposta oficial, subscrita pelo proposto e - por um sócio quites com a Tesouraria do clube.

Parágrafo Único - A admissão de sócios com - idade entre 14 e 18 anos, incompletos, além de atender ao "caput" deste artigo, deverá ter a concordância dos pais ou responsáveis pelo - proposto.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

Art. 8º - Aos transgressores dos dispositivos estatutários, regulamentos e decisões tomadas pelos órgãos administrativos, serão aplicadas as seguintes penalidades:

- a) Advertência verbal;
- b) Advertência por escrito;
- c) Suspensão;
- d) Exclusão do quadro social.

Art. 9º - A pena de suspensão atinge os direitos conferidos pelo presente estatuto e não os deveres estatutários, cujo exercício for compatível com as penalidades.

Art. 10 - São órgãos competentes para a aplicação de penalidades:

- a) A Diretoria Executiva;
- b) O Conselho Deliberativo.

Art. 11 - Incorrem na pena de advertência por escrito os infratores de faltas leves, consideradas como tais pela Diretoria Executiva ou pelo Conselho Deliberativo.

Art. 12 - São passíveis de pena de suspensão de até 365 dias, os autores de infrações consideradas graves, a critério da Diretoria Executiva ou do Conselho Deliberativo.

Art. 13 - A pena de exclusão do quadro social será imposta:

a) Aos que pelos tribunais do país, forem condenados em caráter definitivo, por crime contra o patrimônio, os costumes e à família;

b) Aos que não pagarem três mensalidades consecutivas, ou quaisquer outras obrigações financeiras, previstas nos estatutos sociais e regulamentos.

Parágrafo Único - A Secretaria oficiará ao sócio, comunicando sua suspensão ou exclusão, ficando este proibido de frequentar a sociedade, desde o recebimento do ofício, mesmo que interponha recurso da decisão.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

Art. 14 - As penalidades aplicáveis a membros da Diretoria Executiva, do Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal, somente poderão ser impostas pelo Conselho Deliberativo, assegurado recurso à Assembléia Geral, a ser convocada para esta finalidade. As decisões da Assembléia Geral são irrecorríveis.

Art. 15 - Ao sócio eliminado só poderá ensejar -se pedido de readmissão, cuja iniciativa lhe caberá após dois anos, contados da data do cumprimento da pena, uma vez satisfeitas as exigências para a admissão de novo sócio, com apreciação e aprovação do Conselho Deliberativo.

Art. 16 - As penas serão graduadas consoante a natureza da infração, sendo vedado aos sócios infratores a invocação de benefício de ordem do art. 9º.

Art. 17 - Da pena de exclusão imposta pela Diretoria Executiva, pelo atraso no pagamento das mensalidades e demais contribuições, caberá recurso voluntário, no prazo de quinze dias, ao Conselho Deliberativo, desde que a infração seja a primeira.

Parágrafo Único - Para o exame do recurso assegurado, deverá ser feito depósito prévio do débito, em dez dias, com base nas obrigações vigorantes.

Art. 18 - A reincidência constituirá, sempre, agravante na apreciação de novas faltas.

Art. 19 - Das penalidades impostas pela Diretoria Executiva, cabe recurso, tão somente, para o Conselho Deliberativo; das impostas por este, para a Assembléia Geral Extraordinária.

Art. 20 - O recurso será interposto no prazo de cinco dias, contados da data em que o sócio tiver, oficialmente, conhecimento da aplicação da pena.

Art. 21 - No requerimento do recurso, que será entregue ao Secretário da sociedade, fará o recorrente sua defesa, juntando as provas que tiver.

Parágrafo Único - Até quinze dias após o recebimento do recurso, o órgão recorrido apreciará a matéria e decidirá - pela reconsideração, manutenção ou agravamento da decisão recorrida, comunicando, de imediato, à Diretoria Executiva a decisão tomada.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



CAPÍTULO III

DOS DIREITOS E DEVERES

Art. 22 - São direitos dos sócios:

- a) participar, com sua família, das festividades ou realizações sociais e desportivas;
- b) solicitar carteira social, para si e as - pessoas de sua família que têm direito de acesso a sede social e as - festividades do clube;
- c) tomar parte nas Assembléias Gerais, discu - tir, votar e ser votado, com as ressalvas expressas neste estatuto;
- d) propor novos sócios;
- e) representar, respeitosamente e fundamenta - mente, junto ao Conselho Deliberativo, contra tudo aquilo que enten - der infringente ao estatuto social ou regimento interno;
- f) dispor do recinto, destinado a festa de - caráter íntimo, solicitando-o, entretanto, por escrito, à Diretoria - Executiva, com antecedência mínima de quinze(15) dias, satisfeitas as exigências legais;
- g) solicitar acesso para pessoas de sua rela - ção, não residentes na cidade, que pretendam tomar parte em alguma - das realizações sociais ou festividades. A Diretoria Executiva, entre - tanto, a seu critério, poderá deliberar favoravelmente ou não, reser - vando-se o direito de apreciar cada caso em particualr;
- h) participar de torneios e jogos promovidos pelo clube, em qualquer de seus departamentos, cumprindo as disposi - ções estabelecidas;
- i) obter a convocação da Assembléia Geral, - de acordo com este estatuto.

§ 1º - Somente poderão concorrer a cargo ele - tivo do clube aqueles que tenham sido admitidos como sócios um ano, ou seja, 365 dias antes da data fixada para as eleições da entidade e desde que se encontrem em dia com a Tesouraria. Para exercer o direi - to de voto a carência é de noventa(90) dias.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035004



.....
§ 29 - A freqüência às dependências do clube é -
extensiva, além do associado:

- a) ao cônjuge;
- b) a companheira, mantida há mais de cinco anos;
- c) os ascendentes sem capacidade econômica própria;
- d) os filhos, legítimos ou equiparados, menores de dezoito anos;
- e) as filhas solteiras ou viúvas, sem rendimento próprio;
- f) outras pessoas, sob sua tutela legal ou que, por invalidez, vivam sob sua exclusiva dependência.

Art. 23 - São deveres dos sócios:

- a) pagar, pontualmente, as contribuições sociais ou qualquer obrigação para com o clube, inclusive indenizar danos causados em qualquer de suas dependências ou instalações;
- b) aceitar os cargos ou comissões para que for eleito ou nomeado, salvo motivo plenamente justificado;
- c) cumprir, rigorosamente, as disposições do estatuto, regimento interno e as resoluções dos órgãos de administração;
- d) zelar pela conservação do patrimônio moral e material do clube;
- e) manter irrepreensível conduta, acatando, prestigiando e respeitando as ordens e instruções dos órgãos diretivos;
- f) exhibir, sempre que for exigida, mormente nas festividades sociais, a carteira de identificação social. Nesta obrigação, incluindo-se a de seus familiares;
- g) responsabilizar-se pelo integral cumprimento das disposições estatutárias e regimento interno do clube, por parte de seus familiares, bem como de pessoas por si, eventualmente, convidadas;



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

h) respeitar consócios e visitantes, evitando discussões ou debates que possam perturbar o convívio social ou produzir incompatibilidades;

i) restituir, em caso de punição disciplinar, a carteira de identidade social;

j) manter seu cadastro social atualizado, mormente o endereço.

Parágrafo Único - Considera-se como pontualmente paga a mensalidade cujo pagamento for efetuado até o dia 15 do mês seguinte ao vencido.

Art. 24 - Todo sócio contribuinte é obrigado ao pagamento de jôia de admissão.

Parágrafo Único - A jôia poderá ser paga em parcelas, que serão estipuladas pela Diretoria Executiva.

TÍTULO III

DO PATRIMÔNIO E DAS RENDAS

Art. 25 - O patrimônio social é constituído pelos bens imóveis, moveis, instalações, benfeitorias, títulos, direitos, ações e valores em geral que a sociedade possua ou venha a possuir.

§ 1º - Os bens imóveis somente poderão ser alienados, permutados ou de qualquer forma onerados, por justificativa da Diretoria Executiva e mediante anuência de 2/3 do Conselho Deliberativo e 2/3 dos sócios presentes à Assembléia Geral Extraordinária.

§ 2º - Os bens imóveis somente poderão ser adquiridos por deliberação do Conselho Deliberativo.

Art. 26 - A receita resultará:

- a) das jôias, mensalidades e contribuições;
- b) da exploração ou arrendamento do seu serviço, dependências e imóveis;
- c) de rendas eventuais.

Art. 27 - A despesa objetivarã:



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



-
- a) conclusão e ampliação da sede social;
 - b) benfeitorias e conservação em geral;
 - c) festividades e atividades sociais esportivas;
 - d) manutenção do patrimônio social;
 - e) despesas gerais.

Art. 28 - A sociedade continuará mantendo e, na medida do possível, melhorando e ampliando a biblioteca "José do Patrocínio".

Art. 29 - É vedada a remessa de qualquer importância para o exterior e pagamento de remuneração, a qualquer título, aos membros da Diretoria Executiva, sendo vedado, também, a distribuição de qualquer lucro ou dividendo.

TÍTULO V

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 30 - São órgãos da administração:

- a) A Assembléia Geral;
- b) O Conselho Deliberativo;
- c) O Conselho Fiscal;
- d) A Diretoria Executiva.

Art. 31 - A Assembléia Geral é o órgão soberano do clube.

Art. 32 - O mandato dos órgãos administrativos será de dois anos, com início no terceiro domingo do mês de agosto.

§ 1º - O exercício desses mandatos será absolutamente gratuitos para todos os membros da administração.

§ 2º - A atual gestão iniciou seus trabalhos em 19 de maio de 1985, devendo encerrá-los no terceiro domingo do mês de agosto de 1987.

Art. 33 - O mandato de membro da administração só poderá ser cassado por Assembléia Geral especialmente convocada para este fim e mediante votação secreta.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 37.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

CAPÍTULO I

DA ASSEMBLEIA GERAL

Art. 34 - A Assembléia Geral é o poder maior da entidade, sendo competente para resolver todos os assuntos que lhe sejam submetidos pelos órgãos da administração ou por qualquer associado em pleno gozo de seus direitos, não podendo, entretanto, tomar deliberação alguma que contrarie as expressas disposições deste estatuto.

Art. 35 - As Assembléias Gerais serão Ordinárias e Extraordinárias.

§ 1º - As Assembléias Gerais Ordinárias realizar-se-ão:

a) anualmente, no mês de março, para prestação de contas da Diretoria Executiva;

b) bianualmente, no dia das eleições, terceiro domingo/agosto para apresentação do relatório, prestação de contas e eleição do Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Diretoria Executiva.

§ 2º - As Assembléias Gerais Extraordinárias realizar-se-ão mediante convocação da Diretoria Executiva, dos Conselhos ou quando o solicitarem, no mínimo, 1/3 dos associados, mencionando-se, expressamente, os assuntos a tratar.

Art. 36 - Nas Assembléias Gerais Ordinárias, sempre que a pauta permitir, poderão ser tratados quaisquer assuntos de interesse da sociedade, atendidas as exigências estatutárias.

Art. 37 - As Assembléias Gerais Extraordinárias ocupar-se-ão, exclusivamente, dos assuntos para os quais forem convocadas.

Art. 38 - A convocação de Assembléia Geral será feita com antecedência mínima de dez dias, por meio de editais publicados na imprensa local.

Parágrafo Único - O edital mencionará a ordem do dia, o local e a hora da reunião, bem como o "quorum" e demais exigências especiais a serem observadas.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....
Art. 39 - Para instalação de Assembléia Geral, -
ressalvado o disposto nos parágrafos deste artigo, é necessária a -
presença de 1/3 dos associados, em primeira convocação.

§ 1º - Em segunda convocação, quinze minutos -
após a primeira, a instalação dar-se-á com a presença de 1/5 dos -
associados; e em terceira e última convocação, trinta minutos após a
primeira, com a presença de qualquer número de associados.

§ 2º - Quando se tratar de Assembléia para a de-
liberação sobre o patrimônio, reforma do estatuto, cassação de manda-
to de membros eleitos, eliminação de sócios ou alteração do valor -
das mensalidades, é indispensável que o assunto seja perfeitamente -
esclarecido na ordem do dia, quando da convocação.

Art. 40 - Nas Assembléias Gerais somente poderão
tomar parte os associados quites com a Tesouraria do clube, entenden-
do-se com tais aqueles que hajam satisfeito o pagamento da mensalida-
de do mês anterior aquele em que se estiver realizando a mesma.

Parágrafo Unico - Entre seus participantes será'
escolhido um Presidente e um Secretário, a quem competirá dirigir e
anotar o desenvolvimento da Assembléia.

Art. 41 - Deixando o Presidente da Diretoria Exe-
cutiva de convocar a Assembléia Geral, requerida nos termos deste es-
tatuto, cabe aos interessados convocá-la, recorrendo ao Conselho De-
liberativo ou ao Conselho Fiscal.

Art. 42 - Atendendo razões especiais, os traba-
lhos da Assembléia Geral, por sua deliberação, poderão ser suspensos
pelo prazo máximo de dez dias.

§ 1º - Estando a Assembléia em regime de votação
não mais será possível a suspensão dos trabalhos.

§ 2º - Poderá a Assembléia Geral votar pela efe-
tivação de reunião permanente, sempre que assim entender necessário,
em razão do assunto em discussão.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lel 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



CAPÍTULO II

DO CONSELHO DELIBERATIVO

Art. 43 - O Conselho Deliberativo é constituído de dez membros eleitos juntamente com os demais órgãos da administração, com idêntico mandato.

Parágrafo Único - Na mesma oportunidade serão eleitos cinco suplentes, os quais serão convocados, pela ordem, no caso de vaga ou licença.

Art. 44 - Compete ao Conselho Deliberativo:

a) votar o orçamento anual da sociedade e alterá-lo, atendendo proposição da Diretoria Executiva, em reunião ordinária;

b) resolver, juntamente com o Conselho Fiscal, sobre as verbas extraordinárias, solicitadas pela Diretoria Executiva;

c) solicitar o auxílio do Conselho Fiscal ou assessoramento - técnico indispensável, visando constituir comissão integrada por parte de seus membros, para exame de aspectos de interesse dos associados ou diretamente da sociedade;

d) resolver os casos omissos ou as dúvidas que se possam suscitar quanto à interpretação deste estatuto e, se for o caso, encaminhá-las à Diretoria Executiva para decisão;

e) dar parecer sobre o relatório anual, até o dia 1º de março....., a fim de submetê-lo à Assembléia Geral;

f) juntamente com o Conselho Fiscal, julgar os membros da Diretoria Executiva.

Art. 45 - O Conselho Deliberativo tem direito de, em qualquer' época, examinar os documentos e requerer ao Presidente da Diretoria Executiva seja convocada uma Assembléia Geral Extraordinária, quando verificar que a Diretoria - Executiva exorbita de suas atribuições, no que diz respeito à gestão administrativa e financeira.

Parágrafo Único - O Presidente da Diretoria Executiva não adotando tal procedimento cabe ao Conselho Deliberativo fazê-lo, nos termos deste estatuto.

Art. 46 - O Conselho Deliberativo deverá reunir-se com a presença da maioria de seus membros em sessões:

.....



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/GS - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

a) ordinárias, a cada quarenta e cinco dias, em data previamente marcada;

b) extraordinárias, quantas vezes forem necessárias.

§ 1º - Suas decisões serão adotadas por maioria de votos.

§ 2º - A primeira reunião será convocada pelo Presidente da Diretoria Executiva, que a presidirá, devendo seus membros, na oportunidade, escolher seu Presidente.

Art. 47 - Das decisões do Conselho Deliberativo cabe recurso - facultativo para a Assembléia Geral, na forma estatutária.

Art. 48 - Não se reunindo o Conselho Deliberativo, por falta de número, depois de duas convocações, é a Diretoria Executiva competente para resolver sobre os assuntos para os quais fora ele convocado.

Parágrafo Único - Será considerado renunciante o membro que não atender a três convocações consecutivas ou seis intercaladas, ou que não comparecer à sessão de posse, salvo justificativa aceita pelo Conselho Deliberativo.

CAPÍTULO III

DO CONSELHO FISCAL

Art. 49 - O Conselho Fiscal é constituído de três membros, - eleitos juntamente com os demais órgãos da administração, com idêntico mandato.

Parágrafo Único - Na mesma oportunidade serão eleitos três suplentes, os quais serão convocados, pela ordem, no caso de vaga ou licença.

Art. 50 - Compete ao Conselho Fiscal:

a) acompanhar a gestão da Diretoria Executiva, pelo orçamento e eventuais alterações e pelos balancetes mensais, que lhes serão encaminhados pela Diretoria Executiva;

b) dar parecer sobre o relatório anual até o dia 1º de março, a fim de ser submetido à Assembléia Geral;

c) sempre que solicitado, auxiliar o Conselho Deliberativo, na fiscalização das atividades da Diretoria Executiva;

d) juntamente com o Conselho Deliberativo, julgar os membros da Diretoria Executiva.

.....



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934

SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501

Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

Art. 51 - O Conselho Fiscal, em qualquer época, poderá examinar documentos e requerer ao Presidente da Diretoria Executiva seja convocada uma Assembléia Geral Extraordinária, quando verificar que a Diretoria Executiva exorbita de - suas atribuições, no que diz respeito à gestão financeira.

Parágrafo Único - O Presidente da Diretoria Executiva não adotando tal procedimento, cabe ao Conselho Fiscal fazê-lo, nos termos deste estatuto.

Art. 52 - O Conselho Fiscal deverá reunir-se com a presença de todos os seus membros, em sessões:

- a) ordinárias, a cada quarenta e cinco dias;
- b) extraordinárias, quantas vezes forem necessárias.

§ 1º - Suas decisões serão adotadas por maioria de votos:

§ 2º - A primeira reunião será convocada pelo Presidente da Diretoria Executiva, que a presidirá, devendo seus membros, na oportunidade, escolher seu Presidente.

Art. 53 - Das decisões do Conselho Fiscal cabe recurso facultativo para a Assembléia Geral, na forma estatutária.

Art. 54 - Não se reunindo o Conselho Fiscal, por falta de número, depois de duas convocações, é a Diretoria Executiva competente para resolver sobre os assuntos para os quais fora ele convocado.

Parágrafo Único - Será considerado renunciante o membro que não atender a três convocações consecutivas ou seis intercaladas, ou que não comparecer à sessão de posse, salvo justificativa aceita pelo Conselho Fiscal.

CAPÍTULO IV

DA DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 55 - A Diretoria Executiva é constituída pelos seguintes - membros:

- Presidente;
- Vice-Presidente;
- 1º Secretário;
- 2º Secretário;
- 1º Tesoureiro;
- 2º Tesoureiro.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA; RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

Art. 56 - A Diretoria Executiva poderá criar Departamentos ou nomear Comissões que julgar necessário ao bom andamento das atividades do clube, - dando-lhes atribuições específicas.

Parágrafo Único - Os membros de Departamentos serão de livre escolha da Diretoria Executiva, assim também os Presidentes de Comissões.

Art. 57 - No caso de vaga de cargo eletivo na Diretoria Executiva proceder-se-á da seguinte forma:

- a) haverá substituição automática, nos termos deste estatuto, desde que haja decorrido seis meses da data da posse, para os cargos eleitos;
- b) serão preenchidos por eleição direta os cargos eletivos de que trata este capítulo, desde que a vaga aconteça antes de decorrido seis meses da data da posse.

Art. 58 - A Diretoria Executiva reunir-se-á:

- a) ordinariamente, duas vezes por mês, em dias previamente fixados e funcionará com a presença de quatro membros, pelo menos, deliberando por maioria de votos e tendo o Presidente voto de qualidade.
- b) extraordinariamente, sempre que for convocada pelo Presidente, ex-ofício ou a requerimento de três de seus membros.

Parágrafo Único - As reuniões da Diretoria Executiva poderão ser assistidas pelos sócios, salvo quando a mesma resolver declará-las secretas.

Art. 59 - Será considerado renunciante o membro da Diretoria Executiva que faltar a três reuniões consecutivas ou seis intercaladas e o que não comparecer à sessão de posse, salvo justificativa aceita pela mesma Diretoria.

Art. 60 - São atribuições da Diretoria Executiva, reunida em sessão:

- a) dirigir e administrar a sociedade;
- b) deliberar sobre as despesas da sociedade, dentro do orçamento e de suas possibilidades financeiras;
- c) votar medidas gerais e especiais para a boa administração e funcionamento da sociedade, inclusive organizar os regulamentos que se fizerem necessários;
- d) providenciar sobre a cobrança das mensalidades e outras dívidas;



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934

SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....
e) resolver sobre convocações extraordinárias da Diretoria - Executiva, da Assembléia Geral, dos Conselhos Deliberativo e Fiscal e Departamentos;

f) executar as decisões de Assembléia Geral e dos Conselhos Deliberativo e Fiscal;

g) estudar qualquer assunto que lhe seja submetido pelos associados e resolver sobre os mesmos, desde que obedecidos os termos deste estatuto;

h) conceder licença a seus membros, por prazo não superior a sessenta dias;

i) encaminhar aos Conselhos Deliberativo e Fiscal o orçamento da entidade, as eventuais alterações e os balancetes mensais, estes dentro do mês seguinte ao vencido;

j) organizar o relatório anual da entidade, contendo as atividades da mesma, até o dia 31 de dezembro, encaminhando-o aos Conselhos Deliberativo e Fiscal até o dia 31 de janeiro;

l) aceitar ou eliminar sócios, nos termos deste estatuto;

m) providenciar o preenchimento de cargos, na forma deste estatuto;

n) organizar, se assim entender necessário, seu regimento interno.

SEÇÃO I

DO PRESIDENTE

Art. 61 - Compete ao Presidente:

a) presidir as reuniões da Diretoria Executiva, providenciando na boa ordem dos trabalhos;

b) rubricar os livros da sociedade e despachar os papéis a ela concernentes;

c) assinar as atas de reuniões da Diretoria Executiva e da Assembléia Geral, nos termos deste estatuto;

d) convocar as reuniões da Diretoria Executiva e, quando for o caso, dos Conselhos Deliberativo e Fiscal e da Assembléia Geral, nos termos deste estatuto;



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035002



-
- e) representar a sociedade, judicial e extrajudicialmente, em atos públicos ou particulares, delegando, quando necessário, essas atribuições;
 - f) resolver sobre matéria urgente, mesmo de competência da - Diretoria Executiva, submetendo-a na primeira reunião;
 - g) liberar os pagamentos, após resolução da Diretoria Executiva;
 - h) assinar os cheques, juntamente com o Tesoureiro;
 - i) manter sob sua guarda e responsabilidade todos os bens de propriedade da sociedade.

SEÇÃO II

DO VICE-PRESIDENTE

Art. 62 - Compete ao Vice-Presidente:

- a) substituir o Presidente em suas faltas e/ou impedimentos;
- b) assumir a Presidência, em caso de vaga, depois de decorridos seis meses da data da posse;
- c) assistir à Presidência, demais membros da Diretoria Executiva e responsáveis pelos Departamentos, nos assuntos que lhe forem submetidos.

SEÇÃO III

DO 1º SECRETÁRIO

Art. 63 - Compete ao 1º Secretário:

- a) substituir o Presidente e o Vice-Presidente nos impedimentos eventuais destes;
- b) preparar a correspondência e assiná-la com o Presidente ou sô, quando por este assim for determinado;
- c) secretariar as reuniões de Diretoria;
- d) dirigir e fiscalizar os serviços de Secretaria;
- e) fazer extrair, conferir e autenticar as certidões autorizadas pelo Presidente;
- f) organizar o relatório anual do movimento da Secretaria e apresentá-lo à Diretoria até o dia 15 de janeiro;
- g) ter sob sua responsabilidade os móveis e demais objetos - da Secretaria.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934

SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/003307



.....

SEÇÃO IV

DO 2º SECRETÁRIO

Art. 64 - Compete ao 2º Secretário:

- a) substituir o 1º Secretário em suas faltas e/ou impedimentos e ocupar, no caso de vaga, o cargo deste, nos termos estatutários;
- b) manter estreito relacionamento com o 1º Secretário, inteirando-se de todas as funções que são afetas àquele;
- c) redigir as atas das reuniões da Diretoria Executiva, submetendo-as para aprovação na reunião seguinte.

SEÇÃO V

DO 1º TESOUREIRO

Art. 65 - Compete ao 1º Tesoureiro:

- a) ter sob sua guarda e responsabilidade, depositado em estabelecimento de crédito oficial, o numerário da sociedade;
- b) prever a arrecadação da receita e pagar as despesas, estas autorizadas pelo Presidente;
- c) escriturar o livro-caixa e, enquanto não houver departamento específico, o registro do patrimônio, segundo modelos e instruções adotadas pela Diretoria Executiva;
- d) assinar, juntamente com o Presidente Executivo, os cheques e documentos relativos às operações financeiras;
- e) dirigir e conservar em ordem os trabalhos da Tesouraria, adotando as providências que se fizerem necessárias para resguardo dos interesses da entidade;
- f) organizar e levar à Diretoria Executiva, mensalmente, o balancete da receita e despesa e, no fim de cada exercício financeiro, o balanço da sociedade, mencionando em cada caso o saldo e o respectivo destino.
- g) fornecer os dados ao seu alcance para a elaboração do orçamento;
- h) prestar, verbalmente ou por escrito, todas as informações solicitadas pela Diretoria Executiva e Conselho Deliberativo e Fiscal, com referência às finanças da sociedade, colocando à disposição dos mesmos todos os livros e documentos;
- i) ter sob sua guarda e responsabilidade os móveis e demais objetos pertencentes à Tesouraria.

.....



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



SEÇÃO VI

DO 2º TESOUREIRO

Art. 66 - Compete ao 2º Tesoureiro:

- a) substituir o 1º Tesoureiro em suas faltas e/ou impedimentos e ocupar, no caso de vaga, o cargo deste, nos termos estatutários;
- b) manter estreito relacionamento com o 1º Tesoureiro, inteirando-se de todas as funções que são afetas àquele.

CAPÍTULO V

DOS DEPARTAMENTOS

Art. 67 - A Diretoria Executiva, quando entender necessário, poderá criar Departamentos para tratar de assuntos específicos segundo os fins - para os quais forem concebidos.

Parágrafo Único - A criação de Departamentos transfere aos - mesmos a responsabilidade de planejamento, controle e execução das obrigações que lhe forem afetas.

Art. 68 - Aos Diretores de Departamentos compete:

- a) dirigir os seus Departamentos, submetendo os seus programas à aprovação da Diretoria Executiva;
- b) manter registro de todas suas atividades e compromissos;
- c) fornecer dados ao seu alcance para elaboração do orçamento;
- d) apresentar, anualmente, em época a ser indicada pela Diretoria Executiva, relatório de suas atividades;
- e) submeter à aprovação da Diretoria Executiva os nomes escolhidos para assessorá-los no desempenho de suas atividades;
- f) ter sob sua guarda e responsabilidade os móveis e demais objetos pertencentes ao seu Departamento;
- g) organizar o regulamento interno de seu Departamento.

§ 1º - No desempenho de suas atividades obedecerão a todos - os termos emanados do presente estatuto.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
Reconhecimento de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....

§ 2º - As promoções e atividades serão previamente submetidas à consideração e aprovação da Diretoria Executiva, sem o que não poderão ser colocadas em prática.

TÍTULO VI

DAS ELEIÇÕES

Art. 69 - A eleição de membros da Administração, Diretoria Executiva, Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal e respectivos suplentes será feita por votação secreta e direta, a cada dois anos, no terceiro domingo do mês de agosto.

Parágrafo Único - A eleição terá a duração de oito horas.

Art. 70 - A indicação de chapas para concorrer ao pleito deverá obedecer o seguinte procedimento:

a) protocolar requerimento na Secretaria da entidade, até trinta dias antes do pleito, firmado no mínimo por quinze associados, indicando os nomes e postos a que concorrerão;

b) indicar no requerimento a pessoa encarregada - de prestar esclarecimentos que a Comissão Eleitoral entender necessários.

Parágrafo Único - O pedido de registro da chapa - deverá vir acompanhado da concordância expressa de todos seus componentes.

Art. 71 - A Diretoria, quarenta e cinco dias antes da data marcada para a eleição, nomeará uma Comissão Eleitoral - composta de, no mínimo, três membros, com a finalidade de:

a) dirigir todos os trabalhos inerentes ao pleito, inclusive o recebimento dos pedidos de inscrição de chapas, decidindo sobre os mesmos, na forma do presente estatuto;

b) indicar os componentes das mesas eleitorais;

c) supervisionar todos os trabalhos de votação e escrutínio final;

d) requisitar junto à Diretoria Executiva a confecção de cédulas eleitorais, na forma do pedido de inscrição;



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório Nº 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR Nº 3501
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....
e) decidir, durante a apuração do pleito, todos os casos relativos ou decorrentes do mesmo, inclusive sobre os casos de -
dúvidas quanto à validade ou não do voto;

f) dar posse, através de seu Presidente, aos mem -
bros da Diretoria Executiva e Conselhos que foram eleitos;

g) fiscalizar a conduta dos candidatos, individual -
mente e por chapa, no que tange a forma de procedimento durante a cam -
panha eleitoral.

§ 1º - A Comissão Eleitoral, entre seus membros, -
elegerá um Presidente que dirigirá a mesma.

§ 2º - Somente indeferirá pedido de inscrição de -
chapa fundado nas razões decorrentes do que estabelece o presente esta -
tuto.

§ 3º - Os componentes das mesas eleitorais escolhe -
rão o titular da mesma, funcionando os demais como auxiliares.

§ 4º - A identificação de mau procedimento ou for -
ma inconveniente de comportamento, autoriza a Comissão Eleitoral a ado -
tar, segundo a gravidade, uma das seguintes punições:

- a) advertência verbal;
- b) advertência escrita;
- c) eliminação do pleito.

Art. 72 - Os integrantes das mesas eleitorais, -
além de atuarem durante a eleição, serão competentes para proceder o -
escrutínio em suas respectivas mesas.

§ 1º - Nestas suas atividades, contarão com a su -
pervisão da Comissão Eleitoral.

§ 2º - É assegurada a cada chapa concorrente o di -
reito de indicar um fiscal para cada mesa eleitoral, os quais assisti -
rão os trabalhos de apuração final do pleito.

Art. 73 - O escrutínio processar-se-á logo após o
encerramento da votação, quando a Comissão Eleitoral somará os votos -
de cada mesa, revelando o resultado final.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934

SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3501
 Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/0035007



.....
 Art. 74 - Serão considerados eleitos os candidatos integrantes da chapa que alcançar a maioria simples dos votos apurados.

Parágrafo Único - No caso de empate, será eleita a chapa cujo candidato a Presidente da Diretoria Executiva seja o sócio mais antigo da sociedade.

Art. 75 - Os votos serão dados por chapas, proibida a votação em candidatos isolados.

Parágrafo Único - Não serão aceitos votos por procuração, nem serão admitidos a votar sócios que comparecerem após o encerramento ou que não estejam em dia com suas obrigações sociais.

TÍTULO VII

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 76 - É vedado à Sociedade, sua Diretoria Executiva, Departamentos e Conselhos participar de manifestações político-partidárias, raciais ou religiosas, assim como aos seus membros a discussão de assuntos dessa natureza no recinto ou dependências da mesma.

Parágrafo Único - É vedado, ainda, à Sociedade, a cedência de sua sede ou dependências para idêntica finalidade, seja qual for a cor partidária ou título com que se apresentem.

Art. 77 - A sociedade fornecerá carteira social, que servirá para identidade não só do associado como das pessoas da família.

Art. 78 - A Sociedade não poderá ser dissolvida, encampada ou incorporada a outra entidade, senão por resolução da Assembleia Geral Extraordinária especialmente convocada, e com a presença de metade, pelo menos, dos Associados, em primeira convocação, e de 1/3 em segunda.

Parágrafo Único - No caso de dissolução, seu patrimônio reverterá em benefício de uma instituição de assistência social, regularmente registrada no Conselho Nacional de Serviço Social.

Art. 79 - O presente estatuto poderá ser reformado em Assembleia Geral, especificamente convocada para este fim.



Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho

FUNDADA EM 23 DE JUNHO DE 1934
SEDE PRÓPRIA: RUA SÃO JOSÉ, 2195

95100 - Caxias do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

Ato Declaratório N° 37 - Imposto de Renda Isento - STAS/CR N° 3571
Reconhecido de Utilidade Pública p/Lei 1707/68 - CGC 87.820.023/0001 - Insc. 029/003007



.....
Parágrafo Único - A reforma não poderá alterar a essência e fins da sociedade, revelados no presente estatuto.

Art. 80 - A atual Diretoria Executiva, bem como os Conselhos Deliberativo e Fiscal exercerão suas atividades até o terceiro domingo do mês de agosto de 1987, quando serão empossados os que forem eleitos na forma do presente estatuto.

Art. 81 - É considerada data comemorativa da sociedade o dia 23 de junho.

Art. 82 - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 83 - Este estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação pela Assembléia Geral e após será levado a registro no órgão competente.

Aprovado em Assembléia Geral Extraordinária realizada em 09 de novembro de 1985.

Godofredo Jesus da Costa
Godofredo Jesus da Costa
Presidente

Ori Pinheiro
Ori Pinheiro
Vice-Presidente

Carlos Alberto Rodrigues Machado
Carlos Alberto Rodrigues Machado
1º Secretário

CARTÓRIO MÁRIO RAMOS - 3ª TABELIONARIA
CAXIAS DO SUL (RS) - Fone Geral 291-6733

RECONHECO a(s) firma(s) de *Godofredo Jesus da Costa*

por semelhança. Dou fé

Em testº *[Signature]* da verdade.

Caxias do Sul. *[Signature]* 7/86

REGEANE DE A. FRANÇA

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)